



Nem o

Tempo...

STEFANIA
CEDRO





Nem o

Tempo...

STEFANIA
CEDRO

Nem o tempo
S t e f â n i a C e d r o

Copyright ® 2018 Stefânia Cedro

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem autorização.

1ª impressão 2019

Capa: Maria Fernanda Tinoco Fernandez

Diagramação: April Kroes

Revisão: Virginia Graciela Bizerra Barreto

C389n	Cedro, Stefânia
	Cardoso
	Nem o tempo/ Stefânia Cedro. – 1ª Ed. – Lavras: Edição do autor, 2019. 315p.
	ISBN 978-65- 900376-0-2
	1. Ficção. 2. Romance.
	CDD B869 CDU 82-3

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

*Dedico este livro aos sonhos,
pois se eu não tivesse me permitido sonhar,
hoje você não estaria lendo esta história.
Então, permita-se!*

“Não tem tempo que faça esquecer a quem te fez esquecer o tempo”.

— Douglas Almeida Vergílio

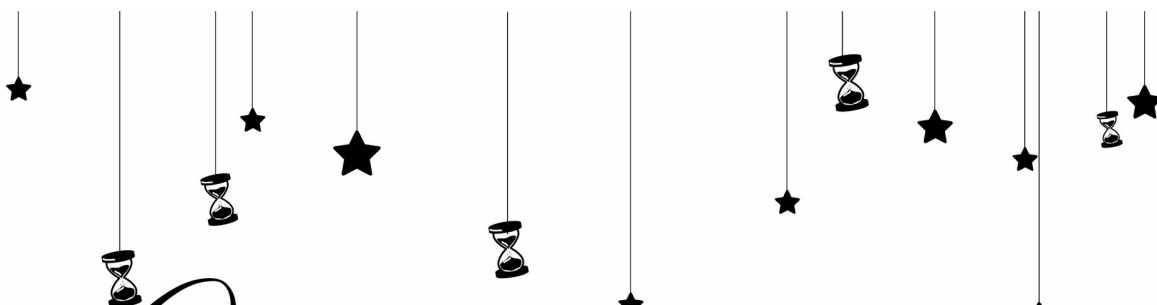


Quando criança conheci as histórias que começavam com “era uma vez” e terminavam em “felizes para sempre”. Cresci acreditando que o bem sempre triunfaria sobre o mal e que pessoas ruins sempre estariam fadadas ao fracasso, mas acabei descobrindo da pior forma que a vida estava longe de ser o conto de fadas que nos era contado naquelas histórias de ninar.

Eu encontrei meu final feliz. Fui mais feliz do que qualquer outra pessoa no mundo naquele pouco tempo que me foi concedido. Pensei que duraria para sempre, como me fora ensinado, mas acabou rápido demais com um ponto-final, sem reticências, sem mais, só fim.

Disseram que a dor do parto era a pior dor que qualquer pessoa

poderia sentir. Naquele momento eu não sabia como isso podia ser verdade. Eu estava inteira, não havia sangue pulsando para fora do meu corpo, nem um osso quebrado, não tinha sequer um arranhão, mas doía todo o corpo, doía furiosamente. Eu preferiria milhões de vezes qualquer dor física a sentir o que estava experimentando. Parecia que minha alma estava sendo rasgada ao meio e estavam levando a melhor parte dela. A dor do parto poderia ser amenizada com uma anestesia, mas não achava que isso funcionaria para essa dor que nublava meus pensamentos, invadia meus sentidos e que fazia eu achar que não poderia suportar. Uma dor que diziam caber apenas ao tempo curar, e eu esperava ansiosamente esse tempo vir para levá-la, pois a única coisa que passava pela minha cabeça agora era que nem o tempo seria capaz de fazê-la parar.



Capítulo 1

Melissa

Você conhece o tempo? Os grandes poetas dizem que ele cura, que faz com que tudo eventualmente se torne mais fácil, que transforma grandes problemas em risadas. Essa é a parte boa, mas existe também outro lado sobre o qual não é muito falado. Ele é capaz de torturar quando custa a passar e de reduzir os momentos felizes quando passa rápido demais. Além dessas coisas amenas, ele pode ser destrutivo, consegue acabar até com aquilo que alguém jurou que duraria para sempre.



Era o meu aniversário de seis anos. Eu amava meus aniversários, porque todos eles foram os melhores dias da minha vida. No ano anterior tínhamos ido ao parque aquático e eu havia gostado tanto que falara para a mamãe e o papai que queria passar todos os meus aniversários lá.

Eu não conseguia parar de falar sobre a próxima ida ao parque, que deveria ter sido hoje, mas, quanto mais perto chegava o dia, menos animados meus pais pareciam ficar. Não sabia por que o papai e a mamãe estavam tristes com meu aniversário. Eu queria que eles ficassem felizes comigo.

Então, numa noite, pouco antes do dia tão esperado, eu percebi que tinha tempo que eu não falava que amava os dois, só podia ser esse o motivo deles estarem tristes.

Levantei-me na mesma hora da cama e fui correndo até o quarto deles, parei antes de chegar lá ao escutar alguém chorando. Olhei pelo canto da porta e minha mãe estava sentada no chão escondendo o rosto com as mãos. Fiquei com muita raiva do papai por fazer a mamãe chorar, mas, quando olhei para ele, percebi que também estava chorando. Fiquei sem entender porque estavam assim. Queria entrar no quarto e perguntar, mas tive

medo de que brigassem comigo, eu deveria estar dormindo. Era estranho ver os dois desse jeito, já que eu nunca tinha visto nenhum deles chorar e achei que adultos não choravam.

— Fique, por favor, Flávia. Eu posso protegê-las — papai pediu se sentando ao lado da mamãe. Passou o braço em volta do ombro dela e a puxou num abraço.

— Você não o conhece. Ninguém pode nos proteger.

— Me deixe tentar.

Ela limpou as lágrimas que escorriam pela bochecha e balançou a cabeça, negando o pedido.

— Você não pode tirar minha filha de mim assim — ele quase gritou.
— Você quer ir embora, levar meu bebê e não vai me dar nem uma pista sobre aonde está indo?

— É melhor assim.

— Melhor para quem, Flávia? — Dessa vez ele se afastou dela e não conteve o grito. Eu me encolhi, pois nunca tinha visto o papai gritar. — Você me aparece com essa história absurda e acha que vou engolir isso? Você não vai tirar ela de mim. Se você quer ir embora, eu não posso te segurar aqui, mas a Mel é minha também. Essa história não vai ficar assim. Se for preciso envolver os advogados, que seja!

Ela se levantou soluçando e o abraçou.

— Eu te amo, mas não posso fazer isso. Eu preciso ir, é melhor assim.

— Pare de ser dissimulada, Flávia. Você não pode dizer que me ama e falar que vai embora. Você não pode fazer isso comigo. Apenas pare. Eu não quero mais ouvir suas desculpas e não quero saber o que ou quem te levou a deixar de me amar. Não quero te ouvir mais.

Ela falou mais alguma coisa, não fui capaz de escutar, pois o papai tinha entrado no banheiro do quarto e batido a porta com força. Eu também não queria ouvir mais.

Estava com medo. Não queria que a mamãe fosse embora, não queria ir embora. Eu queria ficar ali com os dois para sempre.

Voltei para o meu quarto me segurando para não chorar. Não queria que eles soubessem que eu tinha escutado a conversa. Enfiei meu rosto no travesseiro e chorei baixinho. Não queria que nada mudasse, amo as coisas do jeito que são.

Alguns dias depois mamãe me pegou no colo no meio da noite e saímos enquanto o papai dormia. Não sabia para onde estávamos indo. Chorei e disse que não queria ir, mas ela não me ouviu. Obrigou-me a entrar no carro e me levou embora.

Eu costumava pensar que aniversários eram dias especiais em que só

se podia ser feliz. Todos os meus aniversários haviam sido assim. Dias em que ninguém podia ficar triste, assim como o natal, dia das mães e dos pais. Só que o dia de hoje mostrava que isso não era verdade. Nós não estávamos em um parque aquático e isso nem era o pior. Hoje nós estávamos nos mudando para uma nova cidade, mas também não era a pior parte do dia. Hoje eu acordei em um quarto de hotel e não recebi um "bom dia, minha princesa" que o papai me dizia todos os dias, porque o papai não estava mais com a gente. Ele ficou na nossa antiga casa, e isso era o pior. A partir de hoje eu odiava meu aniversário.

Coloquei a caixa com minhas coisas no chão do quarto que a mamãe havia falado que seria meu agora, as paredes brancas tão diferentes das paredes do meu antigo quarto. Ia precisar de muitas canetinhas para colorir, branco era muito sem graça. Olhei pela janela, que dava para um quintal no fundo, procurando algum balanço, escorrega, ou talvez uma piscina, mas não tinha nada além de um gramado quase amarelo. Eu odiava essa casa também, não parecia em nada com a casa antiga.

Saí do quarto e fui explorar o resto do local. Era tudo muito pequeno e todos os cômodos continuavam brancos e sem graça, assim como o quarto. A casa tinha dois quartos, dois banheiros, uma cozinha apertada e uma sala. O maior cômodo era a sala e ela não chegava nem ao tamanho do meu antigo quarto.

Fui pela porta dos fundos para conhecer o quintal, a porta fez um barulho alto ao abrir. Olhei em volta em busca de algo interessante, mas nada me chamou atenção. Andei até o gramado e me sentei encostada na escada, querendo me esconder da minha mãe um pouquinho. Ela estava triste e eu estava brava por ela estar triste, já que foi ela quem quis se mudar.

Olhei em volta mais uma vez e nessa hora percebi que tinha algo escondido embaixo daquele último degrau, algo com uma rodinha. Enfiei a mão lá dentro com um pouco de medo de ter algum bicho e segurei aquela rodinha. Levou um tempo até que consegui tirar a coisa de lá, mas quando tirei todo meu mau humor do dia melhorou um pouco quando vi o que era. Um skate.

Sempre pedi um para a mamãe e o papai, eles falavam que isso era coisa de menino e que era muito perigoso. Nunca entendi o porquê dos meninos ficarem com todos os brinquedos legais enquanto as meninas ganham bonecas. Eu odeio bonecas, são tão sem graça. A única coisa legal que dava para fazer com elas era cortes de cabelos, mas só dava para fazer uma vez. Descobri tarde demais que o cabelo delas não crescia igual ao meu, o que foi bem chato para elas.

Escondi o skate novamente embaixo do degrau para que a mamãe não o achasse e sumisse com ele antes que eu tivesse a oportunidade de andar e voltei para frente da casa para procurar por ela.

A única coisa legal dessa nova casa era que não tinha muros, nos mudamos para dentro de um condomínio e nenhuma das casas tinham muros, era igual aos filmes que víamos na televisão.

— Mamãe — chamei quando não a vi do lado de fora de casa.

Ela não respondeu, então andei até a calçada para ver se ela estava ali perto, não estava. A única coisa que vi foi um menino sentado na calçada da casa ao lado com a cabeça enfiada no meio das pernas. Seu cabelo preto estava todo para cima e bagunçado. Ele virou o rosto para o meu lado e vi que estava todo vermelho, parecia que estava chorando. Quando percebeu que eu estava encarando, fechou a cara para mim e voltou a esconder o rosto.

Mal-educado.

— Vai lá conversar com ele — minha mãe falou, aparecendo ao meu lado do nada.

Eu dei um pulo de susto. Achei que ela estava dentro da casa.

— Eu não — respondi balançando a cabeça.

O que iria falar com um menino que estava chorando? Ele nem devia estar querendo falar com ninguém. Eu odiava quando alguém vinha falar comigo quando eu estava chorando. E ele me olhou de cara feia. Quase gritei a frase que minha mãe sempre dizia: "Cara feia para mim é fome!", mas eu odiava quando ela falava isso e provavelmente só iria deixá-lo mais bravo.

— Não seja boba, Melissa. Vai falar com ele. Ele deve estar precisando de uma amiga — minha mãe me encorajou.

Eu ainda não tinha certeza se queria falar com ele ou não, principalmente depois dele ter me olhado com cara feia, mas minha mãe parecia alegre com isso. Ela tinha chorado tanto durante a viagem e agora estava feliz. Eu não queria que ela tirasse o sorriso do rosto. Então, acabei fazendo o que ela falou, mesmo estando chateada com a mudança.

Andei até ele e parei ao seu lado.

— Oi — falei com um sorriso, tentando parecer legal.

— Oi — ele respondeu mal-humorado e sem me olhar.

— Por que você está chorando?

Ele me encarou com aqueles olhos vermelhos cheios de raiva. Devia estar chorando há muito tempo para os olhos terem ficado vermelhos dessa maneira.

— Não te interessa — respondeu balançando a cabeça e a abaixando novamente no meio das pernas.

— Eu nem queria saber mesmo — falei cruzando os braços e virei para voltar para a minha nova casa.

Mal cheguei nesta cidade e já odiava tudo e todos. Odiava minha mãe também por ter mudado para cá e por ter falado para eu conversar com esse

menino mal-educado. Eu odiava esse menino.

— Ei — ele chamou quando eu já estava quase no jardim da minha casa.

— O que foi?

Ele se levantou e andou na minha direção. Quando chegou perto percebi que era bem mais alto que eu, devia ser mais velho também.

— Desculpa. Eu só estou bravo — falou passando a mão mais uma vez pelo rosto para tentar limpar as lágrimas. — Você está se mudando para casa do meu melhor amigo. E minha mãe disse que é porque ele não vai voltar mais.

Eu também estava triste porque não veria mais minhas amigas da minha antiga casa ou as da escola, mas a mamãe me falou que eu iria conhecer muitos outros amigos aqui e que eu poderia ligar e mandar cartas bonitas para todas as minhas amigas antigas, seria bem legal. Porém, eu também precisava fazer novos amigos aqui, achava que poderia começar com aquele menino, ele poderia ser divertido quando não estivesse tão mal-humorado.

— Eu posso ser sua melhor amiga! — respondi feliz por ter conseguido uma solução para o problema dele.

— Meninas não podem ser melhores amigas de meninos — ele falou

balançando a cabeça e rindo alto.

Não sei o que eu disse de engraçado para uma risada dessas. Então bati firme o pé.

— Claro que podem. — Coloquei a mão na cintura como minha mãe fazia quando me xingava.

— E nós vamos brincar de quê? De Barbie? — Ele riu novamente. Como se a ideia de ser meu amigo fosse coisa de maluco, mas eu estava certa de que podia provar que ele estava errado. Meninas podiam ser melhores amigas de meninos.

— Se você quiser, mas vamos ter que brincar com as suas, porque eu não tenho nenhuma. Eu estava pensando em dar uma volta de bike ou skate. Ainda não sei.

Eu não sabia andar de skate, mas agora que eu tinha um, podia aprender.

Ele sorriu.

— Meu nome é Logan.

Lo - gan, guardei.

Era diferente.

Nunca conheci alguém chamado Logan. Eu gostei desse nome.

— O meu é Melissa, mas todo mundo me chama de Mel — falei sorrindo. — Quantos anos você tem?

— Oito — ele respondeu. — E você?

— Estou fazendo seis hoje.

— Por que você não vai mostrar a ela seu quarto de brinquedos, filho? — falou a mãe dele da porta da casa ao lado. Uma moça com o cabelo escuro e curtinho. Ela era alta, magra e muito bonita, parecia uma modelo.

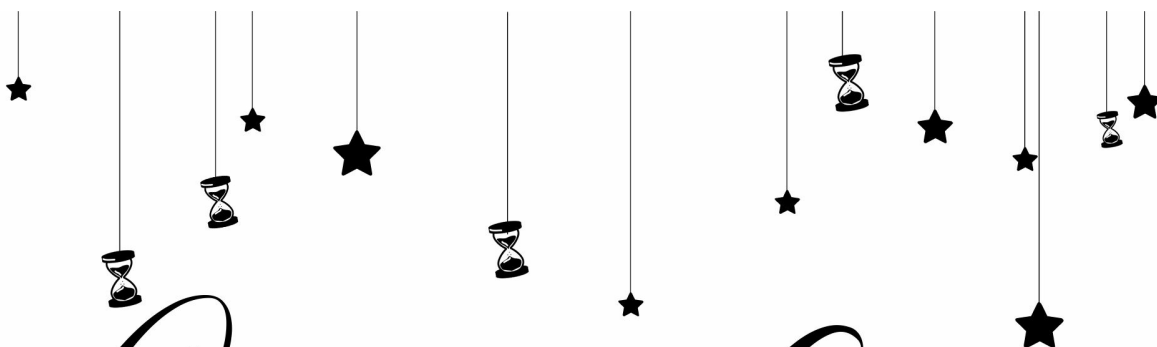
— Você pode brincar na minha casa?

Eu olhei para a mamãe que disse que eu podia ir.

De noite, o Logan, a mãe dele e a minha cantaram parabéns para mim com uma vela em cima de um cupcake que a mamãe comprou em uma padaria aqui perto. Parece que nossas mães também tinham ficado amigas.

Foi nessa hora que percebi que talvez a mudança fosse uma coisa boa, como a mamãe falou. Pelo menos eu achava que havia acabado de fazer meu primeiro amigo.

Talvez eu não odiasse tanto assim meu aniversário. Odiava não ter o papai aqui, mas o dia não foi tão triste quanto imaginei que seria.



Capítulo 2

Giovana

Não eram nem seis horas da manhã e eu já estava suando de calor. Entrei no chuveiro e deixei a água escorrer por todo o meu corpo. Não podia sequer aproveitar por muito tempo, pois estamos enfrentando uma tremenda seca. Como não queria ficar sem água mais tarde, fiz tudo o mais rápido possível.

Estava terminando de enxaguar o creme do cabelo quando escutei a porta do banheiro abrir. Não tive nem tempo de tirar a água dos olhos para confirmar quem era quando ela começou a tagarelar.

— Nossa, Giovana, está na hora de marcar uma depilação aí pra baixo, não acha?

Amaldiçoei essa minha mania de entrar no banho e não trancar a porta. Só porque estava no meu quarto não significava que iriam respeitar minha privacidade. Principalmente morando com alguém como a Camila, que não tinha noção nenhuma de limites.

— Merda, Camila! Me espere no quarto, já estou saindo — disse tentando cobrir minhas partes íntimas com as mãos.

Claro que era tarde demais, essa hora ela já poderia descrever os detalhes do meu corpo para alguém desenhar, mas a timidez falou mais alto me fazendo pelo menos tentar esconder alguma coisa.

Ela colocou a mão na cintura e virou a cabeça de lado, como se estivesse estudando todas as minhas curvas antes de voltar a falar.

— Não mude de assunto, vou marcar uma depilação para amanhã — falou e tirou o celular do bolso de trás da calça para responder alguma mensagem que recebeu.

— Sai daqui! — gritei jogando água nela por cima do box, mas não consegui atingi-la.

Ela balançou a cabeça e fez sua melhor cara de desapontada.

— Para com isso, você não tem nada aí que eu não tenha aqui

também. — Respirou fundo e vi a sombra de um sorriso em seu rosto. — A não ser esse tanto de cabelo. Isso é normal? — perguntou sentando-se no vaso sanitário sem se importar que eu estava incomodada com a sua presença ali.

A Camila era minha companheira de apartamento, minha melhor amiga e também a coisa mais próxima que eu tinha de uma família. Depois que perdi minha mãe, fiquei bastante tempo sem saber o que era ter alguém tão próximo assim. Claro que ninguém nunca ia substituí-la, mas era bom não me sentir mais sozinha no mundo. E por mais que às vezes tenhamos nossas brigas, eu saltaria na frente de um trem por ela.

Nós nos demos bem desde o dia em que nos conhecemos, o que foi completamente inesperado, pelo menos para mim, pois ela era a típica garota popular que eu costumava odiar no colégio, a riquinha, a maravilhosa, a rainha da cocada que todos os meninos queriam. Aquela que fazia todas as outras se sentirem como sombras perto dela, mas ao contrário do preconceito que eu tinha formado, ela nunca me deixou sentir como se eu fosse uma sombra. Camila não projetava sua luz apenas para sua cabeça, ela acolhia todos a sua volta. E esta era uma qualidade que eu não esperava de alguém como ela. Maldito preconceito. Um mês depois estávamos morando juntas e prestando vestibular para a mesma faculdade.

Nós éramos como os polos extremos de um imã, eu era o Yin e ela o

Yang. Nós nos equilibramos, ela era o ponto de luz na minha escuridão. Mesmo sem saber, ela me ajudou a juntar os cacos do meu passado. Foi a primeira pessoa a me fazer rir e me ajudar a ter uma vida sem tanta lamentação. Não sabia o que seria de mim se não tivéssemos nos encontrado. Por outro lado, eu era o ponto escuro na sua claridade, mantendo-a com os pés no chão. Achava que se eu não estivesse ao seu lado dando doses de realidade, Camila poderia voar, literalmente, talvez ela saltasse do topo de um prédio achando que tivesse asas.

— Eu juro que não sei como somos amigas até hoje. Você é uma vaca! — falei rindo enquanto pegava a toalha para me enrolar.

— Uma vaca extremamente magra e maravilhosa, pelo menos — completou. — E vou ignorar isso porque eu sei que você me ama e porque vou marcar uma depilação para amanhã.

Saí do box com a toalha enrolada no meu corpo e passei por ela indo em direção ao meu quarto.

— Passo — respondi.

Comecei a vestir as roupas que já estavam separadas. Ela se sentou na beirada da cama e me olhou contemplativa.

— Amiga, as florestas amazônicas já saíram de moda há muito tempo.

— Minha floresta não tem turistas — respondi dando a deixa para que

ela parasse de falar sobre isso.

Da maneira que ela falava parecia que eu deixava tudo como Deus criou. As coisas não eram bem assim. Tinha meus métodos para deixar tudo em ordem. Só andavam um pouco atrasados.

— Isso tá na cara, né?

— Vai se foder, Camila. Mesmo se eu tivesse muitos “visitantes” ainda assim eu não encararia uma sessão de tortura por nenhum deles. Se me quiserem, vão me aceitar do jeitinho que eu sou, até com minha floresta.

Mostrei a ela o dedo do meio, achando que finalmente a faria mudar de assunto, mas não tinha essa sorte.

— Para de me chamar de Camila! — ela falou cruzando os braços, deixando o decote da sua blusa mais aparente do que já estava.

— Só depois que você parar de encher a porra do meu saco. E até onde eu sei, esse é seu nome.

Dei as costas para ela e fui até a gaveta da minha penteadeira a procura do meu creme de modelar. Sem ele meus cachos ficavam um pouco revoltados e pensavam que podiam saltar da minha cabeça na direção que quisessem.

— Você não tem saco, tem uma floresta — ela respondeu fazendo bico.

Ela odiava que a chamassem pelo nome ao invés do apelido. Sabia que estava sendo meio babaca por chamá-la assim sabendo os motivos disso.

A Camila era maravilhosa, praticamente uma Barbie ruiva. Seus cabelos não eram naturais, ela me confessou bêbada certa vez e também disse que seu corpo e rosto perfeitos custaram algo em torno de cinquenta mil reais e que foram essas as mudanças que ela precisou para conquistar toda a confiança que lhe foi roubada na adolescência.

Eu vi algumas fotos dela mais nova, ela nunca foi feia, e apesar de não ter o corpo que a sociedade julgava como perfeito, ele era lindo e completamente normal para uma adolescente, mas parece que alguns babacas a fizeram acreditar que tudo nela era horrível e ela passou a se odiar. Então, depois de suas mudanças radicais no visual, ela voltou também com outro nome e se “reinventou”. Adotou o apelido Cami e deu um incrível dedo do meio para todos que antes a zoavam. Eu a admiro muito por ter dado a volta por cima e aprendido a se amar, mesmo que ela só tenha conseguido fazer isso após entrar no padrão de beleza da sociedade impõe.

Consegui ignorá-la o resto da manhã, mesmo não sendo uma tarefa fácil. Requer uma habilidade sobre-humana ser capaz de negar algo a ela. Estava me sentindo vitoriosa por ter chegado à faculdade e ela ainda não ter achado um argumento bom o suficiente que me fizesse passar horas sofrendo na mão de uma depiladora.

— Caramba, é a porra do seu aniversário de namoro hoje! — ela gritou como a última tentativa desesperada no momento em que parei o carro na vaga.

Um tremor cruzou todo o meu corpo quando escutei essas palavras. Não era um tremor positivo de antecipação, muito pelo contrário, era um tremor de puro desespero. EU ESQUECI!

Estava tão empolgada com a volta às aulas que esqueci completamente.

Eu me perguntava “Que tipo de pessoa se empolga com a volta às aulas?”. Minha vida deveria estar muito ruim mesmo para isso ter sido uma distração tão grande.

Por sorte não era nenhuma grande marca, era só o primeiro mês de namoro.

Talvez nem ele tenha se lembrado, homens nunca lembram. Pelo menos era isso que todas as mulheres falavam e eu estava torcendo para que fosse verdade. Nunca comemorei nenhuma dessas datas antes para confirmar isso.

— Não me diga que você esqueceu... — Camila me questionou com um olhar que fez com que eu me sentisse a pior pessoa do mundo.

— O que eu vou fazer? — perguntei sem olhar para ela, não queria

encarar aqueles olhos incriminadores.

— Que merda, Gi. Ele está programando esse aniversário há dias. —
Ela balançou a cabeça. — Veio até pedir uma ajudinha para mim.

Olhei em sua direção na esperança de que me desse uma luz, mas seu olhar continuava de reprovação. Quando um sorriso surgiu em seu rosto, relaxei achando que ela havia pensado em algo, porém sua solução estava longe de ser o que eu queria.

— Vamos a uma depiladora hoje — disse triunfante.

— Não! — falei quase junto com o final da sentença dela.

Ela percebeu que eu repudiei a ideia.

Só eu sabia o tamanho do clichê que era. Uma “mulher”, sim entre aspas, pois apesar de já ser independente e toda essa baboseira de adultos, eu ainda me sentia uma menina que precisa do colo da mãe. Então era uma “mulher” de vinte e três anos que tinha medo de se envolver intimamente.

Depois que a minha vida virou de cabeça para baixo, eu tentei encontrar consolo em todos os tipos de coisas – bebidas, drogas e algumas vezes até no sexo – percebi, tarde demais, que isso só me deixava pior. Eu me odiava mais e mais no final de cada noite. Nunca fui do tipo de garota festeira e, definitivamente, não servia para ser. Então acabei deixando esse meu breve período de rebeldia de lado.

Mesmo durante essa momentânea loucura, eu não aguentava pessoas que diziam “não se preocupe, é só sexo”. Para mim nunca foi “só sexo”, nada com ele era “só”. Com ele sempre era “tudo” e quem teve “tudo” não se contentava com “só”.

Eu não tinha medo de sexo, só não queria ter só sexo. Só sexo não tinha amor, só sexo não tinha paixão, só sexo só tinha luxúria; entendia quem se contentava com isso, mas não era pra mim.

Infelizmente, demorei um tempo para descobrir que se não fosse “tudo” eu mesma podia fazer o trabalho “só”.

Quando comecei a namorar o Vitor, sabia que em algum momento ele esperaria que eu cedesse a isso, só não pensei que essa hora chegaria tão rápido. Eu ainda não estava pronta para pensar nisso, muito menos fazer.

— Gi, eu não quis dizer que você precisa fazer isso, mesmo que ele espere que faça — Cami falou percebendo minha inquietação.

Agora que ela havia instaurado a dúvida na minha cabeça não tinha como voltar atrás. Vitor provavelmente estava se empenhando tanto nesse aniversário porque também pensava que depois de um mês eu já estaria pronta para o próximo passo no nosso relacionamento. O que obviamente eu não estava.

— Fala alguma coisa Giovana, para de neura. Vocês se gostam, deixa

rolar, se você achar que não está pronta ainda é só manda-lo parar.

Eu realmente gostava dele, não era apaixonada, não o amava, mas nos dávamos bem. Ele sempre foi bom para mim. Por isso que aceitei sua proposta quando me pediu em namoro.

Conhecemo-nos dois meses atrás, ou melhor, ele me conheceu. Ele era o cara mais conhecido da faculdade, então já o conhecia desde quando cheguei aqui, mas só fomos devidamente apresentados há dois meses. E por incrível que pareça, ele me notou, mesmo com a Cami do lado. A princípio me deixou um pouco desconfortável com a situação, mas depois passei a gostar de ter alguém prestando atenção em mim, ainda mais alguém que todas as meninas da faculdade se matavam por poucos minutos de atenção. Isso fez com que eu desse uma chance, pois ele devia ter visto algo em mim que não viu nas outras garotas.

Claro que tive meus rolos durante a faculdade, mas todos os caras pulavam fora no momento que eu falava que queria esperar para fazer sexo. A maioria perguntava com os olhos brilhando se eu era virgem – não entendo a fissura desses caras em querer tirar a virgindade das meninas –, no final eles acabavam desapontados quando eu negava. Não queria sair pulando de colo em colo, então, só faria se tivesse certeza de que o relacionamento estava indo para algum lugar. Tive essa conversa com o Vitor, provavelmente ele estava pensando que um mês de namoro mostrava que ele queria algo sério

comigo.

Era bom ficar com ele, não podia negar que ele tinha uma bela pegada, mas não sentia aquelas borboletas no estômago, meu coração não acelerava e tinha certeza de que minhas pupilas também não dilatavam. Contudo, não achava que eu fosse capaz de sentir isso novamente. Tudo que aconteceu me quebrou, e, por enquanto, nem o tempo que todos diziam ser capaz de consertar qualquer coisa conseguiu fazer isso.

Não poderia culpar o Vitor por ainda não ter me feito sentir algo. Poderia ser tudo culpa minha, eu me fechei há muito tempo e nunca dei chance real para ele tentar se aproximar. Talvez se eu não fosse tão medrosa e conseguisse dar meu coração a outra pessoa, sem medo de que fosse quebrado novamente, percebesse que conseguiria me apaixonar novamente. Não poderia passar o resto da vida vivendo no passado, precisava me dar novas oportunidades de voltar a ser feliz.

Talvez o Vitor seria a pessoa que me faria esquecer tudo que ainda dói.

Talvez eu devesse dar uma chance. Não era como se isso pudesse realmente me machucar. Pelo menos não emocionalmente, porque fisicamente tinha quase certeza de que seria como a primeira vez. Depois de tanto tempo, já deveria ser virgem de novo.

Uma careta retorceu o meu rosto com o pensamento.

Não custava tentar. Não era como se eu precisasse do príncipe encantado em seu cavalo branco.

Só saí do meu transe quando a Camila caiu na gargalhada ao meu lado e eu quase cogitei a ideia de ela estar lendo meus pensamentos.

Eu a olhei assustada. Por que diabos ela estava rindo? Eu estava tendo um ataque de pânico e ela rindo como uma hiena.

Arqueei uma das sobrancelhas para ela.

— Ele está fazendo engenharia florestal, não acho que precise se preocupar com nada mesmo — ela explicou enquanto tomava fôlego para respirar.

Lembra quando eu disse que nós nos equilibramos? Era exatamente disso que eu estava falando.

Enquanto eu era a rainha das neuroses, ela conseguia fazer uma piada que me fazia chorar de tanto rir com o assunto que estava me deixando de cabelos em pé. Agradei silenciosamente por ela ser assim.

Isso era algo que eu nunca admitiria em voz alta, seu ego já era grande demais sem meus elogios.

Para contrariá-la, tentei não rir, fingindo estar indignada com aquilo, afinal foi uma péssima piada. Entretanto, ela riu ainda mais quando olhou

para mim e eu não consegui me segurar. Alguns minutos depois estávamos abrindo as portas do carro e limpando as lágrimas que haviam escapado. Não sabia como ela conseguia fazer uma piada tão inoportuna ter tanta graça.

Ela segurou minha mão e nós duas recitamos um “boa sorte” silencioso uma para a outra.

Seguimos pelo corredor principal. A Faculdade transbordava a leveza do início do semestre, todos sorrindo, sem nenhuma preocupação com notas e provas, sem lágrimas atrás dos professores implorando por alguns pontinhos extras. Isso não duraria muito tempo, dava no máximo duas semanas para ver pessoas se descabelando por algum trabalho.

Andamos pelos corredores quase correndo até chegarmos ao quadro de avisos, perto da sala da coordenação do nosso curso. Corri meus olhos por todo o quadro até achar o que estava procurando no canto direito.

O motivo da minha ansiedade para a volta às aulas. Respirei fundo antes de encarar aquele papel e ver se havia conseguido.

Achei meu nome. Meu coração começou a martelar dentro do meu peito.

Ele estava lá.

O nome da Camila também estava lá.

Eu passei em primeiro lugar. Primeiro.

— Nós conseguimos — ela gritou empolgada e enlaçou os braços no meu pescoço me balançando.

Mordi meus lábios para conter o sorriso que insistia em atravessar meu rosto. Eu mal podia esconder a satisfação que aquilo me proporcionava. *Eu havia conseguido!*

Desde que percebi que minha vida não iria para frente caso eu não fizesse alguma coisa, decidi me esforçar independente da carreira que escolhesse, e foi assim desde o dia que pisei aqui.

Todo ano a faculdade oferecia alguns estágios para alunos que tinham interesse na área acadêmica. Muitos se candidatavam para ter a chance de trabalhar com os melhores professores do curso. Por isso, o processo seletivo era bem difícil e ser selecionada em primeiro lugar era motivo de muito orgulho.

Fiz a prova há algumas semanas e depois de conferir a resposta com algumas pessoas que também haviam feito, eu estava quase certa de que tinha ido muito mal. Foi um alívio ver que elas que estavam erradas e não eu e a Cami. Sabia que poderia ser uma nerd se eu quisesse.

Fiquei ainda mais extasiada quando vi o nome do professor que eu havia sido designada.

— Vou trabalhar com o Alexandre. Não acredito!

Ele era o coordenador do curso de administração da faculdade, já havia publicado diversos artigos em revistas de renome, viajava o mundo inteiro dando palestras, era simplesmente o melhor que eu conhecia. Eu não poderia ter ficado com professor melhor.

— E eu vou trabalhar com esse tal de Adrian Scott. Não conheço esse professor.

— Também não. Esse nome não parece brasileiro. Espero que ele saiba ao menos falar português. Você lembra o terror que foi ano passado com as aulas do Tatsuo?

— Scott pode não ser brasileiro, mas também não é japonês. Acho que vai ser um pouco mais fácil a comunicação.

Ao final da lista, havia um aviso informando que os alunos aprovados deveriam pegar os formulários a serem preenchidos para o estágio com os professores aos quais foram designados.

— Estou indo procurar esse professor, nos vemos na aula — Cami falou e saiu andando antes que eu tivesse a chance de responder.

Com essa deixa, virei as costas para o quadro e segui para a coordenação.

Tive que esperar pouco mais de dez minutos antes de ser atendida. Com o início de semestre, muitos alunos estavam atrás dele.

Alexandre havia mudado os móveis da sua sala de lugar e colocado algumas frases motivacionais em quadros na parede. Ele amava esse tipo de frase, sempre citava quando tinha a oportunidade. Tudo havia ficado a cara dele.

Em cima da cabeça dele havia um quadro escrito: “Acreditar que você pode, já é meio caminho andado.”. Minha mãe sempre me falava isso, era reconfortante ver as mesmas palavras que ela usava para me dar conselhos.

— Bom dia, Alexandre. — Entrei na sala lançando um sorriso para ele.

Ele me olhou por trás dos óculos e sorriu de volta. Seu cabelo estava começando a entregar sua idade, com alguns fios brancos. Se não fosse por isso, ninguém daria a ele mais do que trinta e cinco anos. Devia ser pelo menos dez anos mais velho que isso.

— Giovana, bom dia! Parabéns pelo seu resultado — ele disse e levantou estendendo a mão para me cumprimentar. — Eu disse que conseguiria.

— Pois é. Você estava certo e eu errada.

Foi ele que me incentivou a me inscrever para essa vaga, eu sinceramente não achava que conseguiria. Só os melhores passam e, apesar de esforçada, nunca havia sido a melhor. Pelo menos não até agora.

Alexandre foi como um pai desde que cheguei aqui. Sempre foi o primeiro a me incentivar e dizer que eu era capaz, mas também era o que mais me cobra resultados, e eu fazia de tudo para não o desapontar.

— Veio pegar a pasta de estágio para preencher? — perguntou voltando para sua cadeira.

— É, quero começar logo.

— É assim que se fala. — Ele sorriu e abriu a gaveta para tirar algumas folhas grampeadas.

— Mal posso esperar para começar a trabalhar com o senhor. Fiquei tão empolgada quando vi seu nome lá.

— Posso dizer o mesmo. Fiquei muito orgulhoso ao ver sua colocação na prova, Giovana. Sei o quanto se esforçou para isso e fico feliz de te ver colhendo os frutos.

Sorri sem graça.

— Muito obrigada, Alexandre. Você é o melhor — respondi me levantando e pegando minhas coisas que havia colocado em cima da mesa junto com as folhas que ele me entregou.

Saí da sala dele e verifiquei meus horários, eu já estava dez minutos atrasada e a caminhada até o pavilhão que teria a aula levaria pelo menos mais dez. Apressei o passo e consegui chegar lá em menos de cinco.

Estava ofegante quando virei o corredor e vi Vitor parado em frente à sala que eu deveria estar.

Maldição! Como ele havia descoberto meus horários? A resposta veio assim que fiz a pergunta. Camila.

Desacelerei meus passos.

Não sabia por que motivo eu não queria encontrá-lo agora. Eu deveria ser a pior namorada do mundo por desejar isso em pleno aniversário de namoro. Ainda mais depois de concordar que ele poderia ser o cara que faria meu coração bater descompassado, algum dia.

Respirei fundo e lembrei a lista de “talvez” que eu fiz em minha cabeça mais cedo.

Talvez com ele não fosse “só” se eu realmente desse uma chance. Precisava tentar.

Ele estava segurando um buquê de rosas vermelhas nas mãos e olhava impaciente para o relógio. Foquei no buquê. Rosas. Flores. Pólen. Ferrou. Ele ainda não tinha me visto ali, talvez eu ainda tivesse tempo.

Seus olhos encontraram os meus no momento em que tive o pensamento de fugir, havia perdido a oportunidade. Um sorriso brilhou no seu rosto e me senti mais culpada ainda por ter desejado não o encontrar. Meu coração acelerou quando me aproximei, não da maneira que eu queria,

apenas da maneira normal quando estamos em uma situação desconfortável.

Vitor veio andando em minha direção, laçou seu braço que não estava com as rosas em volta da minha cintura e me puxou para um beijo caloroso, sem dizer uma palavra antes. O beijo foi um tanto exagerado, levando em consideração que estávamos em um local público, mas não o afastei. Isso faria eu me sentir mais culpada ainda. E não havia ninguém no corredor para ver aquilo.

Ele se afastou por um segundo e me olhou. Seus olhos eram como um livro aberto, eu podia ler tudo que passava por ali, ou pelo menos eu achava que sim. Todos diziam que ele tinha tanto talento quanto o pai para atuar, mas eu acreditava que o conhecia além dessa casca superficial. Eu enxergava desejo em seus olhos e estava claro naquele sorriso que ele mantinha no rosto que estava com grandes expectativas para o dia de hoje.

Meu namorado estava incrível, como sempre. O cabelo loiro bem arrumado, seus olhos azuis chamando para um mergulho, e as covinhas, ah as covinhas. Talvez tivesse aceitado o pedido de namoro dele só pelas covinhas. Eu queria dizer que as amava. Como buraquinhos que são causados por deformidades no músculo podiam ser coisas tão lindas?

Ele conseguia ser ainda mais bonito que o próprio pai, que foi considerado no ano passado um dos atores mais bonitos da televisão

brasileira. Era o tipo de cara que babávamos a vida inteira quando apareciam na televisão, mas que na “vida real” não existia. Talvez eu fosse realmente sortuda por ter encontrado um de verdade.

Por que não consigo me apaixonar por ele?

— Feliz um mês de namoro, Gi — ele sussurrou no meu ouvido e me entregou as rosas. Fiz o máximo de esforço para mantê-las o mais longe possível do meu rosto sem que ele percebesse. — Que este seja o primeiro de muitos outros.

— Feliz um mês — disse dando-lhe um sorriso sincero. Prometendo a mim mesma tentar.

— Eu te pego às oito hoje à noite?

— Sabe, eu consegui o estágio, não sei se é uma boa ideia sair hoje — balbuciei nervosa. Prometendo tentar, mas não hoje.

Ele riu, fazendo as covinhas reaparecerem e eu quase mudei de ideia.

— Eu fiquei sabendo... Parabéns! Eu sabia que conseguiria e também sabia que você fugiria de compromissos no meio da semana, mas sexta-feira não tem desculpas.

Sexta feira. Hoje era segunda. Tinha quatro dias para me abrir à ideia. Não era muita coisa, mas era melhor do que hoje.

— Tudo bem.

— Mal posso esperar — ele respondeu dando um beijo rápido nos meus lábios. — Agora preciso correr, estou muito atrasado.

E assim, ele me deixou plantada no corredor com aquele enorme buquê nos braços.

Eu não ia entrar com aquilo na sala de aula, ainda mais atrasada, chamaria atenção de todos e eu não queria isso.

Não gostava de ser o centro das atenções, ou melhor, eu odiava. A maioria das mulheres adoravam quando seus parceiros faziam grandes gestos para declararem ao mundo seu grande amor, mas sempre quando via algo assim acontecendo eu ficava imaginando que eu iria querer sumir do mapa se fosse comigo.

Algumas semanas atrás, eu estava no shopping com a Cami e um cara fez uma megaprodução para o pedido de casamento, com direito a dançarinos e cantores. Todos em volta ficaram encantados, a mulher se derramou em lágrimas ao aceitar o pedido, tudo muito lindo, mas nada que me agradaria. Eu, no lugar da mulher, teria passado direto e fingido que não era comigo. Preferiria mil vezes um pedido simples, com um sussurrar no pé do ouvido, como se o pedido fosse um segredo só nosso, um momento que ninguém mais teria a lembrança, a não ser nós dois.

Então fiz meu caminho de volta até o estacionamento e deixei o

buquê dentro do carro. Por fim, acabei matando a primeira aula, já estava meia hora atrasada. Não achava que o professor teria uma boa primeira impressão de mim se eu chegasse há vinte minutos do final da aula logo no primeiro dia.

No intervalo, encontrei a Cami sentada no gramado, perto de uma árvore que fazia uma sombra maravilhosa.

— Como foi com o Vitor? — perguntou sorrindo.

— Você não deveria sair dando meus horários para todo mundo.

— Ele é seu namorado, sua sonsa.

Eu revirei meus olhos.

— Tive alguns problemas florais.

— Ele te deu um buquê? — perguntou já gargalhando.

— É um gesto fofo. — Dei de ombros.

— Claro, é uma fofura quando sua garganta fecha e você não consegue mais respirar. Tipo...

Ela fez uma cara torta, que provavelmente era para parecer alguém sufocando, mas parecia que ela estava tendo um ataque epilético ou algo do tipo e sussurrou sem ar “Você é um fofo”.

Eu tinha alergia a pólen. Em defesa do Vitor, ele não sabia disso, e

não saberia dizer por qual motivo não contei no momento em que vi aquele buquê. Talvez tenha sido um pouco pela culpa, não queria ele se sentindo mal por um gesto bonito, quando era eu quem tinha esquecido o nosso aniversário de namoro.

— Hoje você tirou o dia para encher a porra do meu saco — falei me sentando ao lado dela.

Não ajudaria no meu plano de me apaixonar por ele escutar coisas negativas. A culpa disso tudo era só minha por nunca ter comentado sobre essa alergia com ele.

— Eu já disse que você... — começou a dizer, mas a calei mostrando o dedo do meio antes que tivesse a oportunidade de terminar a frase.

— Enfim, não quero mais falar sobre você. Quero falar sobre o pedaço de mau caminho que é meu professor do estágio.

— Qual é mesmo o nome dele? — perguntei.

— Dr. Scott — ela respondeu.

— Descobriu de onde ele é?

— Americano, mas fala português como se tivesse vivido aqui a vida inteira. E isso nem é o mais impressionante. Ele é sem sombra de dúvidas o cara mais gato do mundo.

— Semana passada o cara mais gato do mundo era sem sombra de

dúvidas o Ian Somerhalder — comentei.

Cada semana a Cami decidia admirar um cara diferente e criava paixões platônicas impossíveis.

— Tudo bem, ainda é, mas ele definitivamente é o mais gato da faculdade, talvez da cidade, ou melhor, do país! Definitivamente só perde para o Ian.

Eu ri e balancei a cabeça.

— Você por acaso conhece meu namorado? Um metro e noventa de pura gostosura, louro e olhos azuis? Se não me engano, foi assim que o descreveu antes de me apresentar a ele.

— Gi, ele é seu namorado agora. Namorados de amigas são proibidos de serem analisados. Mas já que o citou, até ele perderia fácil para dois metros de pura perfeição. Ele é tipo um experimento do professor Utônio.

A altura que ela falava não significa realmente que o cara era alto, era como uma nota, o que contava era depois da vírgula, como os centímetros depois de um metro. Por exemplo, a nota do meu namorado era noventa e a desse professor novo era cem, ela nunca deu uma nota tão alta para alguém que conhecemos. Ele deveria ser realmente alguma coisa, mas ela sempre desenvolvia quedas por caras improváveis, principalmente esses professores quarentões. Tinha um gosto bem questionável.

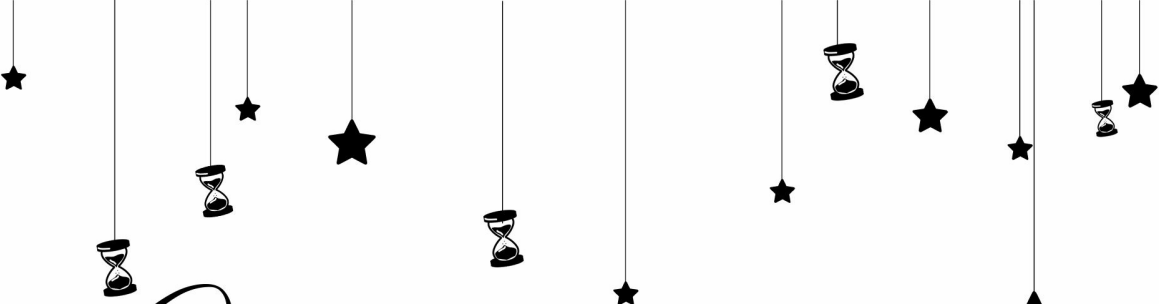
— Só não entendi qual é a do experimento desse professor — comentei.

— Caramba, onde você se escondeu na última década? Professor Utônio, criador das meninas superpoderosas. Tipo açúcar, tempero, tudo que há de bom e acidentalmente acrescentou um elemento extra na mistura, o elemento X! — falou tentando imitar a voz do narrador. — E assim nasceu o homem perfeito, usando seu ultra superpoder para combater a castidade e as forças de vontade.

Cai na gargalhada antes que ela terminasse. Isso era tão ridículo.

— Você é ridícula, Cami. Tem certeza de que tem mais de quinze anos?

— Vou conferir na minha certidão e depois te aviso.



Capítulo 3

Melissa

*Se eu pudesse congelar o tempo, seus lábios
nunca teriam deixado os meus.*



— Eu te odeio, Logan! — gritei batendo a porta na cara dele.

André havia sido o primeiro garoto que mostrou interesse em mim nos quase quinze anos da minha vida e logo quem deveria ser meu melhor

amigo acabou de arruinar tudo. Eu gostei de me sentir desejada por alguém, de ser chamada de linda por outra pessoa que não fosse a minha mãe. E agora tudo isso foi pelo ralo.

Logan havia acabado de contar para o André, menino que queria ficar comigo, que eu nunca tinha beijado. Todos tiraram sarro de mim. Eu só queria desaparecer do mundo. Ninguém mais na minha idade era BV (boca virgem), e agora parecia que continuaria assim por um bom tempo.

— Desculpa, Mel. Abre a porta — ele gritou do outro lado.

— Vai embora, Logan.

Ele deveria voltar para aquela faculdade e esquecer que eu existo. Fiquei muito bem o último ano inteiro sem ele por perto. Não precisava do gênio que entrou para faculdade com dezesseis anos para me dizer o que tinha que fazer. Sabia muito bem me virar sozinha.

Quando escutei uma chave do lado de fora destrancando a fechadura, senti raiva até da minha mãe por ter uma maldita chave reserva debaixo do tapete. Sim, era idiota esconder uma chave embaixo do tapete, todo mundo sabia que era o primeiro lugar que se devia procurar uma chave reserva. Só que a dona Flávia achava que a psicologia reversa funcionava nesse caso, já que era uma coisa que todo mundo sabia, ninguém ia esperar que alguém guardasse a chave ali. O que era uma teoria ridícula, porém nunca falei para

não magoá-la, mas falarei na próxima vez que a encontrar, pois estava com raiva dela por isso.

Tentei correr para o meu quarto. Não fui rápida o suficiente. Ele me alcançou no meio do corredor, antes que eu chegasse lá e me segurou contra a parede. Tentei passar por baixo dos braços dele, o que só serviu para que me apertasse mais contra a parede e bufasse de frustração.

— Deixa de ser criança, eu falei aquilo para que o cara não tentasse se aproveitar de você logo no seu primeiro beijo — ele falou me olhando com ternura.

— Eu não me importo, só não queria mais ser a única garota de quinze anos do colégio que nunca beijou na boca — esbravejei. — Você sabe como me sinto sobre isso, já te falei várias vezes. É uma droga.

Ele me analisou por um momento.

— Sua única preocupação é ainda ser BV? Não porque “estraguei” sua chance com aquele babaca? — perguntou fazendo sinal de aspas com as mãos, liberando-me por um breve momento, mas acabei desistindo de tentar correr dali. Eu sabia que não conseguiria dormir se estivéssemos brigados, como aconteceu das últimas duas vezes que ficamos sem conversar por quase doze horas.

Pensei por um instante e percebi que era exatamente isso, eu nem me

importava com quem seria, apesar de ter gostado de ter a atenção de alguém, só queria poder entrar no assunto quando as garotas comentassem sobre beijos. Todas as minhas amigas ficam contando vantagem sobre os beijos que já deram e me olham com aqueles olhos de pena quando tento mudar de assunto. Sabia que a maioria das garotas queria ter o primeiro beijo com o amor da vida, mas nunca me apaixonei e não pretendia formar sendo a única garota que não sabia o que era um maldito beijo na boca quando a maioria já se aventurou até em outras áreas.

— Acho que sim — respondi meio sem jeito.

Antes que eu pudesse reagir sua boca estava em cima da minha e meu estômago virou uma cambalhota com aquele gesto repentino. Ele me pegou desprevenida, não que eu estivesse reclamando.

Não foi nada como eu esperava que seria a sensação de ser beijada. Nossas bocas pareciam não se encaixar, eu estava tensa e os meus movimentos não combinavam com os dele. Enquanto eu abria a boca, ele a fechava e nossas línguas mal se encontravam. Sua mão estava na minha cintura e eu não sabia onde colocar a minha. Tentei colocar na cintura dele também, mas pareceu uma posição estranha. Estava prestes a jogar meus braços em torno do seu pescoço, como via nos filmes, quando senti seu corpo começar a tremer. Demorei alguns segundos para perceber que ele estava rindo enquanto tentava me beijar.

Ele estava rindo do meu beijo.

Maldito seja!

Senti a raiva voltar a transbordar em questão de segundos. O empurrei para longe de mim antes de gritar.

— Vai se foder, Logan. Seu beijo é horrível!

Beijar era horrível, não sabia o que as pessoas tanto falavam disso.

— Ei, não venha pôr a culpa em mim — respondeu por entre as gargalhadas.

— Está insinuando que eu beijo mal? — perguntei me virando para ele quando já estava quase na porta do meu quarto.

— Não. — Ele sorriu com os olhos, mas sua boca continuava apenas uma linha fina. — Só estou dizendo que não tem prática ainda.

— Não se preocupe, agora posso arranjar alguém para treinar. Ninguém mais se assustará, já que não sou mais BV.

— Não seja boba, pode treinar comigo — disse me puxando para cima dele novamente. — Relaxa um pouco! Deixa rolar e pare de pensar por um momento.

E eu parei.

Ele voltou com os lábios para cima dos meus e dessa vez eu deixei

que ele me conduzisse, não tentei apressar. Sua boca encostou na minha, enquanto sua respiração fazia cócegas na minha pele. Ele me beijou apenas com os lábios por um momento, então sua língua passou pela minha boca pedindo entrada e eu a deixei passar. Nessa segunda tentativa, consegui acompanhar o ritmo dele e não pareceu tão ruim quanto o primeiro. E o terceiro foi melhor ainda. E depois que perdi as contas, fiquei triste quando nossos lábios tiveram que se separar. Pelo menos ter um melhor amigo homem serviu para alguma coisa.

Logan

Eu era um maldito desgraçado. Quase voei na garganta daquele idiota por insinuar que levaria a Mel para cama hoje e estava quase fazendo a mesma coisa. Seus dedos estavam enfiados no meio do meu cabelo enquanto eu brincava com a sua boca. Cada vez que ela apertava seu corpo contra o meu, tinha que me concentrar para não passar meus braços em volta dela e carregá-la até o quarto que estava a menos de um metro de distância daqui.

Ela nunca havia beijado até cinco minutos atrás, seu idiota! Ela é virgem e ainda não tinha nem quinze anos! Eu repetia isso na minha mente todas as vezes que algum pensamento devasso cruzava meus sentidos. Não que eu fosse muito mais velho do que ela ou tivesse muita experiência no assunto, mas o fato de ser a garota dos meus sonhos aqui nos meus braços, não ajudava em nada no meu controle.

Ela mordeu meu lábio inferior me fazendo suspirar na sua boca. Fui obrigado a me afastar. Eu não tinha autocontrole suficiente para continuar aquilo sem avançar mais nada.

Ela arregalou os olhos e mordeu o próprio lábio. Droga, ela realmente

não fazia ideia do quanto isso piorava a situação. Desviei meus olhos para acalmar meus sentidos.

— Eu te machuquei? Mordi muito forte? — perguntou preocupada.
— Desculpa.

— Não, Mel. Não é nada disso — falei tentando acalmá-la. — Acho que você pegou o jeito.

— Oba! — ela gritou e me lançou um sorriso largo. — Você foi um ótimo professor. — falou jogando os braços em meu pescoço para um abraço. Encostou os lábios no meu ouvido e sussurrou um agradecimento que fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. E antes que eu tivesse a oportunidade de responder, ela completou. — Obrigada por ser meu melhor amigo — E me deu um beijo na bochecha.

EU NÃO FIZ ISSO PORQUE QUERO CONTINUAR SENDO A PORRA DO SEU MELHOR AMIGO! Gritei na minha cabeça, mas minha boca permaneceu imóvel. Apenas sorri e acenei positivamente.

Eu estava indo embora novamente amanhã, não podia jogar uma bomba dessas para cima dela e depois sumir por mais não sei quantos meses.

Se ela dissesse que não sentia o mesmo, eu estragaria o pouco que tinha por nada. E se por um milagre ela correspondesse aos meus sentimentos, como eu poderia deixá-la? Como eu voltaria para faculdade

sabendo que ela também me amava?

Eu sabia que muita gentealaria que era muito novo para ter certeza de que ela seria a única garota. Porém, desde aquele dia quando eu tinha oito anos e ela admitiu gostar de skate, o que na minha cabeça era algo exclusivo para meninos, eu deixei de odiar as garotas e passei a amá-las. Principalmente aquela garota com o sorriso com um dente faltando e sempre com uma resposta esperta na ponta da língua. Eu era muito novo, mas até hoje ela era a única garota que atormentava meus pensamentos.

Então me despedi. Ela sorriu e me abraçou.

Não teve outro beijo.

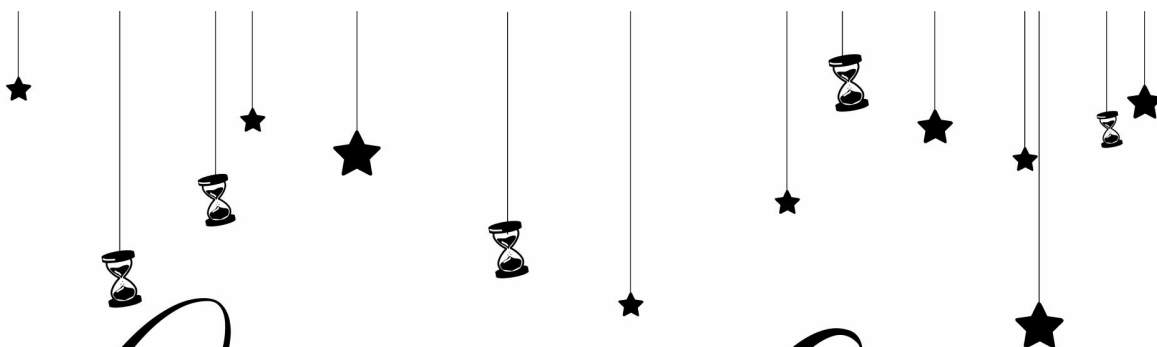
Eu ainda podia sentir o gosto de Tictac de laranja da sua boca, ela não vive sem um pacote destes, e agora esse era o meu gosto preferido.

Eu queria poder sentir seu gosto sem nada, puro. Devia ser melhor que qualquer outro, mas não poderia fazer isso, não agora.

Só acenei de volta e fui embora.

Ela nunca mais falou sobre esse beijo.

Eu voltei a ser seu melhor amigo. Só melhor amigo.



Capítulo 4

Giovana

As horas passaram tão devagar durante a manhã que eu jurava que poderia morrer de tédio durante as aulas. Odiava esses primeiros dias que os professores só enrolavam ao invés de já começar dando a matéria.

Saí da aula ao último sinal e fui até a sala do Alexandre devolver a pasta de estágio. Ele pediu para que eu sentasse por um momento para conversarmos sobre quais seriam minhas obrigações dali em diante.

— Então, Giovana, você pode começar amanhã?

— Claro, poderia até hoje — respondi animada.

— Não é necessário. — Ele sorriu. — Seu horário será de uma as seis.

E sempre que tiver palestras ou congressos você está liberada para ir. Tem alguma dúvida?

— Por enquanto não, mas se surgir alguma eu te aviso.

— Então é só isso, te vejo amanhã.

Despedi-me dele e fui encontrar a Cami em frente ao carro.

Ela já estava me esperando, conversando com um homem alto, ombros largos e a pele escura, alguns tons mais escuros do que a minha. Conforme fui me aproximando percebi que ele era bem bonito e me parecia familiar, mas não consegui me lembrar de onde.

A Camila sorria e passava a mão pelos cabelos. Ela estava obviamente dando mole e o cara estava fazendo bom proveito da atenção.

Cheguei mais perto e sorri para os dois.

— Oi — falei.

— Gi — Camila falou saindo do transe. — Esse é o Bruno. Ele mora no nosso prédio.

Agora estava explicado porque ele me parece familiar.

— Oi Bruno, acho que já te vi por lá.

— Já trombamos algumas vezes — ele respondeu com aquele tipo de sorriso que toca os olhos, fazendo com que esses fiquem apenas como uma

fininha.

— Ele viu meu recado no mural procurando por um novo guitarrista para a banda. E acho que acabamos de encontrar quem estávamos procurando.

Camila tinha uma banda de Rock desde a época do colégio, foi seu primeiro ato de “rebeldia” após se reinventar, mas recentemente ela perdeu quase todos os seus integrantes por “não terem mais tempo para brincar de músicos”. O que foi uma afronta para ela, pois minha amiga nunca tratou isso como uma brincadeira. Agora colocou na cabeça que ia remontar a banda e fazer muito sucesso só para esfregar na cara de todos que a deixaram na mão. Inclusive seus pais que nunca concordaram com isso.

— Isso é ótimo, Cami — respondi. — Espero que você seja um guitarrista excepcional, não aguento mais audições — completei me dirigindo ao Bruno.

— Então nos encontramos lá em casa daqui a pouco — Camila falou e nos dirigimos para o carro.

Assim que entramos senti meu nariz começar a coçar. Provavelmente não deveria ter deixado o carro fechado com esse buquê dentro nesse calor, mas eu seria uma péssima pessoa se o tivesse jogado fora. Então, encarei o carro do jeito que estava. Quando chegamos em casa, meus olhos estavam

coçando e eu parecia ser o Rudolf, aquela rena do Papai Noel que tinha o nariz vermelho.

— Que gesto fofo... — Cami murmurou saindo do carro e rindo da minha cara.

Peguei o buquê e carreguei para dentro do apartamento, colocando-o em uma jarra no canto mais distante da sala.

Passei o resto da tarde vendo a Cami flertar com o mais novo integrante da banda, que era incrível. Não sabia por que nossos caminhos não haviam se cruzado antes, teria me poupado várias dores de cabeças que tive com os péssimos músicos que passaram por aqui.

Meu celular vibrou na minha mão avisando que eu havia recebido um novo e-mail. Fui até o computador para abrir. Não gostava de responder e-mails pelo celular, o corretor me odiava. No ano passado, durante uma troca de e-mails com o Alexandre, eu estava meio cansada e não reli antes de enviar, só fui reparar que havia algo errado quando ele enviou uma resposta pedindo que “desse uma olhada” no que havia escrito. E o texto estava assim:

“Boa tarde, Alexandre. Como boceta? (...)”.

Obviamente eu queria sumir do mapa, eu havia digitado “como você está?” e o corretor arruinou a minha vida.

Quem programou esse sistema de correção nos celulares sem sombra

de dúvidas fez propositalmente para fazer as pessoas passarem vergonha, pois era a única explicação razoável para trocar “você está” por “boceta”. Pedi milhões de desculpas, evidentemente, mas até hoje meu rosto queima toda vez que me lembro.

Abri meu e-mail e vi que era do professor Adrian Scott, a oitava maravilha do mundo, de acordo com a Cami, mas pelo jeito que ela estava flertando com o guitarrista na nossa sala tinha certeza de que já havia trocado a paixonite do dia.

De: Adrian Scott

Para: Giovana Rabello

Re: PARE DE ENVIAR E-MAILS!

Eu também te amo e sei que você está preocupada com o que pode acontecer a partir de agora, mas neste momento eu preciso muito me concentrar. Tenho uma lista de e-mails enorme para enviar e não consigo fazer isso com os seus chegando a cada dois minutos. Conversamos mais tarde.

Fiquei encarando a tela do notebook. Relendo aquelas palavras. Eu obviamente não era a destinatária desse e-mail. Isso acabava de ficar muito constrangedor. Parecia que o Deus grego estava tendo problemas no paraíso,

ou melhor, no Olimpo.

Cami parou atrás de mim lendo o e-mail aberto na tela e começou a gargalhar.

— Meu Deus, ele te ama, mas eu quero que ele me ame. — Ela fez beicinho.

Eu coloquei o computador na bancada da cozinha e fui procurar algo para comer.

— Estou com vergonha de responder — admiti. — Será que devo informá-lo que enviou para pessoa errada ou deixo quieto e finjo que nunca recebi?

— Deixe que eu responda por você.

Eu neguei com a cabeça e continuei vasculhando a geladeira.

— Cadê o bonitão do Bruno?

— Foi embora, vamos fazer um ensaio com a banda completa mais tarde. Ele é bonitão mesmo, não é?

Acenei concordando, peguei uma maçã e voltei para o lado da Cami. Quase mordi a língua quando vi que ela havia acabado de apertar o enter, enviando em meu nome um e-mail que eu não tinha permitido.

— O que você acabou de fazer? — perguntei quase gritando, com o

pânico tomando todo o meu corpo.

Abri o e-mail para ler o que ela havia acabado de enviar.

De: Giovana Rabello

Para: Adrian Scott

Re: Pessoa errada...

Não nos conhecemos pessoalmente, ainda, mas fico lisonjeada por já me amar. Espero ansiosa pela conversa mais tarde.

— Eu vou te matar. Eu juro que vou te matar.

Cobri meu rosto com as mãos enquanto meu coração acelerava no peito. Eu não estava acreditando que ela fez isso. Como iria olhar na cara desse professor agora? Precisaria trancar a faculdade por pelo menos vinte semestres para me recuperar dessa vergonha.

— Relaxa, é só falar que deixou o e-mail aberto e uma louca que mora com você respondeu. Ele nunca vai saber que moramos juntas mesmo — ela falou dando de ombros e indo para o quarto, deixando-me com aquela enorme confusão para resolver.

Eu a xinguei silenciosamente e levei o notebook para o meu quarto.

Assim que sentei na cama com ele no colo a janela no bate-papo do e-mail subiu, era ele, o professor. Minhas mãos tremeram sem saber o que fazer.

Adrian Scott:

Boa tarde, Giovana.

Gostaria de me desculpar pelo e-mail.

Estava com duas abas abertas e acabei trocando as correspondências. Só percebi quando já era tarde demais para corrigir o erro.

Ou ele não recebeu meu e-mail ou está fingindo que não recebeu. Eu esperava que fosse a primeira opção, mas não ligaria caso fosse a segunda.

Eu:

Não tem problema. Isso acontece.

Adrian Scott:

Agradeço pela compreensão.

Quanto a sua resposta, eu sei que foi uma brincadeira, porém é melhor que não se repita. Sou professor da faculdade e você uma aluna. Se isso cair em mãos erradas, podemos ter problemas. Não sou contra brincadeiras, mas

limite tem que ser imposto neste caso.

Não aconteceu o que eu queria. Nenhuma das opções. Ele viu e falou sobre isso.

Eu:

Mil perdões pela brincadeira de mal gosto. Eu sei que vai parecer uma desculpa esfarrapada, mas eu havia deixado meu notebook aberto e minha companheira de apartamento respondeu sem que eu visse.

Prometo que não irá se repetir.

Adrian Scott:

Realmente parece uma desculpa, mas sou obrigado a acreditar para o bem de um relacionamento Professor/Aluna mais saudável.

Eu:

Eu sei que é difícil, mas obrigada.

Tenho que admitir que estou quase feliz pelo senhor não me dar aula.

Eu não saberia como entrar em sua sala depois dessa.

Adrian Scott:

Eu não ficaria tão feliz. Seu e-mail estava aberto aqui por um motivo.

Estou selecionando alunos que tenham interesse em desenvolver um projeto de Marketing. Seu nome foi citado por vários professores.

Estava prestes a te convidar para uma reunião na próxima quinta para discutirmos as possibilidades.

Eu:

E eu estraguei tudo?

Por favor, diga que não.

Adrian Scott:

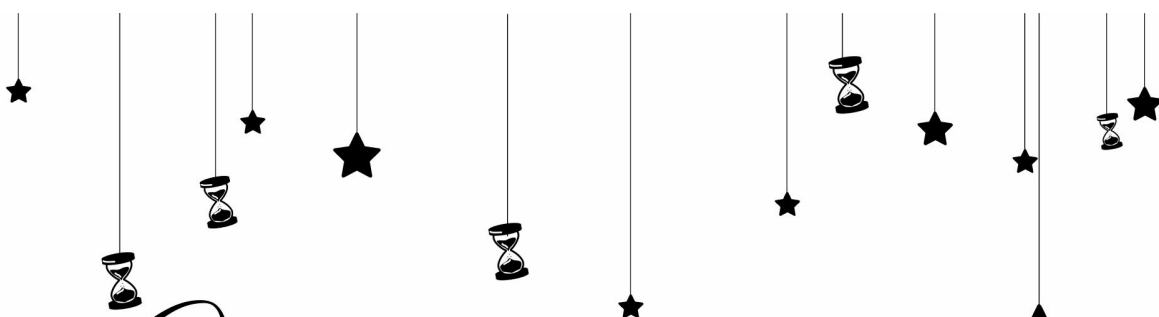
Não se preocupe. Essa indiscrição não sairá daqui.

Mandarei todos os detalhes por e-mail.

Eu:

Muito obrigada! Até quinta-feira.

Joguei-me de costas na cama e encarei o teto com aquelas estrelas que coleí na minha primeira noite aqui e que ajudam a me acalmar para dormir. Fechei os olhos e desejei que desse certo, eu precisava que isso desse certo para que todo o resto continuasse no mesmo caminho. Eu ainda tinha um dinheiro guardado, mas ele não duraria para sempre. Pelo menos agora com o estágio já terei uma renda extra.



Capítulo 5

Melissa

Um segundo ao seu lado me faz mais feliz do que todas as horas ao lado de qualquer outra pessoa. É uma pena que esse segundo insista em passar tão rápido, logo quando eu desejava que passasse bem devagarzinho.



— Você é a melhor mãe do mundo! — gritei pulando no pescoço dela. — Eu te amo. Obrigada!

Ela riu.

— Nós duas vamos cair no chão se você não me soltar, Mel.

A libertei do meu abraço de urso e encarei aquela passagem que ela tinha acabado de me entregar.

Já faz quase dois anos que o Logan não volta para casa. A última vez foi quando ele me surpreendeu com aquele beijo, que fui obrigada a esquecer para o bem da nossa amizade. Por mais que eu tenha ficado meses fissurada, uma hora eu tive que me obrigar a pensar em outra coisa. Eu não poderia ter me apaixonado pelo meu melhor amigo por causa de um beijo. Quem se apaixona depois do primeiro beijo?

Bem, eu quase fui essa pessoa. *Quase!*

Conversávamos todos os dias, só que não era a mesma coisa que ter ele comigo ao vivo e a cores. Não podíamos nos abraçar para nos consolar quando alguma merda acontecia, nem ver a expressão do outro quando contávamos alguma novidade, mas para mim o pior de tudo era não poder ter aquela conversa silenciosa que sempre tivemos. Sabe aquela conversa que só de olhar para os olhos um do outro já se desenvolvia todo um diálogo na cabeça? Então, essa conversa. Ele era o único que entendia meus olhares.

E agora eu estava prestes a vê-lo, daqui a dois dias. Quarenta e oito horas.

Eu estava pulando e cantando de alegria. Minha mãe era a melhor do mundo.

Minha mãe me observava com aquele sorriso bobo no rosto por eu ter gostado tanto do meu presente de dezessete anos.

Meu aniversário mesmo era só daqui a alguns meses, mas ela me deu o presente antecipado para conciliar com as férias de janeiro do Logan. Por conta do estágio que havia conseguido no início do terceiro período, ele nunca tinha tempo para vir aqui, as férias do estágio nunca eram na mesma época das férias da faculdade, o que tornava quase impossível a viagem.

Além disso, sabia que esse presente também vinha carregado com um pedido de desculpas. Há três meses ficamos sabendo que meu pai foi morto em uma tentativa de assalto. Apesar de só ter tido contato com ele por telefone desde que saímos de Curitiba para morar no interior de Minas Gerais, nossa relação nunca mudou, e doeu para caramba a perda dele. Na época briguei muito com a minha mãe por ter me tirado dele, até joguei na cara aquela conversa deles que me atormentava desde os seis anos de idade, mas depois de ver como ela ficou triste por sua morte, arrependi-me das coisas que falei. Eu nunca entendi porque nos mudamos e o deixamos pra trás. Seu sorriso ficava fácil quando conversava com meu pai por telefone, ela chorou por dias quando ele pediu o divórcio e disse que tinha conhecido uma pessoa. Mesmo depois de tudo isso, ela nunca arrumou outra pessoa.

Dei outro beijo nela e a agradei novamente antes de ir para o meu quarto.

Peguei o telefone e disquei aquele mesmo número que discava todo dia.

— Oi, Mel.

— Lo, por que não me contou nada? — perguntei quase gritando ao telefone.

— Não te contei o quê?

— Sobre a passagem, dã.

— Que passagem?

— A passagem que minha mãe me deu para ir te visitar, caramba.

— O quê? — Agora foi ele que quase gritou ao telefone.

Ele murmurou um pedido de desculpas. Alguém deveria ter se assustado com seu grito.

— Eu estou indo te ver.

— Quando? — perguntou empolgado.

— Depois de amanhã!

— Isso é ótimo, Mel.

— Como está o tempo aí? O que eu preciso levar? — perguntei

empolgada.

— Bem frio, pode trazer muitos casacos e cobertores.

— Tenho certeza de que o hotel cinco estrelas que minha mãe está pagando deve ter cobertores de sobra. Você vai dormir lá comigo.

— Você poderia ao menos me convidar para um jantar antes de querer me levar para a cama. — Ele riu brincalhão do outro lado.

Eu sabia que tinha sido uma brincadeira, mas meu coração deu uma leve palpitada com a possibilidade e tive que lembrar novamente que ele era SÓ meu melhor amigo.

— Mel? — ele chamou quando demorei para responder. — Foi uma brincadeira.

— Eu sei — respondi rindo um pouco forçado. — Bem que você gostaria que isso fosse um convite para entrar no meio das minhas pernas.

Ele riu novamente. Nunca me canso de escutar essa risada.

— Vou começar a arrumar minha mala.

— Não vejo a hora de te ver.

— Nem eu. Até depois de amanhã, Wolverine!

Desde que assistimos x-men juntos e descobrimos que um dos personagens mais incríveis também se chamava Logan, meu melhor amigo

ganhou um novo apelido.

— Tchau, Melzinha.

Desliguei o telefone e me joguei de costas na cama. Ficaria tudo tão mais fácil se ele não fizesse essas brincadeiras como se estivesse flertando comigo todas as vezes que nos falamos.



Ele ainda não havia me visto. Estava parado em frente à área de desembarque segurando uma plaquinha com meu nome nas mãos. Na verdade, não tinha meu nome, estava escrito “Mel-lequenta”. Ele adorava fazer brincadeirinha com meu nome. Estava vestindo a jaqueta preta que eu o havia enviado no último natal, uma calça desgastada e um tênis azul marinho, que batia no chão impaciente. Ele odiava esperar. Seu cabelo escuro estava um pouco mais comprido do que da última vez que nos encontramos e, apesar de estar com gel e bem penteado, alguns fios insistiam em se rebelar, o que dava um certo ar rebelde no visual dele.

Todos que passavam ficavam olhando para aquela placa como se ela tivesse algum problema, mas para mim o único problema era eu achar fofa

uma placa tão idiota. Pensem comigo, ele teve todo o trabalho de fazer, outra pessoa nem perderia tempo.

Algumas pessoas saíram da minha frente e finalmente o Logan me viu. Um sorriso instantaneamente brilhou em seu rosto. Quando ele sorri assim eu podia jurar que ele também estava apaixonado por mim. *Também não, porque eu não estava. Podia jurar que ele estava apaixonado por mim. Isso.*

Logan veio andando em minha direção ao mesmo tempo em que vou na dele. Quando começamos a nos aproximar ambos aceleramos o passo. Em algum ponto eu havia largado minha mala e ele jogado a plaquinha no chão. Agora minhas mãos estavam livres e meu braço apertava forte seu pescoço enquanto ele me esmagava em seu abraço, tirando-me do chão.

Ele afundou o rosto no meu cabelo e sussurrou que sentiu falta disso.

— Eu também — respondi.

O cheiro dele se infiltrava no meu nariz. Eu não me lembrava dele cheirar tão bem assim. Eu poderia viver nesse abraço com esse cheiro incrível.

— Ei — ele gritou no meu ouvido, assustando-me, e começou a me soltar. — Deixe essa mala aí — continuou.

Quando me virei para ver com quem ele estava falando, um homem

vestido com um uniforme de segurança estava com a mão na minha mala.

— Essa mala é minha — falei indo na direção dele.

— Desculpe, Senhorita. Achei que fosse mais uma mala perdida. Você não imagina com que frequência isso acontece — ele respondeu tirando a mão da mala.

— Sem problemas, mas esta não está perdida.

— Tudo bem, desculpe-me novamente. — Ele se virou e sumiu no meio da multidão.

Quando voltei meu olhar para o Logan, ele estava se dobrando de rir.

— Por que diabos você está rindo?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Fala, caramba.

— Você mal chegou aqui e já está arrumando confusão. Imagine como será este final de semana.

Ele pegou a mala da minha mão, eu peguei a plaquinha no chão e começamos a caminhar em direção a saída do aeroporto.

— Falando assim parece que eu sou o furacão em pessoa.

— Você é um furacão, Mel, só não se deu conta disso ainda.

Eu não entendi o que ele queria dizer com isso, mas concordei como

se tivesse entendido.

Ficamos quase uma hora e meia presos no engarrafamento para chegar ao hotel. Eu não serviria para ser motorista aqui em São Paulo, esse trânsito me deixaria louca.

Logan falou que conseguiu uma folga amanhã e não precisaria ir trabalhar, então o teria para mim durante todo sábado e domingo.

O hotel era maravilhoso, todo em mármore creme, vidro e detalhes dourados. Eu estava me sentindo em um filme de Hollywood. Quando paramos na porta, um cara com um uniforme veio pegar minhas malas para levá-las ao quarto. Cada centímetro do hotel era impecável, até as pessoas que estavam lá eram lindas. Todas vestidas como se estivessem indo para a premiação do Oscar.

Olhei para baixo analisando meu all star surrado, minha calça jeans rasgada no joelho e o moletom cinza do Mickey maior do que deveria ser. O que poderia fazer se moletons mais largos eram os melhores? Sempre comprava moletons no modelo masculino. Este era do Logan, roubei dele há alguns anos. Já o usei tanto que ele nem devia se lembrar de que um dia já foi dele.

Achava que teria que usar as roupas mais chiques que havia trazido só para sair do quarto e ir tomar café.

— Do que você está rindo sozinha? — Logan perguntou do meu lado, fazendo-me dar conta de que realmente estava rindo sozinha com meus pensamentos.

— Não é nada — comentei com vergonha, não queria admitir que estava malvestida para ele me comparar com todas as outras pessoas aqui.

— Qual é, Mel, fala para mim a piada.

— Eu não vou te falar — respondi fazendo uma careta para ele.

— Se você não me falar agora, eu juro que farei você se arrepender dessa decisão — ele falou balançando as mãos no ar. Eu sabia exatamente o que aquilo significava. Cócegas, a pior tortura já inventada.

Como eu sabia que ele não fazia ameaças em vão, resolvi dobrar meu orgulho e soltar a língua.

— Você reparou como as pessoas aqui andam bem vestidas, maquiadas e lindas? Vou ter que me esforçar este final de semana se eu quiser parecer alguém normal por aqui.

Ele não olhou em volta, como eu imaginei que faria, na verdade o único lugar pelo qual seus olhos viajaram foi pelo meu corpo, causando uma pequena queimação nos lugares onde seu olhar se demorava mais. Quase perguntei se ele tinha trocado de x-men e virado o ciclope, pois era a única explicação para ele fazer meu sangue ferver só com o olhar, o Wolverine não

tinha esse poder. O problema era que questionar algo assim provavelmente geraria perguntas que eu não estava a fim de responder.

— Você não tem ideia do quanto é linda sem fazer esforço, né? — Ele deu aquele sorriso largo. — Enquanto todas essas pessoas se esforçam com roupas de grife e quilos de maquiagem, você consegue até quando acorda de manhã toda descabelada.

Ele não podia dizer coisas como essas, sorrir desse jeito e querer que eu fingisse que isso não me balançava. Então resolvi responder brincando para desfazer a tensão que começava a tomar conta de mim.

— Você diz isso só porque nunca me viu levantando de manhã.

— Vou tirar minha prova amanhã, já que alguém me convidou para dormir aqui.

— Como está indo a faculdade? — perguntei querendo mudar de assunto.

— Último ano.

— E depois?

— Quero um mestrado fora daqui. Talvez uma MBA em Harvard — falou brincalhão. — Um doutorado na NASA.

— Não duvido nada que você consiga.

— Não exagera, Mel.

— Você não tem ideia do quanto é inteligente sem fazer nenhum esforço, né? — tentei imitar o tom de voz dele. — Enquanto todas as pessoas aqui se matam de estudar para tentar passar em um vestibular, você já nasceu com o Q.I. maior que o de Einstein. Se já não bastasse o colégio, você está concluindo a faculdade antes do tempo também.

Ele gargalhou. Anotei mentalmente que precisava fazer com que ele soltasse mais gargalhadas como esta antes de ir embora.

— Claro, Melzinha.

Lindo, inteligente e interessante. A vida era mesmo muito injusta com algumas pessoas.

Fizemos o check-in e subimos para o quarto, que parecia saído de um palácio, tudo decorado com o maior bom gosto. Joguei-me na cama enorme, finalmente sentindo o cansaço da viagem.

— Mel — Logan chamou.

— Oi?

Levantei minha cabeça para olhá-lo.

— Eu preciso ir em casa trocar de roupa. Você quer ir comigo ou quer ficar aqui e eu te pego daqui a mais ou menos duas horas?

Queria muito conhecer a casa que ele dividia com vários meninos, mas precisava de um banho e uma meia hora de cochilo caso pretendesse sair à noite. Então o dispensei, liguei para a minha mãe para avisar que correu tudo certo com a viagem e programei o celular para despertar em meia hora.

A meia hora passou e eu não consegui pregar os olhos nem por um segundo, apesar do cansaço, estava ansiosa demais para conseguir dormir.

Desisti de tentar e fui tomar um banho.

Abri a mala para escolher a roupa, não tinha ideia de como era a boate que o Logan me levaria. Pesquisei na internet para ver as fotos das meninas que frequentavam e tentar me arrumar de acordo.

Acabei optando por um vestido tubinho preto, bota de cano longo, um sobretudo de casimira e um lenço para ajudar a proteger do frio.

Para maquiagem decidi não arriscar muito, fiz um delineado gatinho e passei um batom vermelho matte. E o cabelo, eu apenas ajeitei os cachos negros com um modelador. Simples e eficaz.

Estava conferindo tudo no espelho quando ele chegou.

Abri a porta e o queixo do Logan caiu quando me viu. Eu sorri, era bom impressionar alguém assim, ainda mais quando tinha tanto tempo que ele não me via arrumada, mas, apesar da reação visivelmente positiva, ele não comentou nada. Como sempre.

— Vamos? — perguntou estendendo o braço para mim.

— Só preciso pegar minha bolsa.

Corri para dentro do quarto e a peguei antes de aceitar seu braço.

Jantamos no restaurante do hotel e dei graças a Deus por ter me arrumado, as pessoas aqui estavam mais chiques ainda do que no lobby, se é que isso era possível.

Acabamos nos distraindo enquanto conversávamos e quando fomos para a boate já era quase meia noite. Se minha mãe estivesse aqui, nunca me deixaria sair esse horário. Que bom que ela não estava.

Chegamos à porta e ele me puxou para um canto antes de entrarmos na fila. Tirou alguma coisa do bolso e estendeu para mim.

— Isto é para você.

Analisei o que ele estava me dando.

— Você fez uma identidade falsa para mim? — perguntei sorrindo.

— Fala mais alto, acho que o segurança não escutou — ele respondeu. — Isto é uma boate, Melissa, precisa ser maior de idade.

Eu sorri e peguei a identidade da mão dele.

— Só lembrar que nasceu em 1990 e não em 1992. O resto está tudo igual.

Entramos na fila e apesar do nervosismo conseguimos entrar sem maiores problemas.

Fui até o bar com o Logan e pedi uma caipirinha, ele me olhou torto e balançou a cabeça.

— Você nunca bebeu, Mel.

— Tem a primeira vez para tudo.

— E a primeira vez tem que ser quando sua mãe confiou em mim para te vigiar?

— Eu não preciso de uma babá, Logan, preciso do meu melhor amigo — respondi seca. Não o queria me tratando como uma criança logo no meu primeiro dia de “liberdade”.

— Eu sou seu melhor amigo e por isso mesmo não quero que você beba.

— Não, você está sendo a porra de um chato.

Minha caipirinha chegou, eu a peguei e virei as costas para ele, indo para o meio da pista. Não ligava de estar sozinha, eu amava dançar e não precisava de ninguém para fazer isso comigo.

Coloquei o canudo na boca e bebi a caipirinha, imediatamente uma careta retorceu meu rosto, achava que o gosto disso seria melhor, tantas pessoas dizem amar.

— Oi — um cara alto e musculoso com cabelo escuro no estilo Justin Bieber no início de carreira falou dançando na minha frente.

— Oi.

— Você sabia que é a menina mais gata por aqui — ele falou sorrindo, mostrando todos os dentes perfeitamente alinhados.

Não estava acostumada a receber elogios assim, por isso demorei alguns segundos para perceber que eu deveria responder.

— Obrigada, eu acho — respondi sem graça.

— Qual o seu nome?

— Luciana — menti.

Não sabia por que havia mentido, mas não queria dizer meu nome verdadeiro.

— Prazer, Luciana, eu sou Flávio.

— Prazer.

— Você é daqui, Luciana? — ele perguntou.

Neguei com a cabeça enquanto tomava o último gole da caipirinha. O gosto podia não ser tão bom, mas eu estava começando a entender o porquê de as pessoas gostarem tanto.

— Isso explica o sotaque diferente.

— Posso te pagar outra dessa? — ele perguntou apontando para o copo na minha mão.

— Claro — respondi sorrindo. Se podia ganhar, para que gastar?

Voltamos até o bar e percebi que o Logan estava conversando com uma morena com o cabelo escorrido até a bunda. Não sabia explicar por que um ódio descomunal tomou conta de mim, eu queria ir até lá e arrancar aquela mulher para longe dele, mas tive que me obrigar a permanecer no lugar, pois eu sabia que não tinha o direito de fazer aquilo.

Flávio estendeu a bebida para mim e eu a peguei, mas não voltamos para a pista de dança, ficamos ali conversando. Logan não estava mais conversando com a morena, estava sozinho no bar, olhando fixamente para mim, enquanto eu me esforçava para parecer que não estava ligando para os seus olhares. A verdade era que o peso deles me incomodavam tanto que eu mal estava prestando atenção na história sobre como o Flávio ganhou seu primeiro carro, ou cachorro, não sabia bem, apenas concordava com a cabeça e dava alguns sorrisos de vez em quando.

De repente, ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para cima dele. Eu estava prestes a me afastar quando nós dois caímos no chão. Olhei em volta para saber o que estava acontecendo, foi quando me dei conta de que Logan tinha o empurrado, provavelmente tentando afastá-lo de

mim.

— Ei — gritei. — Por que você fez isso? — perguntei enquanto ele me levantava de cima do Flávio.

— Você ficou maluco, cara? — Flávio gritou também se levantando e avançando para cima do Logan.

Eu entrei na frente dele, impedindo-o de chegar mais perto do Logan. Ninguém tinha o direito de bater ou gritar com ele a não ser eu e a mãe dele.

— Desculpa, Flávio, ele é meu irmão super protetor — menti novamente.

Ele olhou para o Logan, depois para mim. Provavelmente percebendo que não tínhamos semelhança nenhuma. Ele era branco, eu era negra, ele tinha cabelos lisos e eu muitos cachos. Se ele notou que era uma mentira deslavada, preferiu não falar.

— Eu também seria se tivesse uma irmã dessas — comentou e riu.

— Me desculpe mesmo. Acho melhor eu ir.

— Espera. Me passa seu telefone pelo menos — pediu segurando minha mão.

Eu falei o número e me virei para sair dali com o Logan.

— O que deu em você? — perguntei quando já estávamos longe o

suficiente. — Depois sou eu quem precisa de babá.

— Obviamente você precisa. Aquele cara tem idade para ser seu avô. Além de ter bebido do copo que ele te ofereceu sem nem prestar atenção se ele havia colocado alguma coisa.

— Não exagera — comentei revirando os olhos. — Ele não deve ser muito mais velho que você. E olha bem pra cara dele, não acho que colocaria nada na bebida de alguém.

— Como se pessoas ruins tivessem alguma característica que as diferenciasssem das demais. Não é sempre que vou estar vigiando para você, então não faça mais isso, não aceite bebidas de estranhos.

— Ok, mãe! — respondi sem muito saco para sermão depois de um copo e meio de bebida.

Ele cerrou os olhos para a minha resposta, mas percebeu que não era uma boa hora para chamar minha atenção.

— Eu só te perdoo porque aquele número que você passou não está nem perto de ser o seu — ele comentou e gargalhamos juntos.

Podia estar levemente alterada, mas nunca passaria o número do meu celular para um cara que acabara de conhecer.

Sentamo-nos em uma mesa ao lado do bar.

— Eu meio que gostei de ver você me protegendo — comentei

sorrindo.

— Você sabe que não deixaria ninguém aqui encostar o dedo em você.

— A pessoa que eu quero que me encoste é a única que eu tenho certeza de que não vai fazer isso mesmo — rebati cobrindo minha boca assim que as palavras saíram. *Droga*. O álcool estava começando a fazer efeito.

Ele me olhou confuso.

— O que você quer dizer com isso?

Eu estava prestes a responder quando uma mulher loira e a morena que o Logan estava conversando mais cedo no bar apareceram.

— E aí, pensou na minha proposta? — perguntou a morena colocando a mão no braço dele.

Piriquete, atirada, vagaba. Tira a mão dele!

— Eu já te falei que não vai rolar hoje, Lud — ele respondeu.

Hoje! Ele não falou que não iria rolar nunca, não iria rolar hoje, porque hoje a empata foda da melhor amiga estava na cidade.

Ela lançou um olhar feio para mim, tirou um guardanapo da bolsa e colocou no bolso da frente da calça do Logan. Ele se afastou um pouco, mas ela não desistiu enquanto não estivesse com a mão no bolso dele.

— Caso mude de ideia. Eu e a Sah estaremos lá em casa te esperando — ela comentou e saiu de perto rebolando, junto com a amiga pendurada no seu braço.

Que tipo de nome era Sah e Lud? Quem se chamava assim?

Ai meu Deus! Eu estava com ciúmes dele. Estava implicando até com o nome das mulheres. PARA AGORA, CÉREBRO!

Pedi mais uma caipirinha no bar e não comentei nada sobre o que tinha acabado de acontecer. Eu não queria imaginar essa proposta para um ménage à trois por duas garotas maravilhosas.

O que eu estava achando? Que eu era a única garota por aqui que achava o Logan tudo de bom? Espera, eu achava isso? Não. Claro que não. Eu achava que ele era tudo de bom como meu melhor amigo.

— Mel — ele me chamou, arrancando-me dos meus pensamentos.

— Oi? — perguntei sem olhá-lo.

— Por que você está com essa cara?

— Eu não estou com cara nenhuma.

Ou Estava?

— Claro que está.

— Deve ser cansaço — menti pela terceira vez na noite.

O que mais eu iria falar? Que foi pelo meu melhor amigo, por quem eu achava que estava apaixonada, ter acabado de mostrar o quanto as meninas o adoravam e eu não era nem de longe uma das melhores candidatas?

Merda. Eu não achava isso. Eu não achava isso. Eu não estava apaixonada por ele.

— Você quer ir embora? — ele perguntou.

Aceitei logo depois de beber a quarta caipirinha. Não queria correr o risco de ver mais garotas gostosonas como aquelas duas virem fazer propostas indecentes para ele.

Pegamos um táxi para o hotel e fomos até o quarto em total silêncio, ele provavelmente estava pensando na proposta maravilhosa que estava perdendo.

Vesti meu pijama e me deitei na cama.

— Eu não trouxe pijama — Logan falou.

— Acho que minhas roupas não vão te servir — retruquei mal-humorada.

Eu sabia onde isso ia chegar.

— Esta hora eu consigo ir para casa e voltar em menos de meia hora.

Eu sentei na cama e gritei.

— Claro, porque você está louco para ir para casa pegar o pijama, porque você nunca dormiu só de cueca. — Ele estava obviamente tentando arrumar uma desculpa para dar uma fugidinha e isso fazia meu sangue ferver. — Você não precisa mentir para mim, eu sou sua melhor amiga. Todo cara sonha com um ménage, pode ir aproveitar sua proposta irrecusável.

— Do que você está falando, Mel? — ele perguntou com a sobrancelha erguida. — Você está achando que eu quero encontrar aquelas duas lá da boate?

— Não precisa fingir que essa não é a sua intenção.

Ele sorriu. Filho da puta!

— Você está com ciúmes de mim?

— Por que diabos eu teria ciúmes de você? — perguntei como se fosse ridículo ele imaginar isso. Mesmo sabendo que não tinha nada de ridículo nisso.

— Porque você está apaixonada por mim — ele falou sério.

Meu corpo tremeu de medo da verdade e o álcool no sistema me fez gargalhar. Eu estava apaixonada por ele e ele sabia disso. Eu o odiava por me fazer sentir isso e não corresponder. Odiava-o mais ainda por me forçar a enterrar isso no fundo da minha alma quando o culpado de tudo era ele. Foi ele quem me beijou e fez tudo embaralhar na minha cabeça. Foi ele quem fez

meu coração palpar e meu estômago revirar. Ele era o culpado por eu sentir isso.

— Você só pode ter ficado louco — falei com a voz trêmula.

— Fiquei? — ele perguntou andando na minha direção e eu preendi minha respiração temendo fazer qualquer movimento brusco.

Ele parou do lado da cama.

— Então, somos só melhores amigos, você não se importa que eu durma do seu lado só de cueca, não é? — Ele fez questão de enfatizar o “só”.

Eu balancei a cabeça em negativa.

Então ele puxou a blusa por sobre a cabeça, deixando à mostra aquele abdômen que, apesar de magro, já apresentava alguns gominhos lindos. Eu desviei o olhar.

— Melissa — ele chamou. — Olha para mim. Por que está desviando o olhar?

— Eu só-só que-queria te dar pri-privacidade — gaguejei.

— Eu não ligo — ele falou dando de ombros e abrindo o zíper da calça. — Você já me viu milhões de vezes assim.

Já vi milhões de vezes mesmo, numa época em que meu corpo não tinha reações estranhas por te ver assim, seu idiota. Queria gritar para ele,

mas me contive em gritar só na minha cabeça.

Desceu a calça pelas pernas ficando apenas com uma cueca box cinza. Eu me esforcei para manter meu olhar na parte de cima do seu corpo.

Então, ele se afastou novamente e apagou a luz do quarto, deixando só o abajur aceso e deitou ao meu lado.

Meu coração batia descompassado e minha respiração estava ofegante, tentei agir como se não houvesse nada errado, virei de costas para ele fingindo que ia dormir. Como se eu conseguisse fazer isso agora com ele ali do lado.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Quando achei que ele já havia dormido, virei-me para olhá-lo, mas seus olhos ainda estavam bem abertos me encarando.

— Sem sono? — perguntou com um sorriso totalmente desnecessário.

Meus pensamentos estavam tão anestesiados pelo álcool que eu não conseguia raciocinar direito sobre o porquê de não poder tocá-lo.

Então estiquei meu braço e coloquei a mão no seu peito.

Seus olhos acompanharam o movimento.

— O que você está fazendo, Mel? — perguntou com uma voz rouca.

— Só quero te tocar.

Ele assentiu e estendeu o braço também colocando a mão sobre a minha cintura.

Eu me aproximei mais, até meu corpo estar o mais próximo possível do dele.

Uma voz no meu subconsciente gritava “*Que merda você pensa que está fazendo?*”, mas eu não conseguia prestar muita atenção no porquê disso com as mãos dele em mim.

Deixei nosso rosto a centímetros de distância, livre para ele dar o próximo passo.

Ele passou os dedos de leve pela minha bochecha, parando na minha boca, desenhando com o dedo meu lábio inferior. Ele ia me beijar, podia ver em seus olhos o desejo, o quanto ele queria isso. Estava sofrendo de antecipação, precisava daqueles lábios nos meus, precisava senti-los novamente.

— Eu não vou te beijar, Mel — ele sussurrou.

Ouvi meu coração quebrar, como um copo que caiu no chão, foi alto e doloroso.

Por que não? Eu queria perguntar, mas optei por enfatizar o quanto eu queria.

— Mas eu quero — sussurrei de volta. Tentando convencê-lo. —

Muito.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Você não deveria dizer coisas assim para mim — falou ainda com os olhos fechados. — Você bebeu demais hoje, não quero você amanhã falando que nada disso deveria ter acontecido.

— Eu não me importo com o amanhã.

— Eu me importo. Não consigo fazer isso com você se não for do jeito certo.

— Eu odeio você — falei magoada.

— Não mais do que eu me odeio nesse momento.

Senti meus olhos aquecerem devido à rejeição, não deixei as lágrimas saírem, apenas me afastei dele e forcei meus olhos a se fecharem. Assim que fiz isso parecia que a cama havia virado um carrossel, girando e girando. Instintivamente cobri minha boca com as mãos antes de correr para o banheiro.



— Meu Deus, alguém mande eles pararem com isso — reclamei com o Logan das crianças correndo e gritando pelo salão quando estávamos almoçando.

Ele riu.

— Por que você me deixou beber tanto? — perguntei irritada.

— Você não precisa de babá.

Acordei hoje cedo com a boca com um gosto horrível, minha cabeça prestes a explodir e deitada no peito nu do Logan em frente à privada. Parecia que passamos boa parte da noite ali. Não conseguia me lembrar ao certo se fui direto para lá quando chegamos ou se acordei no meio da noite passando mal. Nem como o Logan acabou sem roupa, só de cueca, mas eu estava envergonhada demais para perguntar se tinha acontecido alguma coisa.

— É óbvio que eu precisava. Você deveria ter insistido.

— Você é a pessoa mais estranha desse mundo.

— Não acredito que desperdicei a noite em um hotel desses vomitando. Eu nem lembro muito sobre o que aconteceu depois que voltamos para o hotel. Diz para mim que eu não troquei de roupa na sua frente.

— Bem que eu queria — ele comentou sorrindo.

Joguei um pãozinho que estava na mesa em cima dele.

— Estou falando sério caramba, não fiz nada para me envergonhar, né?

— Tirando dar em cima de mim, não.

Eu senti a cor sumir do meu rosto quando ele falou isso.

— Eu dei em cima de você? Nós fizemos alguma coisa?

— Caramba, Mel, assim você me magoa, não se lembra da nossa noite?

— É brincadeira, certo? — perguntei ainda alarmada.

— Sim, é brincadeira.

Não sabia por que ele havia soado triste ao responder isso.

Ele queria que não fosse brincadeira? Ou será que não foi brincadeira e ele estava chateado porque nós fizemos alguma coisa e eu não me lembrava? Eu realmente não queria saber a resposta, então fingi não ter percebido o tom triste em sua voz.

Passamos o resto do dia dormindo e repondo as energias para fazer alguma coisa mais tarde, mas ao anoitecer nenhum dos dois estava animado para ir a festas. Então, decidimos aproveitar os benefícios de um hotel cinco estrelas assistindo um filme embaixo das cobertas.

No dia seguinte, ele me levou para conhecer os pontos

turísticos da cidade e sua casa. Voltamos tarde e pegamos no sono enquanto conversávamos.

Agora eu estava de frente para ele pronta para pegar meu avião de volta para casa e sabe-se lá quando o veria novamente.

Meus olhos estavam lacrimejando quando me obriguei a soltá-lo.

Ele passou a mão pela minha bochecha e limpou uma lágrima que escapou.

— Pare com isso, até parece que nunca mais nos veremos.

— Você sabe que sou chorona — comentei dando de ombros.

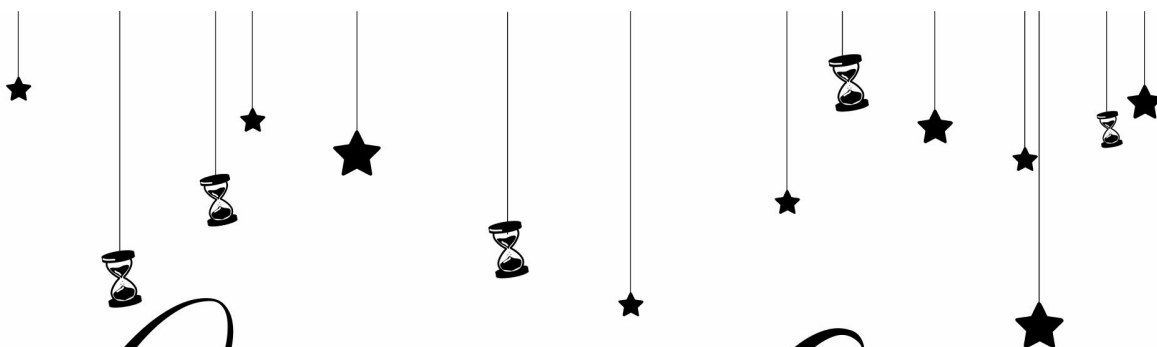
Ele me abraçou novamente e me deu um beijo na testa.

— Meu estágio termina no final do ano, junto com a faculdade, onze meses e você me verá novamente.

— Promete?

— Prometo!

Trocamos mais um abraço e entrei naquele avião com o coração partido.



Capítulo 6

Giovana

— Eu achei que você ia sair com seu boy magia hoje — Cami comentou por cima do ombro quando me joguei no sofá ao lado do dela.

— Deixamos para sexta-feira.

Ela apertou o mute no controle remoto, tirando o som da televisão, e se ajeitou no sofá para me olhar.

— Desculpa pela brincadeira mais cedo. Eu sei como você se sente em relação ao sexo, mesmo sem nunca ter conversado muito comigo sobre isso.

Eu sorri.

— Eu sabia que era só brincadeira, Cami. Não me chateou.

Ela veio mais para o meu lado e me puxou para um abraço.

— Sei que você é uma cabeça dura, mas sempre que precisar conversar sobre qualquer coisa, pode falar comigo. Prometo que nunca irei usar nenhum segredo para te chantagear, já tenho suas fotos nuas no meu celular para isso.

Nós duas gargalhamos. Quando os risos cessaram, eu me senti engasgada, uma lágrima escapuliu dos meus olhos e depois outra. Ela me abraçou pacientemente sem fazer nenhuma pergunta.

— Cami, você já entregou seu coração a alguém?

— Você quer saber se já me apaixonei? — perguntou parecendo confusa. — Várias vezes.

— Não assim, Cami, não estou falando de paixonites. Estou perguntando se você já amou alguém tão profundamente que não conseguia imaginar uma vida onde a pessoa não estivesse inclusa.

Ela negou com a cabeça.

— Isso só existe em filmes, Gi. Amores são condicionais, não duram para sempre.

— Pra mim existiu na vida real. Poderia acabar dali uma semana, acho que nunca vou saber, mas esse não é o ponto — falei tentando voltar ao

raciocínio inicial. — Quando eu estava com ele tudo era diferente, eu não conseguia deixar de sorrir nenhum segundo, minhas bochechas chegavam a doer, mas não conseguia parar. Ele fazia eu me sentir a garota mais sortuda e linda do mundo.

“Não vou dizer que ele me completava, pois sei que não preciso de ninguém para isso. Ele me acrescentava, me somava, ele fazia minha vida comum ser espetacular e depois que se sente isso é difícil se contentar com o normal outra vez. Sempre que fico com outra pessoa as comparações são inevitáveis e ninguém nunca chegou nem perto”.

Ela suspirou e encostou-se no sofá.

— Isso foi bem profundo, Gi. Só acho que você deve levar em conta que isso pode ser um ideal que sua cabeça criou para evitar que você se entregue a outro relacionamento e acabe machucada novamente. Ninguém nunca será como essa pessoa que você perdeu, é injusto comparar. Você precisa dar a oportunidade para que outros te conquistem de um jeito novo, porque ninguém é igual. Não existe outra pessoa no mundo que vai te dar exatamente esse mesmo amor que você viveu, mas só porque será diferente, não significa que não será tão incrível quanto.

Joguei minha cabeça para trás e fiquei olhando o teto pensando no que ela havia falado. Fazia todo sentido, mas a prática era bem mais difícil

que a teoria.

— Um dia você vai me contar o nome desse cara dos sonhos? —
perguntou.

— Quem sabe um dia...

Ela passou o braço pelo meu ombro e me puxou para um abraço.

— O dia que conseguir falar mais sobre isso, eu estarei aqui para
escutar — sussurrou.

Agradei a ela e apertei o botão do mute no controle remoto para o
som da televisão voltar, concentramo-nos no programa que estava passando e
deixamos a conversa de lado.



Abri os olhos incomodada com o sol na minha cara, o celular da Cami
estava berrando, não sabia como ela ainda não tinha acordado com aquilo.

— Desliga essa merda! — gritei jogando uma almofada nela.

Pegamos no sono enquanto assistíamos televisão ontem. Cami
acordou meio bamba e colocou o celular na orelha falando um “Alô?” mole.

Em questão de segundos seus olhos se arregalaram, ela se ajeitou no sofá e começou a usar um tom profissional. Quando terminou, ela olhou para mim, começou a cuspir ordens e em menos de dez minutos estávamos a caminho da faculdade. Só fizemos uma parada para comprar um café.

Parece que o Dr. Scott foi convidado para participar da banca de uma revista científica muito renomada, a qual Camila não perguntou o nome, e a convidou para participar com ele. Pelo que ela entendeu, um dos integrantes sofreu um acidente logo depois do primeiro dia, que foi ontem, e não ia poder participar do resto da semana. Os ingressos eram limitadíssimos e esta era uma oportunidade única. Eu tinha que confessar que estava com muita inveja dela agora, além de bem triste por ser obrigada a ficar sozinha a semana inteira. Odiava ficar sozinha.

— Não se preocupe, expulsei os monstros debaixo da sua cama antes de sair. Você vai sobreviver essa semana — ela disse me dando um abraço antes de correr na direção oposta a que eu tinha que ir.

Depois das aulas fui para sala do Alexandre. Ele abriu um sorriso acolhedor quando me viu na porta.

— Aí está você — falou saindo da sala e fazendo sinal para que eu o seguisse.

— Estou atrasada? — perguntei olhando para o relógio no meu pulso,

que mostrava que eu estava até adiantada.

— Não, mas devido à viagem repentina do Scott, tive que cobrir a falta dele por aqui. Agora preciso que você faça isto para mim.

— Mas como eu farei isso?

— Você só precisa ficar na sala dele e receber os pré-projetos dos alunos que estão agendados para hoje. Ele está selecionando alguns para um grande projeto de marketing da faculdade, cada professor indicou um aluno e desses indicados, ele irá selecionar cinco. Outros cinco serão selecionados através dos pré-projetos que apresentarem.

— Você me indicou.

— Sim, eu te indiquei e mais outros quatro professores. Você foi bem cotada. — Ele riu.

— Obrigada.

— Não te indiquei em troca de agradecimentos, Giovana, te indiquei porque acredito no seu potencial.

Ele me deu mais algumas dicas e me deixou na porta da sala do Dr. Scott. Era estranho estar na sala de alguém sem a pessoa lá, livre para desvendar tudo sobre o que aquele lugar podia me falar sobre ele.

A sala era extremamente arrumada, os livros estavam organizados por ordem alfabética na prateleira. Perdi algum tempo olhando os títulos, eram

livros famosos de administração, a maioria em inglês e espanhol, e uns poucos em francês e português. Poliglota.

Em cima da mesa havia uma pequena estátua de uma mão com garras, era a mão do Wolverine. Eu tinha uma dessa no meu quarto quando era mais nova.

A memória veio carregada de uma dose da felicidade simples que eu vivia naquela época, mas logo fui preenchida pela tristeza de algo que nunca voltaria.

Peguei e passei os dedos pelas garras. Sempre foi meu personagem preferido. Eu era meio que obcecada por todos os tipos de filmes de super-heróis. Queria que eles realmente existissem, talvez tivessem sido capazes de impedir tudo que aconteceu. Se bem que já tínhamos problemas demais com “vilões” que não tinham superpoderes.

Alguém bateu forte na porta me assustando e quase deixei a estátua escapar por meus dedos. Segurei-a firme e coloquei no lugar.

Fui até a porta e abri. Um homem alto com o cabelo castanho curto e grandes olhos negros me encarou. Eu já havia feito algumas matérias com ele, era um aluno da faculdade, não me lembrava qual era seu nome. Ele me olhou por alguns segundos e continuou calado, então resolvi tomar a iniciativa.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntei.

— Essa é a sala do Dr. Scott?

— É sim — falei apontando para a plaquinha bem legível com o seu nome na porta.

— Eu queria deixar meu pré-projeto com ele.

— Ele teve que fazer uma viagem, mas pode deixar comigo que entregarei — falei com um sorriso, feliz por poder estar sendo útil em alguma coisa.

— Não me leve a mal, mas prefiro entregar para ele em mãos. Eu volto amanhã — respondeu um pouco sem jeito.

— Ele não vai estar na faculdade durante a semana inteira.

— Mas o prazo é até sexta — falou desapontado. Como se deixar aquilo comigo fosse o fim.

— Só para você saber eu não sou o tipo de pessoa que jogaria o seu trabalho fora com medo de que seja melhor que o meu.

Ele me olhou desconfiado.

— Até porque eu sei que o meu é melhor — continuei.

Ri um pouco para mostrar que eu estava brincando, antes que ele pensasse que eu realmente era esse tipo de pessoa.

— Tudo bem, mas você pode pedir para que ele me dê um feedback pelo menos? Mesmo que eu não seja um dos escolhidos?

— Eu falo com ele, mas não posso garantir nada. Te aviso quando entregar.

— Obrigado. Qual é seu nome? — ele perguntou.

— Giovana.

— Obrigado, Giovana, eu sou o Lucas!

— Não há de quê — respondi.

Alguns minutos depois que ele saiu meu celular apitou, olhei com pressa pensando que poderia ser alguma mensagem do Vitor, não havia o encontrado hoje na faculdade. Ele nunca faltava sem me avisar, mas era uma mensagem do Dr. Scott no chat do e-mail.

Adrian Scott:

Parece que teremos que trabalhar juntos antes do previsto.

Eu:

Isso é um problema?

Prometo que não será estranho.

Adrian Scott:

De maneira alguma.

Foi você quem disse que pretendia não me ver tão cedo.

Eu:

Tecnicamente não irei te ver mesmo.

Adrian Scott:

Você é sempre tão perspicaz assim?

Ele acabou de me zoar? Inacreditável. Isso sim era uma afronta.

Eu:

Sempre. Por isso que o coordenador do curso e outros quatro professores me
indicaram para você.

Depois que li a frase novamente percebi que o “para você” deixou coisas no ar. Espero que ele não ache que eu esteja insinuando segundas intenções novamente.

Adrian Scott:

Touché!

Voltando ao tema desta conversa. Preciso que leia as introduções dos trabalhos que receber e faça um breve resumo de cada um para mim.

Assim ficará mais fácil para eu saber quem está usando um tema já batido e quem realmente está com ideias inovadoras.

Eu:

Sim, senhor.

Adrian Scott:

Por favor, não me chame de Senhor.

Sinto-me um velho gagá quando se referem a mim assim.

Eu:

Tudo bem, Doutor Scott.

Era estranho me referir a um professor como doutor. Apesar de ser o título certo da maioria deles, sempre se apresentam e são tratados pelo nome, como o Alexandre. Porém pelo que a Cami me contou, ele trouxe alguns costumes de onde dava aula nos Estados Unidos e se apresentou como Dr. Scott.

Adrian Scott:

Minha estagiária, Camila, irá te enviar a pauta do que preciso no resumo.

Irá começar uma palestra agora, ficarei off-line.

Qualquer dúvida pode enviar que responderei assim que tiver algum tempo livre.

Mal sabia ele que essa estagiária foi quem arrumou a minha dor de cabeça.

Cami:

Te mandei no e-mail a pauta.

Eu o vi rindo com uma de suas respostas.

Não me diga que a resposta do e-mail rendeu alguma coisa...

Eu:

Rendeu uma bela dor de cabeça.

Ele acha que eu menti quando falei que foi uma amiga.

Quem não acharia?

Cami:

Você precisava ver como ele riu.

Fica ainda mais bonito quando faz isso.

Eu:

PARE COM ISSO!

Preciso trabalhar.

Cami:

Faça meu trabalho direitinho.

As apresentações aqui estão incríveis.

Eu:

Eu te odeio!

Cami:

Eu sei que é mentira.

Beijos.

O dia de trabalho já estava quase no final quando parei o que estava fazendo e verifiquei a hora.

Alguém bateu na porta e falei alto que a pessoa podia entrar, não aguentava mais ficar naquele vai e vem.

Uma mulher com o cabelo loiro e um corte Chanel, vestida impecavelmente cruzou a porta. Usava um vestido tubinho preto que descia até quase no seu joelho, por cima dele usava um blazer branco e para finalizar ela desfilava em cima de um salto maravilhoso, daqueles que faziam meus pés doerem só de olhar. Parecia uma modelo saída de uma revista de negócios.

Ela me olhou por um momento, parecia estar me estudando.

— Posso ajudar? — perguntei.

Lançou um sorriso de lado, totalmente encantador. Ela era maravilhosa, confesso que estava com uma pontada de inveja de toda sua perfeição, não havia um fio sequer fora do lugar.

— Você deve ser a Camila, ouvi muito sobre você.

Estranhei aquele comentário.

— Na verdade não sou a Camila. Meu nome é Giovana.

Ela me olhou como se esperasse algum tipo de explicação, mas por algum motivo me senti tentada a jogar com ela. Quem ela pensava que era para entrar aqui, me lançar esses olhares gelados e exigir todas as respostas? Não ia cooperar tão fácil.

Ficamos naquele impasse por alguns segundos, então ela desviou os olhos para a pequena garra, que eu havia quase deixado cair mais cedo e respirou fundo.

— Bom, Giovana, não irei atrapalhar seu trabalho — ela disse caminhando até a lateral da mesa. — Só preciso pegar uma coisa.

Ela colocou a mão na gaveta para abri-la, quase no mesmo momento coloquei a minha mão na frente para impedir que prosseguisse.

— Desculpe-me, mas não sei quem você é e não posso permitir que pegue nada aqui sem a autorização do Dr. Scott.

Ela revirou os olhos e tirou o celular do bolso. Nem se deu ao trabalho de me responder. Alguém atendeu do outro lado e ela falou:

— Essa nova estagiária que você contratou não me deixa pegar a chave do meu carro.

Ela ficou em silêncio enquanto ouvia a resposta.

— Não quero ouvir sermão agora, Adde, estou atrasada — outra pausa. — Ok. Te ligo quando chegar em casa.

Ela desligou o telefone e voltou sua atenção para mim.

— Eu sou a mulher do Adrian e preciso muito pegar minha chave que está dentro dessa gaveta — ela falou com um pingô de irritação na voz.

Na mesma hora o computador apitou com uma mensagem no chat do e-mail.

Adrian Scott:

Giovana, preciso que entregue a chave que está na primeira gaveta para a Sarah.

Tirei minha mão da frente da gaveta e deixei que ela pegasse.

— Obrigada — ela respondeu sem muita vontade e saiu da sala.

Eu:

Chave entregue.

Desculpe-me por arrumar confusão com a sua mulher, mas não poderia deixar alguém que não conheço mexer nas suas coisas.

Adrian Scott:

Não se preocupe. Eu sei que ela não é muito fácil de lidar. Tende a ser um pouco autoritária com pessoas que não conhece.

Obrigado!

Eu:

Estou aqui para isso.

A semana passou praticamente da mesma forma, só que sem a

interrupção da desagradável e perfeita mulher do Dr. Scott.

Almocei todos os dias com o Vitor, menos na quinta e na sexta, pois ele precisou viajar para encontrar com o pai. Apesar dos almoços serem bem tranquilos, quanto mais sexta-feira se aproximava, mais eu me sentia apreensiva. Não tinha conseguido trazer o tema que me assombrava durante as nossas conversas, mas era a única coisa que eu conseguia pensar nos raros momentos que ficávamos sozinhos e ele me beijava com mais desejo.

Assim que cheguei em casa na sexta-feira fiquei aliviada por finalmente ver a Cami de volta. Joguei os braços ao redor dela.

— Foi um saco ficar sozinha, nunca mais me deixe.

Ela riu.

— Tudo bem, drama Queen. Nunca mais te deixarei. Agora vamos que eu preciso te deixar maravilhosa para essa noite.

Cami encaixou seus braços nos meus e me puxou até o quarto, onde ela já havia separado as opções de roupa e preparado sua cadeira de maquiagem para fazer sua arte em mim. Não que eu não soubesse me maquiar, mas a maquiagem da Cami era um nível totalmente superior ao meu, ela era uma artista.

— Estou nervosa — admiti assim que pisamos no quarto.

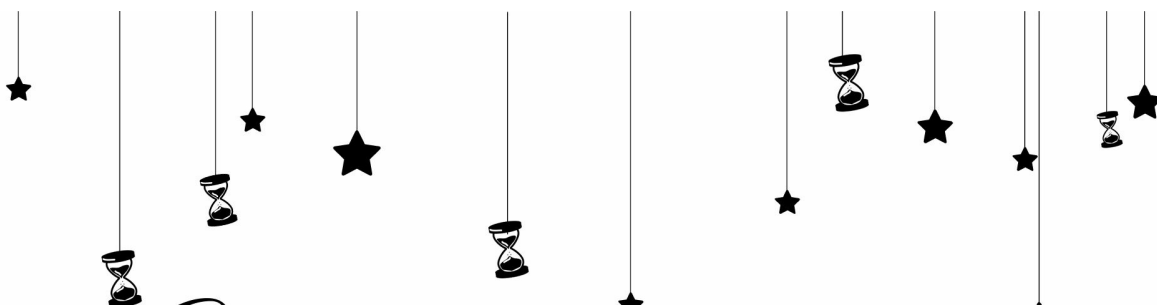
— Você conversou com ele sobre isso?

— Não.

— Eu conversarei então — ela falou levantando o celular.

— Não, não precisa bancar a mãe preocupada, eu sei me cuidar. Pode deixar que tenho certeza de que conversarei sobre isso em algum momento essa noite.

Ela colocou o celular no bolso novamente se dando por vencida e se concentrou em me deixar maravilhosa.



Capítulo 7

Melissa

*Depois que você entrou na minha pele e marcou meu coração, ficou claro
que mesmo que eu viva o resto da minha vida ao seu lado ainda não terei o
suficiente de você.*



— Filha, o que você acha desse aqui? — perguntou minha mãe
enquanto girava na minha frente mostrando o vestido que ela havia comprado

para a ocasião.

— Fiu fiu — eu disse batendo palminhas.

Ela tinha um encontro hoje e eu estava empolgada. Ela e o Marcos estavam saindo há alguns meses. Ela estava com um sorriso radiante desde que o conheceu e eu queria que ficasse assim para sempre.

Foi um pouco estranho vê-la com outro homem, mas eu tinha certeza que isso passaria em algum momento. Eu estava feliz por ela.

— Você me ajuda com a maquiagem? — perguntou.

Minha mãe nunca foi adepta a maquiagens e quando tentava se aventurar sozinha por essas terras desconhecidas nunca saía uma coisa muito boa. Não que eu fosse muito melhor, mas pelo menos conseguia fazer um delineado gatinho sem borrar, o que era mais do que a maioria conseguia.

— Claro, vamos lá — respondi sorrindo.

Fiz a maquiagem e preendi seus cabelos na lateral, jogando seus cachos pesados e escuros como os meus todos para um lado só. Minha mãe já estava na casa dos quarenta, mas ninguém dava esta idade a ela, sempre foi muito elegante e bonita.

— Você sabia que é a mãe mais linda do mundo? — perguntei admirando meu trabalho.

— Claro! A quem mais você teria puxado? — falou me dando um

beijo na bochecha e depois me empurrou da frente do espelho.

A campainha tocou e seus olhos brilharam como os de uma criança prestes a ganhar um presente.

— Como estou? — perguntou colocando a mão na cintura.

— Você está linda, agora vai logo.

Ela me abraçou forte e me deu um beijo no rosto.

Ano que vem faria dezoito anos, prestes a me tornar uma “adulta”, mas ainda me sentia um bebê em seus braços. Será que algum dia essa sensação mudaria? Ela me soltou e seguiu em direção à porta.

— Eu te amo — ela gritou antes de sair.

— Eu amo mais.

— Você sabe muito bem que isso é impossível — falou antes da porta bater e eu ficar sozinha em casa.

Desde a morte do meu pai, eu não a via tão feliz quanto ela estava com o Marcos. Era reconfortante. Ela não podia sofrer a vida inteira por uma pessoa.

Eles estavam separados desde que nos mudamos, mas eu podia ver nos olhos dela, todos os dias, a dor que isso causava. O que eu não entendia muito, já que lembro muito bem que foi ela quem quis ir embora. Achava que

lá no fundo ela ainda tinha esperança de que eles poderiam voltar um dia, até acontecer o maldito assalto que tirou a vida dele.

Algum desgraçado achou que um celular e cem reais valiam mais do que a vida do meu pai e o tirou de nós. A bala acertou bem no centro de sua cabeça. Os médicos disseram que ele não sofreu, que foi instantâneo, mas aquilo acabou com a minha mãe. Ela ficou meses em depressão, foi bem difícil, pois eu estava sofrendo também, mas tinha que parecer forte para ela. Com o tempo, ela ficou aparentemente bem, mas eu ainda via a tristeza nos seus olhos, até que o Marcos apareceu e trouxe de volta o sorriso que eu tanto amava.

Saí logo depois dela e fui para a casa do Logan. A casa dele era praticamente uma extensão da minha, nunca nos preocupamos em anunciar nossa chegada, a não ser que a porta esteja trancada, mas fora isso, já vou logo entrando.

Ele realmente cumpriu o que prometeu, veio para casa. Era uma pena que não ficaria muito tempo antes da próxima etapa da sua formação. Tinha certeza de que ele seria aprovado em algum mestrado fora do país nas universidades que se inscreveu.

— Lo? — chamei.

— Aqui na cozinha — ele gritou.

Andei até a cozinha, que diferente da minha, era bem espaçosa. Uma grande ilha com bancos altos ocupava o centro, os armários planejados de madeira escura e um granito claro faziam a composição da bancada. O chão de porcelanato claro estava sempre brilhante, eu não sabia como a Vivian conseguia manter tudo assim, mas era de se esperar já que ela considerava a cozinha o melhor cômodo da casa. Quase todas as noites nós nos reuníamos aqui, eu, minha mãe, Vivian e o Logan. Passávamos horas conversando e comendo as coisas deliciosas que a Vivian cozinhava.

Logan estava de costas lavando a louça. Como só vinha para a cidade de vez enquanto, quando estava aqui tentava fazer tudo em casa para que a mãe dele chegasse do trabalho e pudesse descansar. Ela trabalhava dobrado para conseguir ajudá-lo com a faculdade, então ele achava que isso era o mínimo que poderia fazer enquanto estava aqui, e não tirava a razão dele, pois sabia o tanto de sacrifício que ela já fez para que ele sempre tivesse do bom e do melhor. Agora ele tinha milhões de tarefas durante o dia e por mais que eu insistisse, nunca me deixava ajudá-lo.

Ele chegou há alguns dias e ficaria por um mês. Sua formatura seria daqui a dois meses, e estava economizando desde o ano passado para conseguir comprar a passagem para vê-lo pegar o diploma. Depois disso, se tudo corresse como ele esperava, ficaríamos separados por um oceano inteiro durante um bom tempo. Se já era difícil encontrá-lo quando ele estava em

São Paulo, depois disso ficaria impossível.

Claro que eu ficava feliz por ele, só que às vezes pegava minha parte egoísta desejando que ele não conseguisse nenhuma bolsa, só para ficar aqui comigo. Obrigava-me a reprimir esses pensamentos sempre que surgiam, ele merecia o mundo e não era eu quem ia negar isso.

Terminei o ensino médio este ano, mas ainda não tinha ideia do que queria fazer da vida. Todos estavam pegando no meu pé para que eu escolhesse logo alguma coisa, mas não achava tão simples como os outros faziam parecer decidir uma única coisa para fazer por todo o resto da minha vida.

Mamãe mesmo me contou que teve alguns caminhos errados antes de escolher o certo. Ela era médica, mas apesar de contar o quanto amava essa profissão, hoje em dia ela trabalhava em casa atrás de um computador como designer, e mesmo sabendo que ela não amava fazer isso, nunca perguntei por que ela largou a carreira de médica.

Logan, percebendo minha presença ali, olhou para trás e sorriu. Meu coração balançou dentro do peito, mas me mantive firme fingindo que nada mudou entre nós.

— Mel, pega esses pratos que estão na mesa para mim — pediu apontando com a cabeça para os pratos na beirada da mesa.

Peguei os pratos, coloquei na pia ao lado da que ele estava lavando e comecei a lavá-los com uma esponja extra que tinha ali, mesmo sabendo que ele protestaria, mas queria que ele acabasse logo com tudo isso. Talvez nós pudéssemos ir ao cinema hoje ver o filme que perdemos ontem.

— Solta isso — ele ordenou.

— Não — respondi começando a esfregar os pratos.

Percebendo que eu não ia parar, ele abriu a torneira e jogou água em mim.

Eu o olhei, desafiando-o a fazer de novo. E ele fez, só que dessa vez eu estava preparada e enquanto ele jogava água na minha roupa eu joguei na cara dele.

Ele passou a mão no rosto tirando o excesso de água.

— Você não fez isso — ele falou rindo.

Antes que ele tivesse tempo de reagir eu saí correndo pela casa, sabendo que Logan não demoraria a me alcançar. Seus braços passaram pela minha cintura quando cheguei a sala, ele me levantou do chão e me jogou no sofá.

Meu corpo começou a se contorcer antes mesmo de suas mãos me encostarem, eu mal conseguia respirar de tanto que estava rindo. Ele sabia que cócegas era meu ponto fraco.

— Para, por favor — consegui dizer entre uma das gargalhadas.

Ele parou, mas não me soltou.

— Isso é para você aprender a nunca me desobedecer — falou com um tom sério.

— Tá bom, mãe — respondi ainda rindo.

Ele sorriu largo e balançou a cabeça por ter falhado em parecer zangado. Eu acompanhei seu sorriso, era impossível ver e não ficar contagiada por ele. Seus olhos desceram até o meu sorriso e instintivamente eu mordi meus lábios para contê-lo. Meu coração revirou no meu peito.

Assim que ele apareceu na minha porta, eu cansei de me enganar, eu me apaixonei pelo garoto depois do meu primeiro beijo e que se explodisse quem me julgasse por isso.

A sala caiu em silêncio, eu era capaz de escutar cada batida do meu coração. Aqueles olhos intensos me deixavam sem reação, eu queria que ele fosse em frente, eu tinha medo de ser quem daria o próximo passo.

Sua mão que até então segurava a minha no alto da cabeça cedeu e desceu pela lateral do meu rosto. Ele afundou os dedos no meu cabelo, fechou os olhos, desceu o rosto e descansou sua testa na minha. Fechei meus olhos também, esperando. Meu corpo inteiro ansiava para que ele continuasse, o desejo de sentir sua boca novamente era quase palpável.

Entretanto, antes que pudesse aproveitar a sensação, suas mãos já haviam ido e sua boca nem chegou perto da minha. Meu coração afundou quando ele se afastou tão rápido, isso estava acontecendo muito ultimamente. Toda vez que ficamos próximos demais ele dava um jeito de ir para longe, mas dessa vez eu não deixaria quieto.

Marchei atrás dele. Ele já estava de costas lavando a louça novamente.

— O que está acontecendo? — perguntei com a voz firme.

— Do que você está falando Mel?

— Eu sei que você sabe do que eu estou falando — falei irritada. — Nós ficávamos horas juntos conversando, escutando músicas, vendo filmes e hoje você mal fica do meu lado por alguns segundos antes que arrume alguma coisa para fazer. Tem sempre que lavar a louça, ou varrer o chão, arrumar a antena, jogar o lixo fora, nunca tem tempo.

Ele demorou uns segundos para responder.

— Isso é coisa da sua cabeça. Só estou muito ocupado ajudando minha mãe.

Logan não olhou para mim.

— Não, você está me evitando e sabe disso. Só não consigo entender o porquê.

— Merda, Melissa, você não quer saber o porquê — ele respondeu baixo.

— Sim, eu quero — falei cruzando os braços, pronta para qualquer bomba que ele fosse jogar em mim.

— Tudo bem. — Ele largou os pratos e secou as mãos.

Se virou e encostou na pia me olhando por um segundo, como se estivesse em conflito se deveria ou não falar alguma coisa, mas por fim decidiu soltar a língua.

— Quer saber por que não fiquei mais tempo ali com você na sala agora?

Balancei a cabeça em afirmativa, com medo de falar.

Ele veio andando até mim e me prensou contra a parede, colocando as mãos ao lado da minha cabeça, bem semelhante à posição daquele primeiro beijo. Meu coração estava martelando alto em meu peito. Encostou os lábios nos meus ouvidos, fazendo uma onda de choque percorrer todo o meu corpo, e sussurrou:

— Porque a única coisa que eu estava pensando naquele momento era se seu beijo continuava tão bom quanto dois anos atrás, se seu gosto ainda seria de tic tac de laranja e eu quase me convenci a descobrir, passou muito perto. Você não faz ideia do quanto eu tive que me controlar para sair de lá.

— Quando acabou de dizer isso, uma de suas mãos se arrastou pela lateral do meu corpo e envolveu minha cintura, puxando-me para mais perto dele. Meu corpo mal se movia, eu não ousava me mexer e estragar tudo que estava acontecendo. — Você não sabe o autocontrole que tive que ter para não fazer nada louco com você naquele hotel, quando você disse que queria que eu te beijasse.

Eu fiz o quê?

— Eu fiz isso? — gaguejei.

Ele acenou com a cabeça afirmando e sorriu.

— Logo depois de mostrar que estava com ciúmes.

— Por que eu teria ciúmes?

Seus lábios voltaram ao meu ouvido e ele sussurrou.

— Porque você está caidinha por mim...

Eu ia protestar, mas seus dedos voaram até meus lábios me impedindo de abri-los.

— Assim como eu estou por você há muito tempo — completou.

Ele beijou da minha orelha até chegar à beirada da boca. Nessa hora eu já estava completamente entregue em seus braços. Devagar seus lábios se encontraram com os meus, a princípio apenas roçando de leve, mas eu não

aguentei a tortura e apertei minha boca na dele. A outra mão que até agora ainda estava na parede se afundou no meu cabelo, me fazendo suspirar em sua boca. Ele se afastou relutante, sorriu sem abrir os olhos e encostou a testa na minha.

— Merda, é melhor do que eu me lembrava! — Ele riu.

Logan me segurou firme em seus braços, parecendo estar com medo de que eu fugisse dali, como se isso pudesse acontecer. Ele voltou ao meu ouvido e novamente provocou a mesma reação no meu corpo.

— Vou ligar o foda-se agora caso você venha falar que não podemos ser mais amigos, porque esse beijo valeu totalmente a pena, e você correspondeu. Ou melhor, você me beijou.

Eu permanecia sem palavras, então ele continuou.

— Ontem quando eu disse que não poderia mais ir ao cinema, foi porque você estava tão linda que eu tinha certeza de que não iria conseguir me segurar durante a noite inteira ao seu lado. — Ele riu antes de acrescentar. — Você não tem ideia do efeito que esse seu sorriso tem em mim, ou como me deixa louco quando morde esses lábios. Esses olhos amendoados me destroem quando acompanham seu sorriso e toda vez que coloca o cabelo para cima tudo que consigo pensar é no sabor da sua pele, saber a textura dela na minha boca. — Logo após dizer isso, ele afastou meu cabelo, beijou meu

pescoço e meu corpo inteiro pareceu acender em chamas.

Meu coração estava dando cambalhotas de alegria. Acabei de entender o significado de quando as pessoas dizem estar com borboletas no estômago. Achava que havia milhões de lagartas esperando para fazer a metamorfose exatamente nesse momento. Minhas pernas estavam bambas.

Passei a mão em volta do seu pescoço e seus olhos me fitaram de uma maneira que meu corpo entrou em combustão, eu precisava de mais dele.

— Você não imagina de quantas maneiras diferentes eu já sonhei com esse momento e nenhum deles foi tão perfeito quanto tudo que você falou — comentei sem conseguir tirar o sorriso do meu rosto.

Ele sorriu largo, e aquele sorriso derreteu cada parte de mim que ainda estava sólida.

— Eu te amo — as palavras saíram da minha boca sem que eu percebesse.

Seus lábios cobriram os meus no mesmo instante arrancando todo o meu fôlego. Ele apertou mais seus braços em torno da minha cintura e me puxou para cima, sentando-me no balcão ao lado. Enrolei minhas pernas em torno dele e ficamos ali nos beijando, nos provando, nos entregando àquele sentimento que nenhum dos dois suportava mais guardar.

Quando me dei conta, estávamos no seu quarto, com os braços, bocas,

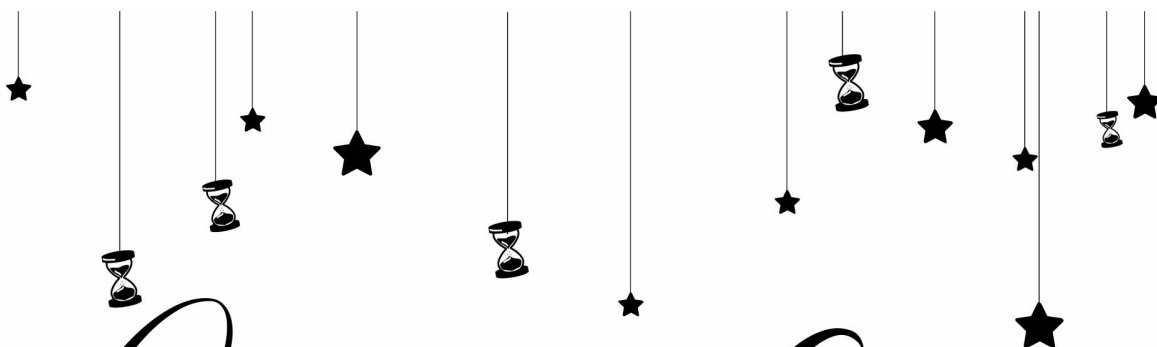
pernas e corações embaralhados, embaraçados, emaranhados.

Sua boca se afastou da minha e ele riu quando eu resmunguei.

— Você não vai falar que somos só amigos depois disso? — perguntou e eu neguei com a cabeça.

— Bom, porque eu sou apaixonado por você e não quero ser só seu amigo. Agora eu quero viajar pelo mundo que é seu corpo e conhecer cada segredo dele, quero saber cada pequeno detalhe do meu mundo que é você — Aquelas palavras fizeram meu coração quase explodir de alegria, como se ter meu amor correspondido fosse demais para ele suportar.

Eu queria responder aquelas palavras, falar que também estava apaixonada por ele, mas minha boca não conseguia mais ficar longe dele, minhas mãos queriam senti-lo, meu corpo queria estar envolvido em seus braços, meu coração queria sintonizar na batida do dele e minha pele queria seu toque, desesperadamente. Então eu apenas fechei os olhos e o beijei, e naquele momento eu e ele sabíamos que não precisávamos mais conversar.



Capítulo 8

Giovana

O interfone tocou e o porteiro avisou que o Vitor estava me esperando. Peguei minha microbolsa, que mal cabia meu celular e minha carteira. Saí do apartamento e entrei no elevador, que por uma sorte do destino já estava ali me esperando. A Cami já havia saído para ensaiar com o pessoal da banda logo após terminar de me produzir. Eu queria que ela tivesse ficado comigo mais tempo. Fiquei rodando pela casa sem conseguir parar quieta enquanto esperava por ele.

Não entendia porque estava tão nervosa. Encontrava com Vitor todos os dias, hoje não tinha que ser diferente de nada do que estávamos

acostumados.

Cheguei à portaria e lá estava ele, vestindo um terno que se encaixava perfeitamente bem em seu corpo e com o sorriso encantador que realçava as duas covinhas. Ele ficava ainda mais bonito de terno.

Quando me aproximei, ele me puxou pela cintura e sorriu.

— Você está maravilhosa.

Eu realmente havia me esforçado um pouco, estava com um vestido acinturado com a saia rodada. Meus olhos estavam com uma maquiagem esfumada, um batom vermelho na boca e, para finalizar, meu cabelo estava com os cachos volumosos descendo até um pouco abaixo dos meus seios, do jeito que eu amava.

Antes de sair me olhei no espelho. Eu estava tão parecida com a minha mãe que queria poder me abraçar para matar um pouco a saudade. Meus olhos brilharam com as lágrimas, mas me contive para não estragar a maquiagem que levei horas para fazer. Ou melhor, que a Cami levou.

— Você também não está de se jogar fora.

— Você acha? Vim direto do estágio, nem tive tempo de me arrumar.

Eu ri da gracinha dele e dei um rápido selinho em sua boca.

— Que estranho, foi o mesmo que aconteceu comigo.

Viu como era fácil conversar e brincar com ele? Com certeza merecia uma chance. Falei para mim mesma, tentando me convencer de que valeria a pena se eu tentasse.

Ele me beijou e entregou uma rosa solitária que estava escondida em algum lugar.

O agradeci com meu melhor sorriso para ele não achar que não gostei.

Ele era romântico e isso era bem fofo. Repeti várias vezes para tirar da minha memória as palavras da Cami.

Não sabia explicar por que não falava logo que tinha alergia.

Talvez logo depois dele ter me dado esse presente não seria um momento muito oportuno para contar. Era melhor esperar por uma outra oportunidade. Ele estava tentando me agradar, eu não queria ser uma estraga prazeres.

Entramos no carro e o motorista nos conduziu até o hotel mais luxuoso da cidade, no extremo oposto do meu apartamento. Ao ver o local, me assustei um pouco. Não havia conversado nada sobre “não estar pronta” com ele e agora estávamos em um hotel, onde provavelmente reservou um quarto para a noite e eu não queria esse quarto. Porém as palavras da Camila acabaram me acalmando. Se não estivesse legal, eu só precisava falar. E Eu falaria se chegasse a esse ponto, mas talvez eu não me sentisse assim hoje,

talvez ele me provasse que seria o cara que faria com que eu sentisse algo novamente.

Ele me conduziu para o elevador e subimos até o último andar onde ficava o restaurante do hotel. Só jantei aqui uma vez na vida, quando os pais da Cami vieram nos visitar, eles são podres de ricos, então era de se esperar que viessem ao restaurante mais caro da cidade. Porém pelo que me lembrava era um restaurante que vivia rodeado por paparazzis querendo a próxima manchete.

— Vitor, você não acha que muitas pessoas podem nos ver aqui? Lembra daquele termo de quando começamos a namorar? Manter tudo escondido da mídia. Se formos vistos aqui jantando, vamos ser a primeira notícia de alguma revista de fofoca amanhã.

Vitor não era celebridade, mas o nome do seu pai o puxava para o meio da fama. E por mais indiferente que fosse, as pessoas adoravam saber os babados quentes sobre a vida amorosa dele. Ele já havia namorado algumas atrizes bem famosas, o que o tornou uma das subcelebridades preferidas da mídia. Ele já havia, inclusive, sido convidado para participar de uma edição de “A fazenda”, mas recusou o convite.

— Não se preocupe, linda. Ninguém vai nos ver.

— Vitor, é impossível ninguém nos ver aqui. — As portas do

elevador se abriram para o hall do restaurante no momento que pronunciei isso. Franzi o cenho com a cena que vi ali. Não tinha ninguém além da recepcionista, estava completamente deserto. Esse restaurante vive lotado, era difícil conseguir reservas nele. Isso era estranho.

— Uau! Acho que nunca vi esse lugar vazio.

— Eu não queria ninguém para atrapalhar nossa noite hoje e sei muito bem que você não quer ser vista comigo. Por acaso tem vergonha de mim? — perguntou brincalhão logo depois que a recepcionista nos cumprimentou e nos conduziu para uma mesa no centro do salão.

Ele fechou o restaurante mais caro da cidade para nós dois? Estava em choque!

Vitor, ou melhor, o pai dele era rico, do tipo que provavelmente estava em alguma lista dos mais ricos do Brasil. Ele era um ator de televisão de grande renome, mas não era daí que vinha sua maior renda. Roberto Sartori era um dos maiores empreendedores do país. Seu nome sempre estava nas revistas e notícias de todo Brasil, ele nunca ficava fora da mídia. Seu querido filho, apesar de não atuar, era tão popular quanto. Esse era o grande motivo pelo qual eu já o conhecia mesmo antes de sermos apresentados, e também o motivo dele ser um dos caras mais requisitados da faculdade, por isso me senti tão especial quando fui a escolhida.

— Sim, tenho vergonha de namorar o cara mais desejado e lindo da faculdade — brinquei.

— Então, por que não podemos ser vistos juntos?

— Eu já te expliquei.

— Mas eu não entendo, a maioria quer ficar comigo justamente pelos quinze minutos de fama e você não quer nem meio minuto.

— Primeiro, eu sei que tudo isso de relacionamento é novo para você, mas não se fala de outras querendo ficar com você quando está com a sua namorada, de preferência nem quando estiver longe. Segundo, é muito triste que pense isso das mulheres com quem já se relacionou. E por último, eu não sou como a maioria, depois de um mês você já deveria ter percebido isso — respondi um pouco grossa demais.

— Me desculpe. Você tem razão — falou parecendo arrependido, e eu como sempre, não conseguia guardar rancor por mais de alguns segundos.

Chegamos à mesa que estava impecavelmente arrumada. Vitor puxou a cadeira para mim e me deu um beijo na bochecha antes de se dirigir para a cadeira dele, estava agindo como um verdadeiro cavalheiro, o que começou a me deixar um pouco desconfiada, mas obriguei a desconfiança a ir para longe. Claro que ele queria causar uma boa impressão, era nosso primeiro aniversário – ou mesversário? – de namoro.

— Você parece nervosa. — Ele sorriu, fazendo aquela covinha aparecer no canto da sua bochecha.

— Eu... Não... Acho...

— Aqui está o champanhe que o senhor pediu. — O garçom apareceu, me cortando antes que eu conseguisse elaborar a frase.

— Obrigado.

Fomos servidos e brindamos ao nosso primeiro mês juntos.

— Você ia me explicar porque está nervosa — ele voltou a falar e segurou minha mão que estava brincando com o guardanapo em cima da mesa.

Sua mão estava quente ao contrário da minha. Seu toque era suave.

— Não é nada — falei dando de ombros. — Só acho que você está tentando me seduzir com todo esse luxo e cavalheirismo e eu não sei se estou pronta para o próximo passo.

Ele sorriu sedutor.

— Estou sempre tentando te seduzir, linda. Pare de ficar pensando no que pode acontecer, só relaxa e deixa a noite rolar.

— Desculpa, vou parar de neurose.

— Então, a tentativa de sedução está funcionando?

Sorri e assenti.

— Provavelmente estarei caída aos seus pés quando a noite terminar.

Ele levantou a taça e bateu na minha novamente.

— Mal posso esperar por isso.

Ficamos o resto do jantar jogando pequenos flertes um ao outro. Conforme o tempo foi passando e o álcool começando a fazer efeito, eu comecei a enxergar o quanto Vitor era engraçado e espontâneo, o quanto eu gostava quando sua pele encostava na minha. E assim, toda aquela neurose simplesmente sumiu da minha cabeça.

Estava deixando a noite rolar e ela estava prometendo ser incrível.



— Agora eu preciso que você não se apavore! — falou cauteloso.

Só essas palavras já foram suficientes para fazer meu coração quase saltar pela boca. Não sabia por que as pessoas cismavam em avisar antes de fazer ou falar algo que sabiam que ia nos apavorar, as vezes nem era para tanto, mas as palavras sempre me fazia pensar no pior.

— Fala.

— Eu quero que você coloque isso — ele disse levantando uma venda.

— Não!

— Por favor, Gi. Confia em mim.

Ele me lançou um olhar de cachorro sem dono e acabei ficando com dó. Eu devia isso a ele, havia esquecido o nosso aniversário de namoro e com certeza ele não ia fazer mal nenhum a mim.

Só esperava que ele não quisesse me revelar agora seus gostos peculiares. Não saberia dizer se aceitaria tão bem o quarto vermelho da dor quanto a Anastasia Steele em 50 tons de cinza. Eu era o tipo de pessoa com tolerância zero para dor. Diferente do que diziam os grandes pensadores contemporâneos brasileiros, Bonde do Tigrão, um tapinha dói sim!

— Tudo bem.

Ele colocou a venda nos meus olhos e encostou seus lábios nos meus. Guiou-me até o elevador e descemos alguns andares. Pelo pouco tempo que o elevador levou para abrir as portas novamente, eu sabia que não era o suficiente para termos voltado ao hall de entrada, então isso significava que havíamos parado em algum andar dos quartos.

Minhas pernas estavam um pouco bambas, percebi quando Vitor

firmou a mão nas minhas costas indicando que deveria andar agora. Talvez tivesse passado um pouco da conta na bebida.

Andamos alguns metros depois de sair do elevador, escutei o “click” de uma porta se abrindo e o barulho dela fechando depois que entramos.

Ele me puxou mais para dentro e passou os braços pela minha cintura.

— Eu preciso te contar uma coisa.

Outra frase que só servia para me deixar nervosa. Se havia algo importante a ser dito, as pessoas deveriam apenas dizer logo, não era necessário trazer essa ansiedade sobre o que seria dito dando esse aviso antes.

Comecei a levantar a mão para tirar a venda, ele a segurou no meio do caminho, me impedindo de fazer isso.

— Preciso que esteja vendada.

— Tudo bem, mas diz logo, você está me deixando nervosa.

Senti sua respiração fazer cócegas no meu ouvido quando aproximou a boca para sussurrar.

— Eu te amo, Gi.

O quê?

— Eee... Eu...

— Shhhh... Você não precisa dizer se ainda não sente isso. Por isso

preferi que continuasse com a venda, não queria que olhasse para mim com pena por ainda não corresponder.

— Eu gosto muito de você, Vitor — falei firme. E era verdade, eu realmente gostava dele.

Ele me deu um beijo na testa e sussurrou:

— Para mim está ótimo por enquanto.

Dessa vez ele não me impediu de tirar a venda dos olhos. O olhei com um sorriso no rosto e beijei sua boca com vontade. Meus olhos lacrimejaram um pouco quando a intensidade do beijo me bateu. Eu o beijei com tanta força de vontade, mas só percebi o motivo depois de nossos lábios terem se separado. Eu o beijei assim, pois já fazia sete anos que não escutava essas palavras. Tinha esquecido quão boa era a sensação de me sentir amada.

Ele se afastou alguns passos para servir a bebida que estava dentro de um balde em uma mesa no canto do cômodo e pude finalmente observar onde estávamos. Era um quarto de hotel, um maravilhoso quarto de hotel, que era praticamente um apartamento. Havia velas aromáticas por todo o quarto, o cheiro delas transbordava o ar. A cama era quase do tamanho do meu quarto inteiro, achava que nunca tinha visto uma cama tão grande.

Vitor voltou e me estendeu a taça que acabara de encher, então segurou minha outra mão e me puxou para a varanda com uma vista

maravilhosa da cidade. O frescor da noite me abraçou quando saímos. Encostei no vidro, que cercava a varanda, e admirei toda aquela beleza. Ele se colocou atrás de mim e envolveu seus braços ao meu redor, senti sua respiração na minha nuca poucos segundos antes de sentir sua boca na minha pele. Joguei minha cabeça para trás para dar um maior acesso a ele e antes que eu percebesse estávamos nos beijando e ele me arrastou para dentro novamente.

Vitor me deitou na cama e veio delicadamente para cima de mim, evitando que ficássemos sem nos tocar por muito tempo.

Ele me amava.

Não intervi quando ele puxou o zíper do meu vestido e o tirou para fora do meu corpo.

Porque ele me amava. Então qual era o problema disso?

Nem quando sua mão começou a percorrer lugares que nunca havia estado antes.

Ele me amava.

Ele tirou a própria blusa e voltou a me beijar. Sua pele estava fervendo. O calor emanava de todos os seus poros.

Ele me amava.

Eu queria corresponder, mas não conseguia, só sentia um enorme

vazio dentro de mim. Minhas mãos apertavam forte o lençol, como se estivessem se negando a tocá-lo.

Tinha prometido a mim mesma que tentaria, e tentei, mas isso não estava certo. Eu não o amava. Não correspondia em nada a esse sentimento. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Não poderia continuar com isso. Podia sentir em cada terminação nervosa do meu corpo que isso não estava certo e que não queria prosseguir.

Eu nunca iria amá-lo. Eu lembrava a sensação e não era nada parecida com isso.

Queria ser o tipo de pessoa que conseguia fazer isso sem precisar envolver sentimentos, apenas me perder no momento, mas não seria justo comigo e muito menos com ele. Vitor merecia que a pessoa a quem dissesse essas palavras, correspondesse seus sentimentos.

Segurei sua mão no momento em que ele estava prestes a abrir meu sutiã.

— Eu não consigo. Me desculpe, Vitor — disse o empurrando de leve para sair debaixo dele. — Sinto muito por não corresponder aos seus sentimentos.

Ele levantou de cima de mim e sentou na cama, afundando o rosto nas mãos, parecendo um pouco frustrado.

Não o julgava por isso, mesmo não tendo dado nenhuma esperança de que algo aconteceria entre nós essa noite, eu havia deixado rolar, agora ele já estava “no ponto” e ficaria na mão, literalmente. Mas eu não iria contra tudo que sentia e acreditava só para agradá-lo.

Levantei da cama, peguei meu vestido amontoado no chão e o vesti de volta. Eu precisava me cobrir e sair dali o mais rápido que conseguisse.

Vitor se levantou, me abraçou e afundou o rosto em meu cabelo. Beijou meu pescoço até chegar a minha boca.

— Vitor...

Tentei me desvencilhar dele, mas seus braços estavam firmes em volta de mim. Ao invés de me soltar, ele me colocou contra a parede, forçando um beijo que eu não queria.

— Só mais um beijo, Gi — pediu.

Não consegui negar. Coloquei minha boca sobre a dele e deixei o beijo durar por um momento, era uma despedida.

— Me desculpe, Vitor — falei separando nossos lábios. — Eu queria corresponder o que você sente...

Ele me beijou novamente interrompendo o que eu estava falando.

— Vitor — falei o empurrando de leve para afastá-lo.

Seus braços ficaram mais firme em volta de mim, me impedindo de dar qualquer passo para longe dele. Não queria usar a força com ele, mas seu aperto estava começando a me machucar e ele precisava me deixar ir.

Fiz força, mas só serviu para que ele aumentasse a própria força, me prensando contra a parede.

— Eu te amo, Gi, para de pensar demais.

— Você está me machucando, Vitor.

Sua mão subiu por baixo da saia do meu vestido e tocou lugares que eu não queria que ele tocasse. Ele falava suave com palavras amorosas, mas suas mãos eram brutas, sua boca tomou a minha com força. Eu não conseguia afastá-lo.

— Você está bêbado, Vitor. Se você me ama, me solte antes que faça algo que se arrependa — falei tentando soar calma. Ele estava alterado, mas era uma pessoa decente, não faria nada comigo, eu o conhecia o suficiente para saber isso. Ou pelo menos era o que eu tentava acreditar.

— Eu te quero demais, Gi — falou entre os beijos no meu pescoço.

— Você é a coisa mais linda que já coloquei os olhos, preciso ter você.

Antes que pudesse agir, seus lábios forçaram os meus a se abrirem e suas pernas abriram as minhas sem esforço nenhum, enquanto uma de suas mãos segurou firme meus pulsos em cima da minha cabeça, a outra estava

livre para explorar os lugares onde eu nunca deixei que ele chegasse perto.

Eu queria gritar por ajuda, mas sua boca não deixava a minha livre por um segundo sequer. Ele mordeu meus lábios e senti o gosto de sangue inundá-la.

— Eu sei que você está gostando, era isso que você queria que eu fizesse o tempo inteiro, não é? — disse e lambeu do meu pescoço até minha orelha. Aquilo só me deixou mais enojada.

— Por favor, Vitor, me solta! — Estava muito perto de começar a chorar. Não conseguia entender porque ele estava fazendo aquilo comigo. Eu falei que não queria, que não estava pronta.

Tentei gritar por ajuda, mas logo sua boca estava em cima da minha novamente. Interrompendo meu pedido de ajuda.

— Para com isso, Gi. Deixa eu te dar um pouquinho de prazer.

— Você está me machucando — gritei.

Quanto mais eu tentava empurrá-lo para longe, mais ele forçava seu corpo contra o meu. Havia colocado suas pernas entre as minhas de modo que eu não conseguia fechá-las, dando livre acesso para sua mão fazer o que quisesse. Ele rasgou minha calcinha fina de renda e a jogou para longe. Sua mão percorria meu corpo, apertando-me e apalpando-me de maneira impetuosa. Puxou meu vestido com tanta força que rasgou a frente, deixando

meu sutiã à mostra, mas este também foi logo tirado do caminho.

— Não, Vitor, por favor — choraminguei.

Ele me jogou na cama e tentei aproveitar o tempo livre para fugir, mas antes que eu tivesse a oportunidade ele já estava em cima de mim, segurando-me novamente. Meu corpo tremia de medo e de raiva, eu não tinha forças o suficiente.

Quando Vitor ficou de joelhos na minha frente, me dando alguns segundos de liberdade, não pensei duas vezes antes de colocar meus pés em seu peito e empurrá-lo com as duas pernas para o mais longe que consegui. Ele rolou para o chão em um baque alto.

Levantei-me correndo e acelerei meu passo até o lado de fora do quarto enquanto o escutava gritar meu nome. Desci correndo pelas escadas e passei pela entrada sem me importar com a maneira que todos me olhavam. Cruzei meus braços para tampar o que estava à mostra por conta do vestido rasgado e saí do hotel. Apenas corri sem direção. Eu só queria estar longe daquele lugar, o mais longe que meus pés conseguissem me levar.

Eu queria chorar, mas estava com muito medo das lágrimas atrapalharem minha visão, forcei a engoli-las enquanto corria. Esbarrei em várias pessoas no caminho, murmurei vários pedidos de desculpas, minha mente parecia funcionar no automático, sem processar o que realmente estava

acontecendo.

Quando meus pés começaram a doer, olhei para trás para verificar se não estava sendo seguida e fui diminuindo a velocidade até estar andando. Assim que a adrenalina da fuga passou, meu corpo começou a sentir as dores, meus pés estavam cortados, não tive tempo de resgatar as sandálias e devo ter pisado em alguma coisa. Eu sentia os lugares onde ele apertou mais forte latejar.

Não conseguia me localizar, não conhecia o lugar que estava. Parei uma mulher que vinha andando com um bebê no colo para perguntar onde eu estava, ela me olhou de cima a baixo, abraçou forte seu bebê e saiu correndo. Eu deveria estar terrível.

Nunca estive deste lado da cidade antes e não reconhecia nada, isso fazia eu me sentir desprotegida e em perigo. Eu estava apavorada.

Caminhei por mais algum tempo até achar um telefone público. Chamou algumas vezes antes da Cami atender com uma voz sonolenta depois da identificação da chamada a cobrar.

— Alô?

— Cami, vem me buscar — balbuciei nervosa.

— Gi? Onde você está?

— Eu não sei, vem me buscar — falei novamente, querendo sair dali

o mais rápido possível.

— Calma, Gi. Cadê o Vitor?

Uma onda de desespero passou pelo meu corpo ao ouvir o nome dele.

— Vem me buscar, por favor — falei de novo desesperada, eu não conseguia raciocinar direito.

— Me fala o que você está vendo, onde você está?

Depois de algum tempo, consegui passar algumas informações a ela, que conhecia o lugar e falou que chegava logo.

Toda vez que alguém começava a se aproximar eu prendia a respiração com medo que fosse o Vitor. Todos que passavam me encaravam, mas a última coisa que estava me importando agora era o que eles estavam pensando de mim. Uma garota com o vestido rasgado e a maquiagem, provavelmente, toda borrada.

Ela demorou mais de uma hora para chegar. Entrei no carro correndo. Seu olhar me analisou dos pés à cabeça e percebi que ela entendeu de imediato o que havia acontecido.

— Eu vou matar aquele filho da puta! — berrou nervosa. — Onde ele está?

— Eu só quero ir para casa, Cami. Por favor — falei engolindo as lágrimas que estavam loucas para sair.

E por me conhecer tão bem, percebeu que eu não queria conversar.

Dirigiu sem falar nada, deixou-me ficar ali encolhida no banco sem dizer uma palavra, até que o carro parou e eu percebi que não estávamos em casa e o desespero retornou.

— O que você está fazendo? — Meu coração acelerou quando vi onde ela havia parado.

— Você tem que prestar queixa — ela respondeu.

— Não, vamos embora — respondi ríspida balançando a cabeça.

— Você não pode deixar ele se livrar de uma coisa dessas. Ele pode fazer isso com outras pessoas — ela argumentou.

— Eu não posso, Cami. Vamos embora, por favor.

— Você tem que fazer isso, Gi — ela disse abrindo a porta do carro.

— Fecha essa porta agora e vamos embora, ninguém nunca vai saber disso. Nunca!

— Mas Gi...

— Não, ele é filho de um dos artistas mais adorados do país. Meu rosto ficaria estampado em todos os jornais — falei com a voz tremendo. — Eu não posso, por favor.

— E daí? Você não deve nada a ninguém!

— Me promete que isso não vai sair daqui — implorei.

— Eu não posso fazer isso — ela falou emburrada.

— Cami, eu preciso que você me prometa. — O desespero começou a tomar conta da minha voz só de pensar na ideia disso se tornar público. — Não quero meu rosto estampado em lugar nenhum. Eu não posso deixar que isso aconteça. Eu não posso ter meu rosto exposto em lugar nenhum, nunca.

— Ninguém te condenaria por isso, Gi — ela falou sem entender meu ponto.

— Você não entende, eu não posso. Prometa. Por favor!

— Tudo bem, vou te deixar em paz por hoje.

Ela não entendia e nunca entenderia o porquê de eu não poder fazer isso, por mais que cada célula do meu corpo ansiasse para que ele pagasse pelo que fez. Eu não podia denunciá-lo. Um caso desses nunca passaria despercebido pela imprensa e eu não precisava de nenhuma complicação na minha vida agora.

Eu não a respondi.

O motor do carro ganhou vida e eu consegui respirar aliviada por um breve momento de vitória naquela noite, porém logo as imagens de tudo que aconteceu voltaram e o medo novamente se apossou do meu corpo.

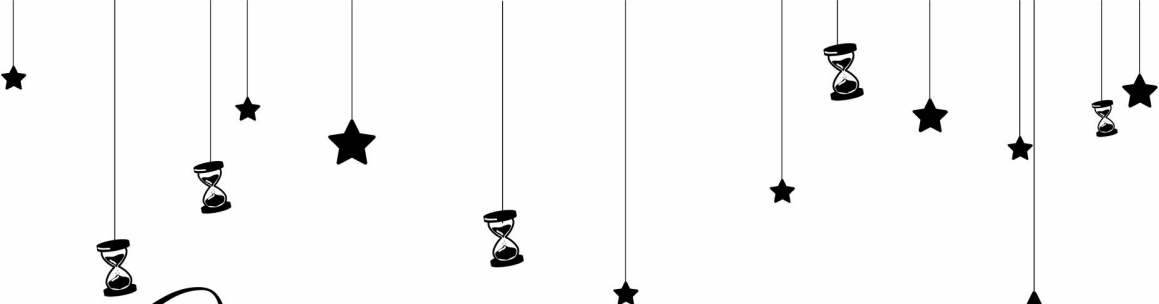
Cheguei em casa e entrei no banho, esfreguei-me com força para

limpar a sujeira daquele toque que ardia na minha pele. As marcas continuavam lá, agora começando a ganhar um tom arroxeadado e com isso a raiva transbordava dentro de mim. Como eu deixei isso acontecer? A esse ponto eu já deveria ter aprendido a não confiar em ninguém, eu deveria ter percebido, era minha obrigação ter notado que alguma coisa estava errada.

Deixei a água escorrer pelo meu corpo para que pudesse lavar tudo que aconteceu nesta noite, inclusive as memórias que assombravam minha mente. Eu estava com raiva, triste e sentindo várias coisas que eu não sabia definir, queria gritar e atirar coisas pela janela.

Deitei na cama e as lágrimas me consumiram. Eu chorei por hoje. Chorei pela minha mãe, pelo meu pai. Chorei por todos que eu já amei terem sido tirado de mim, mas principalmente, chorei por não ter ido com todos eles. Por meu coração ter continuado batendo, por eu não ser capaz de fazê-lo parar, por mais que fosse tudo que eu desejasse. Não sobrou nada aqui para mim.

Cami ficou me verificando toda a noite, não disse mais nada sobre o que aconteceu, como pedi. Quando me deitei, ela se deitou ao meu lado e me abraçou forte. Era tudo o que eu precisava, alguém para me apertar e impedir que as peças que eu juntei nesses últimos anos se despedaçassem novamente.



Capítulo 9

Melissa

Tic Tac. O tempo acabou.



O ônibus estava lotado, levantei do meu assento para ceder a uma senhora que acabou me xingando por eu estar insinuando que ela era velha e precisava ficar sentada. Tudo porque ela entrou no ônibus pela porta dianteira com a carteirinha de idoso, mas preferi ficar quieta, não pegaria bem gritar

com idosos. Alguém poderia me acusar de gerontofobia. Não que alguém fosse saber o que significava essa palavra, que por sinal era o nome dado a pessoas que tinham fobia a idosos. Pergunto-me se alguém realmente sente isso desde que fiz um trabalho sobre fobias para a aula de biologia. Ainda não conheci ninguém.

O assento acabou sendo roubado por um bêbado que estava em pé enquanto a senhora me passava um sermão sobre como eu deveria aprender a respeitar os mais velhos. Quase gritei que era isso que eu estava tentando fazer, mas percebi que balançar a cabeça e pedir desculpas faria com que ela ficasse quieta mais rápido. Por conta disso, eu teria que ficar os próximos longos quarenta minutos em pé.

Peguei meu celular para aumentar o som da música que estava tocando nos fones de ouvido, assim ninguém mais me incomodaria durante o resto do trajeto, quando notei que havia uma mensagem de voz. No Brasil as pessoas não tinham o costume de deixar esse tipo de mensagem, geralmente eram só alguns sons de alguém que não conseguiu desligar o celular antes do sinal, mas pelo nome que mostrava na tela eu sabia que esse não era o caso. Disquei para ouvir e esperei a voz dele aparecer.

— Mel, esqueci de te dizer, você estava linda hoje. — Ele soltou um riso fraco que fez meu coração pular. — E eu tenho uma novidade para te contar, acabei de receber uma boa notícia, mas quero contar pessoalmente.

Estou indo encontrar minha mãe, acho que ela está precisando de alguma coisa, não entendi direito. Te pego as sete, qualquer coisa eu te ligo.

Olhei para baixo e analisei a roupa surrada de academia que eu estava usando quando nos encontramos mais cedo. Ele adorava fazer esse tipo de coisa, nunca me elogiava quando eu estava esperando um elogio. Todas as vezes que me enchia de maquiagem e perfume para sair, não recebia sequer um “tá bonitinha”, mas nos momentos que estava me sentindo um trapo, seja com o uniforme do colégio, quando acabava de acordar, ou depois de fazer academia; quando o cabelo estava todo para o alto e o corpo pingando de tanto suor, ele sorria e falava que eu estava linda, e por mais feia que estivesse me sentindo, eu acreditava nele.

Tocou o bipe do fim da mensagem e anunciou que tinha mais uma. Apertei o número um para escutar a outra mensagem. E a voz dele surgiu novamente nos fones de ouvido.

— Esqueci outra coisa. Eu te amo, meu mundo! — Era assim que ele me chamava carinhosamente desde aquele dia que nos perdemos e nos encontramos um no outro.

Um sorriso bobo apareceu no meu rosto e desviei meu olhar para o chão para que as outras pessoas não reparassem que estava sorrindo para o nada. Era o mesmo sorriso que insistia em permanecer nos meus lábios desde

duas semanas atrás quando ele falou essas palavras pela primeira vez. Depois daquele dia, todos os seguintes foram como se eu estivesse envolta em uma nuvem de alegria, nada me chateava, nada me abalava. Antes, eu talvez tivesse gritado com a senhora que me fez levantar e que ainda me deu um sermão, mas hoje mesmo se eu perdesse o ônibus e tivesse que ir andando para casa, eu não ficaria brava, porque eu sabia que mesmo se o dia tivesse sido uma porcaria, no final eu teria meu Logan ao meu lado.

Não conseguia nem começar a explicar como eu estava me sentindo constantemente em um sonho. Forçava-me a ficar acordada a noite, pois nada que minha cabeça inventava enquanto meus olhos estavam fechados poderia ser melhor do que o que já estava acontecendo.

Enfiei o celular no bolso novamente sem lembrar para que tinha pego a princípio. O sorriso que estava no meu rosto chegava a doer, mas eu não conseguia tirá-lo de lá.

Quando estava quase no ponto que eu desceria, mandei uma mensagem para o Logan avisando que já estava chegando em casa e que passaria na casa dele para pegar o xampu que comprei mais cedo e havia ficado com ele; não queria ficar carregando sacola pela rua e pedi para ele segurar, mas acabei esquecendo de pegar de volta quando ele foi embora. Pelo menos nós moramos um ao lado do outro e não teria que ficar sem lavar a cabeça.

O ônibus parou em um ponto e algum estranho passou a mão na minha bunda enquanto as pessoas se espremiavam para sair, virei o rosto procurando pelo engraçadinho, mas tinham tantas pessoas espremidas ali que poderia ter sido qualquer um. Encolhi mais no meu canto tentando fugir do toque das outras pessoas, mas quanto mais eu fazia isso, mais os outros me esmagavam contra a pessoa que estava sentada. Pedi desculpas quando quase caí em cima dela e respirei fundo enquanto tentava andar um pouco mais para perto da porta de saída, já estava quase no meu ponto e não queria perder por não conseguir alcançar a porta a tempo. Senti mais uma vez a mão na minha bunda, só podia ser brincadeira, mas dessa vez não consegui me manter quieta. Virei para trás já gritando.

— Quem é o engraçadinho?

Todos em volta viraram seus olhares assustados para mim. *Ótimo! Agora eu era a maluca do ônibus.* Um cara passou a mão em mim, mas a louca era eu.

Graças ao bom Deus o ônibus chegou ao meu ponto. Atropelei as pessoas que estavam na frente e saí ignorando as risadas que eu sabia que eram destinadas a mim.

O ponto dava de frente para uma padaria e todo aquele estresse me deixou com uma vontade incontrolável de comer um chocolate. Atravessei a

rua e comprei um Kinder Bueno. Não existia chocolate no mundo melhor do que esse. Não sabia como ainda não havia sido proibida sua comercialização, pois causava uma dependência descomunal, eu não saberia viver em um mundo sem esse chocolate. Deveriam pelo menos colocar um aviso, como os que tinha no cigarro, demonstrando o que o vício poderia causar. Eu nem teria provado, mentira, era óbvio que eu teria. Eu não me importaria com os malefícios, seria um preço justo a pagar por esse pequeno pedaço do céu na minha boca.

— Não dá para acreditar que isso aconteceu aqui do lado. Um assassinato assim tão brutal — uma mulher fofocava com o homem do caixa enquanto eu pagava pelo meu chocolate. — A polícia ainda está lá. Quem faz uma coisa dessas com pessoas tão boas? — Ela não parecia chocada com esse assassinato, mas ultimamente isso não era uma coisa tão anormal, a cidade estava ficando bem perigosa nos últimos anos.

— Eu só conhecia o garoto, era um bom garoto. É realmente muito triste tudo isso. — As palavras dele soaram mais sinceras, enquanto a mulher parecia estar mais interessada nas mãos dele em seu braço acalmando-a.

Atravessei a rua, entrei no condomínio cumprimentando o porteiro com um aceno e virei a esquina na rua da minha casa. A rua estava movimentada, uma multidão se juntava ali perto, onde tudo que deveria ter era o carro da Vivian, mãe do Logan, estacionado. Meu coração começou a

bater tão forte que eu mal conseguia escutar o que estava acontecendo ao redor, as únicas coisas na minha mente eram as palavras ASSASSINATO e GAROTO. Acelerei o passo querendo saber o que estava acontecendo, foi quando vi uma faixa amarela da polícia cercando a casa do Logan que todo o meu corpo começou a tremer.

A mulher não poderia estar falando deles, nada tinha acontecido a eles. Uma cena de filme rodou na minha cabeça enquanto eu empurrava as pessoas da minha frente, espremendo-me para passar entre elas, que murmuravam alguns xingamentos pela força que eu estava usando para afastá-las. Quando consegui chegar até a faixa, eu a puxei para cima e corri em direção à porta. Havia sangue, minhas pernas estavam bambas, forcei-as a continuar, estava quase chegando à varanda quando alguém envolveu os braços em torno do meu corpo e me puxou para longe.

— Me solta!

Eu precisava entrar, precisava vê-los, saber que eles estavam bem. Debatí-me para escapar daqueles braços, mas eram muito fortes. Eu estava gritando, só queria saber dele, meu Logan. Ele tinha que estar bem, eles estavam falando de outras pessoas, ninguém ali foi assassinado, ele não podia ter sido assassinado, quem faria uma maldade dessas com alguém como ele? Não tinha lógica nenhuma nisso. Eles não sabiam o que aconteceu e estavam fofocando coisas sem sentido. Era isso, eu só precisava achá-lo e nós iríamos

rir disso tudo, não passava de um mal-entendido.

— Logan! Vida! — gritei mais uma vez. Talvez se ele me escutasse viria até aqui para que eu pudesse ver que estava tudo bem, mas muito tempo se passou e ele não veio me acalmar, eu precisava vê-lo.

Várias pessoas entravam e saiam da casa, onde ele estava? Por que não vinha me atender? Não havia mais braços me segurando, mas meu corpo se recusava a sair do lugar. O medo nublava meus pensamentos, isso não podia estar acontecendo.

Uma mulher loira, com um rosto sereno estava falando comigo. Via seus lábios se mexerem, o som das palavras estava chegando aos meus ouvidos, só que eu não conseguia entender, nada estava fazendo sentido.

— Você tem que se acalmar. Eu preciso saber o seu nome — ela gritou tentando chamar minha atenção.

— Melissa — minha voz saiu sussurrada.

— Muito bem Melissa, você conhecia as pessoas que moravam aqui?

— Não! Eu conheço as pessoas que moram aqui — respondi ríspida, não querendo absorver o que estava implícito na pergunta dela. — Eu conheço! — gritei, forçando as lágrimas que se acumulavam em meus olhos a não caírem. Como se enquanto eu não chorasse nada disso seria real.

— Melissa, eu sinto muito, mas a ajuda chegou tarde demais — ela

falou colocando as mãos nos meus braços, como consolo. Como diabos isso servia para consolar? Ela não deveria falar uma coisa dessas. Era uma mentira.

— Eles estão bem — eu gaguejei e sorri.

Balancei a cabeça em negativa, ela estava errada, Logan esteve comigo há menos de duas horas, nós iríamos nos encontrar a noite de novo, ele disse que me pegaria às sete horas. Olhei o horário no meu celular e já marcava seis horas, eu precisava me arrumar. Levantei do gramado e corri em direção a minha casa. A mulher que estava conversando comigo gritou meu nome para que eu parasse, mas eu não podia ficar conversando agora, só tinha uma hora para me arrumar, eu precisava estar pronta quando ele chegasse para me buscar, ele odiava esperar.

Abri a porta da minha casa e o que vi dilacerou meu coração. Eu não desejaria nem ao meu pior inimigo vivenciar uma cena dessas. Um grito rasgou minha garganta, meus joelhos vacilaram e cai na poça de sangue onde ela estava. Seus olhos estavam em mim, mas eles não se mexiam, ela nem sequer piscava. Porque eles não se mexiam? Eu precisava que eles se movessem, que eles me olhassem de volta, que fizessem qualquer movimento, por menos que fosse.

Puxei seu rosto para o meu colo e vi o corte enorme na sua garganta.

Coloquei minhas mãos em cima para segurar o sangue lá dentro, mas já não estava saindo sangue nenhum.

— Mãe, acorda, me responde! — gritei desesperada. As lágrimas inundaram meus olhos.

— Eu te amo — falei com a esperança de que ela sorrisse e me respondesse “Eu te amo mais” e eualaria que isso era impossível, mas ela não sorriu. A resposta nunca veio.

Algumas pessoas apareceram na porta, policiais. Eles queriam me afastar dela, mas eu não podia deixá-los fazer isso. Abracei firme seu corpo para evitar que me levassem para longe. Não podia deixá-la ali daquele jeito, ela precisava de mim e eu dela. Não podia deixar que me tirassem dali. Não ia abandoná-la.

— Melissa, precisamos que você se afaste para saber se ainda podemos ajudá-la. — A mesma mulher que havia falado sobre o Logan estava parada na minha frente. Eu não queria me afastar para depois ter que ouvi-la dizer novamente que a ajuda chegou tarde demais. Essa não era uma opção, eu precisava da minha mãe viva, mas o pequeno fio de esperança de que houvesse alguma coisa a se fazer fez com que eu a soltasse.

Senti meu corpo ser arrastado para longe dela, eu queria impedi-los, eles não tinham esse direito, mas as palavras estavam presas na minha

garganta e meu corpo não respondia aos meus comandos, ele só ficava lá, imóvel, estático. Meu coração batia forte no meu peito, mesmo que meu único desejo fosse que ele parasse. Ele não podia continuar batendo quando as razões dele bater não existiam mais.

E foi nesse exato momento que a maior dor que já senti em toda a minha vida me consumiu. Ela se apossou dos meus pulmões tornando difícil respirar, do meu coração fazendo doer a cada pulsar, do meu estômago mandando para fora tudo que tinha dentro. Pior de tudo, ela se apossou da minha vida, era uma dor que eu não tinha a mínima ideia de como faria parar, que parecia que iria me consumir até meu último minuto.

Embalei meu corpo com meus braços e me balancei para frente e para trás, adulando-me, acalmando-me.

Eu não estava sozinha, eles estavam bem. Nada disso era real, foi tudo um pesadelo! Minha mente repetia como um mantra em minha cabeça enquanto as pessoas corriam de dentro para fora da casa. Como se tudo que eu estivesse vendo não passasse de um pesadelo horrível do qual em breve eu acordaria.



Um tempo depois, Marcos me arrastou para dentro da casa e me levou para o meu quarto, falando para eu pegar algumas coisas que me levaria para a casa dele. Eu não queria ir para casa de ninguém.

Havia um papel em cima da minha cama, corri para pegá-lo. Sorri ao ver a letra do Logan, ele me deixou um bilhete. Ele não poderia ter me deixado um bilhete se estivesse morto.

— Eles estão vivos — falei alto para o namorado da mamãe, que estava encostado na porta me observando.

Ele semicerrou os olhos e percebi as lágrimas se formarem na beirada deles. Ele se ajoelhou na minha frente na cama e segurou minhas mãos.

— Melissa, eu sinto muito, você sempre terá a mim. Eu não vou te deixar sozinha.

Eu sorri para ele, era bom que minha mãe tivesse encontrado alguém assim, que além de cuidar dela, queria cuidar de mim também, apesar de não precisar de tantos cuidados.

— Obrigada, Marcos.

Ele me abraçou um pouco forte demais, mas não reclamei.

Ele mandou que eu pegasse minhas coisas para irmos para a casa dele, mas eu não queria ir para casa dele. Eu precisava me arrumar.

O enxotei do quarto e tranquei a porta antes de abrir o bilhete.

Meu mundo,

Eu sei que é clichê, mas preciso te dizer. Todas as palavras do mundo não seriam suficientes para expressar o quanto eu amo você.

Caralho! Sou um puta poeta!

Te vejo às sete horas.

Seu L.

Eu reli aquele bilhete que ele tinha deixado em cima da minha cama naquele mesmo dia mais cedo. O relógio na parede já estava marcando nove horas da noite.

Marcos tentou me levar para a casa dele novamente, mas eu não queria ir, eu precisava esperar o Logan vir me buscar.

Mas ele não veio.

Eu já estava pronta para sair a horas e ele não apareceu.

Porque ele não veio me buscar? Ele prometeu que viria às sete.

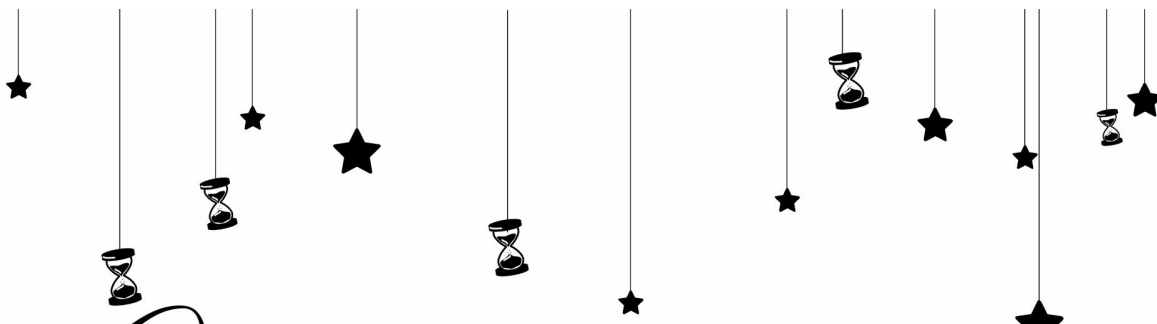
Marcos entrou novamente no meu quarto e tentou me dizer várias

mentiras, falou que ele não viria me buscar. Eu não acreditei nele nem por um segundo. Ele não sabia o que estava falando.

Expulsei-o do quarto, joguei-me na cama e puxei a coberta para me esconder do vento gelado que entrava pela janela. Eu queria fechá-la, só que se eu a fechasse, como o Logan poderia se esgueirar para o meu quarto da maneira que fazia quase todas as noites?

Então apenas encostei minha cabeça no travesseiro e fechei os olhos para esperar pelo momento que ele entraria ali e me pediria desculpas por ter me deixado esperando, e eu não me importaria, porque seus braços estariam em volta de mim e eu teria certeza de que eu estava certa e todos os outros estavam errados.

E eu estava certa. Ele veio. Assim como minha mãe veio me checar à noite. Todos eles estavam errados, todos.



Capítulo 10

Giovana

Adrian Scott:

Giovana, os resumos ficaram excelentes. Obrigado.

Espero trabalhar com você novamente.

Foi a primeira coisa que vi assim que cheguei para o meu estágio segunda-feira. Pelo menos alguma coisa eu fazia bem. Esse elogio deixou meu humor, que andava uma merda desde aquela noite com o Vitor, melhorar consideravelmente.

Eu ainda me sentia um lixo por ter deixado as coisas chegarem aquele ponto e nunca mais queria vê-lo na minha frente. Na verdade, enchia-me de medo só de pensar em reencontrá-lo. Eu queria que ele pudesse simplesmente sumir e nunca mais dar as caras por aqui. Era uma merda ter que me manter em silêncio, correndo o risco de que faça isso com outras mulheres, mas meu medo de virar notícia me mantinha calada.

Eu já havia lido relatos de mulheres que passaram por coisas parecidas e se culpavam pelo que aconteceu, o que eu achava o cumulo do absurdo. A vítima nunca tinha culpa. Porém agora, eu entendia o que elas queriam dizer, lá no fundo eu sentia que tinha um pouco de culpa, que eu poderia ter lutado mais, percebido antes. Era uma merda esse sentimento. Eu sabia que ele era o errado e que ele faria isso independente do que eu fizesse, mas o maldito “e se...” não me deixava em paz.

Eu estava tentando mergulhar de cabeça no trabalho e nos estudos para tentar evitar ao máximo pensar sobre.

Quando voltei para casa na quarta-feira, uma onda de alívio me bateu. Foram três dias andando pela faculdade e não encontrei com o Vitor nenhuma vez. Talvez a sorte estivesse finalmente sorrindo para mim.

Mal sentei no sofá e o telefone começou a tocar. Peguei-o na mesinha ao lado do e atendi.

— Alô!

— Alô? Gi? — gritou do outro lado. Havia alguma música tocando alto no fundo.

— Cami, onde você está?

— Gi? Não estou te ouvido — gritou novamente. — Só um minuto.

— Pronto, acho que melhorou agora. — O fundo parecia um pouco menos barulhento.

— Onde você está?

— Estou aqui no Jazz. Ligaram hoje à tarde perguntando se podíamos cobrir uma banda que não viria. Vem para cá.

Jazz era um barzinho de pop rock da cidade, que mesmo durante a semana sempre ficava lotado. Esse seria o primeiro show com o Bruno, o guitarrista novo.

— Não sei se é uma boa ideia.

Não estava no clima de festejar. Muito menos num lugar lotado de pessoas me encostando.

— Vem, vai ser uma boa distração para sua cabeça.

Realmente seria, mas amanhã eu finalmente conheceria o famoso Dr. Scott. Não queria chegar lá com cara de cansada. Por mais que a minha vida

estivesse uma merda, alguma coisa me obrigava a continuar, como se por algum milagre tudo fosse melhorar. Talvez eu devesse jogar na mega sena, porque não tinha dúvida alguma de que no amor o azar chegava a ser um termo chulo para definir o tanto de merda que já me aconteceu.

— Hoje é quarta, Cami, temos aula amanhã.

— É só você voltar cedo.

— Acho melhor não, aproveite por mim.

— Tudo bem, até mais tarde, qualquer coisa pode me ligar.

— Tchau, Cami.

Desliguei o telefone e fui até a cozinha preparar um sanduíche para comer, liguei a televisão e sentei no sofá. Estava passando uma novela que eu nunca tinha visto, mas não me incomodei em mudar de canal. Eu sabia que não conseguiria prestar muita atenção em nada.

— *Me solta. — Choringuei alto tentando me livrar dos seus braços.*

— *Você vai ser minha hoje. — Ele riu.*

Meu corpo parecia ser incapaz de obedecer às ordens que eu dava. Quanto mais o desespero tomava conta de mim, mais estático meu corpo ficava. Vitor estava em todos os lugares, na minha boca, nos meus braços, seios, pernas.

— Não — gritei com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Um barulho alto rompeu pelo quarto.

Dei um salto do sofá em alerta, minha respiração ainda estava ofegante, meu coração disparou e meus olhos voaram para a porta, que continuava trancada.

Foi tudo um pesadelo, ele não estava aqui, eu estava bem. Mesmo sabendo disso, as lágrimas insistiram em saltar pelos meus olhos.

Só consegui relaxar quando encontrei o motivo do barulho. A vassoura que estava encostada na parede caiu em cima da mesinha de canto e empurrou uma bola de vidro vermelha para o chão.

Meu coração ainda estava disparado e por mais que tentasse me acalmar, não conseguia tirar o pressentimento ruim de que algo iria acontecer se eu ficasse ali em casa sozinha.

Eu não costumava ser tão medrosa assim, mas saber que eu não conseguiria me proteger, caso ele aparecesse por aqui, deixava-me bem assustada.

Dirigi até o Jazz. Já eram quase oito horas e as ruas estavam tranquilas. Desci do carro e puxei minha bolsa para o meu ombro. Quando vi a fila na entrada do bar, quase dei meia volta, só não fiz isso porque não queria mesmo voltar para casa e ficar sozinha. Fazia anos que eu havia

superado esse medo, agora ele havia retornado.

Peguei o celular reserva que fui obrigada a arrumar depois de esquecer minha bolsa com tudo naquele maldito hotel. Mandeí uma mensagem para Camila falando que a fila estava enorme e que eu não tinha identidade, que também ficou para trás. Precisava tirar novos documentos, urgente.

Tranquei o carro e caminhei até a fila esperando que algum milagre acontecesse e o segurança liberasse a entrada de todo mundo.

Alguns minutos depois a Cami saiu e abanou a mão para que eu chegasse lá na porta. Fui até lá e ela falou para o segurança que eu estava com a banda, ele me deixou entrar sem pedir identidade. Eu ganhei alguns xingamentos e resmungos de algumas pessoas que já estavam esperando ali há muito tempo.

O barzinho estava lotado, meus olhos demoraram um pouco a se acostumar com a pouca luz.

Cami me conduziu até a mesa perto do palco onde estavam os outros integrantes da banda. Cumprimentei todos eles, sentei-me ao lado do Bruno e ela se sentou do meu outro lado.

— Experimenta isso aqui — disse o Guilherme, baterista da banda, empurrando um copo com alguma coisa azul dentro.

— Não vou beber hoje — falei empurrando o copo de volta.

— Não falei para você virar, falei para experimentar — ele disse balançando a cabeça.

— Estou dirigindo, só experimentar pode me custar uma multa e alguns dias na prisão — respondi.

— Eu chamo o táxi para você depois — ele falou.

— E eu faço o que com meu carro?

— Deixa a chave comigo, eu levo para você — o Bruno falou levantando a garrafinha de água que estava bebendo.

— Motorista da vez? — perguntei.

— Na verdade, não, nem vim de carro. Estou tomando antibiótico, então nada de álcool para mim hoje.

— De qualquer jeito, prefiro ficar no refrigerante, não quero correr o risco de ressaca amanhã.

Levantei e fui até o bar, que estava um inferno. Tive que me esmagar entre o muro de pessoas envolta do balcão.

— Uma coca — pedi.

O barman gritou novamente alguma coisa para mim depois de duas tentativas frustradas, e outra vez eu não entendi, mas fiquei com vergonha de

pedir que ele repetisse de novo então achei que o melhor fosse apenas concordar, mesmo sem entender o que ele havia falado.

— Sim — respondi balançando a cabeça.

Provavelmente estava querendo saber se eu queria gelo e limão.

Ele me entregou a coca no copo e pediu minha comanda para marcar meu pedido.

Virei-me para voltar para a mesa no mesmo instante que a mulher que estava atrás de mim tentou se enfiar no lugar de onde eu estava saindo, entornando quase metade do que estava bebendo na minha blusa. Senti o líquido escuro cair no meio dos meus seios e escorrer pela barriga. Puxei a blusa branca do corpo para não marcar nada e eu ficar praticamente nua no meio da boate.

— Merda — gritei.

— Ops — falou a mulher e se voltou para os seus amigos rindo, sem se importar comigo.

— Ops? — gritei novamente olhando para minha blusa, e quando levantei o olhar para xingá-la, já não havia nem sinal dela por perto.

Caramba! Qual será seu próximo movimento, destino? Já não me ferrou o suficiente?

Fui até o banheiro para analisar o estrago e vi que minha blusa estava

toda manchada de um líquido avermelhado, que com certeza seria impossível de remover, provavelmente perderia a blusa. Tentei tirar o excesso com o papel, mas não adiantou muito, ainda estava sentindo a blusa colando no corpo.

Peguei minha coca e dei uma golada, no momento que senti aquilo descer queimando pela minha garganta percebi que havia alguma coisa errada.

Olhei a comanda para conferir o pedido e ao invés de refrigerante estava marcado um “x” em Cuba Libre. Parece que o Barman estava perguntando se eu queria Rum, não gelo e limão.

E o dia só melhorava.

Voltei à mesa e continuei bebendo aquilo mesmo, depois daquele primeiro gole eu não poderia voltar para casa dirigindo de qualquer maneira, então pelo menos ia beber o que estava pagando.

— Você leva meu carro, preciso dele amanhã às seis da manhã — falei com o Bruno.

— Chave? — pediu estendendo a mão. Eu a entreguei.

Sentei-me à mesa novamente e percebi que eles estavam jogando verdade e consequência, mas nem se eu estivesse tonta eu participaria disso. Esse jogo era para pessoas que a única coisa que tinham a esconder era o

nome do cara que ficou na outra noite.

— Vai, Gi, sua vez — Guilherme gritou.

— Eu passo!

— Ahh para, vamos brincar, por favor — implorou a Cami.

— Não.

— Deixa de ser careta — Bruno gritou e todos começaram a me encher de súplicas.

— Vai, tudo bem. Mas não adianta me mandar dançar em cima da mesa porque isso não vai rolar, mesmo sabendo que todos vocês apreciariam muito — respondi.

Eles riram e concordaram que seria um bom desafio.

— Verdade ou Desafio? — Cami perguntou.

— Desafio. — Eu não tinha nem o que pensar, verdade estava fora de questão. Ainda mais com a Camila louca para falar sobre a outra noite. Se bem que ela nunca usaria isso contra mim nessa brincadeira, eu sabia disso.

— Eu te desafio a conseguir o telefone daquele cara ali. Ele é definitivamente um dos mais gatos desse bar hoje. — Ela apontou para um cara sentado numa mesa no canto do bar sozinho, olhando para televisão.

— Assim você fere meus sentimentos, baby — Bruno falou, fingindo

estar ofendido.

— Ele é um dos mais bonitos, você é o mais bonito — ela respondeu piscando para ele.

Era impressão minha ou esses dois estavam flertando?

Eu revirei os olhos e a amaldiçoei em silêncio, ela sabia que eu era péssima para conversar com desconhecidos, mas era um desafio aceitável, então não ia questionar.

— Tudo bem, mas se prepare para o meu desafio — disse enquanto me levantava e fazia meu caminho até o bar.

— Eu nunca peço desafio — falou dando de ombros. Ela realmente não pedia, sempre escolhia verdade porque dizia não ter nada sobre ela que eu já não soubesse.

Cheguei à mesa onde estava o homem que eu tinha que conseguir o telefone. Ele estava assistindo a um jogo de futebol que passava sem som na televisão de costas para mim. Endireitei-me e falei oi, ele nem se mexeu. Tentei de novo, e mais uma vez fui ignorada, ele olhava fixo para a televisão. Olhei para trás e todos da banda me olhavam atentos, eu não podia deixá-los ganhar, era questão de honra.

Tomei coragem e o cutuquei, ele se virou para mim. Até que a Camila tinha um bom gosto para homens. Tinha a pele morena, o cabelo

encaracolado e olhos verdes.

Ele me olhou confuso enquanto eu buscava uma forma de dizer.

— Oi, meu nome é Giovana, eu sei que isso pode parecer estranho, mas será que você poderia me dar o número do seu celular? Pode ser até falso, mas não posso voltar para lá de mãos vazias — falei fazendo um gesto discreto para mostrar o pessoal que estava me olhando.

Ele ficou me encarando sem dizer nada. Já estava quase me virando e indo embora, provavelmente ele me achava louca. Ninguém com a sanidade perfeita se prestava a um papel desses.

— Ele é surdo. — Assustei-me com a voz de um homem a minha direita exatamente idêntico ao que eu estava conversando, ou melhor, tentando conversar.

Ele sorriu para mim tentando não rir da situação.

Eu queria sumir dali quando ouvi isso, principalmente quando ele começou a conversar com o irmão gêmeo fazendo sinais.

Olhei para trás e a Camila estava quase caindo da cadeira de tanto que estava rindo, eu tinha uma pequena impressão de que ela sabia disso. Eu ia matá-la. Agora que eu realmente precisava terminar esse desafio para poder esfregar na cara dela que havia conseguido mesmo com ela jogando sujo.

— Será que você poderia perguntar para ele se tem como me dar o

número do celular dele? É que minha amiga meio que me desafiou a fazer isso — falei apontando para ela sem nem disfarçar.

Ele me estudou por alguns segundos antes de concordar.

— Vou quebrar esse galho para você.

— Obrigada.

Sorri para ele enquanto eles conversavam por sinais, a conversa pareceu demorar bastante para ele ter falado só o que eu havia pedido, mas como não entendo nada disso preferi ficar quieta na minha até que ele respondesse.

O gêmeo que eu deveria conseguir o telefone olhou para mim me estudando por um tempo e depois para o pessoal na mesa que eu havia apontado.

Então, fez alguns sinais para o irmão.

— Aquela é Cami Giardini? — perguntou.

— A própria — respondi confirmando com a cabeça para o outro irmão também entendesse. — Vocês a conhecem?

— Não pessoalmente, mas acompanhamos os vídeos dela pelo Youtube. Esse será nosso primeiro show ao vivo.

Sorri orgulhosa da minha melhor amiga.

— Então, tem como me passar o número do telefone? — perguntei mais uma vez.

Eles se entreolharam.

— Ele disse que passa o telefone dele, mas quer que você passe o da sua amiga para ele — Sorri de orelha a orelha com essa proposta.

— Fechado! — respondi levantando os polegares para ele.

Entreguei meu celular a ele e ele me entregou o dele. Escrevi o telefone dela, ou melhor, o telefone antigo dela, mas ele não precisa saber disso, e o devolvi.

— Obrigada, Mateus — falei depois de ler seu nome no meu telefone.
— E obrigada a você também por traduzir a conversa.

— Sou Pedro.

— Giovana — respondi sorrindo. — Obrigada.

Voltei para a mesa vitoriosa. Cami ficou furiosa quando viu que eu realmente tinha conseguido.

— Eu não acredito que você passou meu telefone — reclamou.

Claro que não avisei que tinha passado o antigo e não o atual. Deixar ela se enfurecer um pouquinho era minha vingança.

— Eu que não acredito que você me mandou ir conversar com um

cara surdo sem me avisar. Aliás, você falou que ele era o cara mais gato do bar. Aposto que está comemorando por dentro por ele ter pedido seu telefone.

Ela revirou os olhos.

— Você não conhece o cara, Gi. Não deveria ter passado o telefone dela — Bruno me repreendeu.

— Está com ciúmes é? — perguntei rindo.



Depois daquele primeiro copo, por algum motivo eu achei que não teria problema pedir um segundo e nem um terceiro. Quando o show deles começou, eu já havia perdido a conta de quantos copos eu tinha tomado, talvez eu tenha acabado me empolgando com a brincadeira.

Eu sabia que não deveria beber assim, mas o álcool me deixou tão leve que não vi mal algum, com a minha consciência de bêbada, de continuar.

Era a primeira vez em dias que eu não estava preocupada com o que aconteceu naquela noite com o Vitor.

Estava com o foda-se ligado.

A tristeza se foi. As lembranças se foram. Só tinha o agora na minha cabeça, e eu queria que isso durasse para sempre.

Estava começando a entender o porquê de as pessoas virarem alcoólatras. Tudo ficava tão mais fácil. Era simples se perder naquilo, esquecer nossas obrigações e fingir que nossos problemas haviam desaparecido.

Fui para frente do palco pagar de tiete. A cada música que eles começavam eu gritava mais empolgada.

Cami parecia uma verdadeira Deusa do rock em cima daquele palco. Balançava seu corpo de uma maneira que fazia os homens babarem e as meninas desejarem ser ela. Seu cabelo parecia em chamas, ela estava em chamas. Ela ainda faria muito sucesso. Eu sabia disso.

O show ainda estava rolando quando meus pés começaram a doer por conta dos saltos. Voltei para a mesa e me sentei. Tirei os saltos e olhei a hora no relógio, minha vista embaçou enquanto eu tentava enxergar aqueles números que pareciam ter ficado menores. Já era quase meia noite, eu precisava dormir.

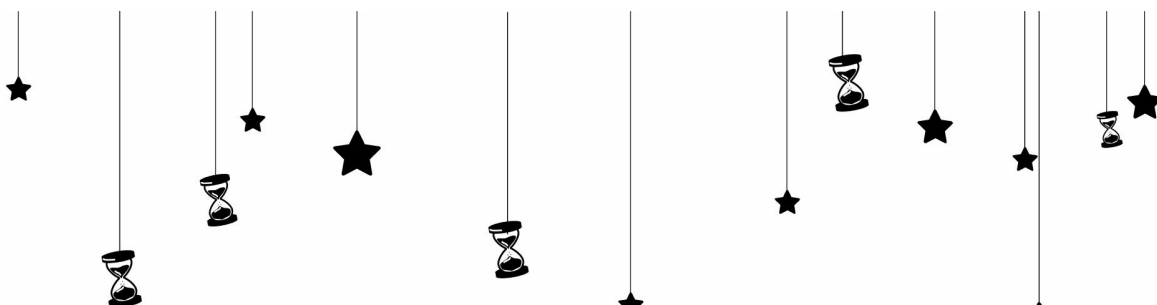
Fui até o palco e dei tchau para a Cami, para que visse que eu estava indo embora. Ela me mandou um beijo e acenou com a cabeça.

Caminhei devagar até a saída e pedi que o segurança chamasse um

táxi para mim. Ele disse que não era porteiro, que eu mesma deveria chamar o táxi.

Maldito mal-educado.

Saí de lá e mexi na minha bolsa em busca do meu celular, enquanto andava em direção ao meu carro. Não conseguia achar meu celular e nem as chaves do carro, achava que tivesse perdido minhas chaves. Cusei a lembrar que havia deixado com o Bruno. Talvez eu tivesse ultrapassado um pouco o limite da bebedeira.



Capítulo 11

Melissa

*Só mais um segundo, só mais um abraço, um último beijo, mais um sorriso,
era tudo que eu queria.*



— O nome dele é Robert Clarke, é um dos foragidos mais perigosos do mundo. Seu nome está em todas as listas de procurados desde que a Flávia e a Vivian entraram para o programa de proteção à testemunha anos atrás. Ele

costumava ser um dos homens mais ricos do mundo, tinha uma empresa mundialmente famosa que usava para lavar o dinheiro que recebia por meios criminosos — explicou o policial mais velho. — Vivian descobriu tudo sem querer poucas semanas antes de perceber que estava grávida, ela amava o marido, mas quando ficou sabendo da criança contatou a amiga, sua mãe, Flávia em busca de ajuda. Flávia conseguiu ajudá-la, mas as duas perderam tudo no processo. O nome de Robert que até então era conhecido como benfeitor, passou a ser repudiado. Em troca, ele assassinou toda a família das duas e jurou que não pararia enquanto não matasse elas e todos que amavam.

— E vocês não conseguiram pegá-lo? — Marcos perguntou com a voz trêmula.

— Infelizmente não, e é por isso que precisamos colocar a Melissa no programa de proteção à testemunha. Ela já está correndo perigo demais continuando aqui por tantos dias, mesmo com a viatura da polícia acampando na porta.

— E quando vocês pretendem levá-la?

— O mais rápido possível.

Marcos respirou fundo, enterrou o rosto nas mãos em cima da mesa, seus dedos afundaram em seu cabelo.

— Eu prometi para a Flávia que eu cuidaria de você como minha

própria filha quando estivéssemos finalmente juntos, mas eu não posso fazer isso, não posso largar tudo que tenho aqui por você, Melissa — Marcos sussurrou.

— Ela pode ficar sobre a tutela do governo até completar dezoito anos e nós iremos realocá-la.

Eu não estava entendendo direito a conversa. Porque o Marcos precisaria abandonar alguma coisa por mim? Eu tinha minha mãe, não precisava dele ou do governo para ficar comigo. Eu não ia a lugar nenhum, nem minha mãe. Eu não ia para qualquer parte que fosse longe do Logan.

— Eu não vou a lugar algum, vou ficar aqui na minha casa com a minha mãe e com o Logan.

— Você pode mandar cremá-los e levá-los para onde for — sugeriu o policial.

Isso era alguma piada? Se fosse, não tinha a menor graça. Como contratavam policiais que falavam coisas desse tipo?

— Acho que é assassinato isso que está sugerindo, policial — respondi firme.

Ele franziu o cenho com a minha resposta e olhou para o Marcos, que havia se levantado da cadeira e estava agora em pé atrás de mim. Ele não desgrudava mais, não sabia por que achava que eu precisava de uma babá,

como se já não bastasse a minha mãe aparecendo sempre que estava com o Logan.

— Vocês procuraram algum médico? — perguntou o policial.

— Para que médico? — interroguei.

Por que precisaríamos de um médico? Tinha alguém doente?

— Eu não sei o que fazer, ela continua agindo assim, como se nada tivesse acontecido — Marcos respondeu com uma voz cansada. — Ela encontrou uma carta do menino na cama dela quando foi para o quarto e desde então é como se tivesse deletado tudo que viu, ela não aceita.

Revirei meus olhos cansados da mesma ladainha de todos os dias. Ele dizia que minha mãe e o Logan estavam mortos, com os dois presentes no mesmo cômodo. Era irritante. Não sabia como minha mãe ainda continuava com ele. Eu não aturaria alguém assim.

Virei minha cabeça para trás para olhá-lo, duas bolas negras contornavam seus olhos, sua postura estava curvada e cansada. Eu precisava falar com a minha mãe que ela deveria me deixar um pouco para dar atenção a ele.

— Nós podemos indicar algumas clínicas que ela ficará segura, temos algumas dentro do programa de proteção à testemunha. Depois que a movermos, vocês não poderão mais entrar em contato um com o outro —

falou o policial.

— Não será problema — Marcos disse.

— Do que vocês estão falando? Eu não vou a lugar nenhum! — gritei.
— Parem de falar que estou louca! Loucos estão todos vocês! Vocês é que precisam ser internados por continuarem nessa loucura de assassinato! Está tudo bem, parem com isso.

Levantei da cadeira e estava prestes a marchar para o meu quarto quando o Marcos me segurou pelo braço.

— Melissa, olha para mim — ele implorou e eu olhei. — Sua mãe, a Vivian e o Logan estão mortos.

Revirei os olhos, cansada daquela conversa. Eu queria gritar com ele, falar que ele não era meu pai para me obrigar a fazer essas coisas, mas provavelmente a mamãe ficaria chateada se eu fizesse isso.

— E o Papai Noel existe. Posso ir? — rebati fria.

Ele me libertou e eu fui para o meu quarto. Mamãe e Logan estavam sentados na minha cama, eles riram quando contei que agora havia policiais tentando me convencer de que eu estava louca e que eles estavam mortos.



Estava finalmente sozinha com o Logan no meu quarto, ele me abraçou da mesma maneira que fez da primeira vez que revelou seus sentimentos. Eu estava perdida em seus braços quando a porta do meu quarto se abriu, revelando um Marcos assustado. Olhei furiosa para ele, não existia mais privacidade nessa casa?

Estava prestes a reclamar quando percebi que ele não estava sozinho. Dois homens vestidos de branco vinham logo atrás dele. Marcos abriu passagem e eles entraram no quarto.

— O que vocês pensam que estão fazendo? — gritei.

— Melissa, nós precisamos que venha conosco — falou um deles.

Eu ri nervosa.

— Até parece que vou a algum lugar com vocês.

Eles vieram em minha direção e eu me encolhi na cama. Logan estava no canto do quarto e só me observava. Por que ele não fazia nada?

Eles se aproximaram mais e eu me levantei tentando escapar de suas mãos.

— Não encosta — gritei quando um deles segurou firme o meu braço.

— Me desculpe, Melissa — ele falou, mas não me soltou, apenas

firmou mais a mão e me imobilizou facilmente enquanto eu me debatia.

— Nãaaao — gritei novamente. — Me ajude, Logan!

Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu continuava fazendo força. Contorci mais ainda quando vi a agulha na mão do homem que não me segurava, mas não fez diferença. Em alguns segundos o mundo inteiro sumiu.



— Por que você não toma seus medicamentos? — Logan perguntou encostado na janela com as grades que me impediam de pular.

— Porque eu não quero te perder — respondi.

Que pergunta idiota.

— Meu mundo, eu vou sempre estar com você — falou se virando para mim.

— Sempre estaremos com você, meu amor — Minha mãe, que estava sentada ao pé da cama, concordou com ele.

— Não é a mesma coisa se eu não estiver vendo vocês. Parem de me forçar a viver sozinha!

— Nós só queremos te ver melhor — minha mãe continuou.

— O melhor é ter vocês aqui, não quero mais falar disso.

A porta se abriu e a médica entrou. Ela vinha todos os dias, tentava conversar e me obrigava a tomar os medicamentos, que eu fingia que tomava. Ela sempre estava muito bem vestida, o cabelo escuro sempre preso em um rabo de cavalo alto e o sorriso sereno que permanecia até quando eu gritava com ela e a mandava embora.

— Como você está hoje, Melissa? — perguntou com a voz calma.

Eu não respondi. Ficar calada sempre acabava com isso mais rápido.

— Sua mãe e o Logan estão aqui hoje? — continuou se sentando no banquinho que trouxe com ela para dentro do quarto.

Eu olhei para os dois sentados na beirada da cama, mas continuei calada.

— Eu pesquisei um pouco sobre sua mãe, você sabia que ela era médica antes de ter que entrar para o programa de proteção à testemunha?

Continuei calada.

— O nome verdadeiro dela era Tatiana.

— O nome da minha mãe é Flávia, nunca foi Tatiana.

— Tatiana trabalhou por alguns anos para os médicos sem fronteiras,

as crianças a amavam.

Meus olhos começaram a lacrimejar pela maneira que ela falava. Essa não era minha mãe.

— Eu não conheço essa Tatiana, minha mãe se chama Flávia, ela é formada em medicina, mas depois que eu nasci ela largou a profissão para ter mais tempo para mim. Ela nunca fez nada disso que você está falando.

— Eles te amavam, Melissa, eles iam querer que você tomasse seus remédios e superasse tudo isso — falou colocando a mão na minha perna. Encolhi-me fugindo do seu toque.

— Eu estou tomando meus remédios — menti.

— Não está. Nós achamos seus comprimidos enterrados nas plantas da ala de recreação — respondeu calma. — Você precisa tomar seus medicamentos.

— Eu não posso — respondi me encolhendo mais. — Não consigo ficar sem eles, não me obrigue — implorei.

— Eu sinto muito, Melissa, mas preciso fazer isso — ela falou tirando algo de dentro do bolso do jaleco.

Eu levantei num pulo da cama e corri para a parede mais distante dela.

— Por favor, eu prometo que irei tomar os comprimidos — choraminguei.

Ela veio em minha direção pedindo que eu me acalmasse, mas o desespero me consumiu por dentro. Podia sentir meu coração martelando no meu peito, minha cabeça girava procurando uma saída. Quando ela aplicasse aquilo em mim, eu os perderia, eu não podia deixar ela fazer isso.

Ela se aproximou mais, não havia saída.

— Calma, Melissa — falou novamente.

Nesse momento o desespero tomou conta de mim, eu a empurrei e corri em direção à porta, eu não deixaria que ela os tirasse de mim. Corri pelo corredor e pela primeira vez senti que talvez pudesse fugir daquele lugar. O portão do corredor também estava destrancado e consegui passar por ele. A médica gritava e corria atrás de mim. Estava tudo correndo muito bem, até que me deparei com dois guardas no final das escadas, eles me seguraram e eu soube que mais uma vez eu tinha sido derrotada. Senti uma picada e todo meu corpo amoleceu em questão de segundos.

Acordei agitada com as memórias na minha cabeça.

— Logan? Mãe? — gritei para o quarto vazio.

A médica entrou e eu me encolhi na cama.

— Melissa, sua mãe e o Logan morreram. Você tem que aceitar isso — falou calmamente.

— Por que você continua dizendo isso? Eles foram embora porque

— Você me obrigou a tomar o maldito remédio — gritei. — Eu odeio você. Eu odeio todos vocês. Deixe-me sair daqui — raiva pulsava na minha voz a cada palavra.

— Eles foram embora porque estão na sua cabeça, eles não são reais.

Mentirosa! Pare de falar mentiras!

— Só porque você diz que eles não são reais, não significa que isso seja verdade.

Queriam me fazer acreditar nas mentiras sujas deles, eu não ia cair nessa.

— Você estava lá, você viu. Você encontrou sua mãe.

— Não, isso não aconteceu! — gritei para ela e tampei meus ouvidos.

— Você tem que se acalmar — falou segurando minha mão.

— Vou me acalmar quando você parar de falar que eles estão mortos.

Ela saiu e me deixou sozinha novamente naquele quarto branco, sem vida, sem nada. Todos os dias ela voltava e me dizia as mesmas coisas, explicava que eu estava com Amnésia Pós-Traumática e que isso estava causando uma psicose, por isso eu continuava vendo o Logan e a mamãe, e isso não melhoraria enquanto eu não me lembrasse ou aceitasse o que aconteceu. Aos poucos as conversas foram se tornando mais longas, e algumas coisas foram voltando a minha memória, até finalmente descobrir

que ela esteve certa o tempo todo.

Ela curou minha psicose, mas estraçalhou meu coração.

Minha mãe morreu.

O Logan morreu.

A Vivian, mãe do Logan, também morreu.

Eu sobrevivi, ou pelo menos foi isso que ela disse, pois me sentia morta. Logan era minha vida. Como se vivia sem vida?

Era uma merda sobreviver.

Não queria sobreviver, queria viver.

Desde aquele dia eu sobrevivia, um dia após o outro.

Depois de um ano trancafiada naquela ala psiquiátrica, quando recebi alta a polícia veio me encontrar novamente.

— Sua nova documentação está no envelope maior e no menor é uma carta da sua mãe — falou o policial.

Abri primeiro a carta da minha mãe, desesperada por um pedaço dela.

Mel,

Gostaria que essa carta nunca chegasse em suas mãos, mas se chegou é porque o que eu mais temia, aconteceu. Eu falhei em nos proteger.

Vou lhe contar toda a história, você precisará se proteger sozinha agora e merece saber o porquê.

Vivian e eu éramos amigas de infância, meus pais eram caseiros dos pais dela, morávamos numa casinha ao fundo da casa deles. Apesar dos meus pais serem empregados dos pais dela, fomos criadas como irmãs. Frequentamos as mesmas escolas, cursamos a mesma faculdade e fizemos intercambio juntas. Nesse intercambio, Vivian conheceu Robert, ele era o sonho em pessoa; lindo, rico, amoroso e gentil. Eles se casaram no ano seguinte e Vivian estava vivendo seu sonho.

Robert proporcionava a Vivian uma vida de princesa, regada com tudo do bom e do melhor, ele falava abertamente sobre seus investimentos no mundo inteiro e suas aquisições, era impossível desconfiar que todo aquele dinheiro era ilegal.

Depois de quatro anos de casamento, eles acharam que estava na hora da família crescer e começaram a tentar engravidar.

Nós conversávamos todos os dias por telefone. Ela estava sempre feliz contando as novidades, até o dia que me ligou para contar que estava grávida, mas ao invés de estar contente com a notícia, ela estava apavorada.

Nesse dia, Vivian me contou aos sussurros que havia visto seu marido matando um homem, mas ele não sabia. Ela estava temendo por ela e pelo

futuro bebê.

Com medo de confrontar o marido, Vivian decidiu fugir, mas Robert acabou descobrindo todo seu plano quando ela comprou a passagem de avião no cartão de crédito. Ele soube na mesma hora que Vivian havia descoberto sobre sua real ocupação. Então, ele a obrigou a matar uma pessoa, colocando na cabeça dela que depois disso ela estava tão suja quanto ele e que se tentasse fugir ele mataria não só a ela, mas também seus pais e sua “irmãzinha”, como ela se referia a mim.

Ela nunca contou a ele sobre a gravidez por medo das ameaças piorarem.

Depois desse dia eu não consegui mais me comunicar com a Vivian, soube que tinha algo errado. Não pensei duas vezes antes de ir atrás dela.

Procurei a polícia logo que cheguei lá e relatei tudo que sabia, mas não contava que Robert tivesse seus contatos dentro do departamento. Quando finalmente a investigação andou e conseguiram um mandado de prisão para ele, não o encontraram em lugar nenhum. Vivian foi encontrada na casa dos dois, estava sendo mantida trancada no quarto deles sem poder ter contato com ninguém.

Com sua fuga achávamos que estávamos seguras, até chegarmos ao Brasil e descobrirmos que nossos pais haviam sido assassinados e quem

havia feito isso deixou um bilhete dizendo: “Vocês vão se arrepender do que fizeram, não vou parar até que cada pessoa com o sangue de vocês esteja morta. Com amor, seu pior pesadelo”.

Fomos colocadas no programa de proteção a testemunha, cada uma em um lugar diferente, pois eu estava triste pela morte dos meus pais e mesmo que fosse errado, estava culpando a Vivian por essa perda, por isso pedi para não ficarmos juntas.

Conheci seu pai logo que me mudei, nos apaixonamos e dois anos depois você veio para mim. Quanto mais você crescia, maior ficava meu medo do passado.

Você tinha quatro anos quando seu pai resolveu entrar para a política, mesmo com todos os meus pedidos para não fazer. Ele dizia que meu medo de exposição não fazia sentido, até porque eu nunca havia contado o real motivo disso, tinha medo de colocá-lo em risco ao fazer.

Começamos a brigar quando ele passou a querer que eu lhe fizesse companhia nas aparições públicas e eu me neguei, ele dizia que precisava da família com ele e eu rebatia que havia pedido para ele não entrar nessa vida, então não tinha obrigação nenhuma.

No ápice das nossas discussões, resolvi contar a verdade e falei que ia embora com você caso ele não desistisse disso. Eu o amava, mas meu

medo era maior. Ele disse que eu não deveria passar a vida temendo um homem e pediu que eu confiasse nele para nos proteger.

Eu confiava nele com a minha vida, Mel, mas nunca confiaria a sua, você foi minha prioridade desde o momento que descobri a gravidez.

Por isso fugi com você no meio da noite para um lugar que eu julgava mais seguro, junto com a Vivian, que seguia rigidamente todas as regras para não ser encontrada.

Agora te olhando dormir na sua cama nova, me sinto um pouco mais tranquila. Acho que você terá uma vida linda e feliz aqui.

Por tudo isso, desejo de todo o coração, que essa carta nunca precise chegar em suas mãos; mas se chegar, espero que já tenha idade suficiente para compreender tudo e não seja mais a criança indefesa que dorme neste momento.

Preciso que você faça exatamente o que a polícia disser, não os questione, vá para onde mandarem, saia das mídias sociais, não deixe que postem fotos suas na internet, não contate ninguém que você conheceu antes, se mantenha longe de qualquer coisa que possa levar sua imagem a público.

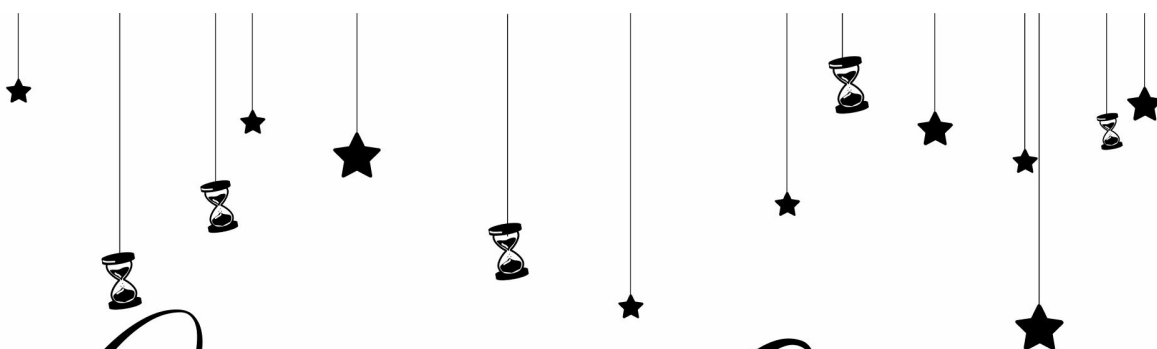
E por fim, você tem o direito de ficar triste por mim, mas depois de alguns dias, você precisa sair, sorrir e se divertir sem se sentir culpada.

Eu tive uma vida incrível, agora é sua vez de viver a sua.

Com todo amor, Mamãe.

Limpei as lágrimas do rosto quando acabei de ler, abri o envelope maior e lá estava minha nova identidade. Mudaram os nomes dos meus pais, minha data de nascimento e toda a minha história.

Meu nome a partir de hoje era Giovana Rabello.



Capítulo 12

Giovana

Estava rodando a procura de um táxi há quase dez minutos. Apesar do horário e de ser um dia de semana, as ruas estavam bem movimentadas.

Peguei o celular para olhar novamente se tinha algum sinal, continuava sem nenhum. E para piorar a bateria também começava a piscar sinalizando sua quase morte. Hoje não era meu dia de sorte.

Estava tão distraída olhando para o aparelho na minha mão que bati com tudo em alguém. Quando me dei conta eu estava sentada no chão com a bunda latejando.

— Meu Deus, me perdoe — falou o homem.

Aquela voz foi como um balde de gelo na minha cabeça. Fiquei sóbria assim que sua boca pronunciou a primeira palavra. Antes mesmo de erguer os olhos, eu sabia quem encontraria. Não esqueceria aquela voz nem em um milhão de anos. E eu estava certa, aqueles olhos cinzentos fitaram-me.

Eu deveria estar apavorada, fazia seis anos que não o via, seis anos que vivia entupida de medicamentos para bloqueá-lo da minha mente. O que quer que tenha acontecido essa noite para que isso voltasse a acontecer, eu estava grata. Por mais que eu amasse ser sã, era incomparável a sensação que meu coração estava me proporcionando agora. Era como se ele todo se enchesse de alegria, e logo depois todo o meu corpo, cada terminação nervosa transbordando.

— Mel?

— Logan.

Eu estava com medo de piscar os olhos e ele evaporar na minha frente, ainda mais com essa minha cabeça nublada pelo álcool. Não podia perdê-lo de vista.

Ele se abaixou e olhou nos meus olhos, segurou meu rosto entre suas mãos e continuou me olhando, sem dizer uma palavra, uma lágrima escorreu de seus olhos. Eu continuei imóvel, não ousava me mexer e perder aquele momento, pois suas mãos estavam em mim, podia sentir seu toque, só queria

poder ficar assim para sempre, congelada em suas mãos. Seus olhos observavam cada detalhe de mim, cada centímetro, e eu fazia o mesmo com ele.

— Você tem barba — comentei achando engraçado como meu cérebro manipulou a imagem dele só pelo fato de hoje em dia eu ter uma leve atração por barbas.

Ele soltou uma risada espontânea e eu podia jurar que aquelas borboletas que estavam desaparecidas há anos se reviraram em meu estômago.

— Não nos vemos há tanto tempo e isso é a primeira coisa que você me fala? — perguntou.

Dei de ombros.

— Você fica bem de barba, eu amo essa barba.

Falei e estiquei minhas mãos para tocá-lo. Eu queria senti-la pinicando meu rosto, minha pele, meus lábios.

Seus olhos percorreram meu rosto até minha boca, do jeito que eu queria. Esse era o benefício das alucinações, elas sabiam exatamente o que fazer para te deixar feliz, mas o contato quebrou e ele se levantou e estendeu a mão para me levantar.

Aceitei sua ajuda e me ergui, porém meu equilíbrio não estava dos

melhores e se não fosse os braços fortes que me envolveram, eu, com toda certeza, teria arrebatado a cara no chão pela segunda vez na noite.

— Acho que alguém bebeu demais hoje.

— Eu só pedi uma coca — protestei.

— Esse seu cheiro é de coca então? — perguntou sarcástico. — Achei que tinha aprendido a lição depois do seu porre de caipirinha.

— Uma idiota entornou bebida em mim — falei apontando para minha blusa. — Só bebo socialmente desde aquele dia.

— Claro — ele falou irônico. — Para onde você está indo?

— Procurando um táxi, estou rodando há um tempão e não achei nada.

— Eu sei onde podemos conseguir um táxi.

Logan passou o braço pela minha cintura e eu o deixei me sustentar. Andamos em silêncio, aquele silêncio onde na verdade estávamos tendo uma conversa inteira. Uma conversa sobre saudade, sobre a dor, sobre a falta um do outro, sobre não saber continuar em um lugar onde ele não existe.

Com ele ali me segurando eu não conseguia entender qual lógica eu usei para começar a tomar aqueles remédios. O mundo podia ser um lugar maravilhoso, mas nesse momento não existia nenhum lugar melhor do que o mundo que minha cabeça inventava, o mundo onde ele estava comigo.

— Eu ainda não acredito que é realmente você — falou assim que encontramos um táxi. — Você não faz ideia do quanto te procurei.

— Foram os remédios, eles me mantiveram longe de você.

Nós paramos do lado do táxi e eu sorri para o motorista, eu queria sorrir para todo mundo.

— Do que...

— Boa noite — o motorista do táxi o cortou. — Precisa de um táxi?

— Boa noite — eu respondi. — Quero ir para casa.

— Entre no carro.

Falei o endereço e entrei, o Logan veio logo atrás. Ele passou o braço envolta de mim novamente, e eu o agradei silenciosamente. Deitei minha cabeça em seu peito e deixei meus olhos fecharem tranquilos.

Parecia que eu havia acabado de fechá-los quando ouvi o Logan chamando meu nome.

— Mel.

Abri uma fresta dos olhos.

— É aqui seu prédio, moça? — perguntou o taxista.

Eu olhei para aquela fachada familiar e acenei com a cabeça em afirmativa. Essa foi rápida.

— Obrigada.

Logan saiu do carro e me ajudou a descer. Entramos no apartamento e conferi se ele estava atrás de mim. Eu o abracei forte depois de fechar a porta, pegando-o de surpresa, mas ele me segurou em seus braços e me apertou também.

— Não vai embora — implorei.

— Acabei de te encontrar, não pretendo ir a lugar nenhum.

— É tão ruim ficar sozinha — choraminguei e seu abraço se tornou ainda mais forte. Como se ele soubesse que eu precisava ser apertada para que minhas peças não saíssem do lugar. — Foi tão difícil, Lo.

Ele se afastou por um segundo e uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Ele a limpou e deu um beijo no lugar onde ela desceu, fazendo queimar onde seus lábios encostaram.

— Você não precisa mais ficar sozinha, eu estou aqui com você — ele sempre sabia o que eu queria ouvir.

Claro que sabia. Ele era fruto da minha imaginação.

Passei minha mão no seu rosto, querendo memorizar cada pedacinho novamente, não podia me deixar esquecer. Meu dedo viajou pelos seus lábios, tão macios. Eu amo seus lábios.

Puxei-o para mim e o beijei. Uma dor imensa invadiu o meu peito

quando senti aqueles lábios nos meus. Eu não queria soltá-lo, pois sabia que ele desapareceria. Deixei minha mão correr pelos seus braços, ele parecia ainda mais forte do que o que eu me lembrava. Eu queria cada parte dele só para mim.

Ele me parou de repente e perguntou o que eu estava fazendo.

— Fica comigo essa noite — sussurrei, sem forças para falar mais alto.

— Mel, eu não vou fazer nada com você nesse estado — ele respondeu acariciando meu rosto, mas não deixou de ser um fora, mesmo que carinhoso.

Eu cruzei meus braços, dei as costas para ele e fui pisando forte até o meu quarto, deixando-o para trás. Não era uma atitude muito madura, mas vamos levar em conta que eu estava bêbada e acabara de ser rejeitada pela minha própria alucinação.

Ele veio atrás de mim e segurou meu braço assim que atravessasse a porta do meu quarto.

— Para com isso, meu mundo.

Mundo, meu apelido, eu amava ouvi-lo me chamar assim. O ódio desapareceu tão depressa quanto tinha aparecido. Meu coração amoleceu, derreteu e se jogou aos pés dele.

— Me deixa cuidar de você — pediu carinhoso.

Estávamos de frente um para o outro, ele me abraçou novamente e beijou minha testa.

— Vamos te tirar primeiro dessa roupanojenta — falou baixinho no meu ouvido.

— Então você quer tirar minha roupa, mas não quer dormir comigo? — perguntei fingindo ainda estar brava.

— Eu quero te deixar limpa para poder dormir bem e amanhã termos uma conversa decente quando estiver sóbria.

— Isso eu posso fazer sozinha — rebati me virando para entrar no banho.

Entrei no banheiro e bati a porta, mas no mesmo segundo abri novamente com medo dele ter desaparecido.

— Eu não vou a lugar nenhum — falou como se estivesse lendo meus pensamentos.

Tomei meu banho e escovei os dentes.

Meu coração apertou no peito quando fui abrir novamente a porta para voltar para o quarto. Segurei a maçaneta por uns segundos com medo de virá-la e ele não estar mais lá, mas ele estava.

Ele sorriu ao me ver com pijama de mulher maravilha.

— Sempre desconfiei que você fosse uma princesa amazona.

Eu fiz uma careta e fui para cama. Ele sentou na poltrona e ficou me olhando.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ele me olhou confuso.

Levantei e segurei sua mão, puxando-o para a cama comigo.

— Preciso de você aqui — falei. — Mesmo com todo esse moralismo de “não vou fazer nada com você nesse estado”. Só me abrace, ok? Eu preciso disso.

Ele concordou e fez o que eu pedi. Tirou os sapatos e se deitou ao meu lado, passando o braço pela minha cintura e envolvendo meu corpo no seu.

— Você tem estrelas no teto — ele comentou.

Olhei para as estrelas, lembrando da primeira vez que sentamos no quarto escuro dele encarando as estrelas fluorescentes.

— Só assim eu poderia ver as estrelas toda noite e implorar para sonhar com o tempo em que as via em outro lugar — sussurrei.

Deitei no seu peito e ele passou os braços ao redor de mim. Logan me

apertou e eu chorei. Chorei pela dor que eu estava sentindo no peito por saber que ele não era real, e por mais que eu amasse vê-lo, eu precisava ser considerada sã e amanhã, assim que eu acordasse, teria que tomar meu remédio.

Ele levantou meu rosto para olhar nos olhos dele.

— Sinto muito, Mel. Nunca quis te causar toda essa dor.

Podia sentir que ele também sofria com tudo aquilo. Eu sabia que o meu Logan nunca me deixaria passar por isso sozinha, mas não havia nada que uma pessoa morta pudesse fazer.

— Eu só queria que fosse real.

— Durma um pouco. Amanhã nós conversamos.

Bocejei e fechei meus olhos.

O sono me levou fácil, pois eu não tinha medo de dormir e alguma coisa acontecer, nada poderia acontecer enquanto eu estivesse dentro daquele abraço. Ali eu tinha todas as razões para viver.



Acordei com um som alto no meu ouvido, abri meus olhos devagar e demorei um tempo para perceber que era o despertador na cabeceira. Olhei ao redor do quarto procurando minha bolsa e a achei na poltrona no canto. Levantei da cama devagar com medo da ressaca que me atingiria assim que eu me movesse, mas por incrível que pareça, ela não veio, apenas uma leve dor de cabeça. Peguei a bolsa e cacei meu celular, que acabei descobrindo não ter nenhuma bateria.

Olhei ao redor do quarto novamente e as lembranças da noite passada vieram como uma brisa leve levantando meus lábios. Eu sabia que nada daquilo aconteceu, mas foi bom me sentir protegida por pelo menos uma noite. Infelizmente isso não poderia voltar a acontecer. Eu precisava marcar uma consulta com a Doutora Eliane.

Arrumei-me e saí do meu quarto. Não estava nos meus melhores dias, mas teria que ser suficiente.

A porta do quarto da Camila estava aberta e a cama completamente arrumada, isso era estranho. Ela nunca arrumava a cama quando levantava. Encontrei-a na cozinha preparando o café, o que também era uma coisa que ela não tinha nenhum costume de fazer, essa sempre foi a minha tarefa.

— O Bruno deixou a chave do seu carro aqui — ela falou apontando

para chave em cima do aparador perto da porta.

— O que temos de café?

Ela pegou um papel na mão e colocou em cima da bancada.

Eu o desdobrei. *Merda!*

Bom dia,

Desculpa sair sem avisar, mas não queria te acordar. Eu passo aqui novamente à noite para conversarmos quando estiver sóbria. Agora que sei onde te encontrar, você não vai se livrar de mim tão fácil.

L.

— Eu te deixo uma noite sozinha e você traz um cara para casa? — perguntou séria. — Por acaso é algum tipo de loucura pelo que aconteceu com o Vitor?

Como eu poderia explicar que fui eu que escrevi aquilo? Que eu alucinava com meu namorado morto e escrevia cartas para mim como se fosse ele? Achei que isso nunca mais aconteceria. E caramba, dessa vez eu havia caprichado na imitação da letra.

— Eu não... não é... você... CARAMBA! — respirei fundo. — Não é o que você está pensando. Eu não dormi com ninguém, Camila.

— Mas alguém obviamente dormiu aqui — ela falou preocupada. — Eu quero que você supere o que aconteceu com o Vitor...

— Podemos não citar esse nome, por favor?

— Tudo bem. Só que eu me preocupo com você, Gi. Não quero que termine machucada de novo por algum outro babaca.

— É só um amigo — respondi.

— E desde quando você tem amigos que eu não conheço?

— Desde sempre. É um amigo antigo, eu não o via há anos.

— Você promete que isso é tudo e eu não preciso me preocupar?

— Prometo!

Ela me analisou por alguns segundos, mas acabou deixando passar.

— E ele é gato?

— Você só pensa nisso. — Balancei a cabeça rindo.



Chegamos à faculdade atrasadas depois de termos ficado atrás do caminhão de lixo por quase cinco quilômetros. Pedimos licença e entramos para aula mesmo assim. Por sorte minha primeira aula de hoje era com um professor mais tranquilo quando o assunto era atrasos.

No intervalo sentei perto de uma tomada colocando meu celular para carregar, e assim que o liguei chegaram algumas mensagens da Camila avisando que não passaria a noite em casa.

Ela me distraiu tanto com o bilhete que acabei me esquecendo de perguntar sobre o porquê da cama dela estar arrumada naquele horário. Agora eu sabia a resposta.

Levantei para ir à lanchonete comprar alguma coisa para comer, não dei nem dois passos antes do meu corpo congelar no lugar. Eu me havia esquecido de tomar o remédio hoje cedo. *Isso não deveria estar acontecendo novamente!*

Logan estava parado do lado de fora do prédio. Usava um terno bem alinhado e a barba de ontem havia sumido. *Maldita imaginação.*

Fechei meus olhos e repeti para mim que aquilo não era real. Ao abri-los, ele não estava mais lá. Então fiquei repetindo na minha cabeça a frase que eu mais odiava, para garantir que ele ficasse longe de mim: *Logan está morto!*

Peguei meu café e voltei para o canto onde eu estava sentada antes.

Precisava mesmo de uma consulta, isso não deveria voltar a acontecer.

Passei o resto da manhã recuperando tudo que eu havia perdido dois dias atrás por conta daquele atraso.

— Obrigada, Ana. Prometo te devolver amanhã — respondi pegando o caderno dela emprestado.

— Sem problemas — ela respondeu.

Estava me virando para ir embora quando ela me chamou novamente.

— Posso te perguntar uma coisa? — pediu um pouco sem jeito.

— Claro.

— Você e o Vitor terminaram?

Já estavam comentando sobre isso? Qual deveria ser o motivo que ele usou? Esperava que essa fofoca não saísse do campus da faculdade.

— Terminamos.

— Oh, sinto muito. — Claramente ela não sentia. — Ele foi um babaca por te trair.

Traição? Foi essa história que ele espalhou?

— Eu só sinto por não ter terminado antes — respondi. — Obrigada

novamente pelas anotações.

Ela me lançou um sorriso de pena e se afastou.

Queria alertá-la, contar o que aconteceu, mas as palavras não saíram. Não era como se ela fosse me ouvir de qualquer maneira, provavelmente acharia que eu estava inventando tudo. Como um cara tão legal como ele, filho do ator mais querido do Brasil, faria uma coisa dessas, não é mesmo?

Assim que ela se afastou a Camila veio correndo na minha direção.

— O que foi? — perguntei assustada quando ela me agarrou pelo braço e me puxou para dentro da primeira sala vazia que encontrou.

Tirou uma revista de dentro da bolsa e abriu em uma página antes de virá-la para mim.

Demorei alguns segundos até perceber o rosto familiar.

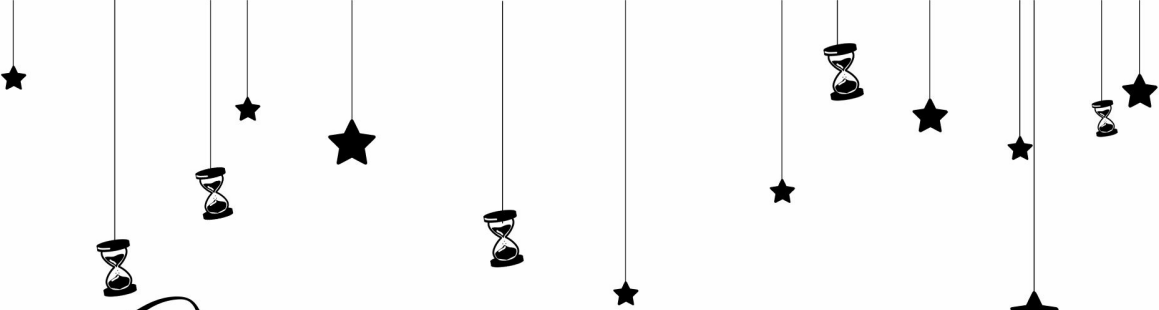
Vitor estava beijando uma mulher com um longo vestido vermelho no meio de uma pista de dança. Era alguma festa de celebridades, ele deve ter ido com o pai. A festa aconteceu semana passada de acordo com a data da foto, provavelmente naqueles dias que ele teve que viajar para fazer uma “coisa urgente” para o pai.

Aquilo fez meu corpo borbulhar de ódio, não porque ele obviamente estava me traindo, mas porque se eu tivesse visto, se eu tivesse desconfiado, eu saberia e teria terminado tudo antes que aquele dia pudesse ter acontecido.

Então meu corpo não gelaria todas as vezes que pensava em seu nome. Nem sentiria como se tivesse um peso sendo carregado em meu peito por não poder contar nada a ninguém.

Ao mesmo tempo aquela reportagem boba me mostra o quanto era importante que eu ficasse calada. Se um beijo ganhou um destaque desses, imagina a repercussão que teria caso seu nome fosse parar em um caso de tentativa de estupro? Eu ainda estava sobre a proteção à testemunha. Preferiria carregar esse segredo para sempre comigo a correr o risco de ter que encontrar algum dia a pessoa que tirou de mim todos que já amei.

Concentrei em passar o resto da manhã afastando isso da minha cabeça. Precisava estar focada para encontrar com o Dr. Scott e discutir sobre minhas propostas. Não podia lidar com meus problemas pessoais agora.



Capítulo 13

Logan

O DIA QUE TUDO ACABOU

O telefone chamou até cair na caixa postal. Ela devia ter colocado no silencioso para a aula de inglês e esqueceu de voltar ao normal. Deixei a mensagem no correio de voz, como sempre fazíamos e coloquei o celular no bolso.

O carro da minha mãe estava parado em frente de casa, ela devia ter voltado mais cedo do trabalho para resolver o negócio urgente do qual precisava de mim. Caminhei até a entrada, abri a porta e me assustei com o

que vi. A casa estava toda revirada, tudo estava fora do lugar, parecia que havia passado um furacão por ali. Minha mãe parecia uma louca correndo de um lado para o outro e jogando coisas dentro de uma mala.

— O que está acontecendo, mãe? — perguntei confuso.

Ela me olhou, notando que eu tinha chegado.

— Nós precisamos ir, venha me ajudar! — falou afobada.

— Ir aonde?

Do que diabos ela estava falando?

— Agora não, Logan. Só me ajude com as malas. Precisamos levar para o carro — disse apontando para duas malas já cheias no canto da sala.

— Mãe, me explica o que está acontecendo — pedi perdido naquela bagunça.

Ela estava começando a me apavorar. Minha pulsação estava acelerada sem nem saber o motivo. Nunca tinha visto minha mãe desse jeito, alguma coisa estava muito errada para deixá-la assim.

Antes que ela me olhasse para responder, Flávia, mãe da Mel, rompeu pela porta gritando que nós tínhamos que ir agora.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — gritei novamente.

Flávia me olhou e negou com a cabeça.

— Você vai ficar sabendo de tudo, mas agora precisamos que junte o máximo de coisas que conseguir e saia com sua mãe daqui o mais rápido possível — falou tentando soar calma, mas era óbvio que não estava.

— Para onde nós vamos? Eu preciso falar com a Mel.

— Deixa que dá Melissa eu cuido, vou explicar tudo para ela. Agora ajude sua mãe! — Ela então se virou para minha mãe e a apressou. — Rápido, Vivian, vocês precisam sair daqui agora.

Ela foi até minha mãe, escutei que conversavam sobre dinheiro. A Flávia falou que tinha cem mil guardado em casa para esse tipo de emergência, que nos daria metade e usaria a outra metade para ir com a Mel logo atrás.

— Vivian, eu vou buscar o dinheiro, não demorem a arrumar as coisas — falou e saiu da minha casa.

Para que nós precisamos de todo esse dinheiro? Para onde estamos indo? Eu estava apavorado sem saber o que estava acontecendo, mas parecia ser grave então resolvi fazer o que elas estavam me mandando.

Minha mãe me puxou quando eu passei por ela e me abraçou forte. Ela segurou meu rosto entre suas mãos, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Você é o amor da minha vida, e tudo que eu escondi de você até agora foi para te proteger. Eu vou te explicar tudo, meu anjo, mas agora preciso que você junte o necessário para irmos embora.

Ela me soltou e eu levei alguns segundos para digerir suas palavras, eu não sabia o que aquilo queria dizer. O medo começava a se enraizar dentro de mim, seja lá o que fosse, era algo muito grave.

Subi até o meu quarto e joguei tudo que deu dentro da minha mala, principalmente roupas e sapatos. Isso deveria dar para algum tempo. Eu não sabia para onde estávamos indo, nem o que ia precisar, mas foquei no que era necessário.

Olhei para minha estante de livros, peguei a única coisa necessária ali para mim, a pequena garra do Wolverine, minha piada secreta com a Mel.

Escutei um barulho forte vindo da porta de casa, então a voz de um homem ecoou por ela. Saí correndo pelo corredor, mas antes de alcançar o primeiro andar escutei o grito da minha mãe.

— Robert, por favor!

Corri escada a baixo e vi um homem alto e forte segurando minha mãe contra a parede. Ao rolar meus olhos para baixo, percebi que ele tinha uma faca na mão e ela estava dentro da minha mãe. Corri na direção dele e me lancei com toda a minha força para tirá-lo de cima dela. Ele cambaleou

para trás e ela escorregou pela parede deixando um rastro de sangue.

— Corra, Logan, vá embora! — gritou ela.

O homem veio para cima de mim, ele tentou me dar um soco, consegui desviar a tempo. Corri para cozinha à procura de algo para me ajudar, só que não fui rápido o bastante. Ele me segurou pela cabeça e bateu forte duas vezes contra a parede, deixando-me tonto. Depois me arrastou para a sala e me jogou com força no chão. Eu queria me defender, mas estava paralisado, não conseguia me mover. Ele pegou a faca e a apontou para mim.

— Eu vou matar você primeiro para ela assistir, depois acabo com essa vagabunda. — Ele sorriu.

— Como você tem coragem? Ele é seu filho! — gritou minha mãe com o máximo de força que conseguiu. Tentou se arrastar até mim, mas ele agarrou os cabelos dela e a mandou ficar quieta, caso contrário eu sofreria mais.

Nesse momento eu já não estava prestando atenção. Esse cara era meu pai? Ela nunca havia me falado sobre ele, sempre dizia que meu pai não merecia que eu soubesse quem ele era. Parece que ela estava certa.

Ele veio novamente até mim e me olhou bem de perto, depois riu.

— Você é uma mentirosa, Laura. — Ele apontou a faca para minha mãe negando com a cabeça. — Aposto que ele é de um daqueles policiais,

que estavam te pegando, quando resolveu me dedurar.

Laura? Quem era Laura?

— Eu estava com medo, Robert. Medo de você machucar nosso bebê!

— Acho que você estava certa então — ele disse e me deu um chute no estômago que fez toda a bile subir à minha boca. —, pois eu vou adorar machucá-lo só para ver esse olhar no seu rosto.

Ele gargalhou.

— Não faz isso, ele não tem culpa de nada. Faça o que quiser comigo, mas deixe-o fora disso — implorou chorando.

— E qual seria a graça? — perguntou rindo. — Você sabia as consequências de me trair, meu amor, e decidiu fazer mesmo assim. Eu perdi tudo por sua culpa, eu te amava, Laura.

— Eu também te amava, Robert. Você me traiu. Você mentiu para mim primeiro, eu me casei com um homem trabalhador e honesto.

Ele gargalhou alto.

— Você era uma idiota se não desconfiou de nada por tanto tempo. Merece morrer do mesmo jeito.

Ele foi até ela e fincou a faca novamente em seu estômago. Eu gritei, mas meu corpo continuava imóvel. Minha cabeça girava e minha visão

clareava e escurecia.

Eu não enxergava com nitidez o que estava acontecendo, mas a cada grito da minha mãe meu coração afundava mais em meu peito. Ela estava sendo tirada de mim bem na minha frente e eu não conseguia fazer nada. Eu não fui rápido o suficiente para ajudá-la e agora estava aqui sendo apenas um peso morto enquanto um pedaço do meu coração era arrancado do meu peito.

Senti algo pesado subir em cima de mim, era ele.

— Deixe-o, por favor — minha mãe suplicou em um sussurro tão fraco que não sei como fui capaz de escutar.

Ele riu enquanto segurava minha cabeça e a batia com força repetidas vezes contra o piso.

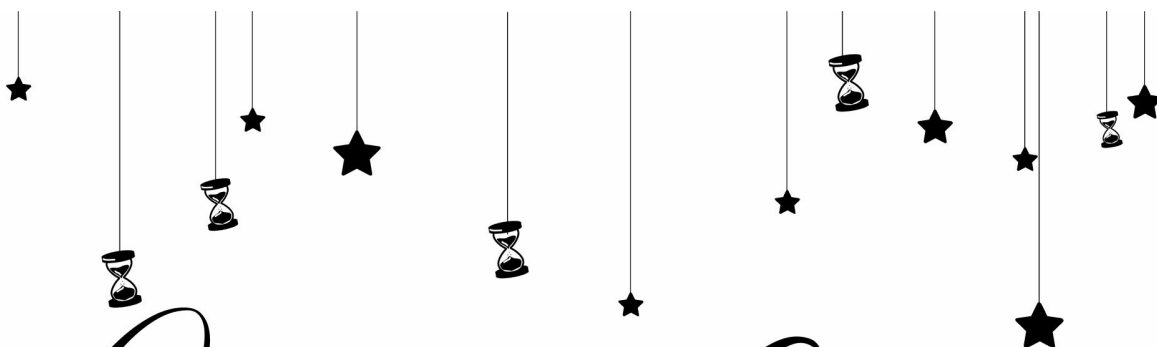
A porta se abriu, já não conseguia enxergar o que estava acontecendo.

Um grito cortou o ar, o grito da Flávia.

— Solte-o, seu desgraçado!

Ele desviou sua atenção de mim, ou eu achava que havia feito, pois parou de arremessar minha cabeça contra o chão.

— Vejam só se não é a outra puta, Tatiana! Eu vim pegar de volta o que você roubou de mim — ele falou antes de bater minha cabeça novamente no chão com mais força que das outras vezes e tudo sumiu, não havia mais briga, só a paz, o silêncio, acabou.



Capítulo 14

Giovana

Depois de almoçar um salgadinho no refeitório da faculdade e dar uma passada no banheiro para garantir que tudo estava em ordem, segui meu caminho até a sala do Dr. Scott e bati na porta. Minhas mãos tremiam de antecipação, mas recitei o mantra “Você consegue” em minha cabeça tantas vezes que eu tinha certeza de que estava pronta.

Tomara que ele goste de mim.

— Pode entrar — aquela mesma voz de ontem à noite soou do outro lado.

Abri a porta devagar, desejando que eu estivesse imaginando coisas,

que aquilo não fosse verdade, mas nada adiantou. Os olhos do Logan me fitaram dos pés à cabeça.

— Mel? — Ele me estudou confuso. — Achei que nos encontraríamos mais tarde. Como me achou aqui?

Fechei meus olhos com força e abri como havia feito mais cedo, mas dessa vez ele continuava lá.

Fechei novamente.

— Logan está morto — recitei.

Abri e ele ainda estava lá.

Fechei a porta atrás de mim, para não aparecer ninguém de supetão e presenciar minha loucura. Isso não poderia estar acontecendo de novo. Eu não conseguiria lutar contra, não era forte o suficiente para passar por isso novamente.

Ele levantou da cadeira e veio caminhando em minha direção.

Levantei as mãos para impedi-lo de chegar mais perto enquanto procurava meu remédio dentro da bolsa. Consegui pegar um comprimido e o enfiei na boca, engoli a seco e fechei os olhos voltando a recitar meu mantra.

— Ele está morto. Ele está morto. Ele está morto...

— Mel, o que está acontecendo? — perguntou.

Sinal de que ainda não havia desaparecido.

Abri meus olhos e o encarei, próximos demais. Se ele continuasse se aproximando eu não seria capaz de continuar me obrigando a falar que ele não era real. Na verdade, não iria nem ligar se estivesse ficando louca novamente. Talvez eu precisasse aumentar a dosagem do remédio.

— Você não pode ficar aqui, Logan. Você tem que ir embora, eu aceitei o que aconteceu, você não pode ficar aparecendo para mim, não é assim que as coisas deveriam funcionar. — Balancei a cabeça tentando fazer com que ele sumisse, novamente, não adiantou. — Ela falou que se eu tomasse o medicamento corretamente isso nunca mais voltaria a acontecer. — Minhas mãos tremiam com a possibilidade de alguém entrar ali.

E se o Dr. Scott aparecesse? Meu Deus, eu poderia perder a melhor oportunidade que já apareceu na minha vida.

Eu poderia ser trancada naquele lugar novamente.

Eu não deixaria que isso voltasse a acontecer.

— Melissa — ele falou alto chamando minha atenção. — Do que você está falando?

Ele tentou se aproximar de novo, mas me afastei novamente. Sentei no sofá esfregando o rosto. O que estava acontecendo comigo?

— Mel, você está me deixando preocupado — falou vindo em minha

direção.

— Não, Logan! Não chegue perto de mim. Eu não consigo pensar com você por perto, e eu preciso fazer isso. Eu não entendo por que estou te vendo. Eu não tenho mais dúvidas sobre você estar morto.

— Melissa, pelo amor de Deus, eu...

Alguém bateu na porta e a frase dele se perdeu no ar.

Eu não consegui obrigar minhas pernas a funcionarem. Elas não queriam levantar daquele sofá.

E o pior de tudo, eu estava com medo de que alguém entrasse ali.

Ele foi até a porta.

O que ele estava fazendo?

— Não me chame de Logan quando outra pessoa estiver aqui — sussurrou.

Como?

Ele abriu a porta! Ele abriu a maldita porta! Puta que pariu! Como ele abriu a porta? Ele não podia fazer isso. Era impossível uma alucinação abrir uma porta!

Uma aluna entrou, eu a encarei, ela não pareceu me notar ali, olhava diretamente para o Logan.

Ela também podia vê-lo?

Eles estavam conversando, óbvio que ela podia vê-lo.

Quem era ela? Será que também era uma alucinação? Isso não podia estar acontecendo novamente. As únicas alucinações que eu tive eram do Logan e da minha mãe. Era a primeira vez que uma pessoa completamente desconhecida aparecia.

A menina se virou e me olhou por um breve segundo antes de falar alguma coisa.

— Giovana? Você está bem? — perguntou vindo em minha direção, foi quando a reconheci, era a Cami. Ela começou a me abanar com um papel que estava em suas mãos.

— Giovana? — Logan repetiu, percebendo que o nome estava errado, mas eu não poderia explicar agora como fui obrigada a abandonar meu nome antigo depois que parei de alucinar com ele. Ou melhor, eu não precisava explicar, ele era fruto da minha imaginação.

Ele me observou atento, assim como a Camila.

Eu intercalava meu olhar entre os dois. Como a Camila podia vê-lo? Será que ela também era uma alucinação? Será que a inventei quando percebi que não conseguiria mais continuar sozinha?

Não, não, não! Eles iam me internar novamente.

— Gi, me responde! — Camila gritou.

— Você consegue vê-lo? — perguntei gaguejando e apontei para o Logan, que franziu a testa com a minha pergunta.

Camila o olhou brevemente e se virou para mim com os olhos arregalados.

— Giovana, você está chapada? É o Dr. Scott — ela falou baixo, como se ele não estivesse escutando. — Você não parece bem.

Como assim ele era o Dr. Scott? Do que ela estava falando?

— Não, ele não é — sussurrei de volta.

Ele era meu Logan, minha vida, ele me respondeu quando o chamei de Logan, ele me chamou de Melissa, ele sabia quem eu era. E o principal, ele estava morto. Pessoas mortas não viravam professores.

— Gi, respira.

Tomei uma grande lufada de ar e o obriguei a entrar e sair dos meus pulmões com respirações longas.

— O que está acontecendo com você? — perguntou colocando a mão no meu rosto para tentar sentir minha temperatura.

Eu queria gritar, só que depois eu teria que explicar e eu não poderia explicar, pois nem mesmo eu entendia o que estava acontecendo.

— Eu acho que estou com ressaca — menti, querendo que ela fosse embora logo.

Não a quero como testemunha da minha perda de sanidade.

— Por que não falou isso antes?

Ela tirou um comprimido e uma garrafinha de água da bolsa e colocou na minha mão.

— Toma isso.

Fui obrigada a beber para sustentar a mentira.

— Eu tenho que ir resolver algumas coisas para o Dr. Scott, qualquer coisa me liga — falou e eu concordei com a cabeça.

— Ela não está no seu melhor dia hoje, aconteceu muita coisa. Será que poderia remarcar a entrevista dela? — Cami pediu para o Logan.

— Eu cuido disso, Camila, pode ir.

— Por favor, dê outra chance, não sei o que deu nela hoje — ela continuou.

— Ela não vai se prejudicar com nada Camila, você pode ir. Nervosismo é normal.

Ele sabia que eu não estava nervosa, ele me conhecia bem o suficiente para saber que eu estava em pânico. Podia ver seu olhar de preocupação, ele

sabia que era mais do que uma simples crise de nervos.

Cami sorriu sem graça e o agradeceu antes de sair de lá.

Logan fechou a porta novamente e se encostou nela.

— Giovana — falou sem me olhar. Como se estivesse experimentando o nome.

Ele me olhou. Meu coração balançou dentro do peito com a possibilidade disso estar realmente acontecendo. Havia qualquer possibilidade dele ser real?

— Eu... na...não entendo — gaguejei. — Como isso é possível?

— Eu ser seu professor? — perguntou passando a mão pelo cabelo.

— Não!

— O que então?

— Você está realmente vivo? Como a Camila te viu?

— Você não está fazendo sentido, Mel. Eu sou real, estou vivo — falou com calma.

Não podia ser verdade, eu o enterrei, fui naquele maldito enterro. Eu disse para eles que estavam errados. Todos falaram que era eu quem estava errada e aceitei isso. Levou algum tempo, mas superei.

— Eu te enterrei — falei com um nó na garganta.

Seus olhos encontraram os meus e vi a surpresa.

— Eles forjaram a minha morte e você nunca soube a verdade — disse, como se tivesse acabado de perceber isso.

— Por que eu saberia?

— Sua mãe prometeu que contaria tudo para você, que te protegeria.

Quando ele falou da minha mãe eu não consegui mais segurar nada e um soluço forte balançou o meu corpo.

— Minha mãe morreu naquele dia também, Logan. Todos morreram. Vocês me deixaram sozinha!

Vi a dor em seus olhos quando escutou aquilo.

— Eu... — começou a falar, mas sua voz vacilou.

Virou de costas para mim e respirou fundo algumas vezes antes de voltar a me olhar.

Levantei e andei até ele, seu olhar me acompanhou. Cheguei mais perto e senti sua respiração no meu rosto, ele continuava imóvel, apenas me observando. Passei meus braços ao redor do seu pescoço e o puxei para mim. Ele envolveu minha cintura e me levantou do chão.

— Eu sei — sussurrei no seu ouvido.

Eu sabia que ele sentia muito, sabia que ele também amava a minha

mãe, que ele não queria que eu tivesse passado por tudo isso sozinha. Ele não precisava dizer nada, porque eu sabia disso tudo só pela maneira que ele me olhou. Mesmo sem vê-lo há anos, nós ainda podíamos conversar só com olhares.

Ainda não sabia como isso era possível, mas com os braços dele em volta de mim eu não poderia dizer que não era real. Podia sentir as batidas descompassadas do seu coração.

Demorei tanto para aceitar sua morte que parte de mim ficava com medo de acreditar que ele estava vivo para depois descobrir que não passava de um delírio da minha cabeça. Eu não suportaria se isso fosse mentira. Minha cabeça não deveria ser capaz de brincar comigo dessa maneira.

Eu ainda estava em seus braços, estava com medo de soltá-lo e ele desaparecer.

— Você está vivo — falei me libertando do medo, querendo mais que tudo que isso fosse verdade, mas ao mesmo tempo me enchendo de raiva por ele ter me deixado sozinha por tanto tempo. — Como isso é possível? Por que você me deixou? Eles falaram que você estava morto, que eu precisava superá-lo — as palavras saiam como um dilúvio da minha boca. — Você morreu! — gritei e o empurrei para longe aos socos. Tudo estava confuso. As emoções principalmente, eu não conseguia definir o que eu estava sentindo.

— Eu estou vivo — falou baixo e segurou meus braços, puxando-me de volta para seu abraço.

Falou exatamente como falava quando eu estava trancafiada naquele quarto vazio. Eu não queria ser traída pela minha mente novamente.

— Você está mentindo, você vai desaparecer e me deixar quebrada novamente. Você não tem o direito de fazer isso comigo — As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Lágrimas de medo, de felicidade, de raiva, de alívio.

— Eu não estou — ele respondeu. — Mel, por que você está duvidando de que seja realmente eu? Quem faria uma brincadeira dessas com você? — perguntou soando preocupado.

— Eu não... — Comecei a falar, mas um soluço me cortou e eu desisti.

Ele segurou meu rosto com as suas mãos para que eu olhasse em seus olhos. Aqueles mesmos olhos cinzentos que eu olhei tantas vezes e que me assombraram por tanto tempo. Os olhos que eu queria tanto ver de novo e que agora que eu estava vendo o medo me consumia, pois alucinei com eles por tanto tempo que passaram a ser uma assombração, algo que eu tive que lutar para esquecer, mas que no fundo eu nunca havia esquecido.

— O que aconteceu, Mel?

— Você não estava aqui — sussurrei. — Eu precisava de você aqui.

— Eu estou aqui agora. Por que você está tão apavorada hoje, sendo que ontem ficou tão feliz ao me ver?

— Eu... não... — respirei fundo para formular a frase. — Eu não estava alucinando ontem? — perguntei por fim. — Você não era real. — Tentei colocar meus pensamentos em ordem.

— Por que você estaria alucinando? — Ele ainda estava confuso e parecia mais preocupado. — Isso já aconteceu antes?

Eu ri nervosa.

— Os remédios tiraram você de mim.

— Que remédios, Melissa? Você falou isso ontem, mas achei que estava falando coisas sem sentido por conta do álcool.

— Eu alucinei com você durante um ano inteiro e agora estou ficando louca novamente, eles vão querer me internar de novo, não posso voltar para lá. — Meu coração batia tão forte em meu peito que chegava a doer. — Eles vão me trancar naquele quarto. Eu não quero voltar para lá, Logan. Não deixe eles me levarem. Você não os impediu da última vez.

Seus olhos estavam cobertos de remorso.

— O que fizeram com você, Mel? — perguntou e depois completou. — Ninguém vai te levar. Estou aqui com você e não vou deixar que nada de

ruim te aconteça.

Eu balancei minha cabeça fugindo das mãos dele.

— Você está mentindo! Por que está mentindo para mim?

— Eu não estou mentindo para você. — Ele me abraçou novamente e eu deitei minha cabeça no seu ombro. — Eu estou vivo.

Ele estava vivo, esse tempo todo ele estava vivo.

— Você está vivo — repeti novamente as palavras dele.

Olhei nos seus olhos, ele realmente estava ali, eu podia ver que ele não era mais aquele mesmo menino, era um rosto maduro.

Passei a mão pelo seu rosto novamente, dessa vez aceitando que era real. Eu achava que nunca poderia fazer isso novamente. Durante quase sete anos, todos os dias antes de dormir eu pedia para sonhar com ele e poder sentir isso novamente, mas mesmo quando eu conseguia sonhar, nunca conseguia tocá-lo. Eu senti tanta falta. Puxei seu rosto para perto do meu e encostei meus lábios nos dele. Céus, eu senti falta disso. O beijo não durou nem meio segundo antes que ele me afastasse.

— Nós não podemos fazer isso. — Ele me afastou levemente. — Precisamos conversar primeiro, Mel. Passaram-se sete anos, muita coisa aconteceu.

Ele tirou as mãos de mim e desviou os olhos, deixando-me

completamente sem reação.

Achava que, se ele tivesse tirado uma faca do bolso e enfiado no meu peito, teria doído menos do que essas palavras.

Sete anos, oitenta e quatro meses, não sabia quantos dias, mas provavelmente era muito tempo para se esperar por alguém. Muito tempo para esperar por uma paixão adolescente.

Eu estava presa ao amor ao meu namorado morto, mas ele estava vivendo esses sete anos cheio de “coisas” que precisávamos conversar.

Ele me superou, enquanto eu não consegui pensar em mais ninguém durante todo esse tempo. Tentei, mas ninguém nunca me fez sentir da maneira que eu me sentia quando estava com ele. Lágrimas ameaçaram descer novamente, eu não podia deixá-lo ver o quanto aquelas palavras me machucaram.

— Mel, eu me expressei errado. — Tentou corrigir depois de ver minha reação.

Alguém bateu na porta novamente, ele olhou para mim antes de e abrir.

— Temos muita coisa para conversar, mas não podemos fazer isso aqui. Eu vou abrir a porta.

Concordei com a cabeça porque sabia que se eu abrisse a boca nada

me impediria de falar tudo que estava engasgadas, e com certeza quem quer que estivesse batendo na porta seria testemunha. Então eu respirei fundo, contei até dez para manter o controle e fiquei quieta, torcendo para que o visitante não me notasse ali.

Logan abriu a porta e o Alexandre entrou. Ele me cumprimentou com um aceno e começou uma conversa sobre algumas coisas que não prenderam minha atenção.

— Giovana? — Alexandre me chamou.

— Oi? — Tentei responder animada, mas pelo olhar que os dois me lançaram achava que minha voz havia saído um pouco alta demais.

— Você está bem? — Alexandre perguntou.

— Ela não está se sentindo muito bem, eu estava prestes a te chamar para perguntar se poderia liberá-la — Logan falou antes que eu tivesse a oportunidade de me manifestar.

— Eu acho que é uma boa ideia.

— Obrigada, prometo que estarei melhor amanhã — falei juntando minhas coisas e me levantando para passar pelos dois. Assim que estava do lado de fora da sala, peguei meu celular e disquei o número que eu sabia de cor, havia poucos anos que eu não o usava mais com frequência.

Chamou poucas vezes antes da voz conhecida atender a ligação.

— Consultório da Dra. Eliana, boa tarde.

— Boa tarde, Paula. É a Giovana. — Com os anos eu havia aprendido a diferenciar as vozes das duas secretárias que geralmente ficavam no consultório.

— Giovana, querida, em que posso ajudá-la?

— Eu preciso de uma consulta.

— Deixe-me ver aqui. — Ela falou e escutei o revirar de folhas ao fundo. — Pode ser para segunda?

— Eu preciso com urgência, se pudesse me encaixar pelo menos alguns minutos hoje ficaria extremamente grata.

— A agenda está bem lotada hoje, mas vou ver o que posso fazer e te envio uma mensagem avisando, pode ser?

— Claro, fico aguardando, muito obrigada.

— Por nada, querida.

Desliguei o celular e entrei no carro, fiquei alguns minutos esperando que a resposta fosse rápida, mas demorou bastante e durante todo esse tempo continuei ali em silêncio, não sabia para onde ir, ou o que fazer.

Minha mente viajava sem saber se realmente podia acreditar no que havia acabado de acontecer.

Foi quando comecei a juntar algumas peças e tudo começou a fazer sentido. Eu não o vi sendo levado de casa e o caixão dos três haviam ficado fechados, pois disseram que os corpos haviam inchado muito.

Será que a Vivian também estava viva e nessa história toda a única pessoa que realmente morreu foi a minha mãe? E depois de tudo que passamos, ele ainda me deixou sozinha, fugiu e me abandonou como se eu nunca tivesse significado nada para ele?

Alguém bateu no vidro do carro e eu pulei de susto. Era a Cami. Liguei o carro para descer o vidro.

— Você não deveria estar trabalhando? — perguntei.

— Eu estou. Você não deveria estar fazendo o mesmo?

Acenei com a cabeça antes de falar.

— Não estou me sentindo muito bem. O Alexandre me liberou por hoje.

— Gi, você pode ser sincera comigo, você está assim pelo que aconteceu com o Vitor, não é? Foi por isso que bebeu tanto na noite passada?

Esse realmente foi o motivo de ter bebido daquela maneira na noite passada, mas por incrível que pareça o acontecimento não tinha passado nem uma única vez pela minha cabeça nas últimas horas. Porém bastou ela citar para meu estômago revirar.

Ele podia não ser o motivo do meu estado emocional neste exato momento, mas seria uma boa desculpa, uma vez que a verdade não podia ser dita.

— Sim, mas não quero falar sobre isso.

O celular apitou e olhei a mensagem da Paula, perguntando se eu poderia estar lá em vinte minutos. Respondi que estava a caminho.

— Cami, eu preciso ir.

— Precisa ir aonde? — perguntou desconfiada.

— Tenho uma consulta com meu dentista agora, estou com dor de dente. — Foi uma péssima desculpa, mas foi a única que surgiu na minha mente. Eu não estava esperando encontrar com alguém e ter que me justificar sobre aonde ia.

Ela continuou me olhando desconfiada.

— Foi a secretária dele confirmando o horário — falei revirando os olhos tentando fazê-la parecer estranha por se preocupar tanto por nada. — Pedi para me encaixar, já que teria o dia vago.

— Te vejo em casa então. Por favor, não se meta em encrencas.

Liguei o carro e fui o mais rápido possível para o consultório. Achei que tinha chegado atrasada e estava começando a entrar em desespero pensando que ela poderia cancelar, mas assim que entrei a Paula me acalmou

dizendo que ela só estava fazendo um atendimento rápido por telefone e que já ia me chamar. Enquanto eu aguardava, meu celular apitou dentro do meu bolso. Era uma mensagem do Logan.

Adrian Scott:

Precisamos terminar de conversar.

Não consigo acreditar que estávamos trocando mensagens nas últimas duas semanas e eu nem desconfiei de que era você.

Eu não o respondi.

— Giovana — Dra. Eliana chamou da porta com um sorriso acolhedor no rosto.

Levantei e a abracei antes de sentar novamente no sofá dentro da sala. Ela se sentou em uma poltrona de frente para mim e abriu um sorriso reconfortante, e só naquele momento meu coração acalmou.

Ela sempre conseguia me deixar mais calma, mesmo sem precisar dizer uma palavra.

— Então, Giovana, sobre o que gostaria de conversar?

Eu não havia pensado nisso. Só precisava vê-la para me sentir mais

calma.

Não era como se eu pudesse chegar aqui e falar “Ah Doutora, lembra do Logan? Aquele que você demorou quase um ano para me convencer de que ele realmente morreu? Então, adivinha? Ele está vivo!”. Aposto que não demoraria nem meia hora para estar novamente trancafiada naquele quarto horrível, que foi praticamente meu lar por um ano. Eu não podia voltar para lá. Eu não iria.

— Eu não sei bem — falei gaguejando.

Ela assentiu.

— Tudo bem então, vamos mudar a pergunta. Como você está se sentindo?

— Totalmente confusa, para ser sincera.

— E essa confusão é por algum motivo ou você simplesmente acordou se sentindo assim?

— Vitor — gaguejei.

Só me dei conta de ter falado o nome dele depois que saiu. Eu não podia falar com ela sobre o Logan, mas isso era outra coisa pela qual eu quase a procurei nos últimos dias.

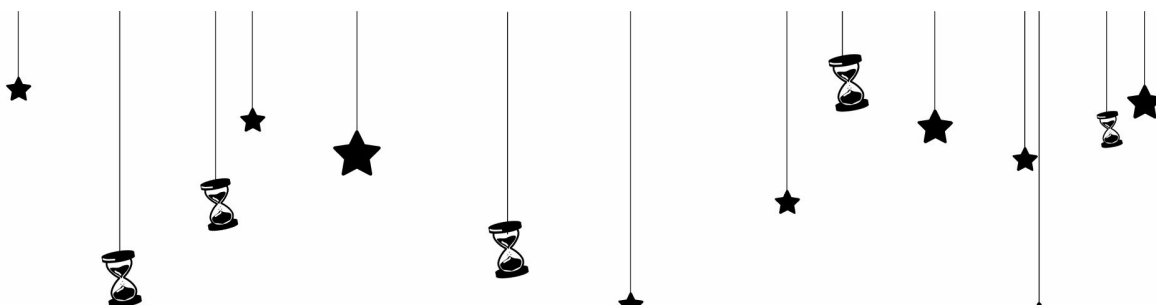
— O que aconteceu com o Vitor?

— Ele tentou... — respirei fundo — Ele tentou me forçar a fazer...

Eu não conseguia colocar para fora, não conseguia falar sobre aquele dia, mas eu não precisei, pois ela me lançou um olhar de preocupação e eu sabia que ela havia entendido onde eu queria chegar com aquilo.

— Eu consegui fugir — expliquei. —, mas foi horrível. Me senti impotente.

Contei para ela tudo que aconteceu. Ela me ajudou. Disse que eu devia fazer o que achasse certo, que eu não precisava ter medo por ir contra o que os outros pensavam. Nesse momento tinha que fazer o que eu achava ser o certo para mim, para me manter de pé, para não cair novamente.



Capítulo 15

Logan

De que valeria todos os bons momentos, se não tivéssemos o poder de eternizá-lo na memória para tornar os tempos difíceis suportáveis?



PASSADO

Minha cabeça estava latejando, tentei levar minha mão até onde doía, mas alguém a segurou antes que eu conseguisse e logo escutei uma voz desconhecida gritar, fazendo a cabeça doer mais ainda.

— Ele está acordado.

Forcei meus olhos a se abrirem para ver um homem, que não me lembrava de conhecer, segurando meus braços. Ele gritou novamente com alguém na porta. Depois voltou seu olhar para mim.

— Não tente se levantar, você está muito fraco ainda.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer com isso, não sabia por que eu estaria fraco, mas acabei desistindo de tentar me levantar e meus olhos começaram a estudar o lugar onde eu estava. Havia vários aparelhos conectados a mim e o cara que me segurava estava todo de branco, provavelmente era algum médico, o cheiro de desinfetante e álcool era quase insuportável. Eu estava em um hospital, mas eu não me lembrava de como havia vindo parar aqui. Talvez eu tivesse sofrido algum acidente, queria perguntar, mas não conseguia falar, minha garganta estava seca.

— Água — consegui falar.

— Me prometa que não tentará se levantar que eu pego o copo de água para você — falou o homem.

Concordei com a cabeça, mexendo o mínimo possível para não a

fazer doer mais do que já estava.

Ele chegou com o copo de água perto da minha boca e virou aos poucos para que eu pudesse beber. Enquanto ele fazia isso, uma mulher lá pela casa dos cinquenta e poucos anos entrou no quarto, parecia também ser médica, pela roupa toda branca.

— Boa tarde, Logan — falou sorrindo para mim. — Estamos contentes por você ter acordado.

Logan, esse era meu nome? Por que não lembrava meu nome?

— O que aconteceu? — forcei as palavras a saírem, soei rouco e cansado.

— Você sofreu um traumatismo craniano e ficou em coma por quase um mês — explicou enquanto colocava o estetoscópio no meu peito.

— Por que não me lembro disso?

— As coisas podem ficar um pouco confusas por um tempo, é normal depois do que passou.

— Como isso aconteceu?

Ela parou de me examinar e olhou nos meus olhos.

— Logan, você e sua mãe foram atacados em casa.

O quê? Isso não podia ser verdade. Imagens da minha mãe salpicaram

na minha mente, como uma lembrança vaga, mas carregadas com um laço forte.

— Minha mãe? Onde ela está? Ela está bem? — disparei as perguntas sem respirar.

A médica pareceu ficar um pouco desconfortável com as perguntas assim com as pessoas no quarto que se entreolharam. Por isso, mesmo antes dela responder eu sabia que não ia gostar da resposta.

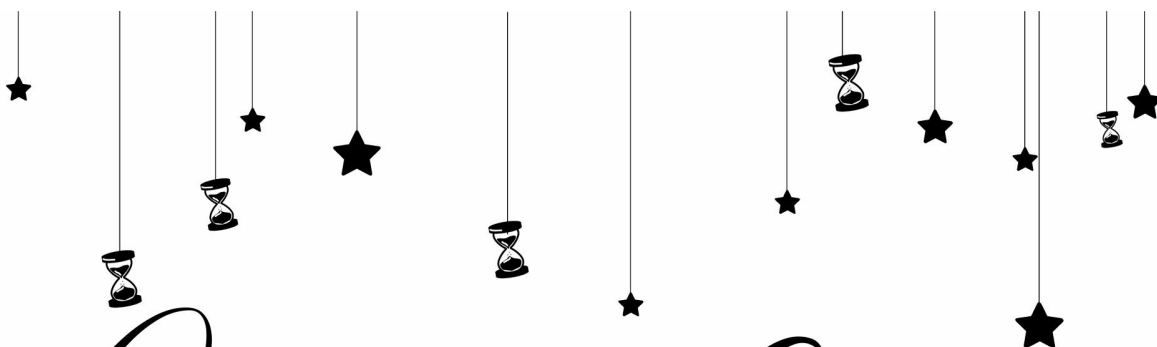
— Logan, eu sinto muito, mas os ferimentos dela eram muito graves. Ela não resistiu.

— O que você quer dizer com isso?

Eu devia ter entendido alguma coisa errada.

— Sua mãe morreu — falou e apertou minha mão.

Aquelas palavras parecem ter ligado um interruptor dentro de mim, porque todo o meu corpo começou a tremer e então tudo se apagou novamente.



Capítulo 16

Giovana

Adrian Scott:

Estou chegando na sua casa.

Precisamos conversar.

Eu:

Você não pode vir aqui.

Não moro sozinha.

Adrian Scott:

Me encontre em algum outro lugar então.

Por favor.

Pensei por alguns minutos e não respondi, não estava pronta para vê-lo novamente.

Tinha medo do que ele queria conversar, medo da verdade, dele ter me abandonado por ter achado que era o melhor, medo dele ter encontrado outra pessoa, medo de me ver cair no mesmo poço que fiquei por anos depois da “morte” dele.

Adrian Scott:

Eu te busco aí.

Continuei ignorando suas mensagens. Então, ele desistiu das mensagens e começou a me ligar. Será que a falta de respostas já não tinha deixado claro a minha intenção? Só atendi na quinta vez que o celular tocou, queria ser forte para continuar ignorando, mas como ser forte quando se estava lutando contra sua maior fraqueza? Eu estava chateada e magoada,

ainda assim não conseguia ficar com raiva o suficiente para não atender seus pedidos eventualmente.

— Oi — sussurrei ao atender. Estava sozinha no meu quarto com a porta trancada, mas não queria que houvesse nenhuma possibilidade da Cami escutar aquilo.

— Posso ir te buscar?

— Eu preciso pensar um pouco antes de te encontrar, Logan. Não estou pronta para conversar ainda, é muita coisa para assimilar.

— Só me escute então. Eu preciso te ver, Mel, não me afaste.

O desespero em sua voz acabou desencadeando aquela sensação de não conseguir negar nada que ele me pedisse, ele realmente parecia querer me ver, então acabei concordando. Deixando combinado que me pegaria aqui em dez minutos.

Esgueirei pela porta do quarto esperando que a Cami não me questionasse. Peguei minha bolsa e já estava quase saindo do apartamento quando escutei a voz dela.

— Vai sair?

— Vou encontrar um amigo — falei tentando soar desinteressante.

— Eu conheço esse amigo? — perguntou preocupada.

— Não.

Ela não o conhecia como Logan, então podia ser considerado no máximo uma omissão.

— Hum, por acaso é o “amigo” do bilhete? — perguntou fazendo o sinal de aspas exageradamente com as mãos.

Esqueci completamente do bilhete. O joguei fora achando que eu mesma tivesse escrito aquilo.

— Talvez.

Ela abriu um sorriso.

— Cuidado. Qualquer coisa me liga!

— Cuidado é meu sobrenome.

— Sei...

Ri e disse que realmente precisava sair, bati a porta atrás de mim e desci pelo elevador até o saguão do prédio. Enquanto esperava vi o Bruno entrar de mãos dadas com uma mulher. Estranhei aquilo, já que ele e a Camila viviam jogando charme um para cima do outro.

— Oi, Bruno — falei chamando atenção dele.

Ele sorriu e veio até mim. Apresentou-me a Amanda, sua esposa. Ele era casado? Será que a Camila sabia disso?

— É um prazer — falei sorrindo para mulher.

Nesse momento o celular apitou com a mensagem do Logan dizendo que já estava na porta. Falei que tinha que ir e me despedi dos dois.

O porteiro segurou a porta enquanto eu passava e o agradeci. Assim que pisei na calçada a porta do carona do carro que estava parado em frente ao prédio se abriu e eu entrei.

Logan estava vestindo uma roupa mais despojada do que a que usava mais cedo, sem toda aquela seriedade das roupas de professor. Seu cabelo estava molhado, como se tivesse acabado de sair do banho, usava uma blusa clara que deixava todos os seus músculos marcados. Olhei para frente do carro querendo desviar a atenção daquilo tudo.

— Estou ouvindo — falei assim que ele acelerou o carro. Doía ser dura com ele, mas eu não podia pegar leve e acabar me machucando novamente. Doeu demais da última vez.

— Vamos comer alguma coisa?

— Eu não estou com fome — menti.

Não havia comido nada praticamente o dia inteiro. Na verdade, achava que nada ficaria no meu estômago por muito tempo.

— Você sempre está com fome.

— Sete anos atrás eu sempre estava com fome.

Sabia que estava sendo grossa, mas ele me magoou mais cedo me afastando daquele jeito. Não darei oportunidade para ele fazer isso uma segunda vez

— Tudo bem, eu mereci essa. — Ele fez uma careta com a minha resposta. — Mel.

Eu olhei emburrada para ele.

— Você está chateada por causa daquele beijo mais cedo?

— Não.

— Claro que está.

— Não, eu entendo. Sete anos é muito tempo, você superou, estou ok com isso.

Ele gargalhou e eu quis dar um soco bem no meio da cara dele. Primeiro por ter rido de mim e segundo por ter feito meu corpo vibrar de alegria com essa risada. Meu corpo não deveria responder assim quando eu estava com raiva.

— Ei. Olha aqui.

Continuei encarando o para-brisa.

— Melissa.

— Olha para mim, Mel — pediu carinhoso e eu não consegui negar,

mesmo com raiva. — Sete anos é muito tempo, mas antes disso eu já tinha esperado dez para você me notar. Não é algo que se supere.

— Então por que você me afastou?

— Eu sabia que você estava chateada por causa do beijo — comentou com um sorriso convencido.

— Eu não... Pensa o que você quiser, eu não ligo.

Cruzei meus braços feito uma criança emburrada e não voltei a falar até ele encostar o carro.

Entramos num restaurante, chique demais para a roupa que eu estava vestindo.

— Eu estou de jeans e moletom — murmurei atrás dele enquanto seguia pela porta adentro.

— Lembra o que eu te falei quando você comentou sobre não estar arrumada o suficiente para aquele hotel?

Neguei com a cabeça. Eu me lembrava. Como poderia esquecer aquele primeiro elogio que ele fez a minha “beleza”.

— Até descabelada quando acaba de acordar, a mais linda de todas — ele sussurrou antes de se virar para a recepcionista.

— Mas isso já tem o quê? Nove anos? — respondi ainda querendo

cutucar a ferida que ele tinha aberto hoje ao me afastar.

Ele não respondeu. Lançou um olhar de repreensão e pediu uma mesa mais reservada à recepcionista. Ela nos conduziu a uma parte no fundo do restaurante. Nós nos sentamos nas cadeiras, um de frente para o outro.

— Aqui está o cardápio, um de nossos garçons virá anotar o pedido de vocês — falou polidamente.

— Muito obrigado.

Ela me entregou outro cardápio e se retirou pedindo licença.

O garçom veio à mesa e o Logan fez nossos pedidos, mesmo depois de eu insistir que não comeria nada.

Quando o garçom saiu de perto ele finalmente olhou para mim, coisa que parecia estar evitando desde o momento que me pegou em casa. Meus olhos desviaram dos dele, eu não conseguia fazer isso.

— Mel — ele sussurrou chamando minha atenção.

— Não me chame mais assim — falei com um tom sério. — Eu sou Giovana. — Por algum motivo ouvir meu nome verdadeiro saindo dos lábios dele era como aquela música que arrepia todos os pelos do nosso corpo. E eu não queria sentir isso todas as vezes que ele falasse meu nome.

— Tudo bem, olhe para mim, Giovana — falou pausadamente, como se estivesse me provocando, mostrando quanto aquele nome era errado para

mim.

Ok, qualquer maneira que ele me chame faz com que me sinta assim.

Olhei nos olhos dele e respirei fundo. Meus olhos começaram a lacrimejar, fiz o possível para engolir o choro. Ele não iria me magoar de novo, eu não deixaria.

— Nós precisamos conversar sobre o que aconteceu naquele dia. A última vez que nos vimos — falou cauteloso.

— Não quero conversar sobre o que aconteceu. Eu não quero reviver o dia que perdi as três pessoas que eu mais amava nesse mundo. — Uma lágrima escapuliu, logo passei minha mão no rosto para limpá-la.

— Você achou que tinha perdido, eu estou aqui, eu não morri.

— Não. Eu perdi o meu Logan naquele dia, pois o garoto que eu amava nunca me deixaria achar que ele estava morto — falei balançando a cabeça para desviar das lembranças. — E a não ser que me fale que minha mãe também está viva, acho que o dia continuará sendo o pior da minha vida. Eu a encontrei numa poça de sangue, você não tem nem ideia do que tive que enfrentar sozinha.

Ele desviou o olhar antes de falar novamente.

— Eu sinto muito, Mel.

— Meu nome não é Mel! — gritei, fazendo com que algumas

peessoas do restaurante olhassem para nós.

Encolhi-me um pouco na cadeira com vergonha da atenção que acabei chamando sem querer.

— Você continua tão teimosa quanto antes. — Ele riu. — Eu nem imagino o inferno que você passou nesses anos, mas eu não vou a lugar nenhum agora, então pare de me tratar como se eu fosse desaparecer novamente.

— O que adianta você estar aqui agora? Depois que consegui me recuperar de toda merda. Eu não te conheço mais, Logan. Você deixou bem claro hoje cedo quando falou que muita coisa aconteceu, que não podíamos simplesmente voltar a ser como éramos há sete anos.

— Eu ainda sou o mesmo garoto que você costumava chamar de melhor amigo. Muita coisa aconteceu, precisamos conversar primeiro, mas eu tenho bastante certeza de que eu não mudei tanto assim.

— Tudo bem, suponhamos que você não mudou nada, mas eu mudei. Eu não sou a mesma garota e tenho medo de descobrir que essa nova garota não gosta de você. Não sou mais aquela menina otimista e alegre, você pode me odiar agora. Tenho medo de que isso estrague todas as boas lembranças que eu tenho de nós dois, eu não quero perder isso. — Respirei fundo, juntando forças para me manter firme. — E mesmo morrendo de medo disso

tudo eu não consigo suportar a alegria por saber que você está vivo. A vontade que eu tenho de te abraçar, te beijar e sentir seu toque chega a doer.

Ele colocou a mão em cima da minha e sussurrou.

— Então sinta.

Fechei os olhos e deixei os dedos dele percorrerem os meus, ele só estava tocando a minha mão, mas todo o meu corpo podia sentir aquilo. E por um segundo, foi como se nada tivesse mudado, como se tudo finalmente voltasse ao normal, como se nós tivéssemos sido imunes ao tempo.

— Eu também tenho medo — ele começou a falar me arrancando da fantasia. — Mas...

— Não é a mesma coisa. — Cortei-o e puxei minha mão para longe da dele. — Apesar de você ter ficado todos esses anos sem me ver, você sabia que eu estava em algum lugar, só precisava me achar. Passei todo esse tempo acreditando que tudo tinha acabado para sempre, que você estava morto e eu nunca teria outra chance. Eu chorava antes de dormir tentando lembrar o nosso último beijo e tinha raiva de mim por não lembrar nem onde foi. E...

— Foi na sorveteria — ele me cortou dessa vez. — Você pediu aquele sorvete horrível de morango — falou fazendo uma careta. — Você estava usando aquele moletom do Mickey que eu te dei por cima da roupa da academia. E me desafiou a beijá-la com a boca toda suja de sorvete.

— Falei que se me amasse não se importaria — completei. Finalmente me lembrando. — Você estava com pressa e beijou a minha boca com o maior nojo do mundo.

Nós rimos juntos e eu fiquei com raiva da facilidade com que ele conseguia me fazer rir. Eu estava com raiva, ele não tinha o direito de me fazer esquecer a raiva assim tão rápido.

— Desculpa se sua última lembrança não foi um bom beijo — falou com um sorriso nos lábios.

— Que tipo de pessoa não gosta de sorvete de morango? — perguntei rindo.

— Pessoas com paladar apurado, aquilo é muito ruim.

A garçonete se aproximou da mesa e perguntou de quem era cada prato, o Logan a respondeu e ela colocou um prato tão bonito na minha frente que fez meu estômago roncar de fome, eu não tinha ideia do que era, mas parecia delicioso. Rapidamente coloquei uma garfada na boca e fechei os olhos me deliciando, foi quando percebi que era alguma coisa de batata recheada de estrogonofe. Minha comida preferida.

— Isso é bom demais — comentei depois que já estava com a boca vazia. Pronta para a segunda garfada.

— Isso porque você não estava com fome. — Ele riu. — Você

mudou, mas ainda sei seu prato preferido.

Dei de ombros e continuei comendo. Ele pediu uma massa que eu não sabia ao certo o que era, parecia estar tão boa quanto meu estrogonofe.

— Eu não te abandonei — ele falou de repente.

— Então como explica os sete anos que eu estive sozinha?

Ele balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Eu fiquei em coma por um mês. — Ele suspirou. — Quando acordei eu não me lembrava de nada, os policiais me levaram para uma unidade de proteção à testemunha, me contaram que eu havia nascido nos Estados Unidos e vivia no Brasil escondido em uma dessas unidades. Como a minha mãe era brasileira, ela resolveu voltar para cá depois de tudo e ficar sobre a proteção da polícia do Brasil. Ela havia conhecido o Robert quando estudou lá e se casaram poucos meses depois. Passaram anos até que ela descobrisse o verdadeiro trabalho dele.

Eu já conhecia essa história da carta da minha mãe, mas deixei que ele contasse. Queria saber se as histórias bateriam.

— Quando minha mãe descobriu tudo, ela entrou em contato com a sua mãe em busca de ajuda, ela estava com medo de ir até a polícia e o Robert acabar descobrindo. Foi quando sua mãe bolou um plano para que ela fugisse, porém, não antes do Robert descobrir tudo. Quando ele foi traído

pela minha mãe e a sua, ele perdeu tudo que tinha, seu legado foi roubado pelo cara que era seu braço direito e ele passou a viver para se vingar das duas. Enquanto a polícia juntava as provas contra ele, o desgraçado assassinou os pais delas e deixou um recado falando que não pararia enquanto não matasse todos que elas amavam e logo em seguida seria a vez delas. Porém, depois disso ele desapareceu do mapa, ninguém nunca mais havia ouvido falar dele, até aquele dia. Então, quando acordei do coma, eles me deram uma nova identidade e me mandaram para longe.

Foi exatamente o que aconteceu comigo. No entanto, não explica o motivo dele ter me deixado para trás.

— Por que não me levou com você?

— Eu não me lembrava, Mel.

Dessa vez eu não o corriji.

— Os policiais me contaram tudo o que aconteceu, mas eu não me lembrava quem eram as pessoas por trás dos acontecimentos. Para mim tudo aquilo não passava de uma história. E mesmo depois que me lembrei de você, não consegui ligar as coisas. Contaram que uma vizinha também tinha sido morta por ele, mas de alguma forma eu não lembrei que éramos vizinhos, até você falar da sua mãe e tudo voltou à minha cabeça.

Ele trincou a mandíbula e respirou fundo antes de continuar.

— Eu me odiei quando a memória voltou. Odiei por não ter esquecido nada que aprendi na faculdade, quando isso era o que menos importava, quando tudo que deveria estar na minha cabeça era você.

Passando a mão pelo cabelo, desviou o olhar do meu.

— Quando a memória voltou, eu coloquei um detetive particular atrás de você, mas tudo terminava no mesmo beco sem saída. Por um tempo eu cheguei a perder as esperanças de te encontrar.

Ele me procurou. Ele não me abandonou.

— Me desculpe.

Logan me olhou e levantou as sobrancelhas.

— Pelo que exatamente?

— Por ter acreditado que você tinha simplesmente virado as costas para mim.

Lançou-me um sorriso triste.

— Eu pensaria a mesma coisa no seu lugar.

Ele levantou a mão, chamou o garçom e eu senti o sorriso sumir do meu rosto.

Já iríamos embora? Esperava que pudéssemos ficar mais um pouquinho.

Agora que eu não estava mais com raiva queria saber cada detalhe da vida dele que eu perdi.

O garçom veio até a mesa.

— Em que posso ajudá-lo?

— Eu queria um petit gateau com sorvete de creme — pediu. — E você vai querer o que de sobremesa? — perguntou olhando para mim.

— Eu quero o mesmo, mas com sorvete de morango — respondi com um sorriso irônico.

Ele riu e dispensou o garçom.

— Qual era a novidade? — perguntei.

Ele me olhou por uns segundos tentando se lembrar do que eu estava falando.

— A novidade que você tinha que me contar pessoalmente. Você deixou a mensagem na minha caixa de mensagens — completei.

— Eu consegui a bolsa para o MBA em Harvard. — Ele sorriu. — Foi um verdadeiro inferno conseguir que a unidade de proteção à testemunha me movesse para aquela área e ainda conseguissem trocar meus dados na faculdade. Quando disse que queria voltar ao meu país, eu fui designado para a polícia de lá, então me deram esse nome bem estranho.

— Como se Logan Mitchell fosse totalmente brasileiro né?

Ele gargalhou alto, jogando a cabeça para traz.

— Acho que seus e-mails me deram um spoiler do resto da história, Dr. Scott. Aposto que conseguiu a bolsa de doutorado depois.

Logan confirmou com a cabeça.

— Você sempre foi um nerd mesmo, eu sabia que conseguiria.

Depois disso ficamos relembrando algumas coisas, ele me contou sobre os dias dele em Harvard. Ele conseguiu entrar em uma fraternidade, e riu de mim quando perguntei se as festas eram tão selvagens quanto nos filmes.

— Claro que tem algumas que às vezes são até piores, mas não era assim na fraternidade que eu estava. — Ele riu. — Só teve uma vez...

Arqueei a sobrancelha curiosa e ele prosseguiu.

— Um dia depois de uma noite que eu não me lembrava muito bem, eu acordei com um bebê na minha cama — falou rindo. — Fiquei louco. Achei que alguém estava me zoando, estava até com medo de checar o banheiro e achar um tigre lá dentro.

Eu ri alto imaginando a cena tão semelhante ao filme “Se beber, não case”.

— E de quem era o bebê afinal de contas? — perguntei curiosa.

— Era filha de um dos caras. A namorada dele tinha chegado lá cedo no outro dia com o bebê, e a minha cama era a única com espaço, então ela o deixou dormindo lá enquanto ajudava a arrumar a bagunça. Parece que ela havia até me avisado, me acordou e falou que o deixaria ali, mas você sabe como meu sono é pesado.



— Eu não queria te levar embora — falou assim que entrou no carro.

— Eu não queria ir embora.

— Vamos a algum outro lugar.

Eu queria dizer que sim, mas a noite tinha sido tão boa que eu não queria que alguma coisa desse errado.

— Acho melhor eu ir para casa — falei devagar. — Tivemos uma boa noite, não vamos extrapolar. Foi muita informação para um dia só, eu preciso de um tempo antes de voltar a falar sobre isso.

Foi a frase mais difícil de dizer na noite. Agora que descobri que ele estava vivo eu queria falar que não sairia mais do lado dele, mas ainda estava

sentindo que ele estava um pouco tenso perto de mim, como se tivesse escondendo alguma coisa e eu não queria correr o risco de deixar ele se aproximar, caso houvesse mais coisas que eu precisava saber. Então achei que por uma noite já tinha tido informação demais para assimilar.

Ele deu partida no carro e eu liguei o rádio, esperando a música preencher o silêncio. Começou a tocar suave a música Every breath you take, na versão do denmark + winter. Era uma maldita coincidência estar tocando isso, toda vez que tocava essa música era como se eu tivesse escrito o refrão para ele. Então quando essa parte chegou, meus olhos se fecharam involuntariamente e cantei junto.

“Since you've gone I been lost without a trace

(Desde que você se foi eu estive perdido sem um caminho)

I dream at night I can only see your face

(Eu sonho a noite e só posso ver seu rosto)

I look around but it's you I can't replace

(Eu olho ao redor, mas é você que eu não posso substituir)

I feel so cold and I long for your embrace

(Sinto tanto frio e espero pelo seu abraço)

I keep crying baby, baby, please

(Continuo chorando baby, baby por favor)”

Abri meus olhos e percebi que o Logan estava me observando. Ele havia parado o carro e eu nem tinha notado. Virei meu rosto para ficar de frente para ele.

— O que foi? — perguntei sem graça.

Ele sorriu e ajeitou meu cabelo, colocando a mecha solta atrás da minha orelha, sua mão mal encostou em meu rosto, mas só aquele gesto enviou uma onda de eletricidade por todo o meu corpo levantando meus lábios em um leve sorriso.

Coloquei minha mão em cima da dele, aproximei mais meu rosto do dele e mordi meus lábios. Eu queria beijá-lo, mas me contive. Ele fechou os olhos e respirou fundo, colocou sua testa na minha, eu estava ansiando pelo próximo passo quando, de repente, ele tirou as mãos de mim e ligou o carro novamente.

— Não faz isso — falei baixo. — Já passamos por isso uma vez.

— Nós não podemos fazer isso agora, Mel — falou, totalmente tenso no banco. Completamente diferente do cara que estava comigo a menos de um minuto atrás.

— Claro que não podemos. — Ri sem vontade. — E a história se

repete.

— Mel, você é minha aluna. Como isso aconteceu? — perguntou sério. — Se alguma coisa acontecer entre a gente, não afetaria só a minha carreira, mas toda sua credibilidade iria por água abaixo.

Não me importava que o pensamento dele estivesse certo. Ele poderia usar essa desculpa se eu fosse alguém que ele tinha acabado de conhecer, mas eu era a garota que ele conhecia a vida inteira, que ele dizia amar e que teve o coração esfaqueado por achar que ele estava morto.

— Claro, porque todos ficariam sabendo o que aconteceu nesse carro — Nós temos tantos segredos, por que esse seria o único que alguém ia descobrir?

— O problema não é o que vai acontecer nesse carro, Mel — ele falou firme. — O problema é que se eu te beijar agora eu não irei te deixar em casa. Talvez você nunca voltasse para casa. Provavelmente colocariam a polícia atrás de você.

Eu sorri. Filho da puta! Ele fazia até uma rejeição parecer uma coisa boa.

O carro parou em frente ao prédio.

— Obrigada por não ter desistido — falei abrindo a maçaneta.

— Obrigado por ter me deixado explicar. Ainda tem muita coisa que

preciso te contar, mas vamos com calma.

Ele sorriu largo. O sorriso pelo qual eu era apaixonada. Aquele sorriso que as meninas do colégio nomearam como “irresistível” e realmente não havia uma palavra melhor para descrever.

Maldito! Não podia falar que não ia me beijar e lançar esse sorriso para cima de mim.

Respirei fundo e tomei forças para sair do carro. Por fim consegui deixá-lo ir.

Entrei no prédio com um sorriso bobo de orelha a orelha.

— Srta. Giovana, você está bem? — Luiz, o porteiro, me perguntou.
— Acho que nunca a vi com um sorriso no rosto.

— Não seja bobo, Luiz. Eu sempre estou sorrindo.

Não eram sorrisos genuínos como este, mas eram sorrisos.

— Esta é a primeira vez que seus olhos também sorriem — disse e se afastou.

Deve ser porque essa era a primeira vez que eu não sentia por meu coração ainda estar batendo.

Subi o elevador, abri a porta do apartamento e a fechei logo em seguida.

— Oh, meu Deus, me desculpa! — gritei. — Vocês não conhecem uma coisa que se chama quarto?

Cami estava praticamente sem roupa com um cara no sofá. Ela deu um grito quando me viu e saltou de cima dele. Alguns minutos depois ela gritou falando que eu poderia entrar. Foi quando reconheci o homem que ela estava se agarrando, era o Bruno.

— O que vocês dois pensam que estão fazendo? — perguntei. — Você é casado, Bruno. Eu estava torcendo para vocês dois se ajeitarem, mas isso foi antes de descobrir que você tem uma mulher.

— Não é o que você está pensando, Gi — Cami tentou se defender.

— Não, é exatamente isso — Bruno respondeu sem olhá-la. — Me desculpa, Gi, você tem razão. Não vai voltar a acontecer.

Percebi a dor que surgiu involuntariamente nos olhos da Cami.

— Bruno, eu não sei como isso aconteceu e nem tenho certeza se quero saber, mas se for para fazê-la sofrer é melhor deixá-la em paz.

Ele concordou com a cabeça.

— Acho que essa é a minha deixa. — Ele olhou para o chão e soltou a mão da Camila. Olhou para ela por um breve segundo e sussurrou um pedido de desculpas antes de sair do apartamento e fechar a porta.

— Ele é casado, Cami. Não se mete nisso.

— Acredita em mim, Gi. Eu não estou fazendo nada errado, mas não posso te contar a verdade.

— Eu confio em você, só não quero te ver machucada. Isso já vem acontecendo há quanto tempo? — perguntei apontando para porta que ele tinha acabado de fechar.

— Desde agora? — falou de forma interrogativa, como se não tivesse realmente certeza.

— Vou fingir que acredito porque acho que já tive detalhes demais para uma noite só — respondi passando por ela, torcendo para que tivesse esquecido que eu falei que fui encontrar com alguém. Não queria o interrogatório dela agora, só queria deitar, olhar minhas estrelas para dormir e sonhar com ele.

— E você acha que está indo aonde? — perguntou me seguindo pelo corredor. *Droga! Ela não esqueceu.*

— Para o meu quarto.

— Você acha mesmo que só porque me pegou em uma situação, digamos, delicada, vai conseguir fugir do meu questionário do primeiro encontro? — Ela entrou no meu quarto logo depois de mim e sentou na minha cama. Eu não a respondi, continuei fazendo minhas coisas.

— Ele é bonito? — perguntou sorrindo. — É inteligente? Bom de

papo? Beija bem? — E continuou fazendo uma lista gigantesca de perguntas e eu sabia que ela não sairia dali enquanto eu não respondesse. Então resolvi dar algo para ela imaginar.

— Ele não é bonito — falei pausadamente e percebi que ela estava se preparando para falar que eu estava mentindo quando completei a frase. — Ele é só o cara mais lindo do mundo — Ou pelo menos é o cara mais lindo do meu mundo.

— Meu Deus! Você saiu em um encontro com o Ian Somerhalder? — Ela riu e continuou. — E o que mais? — Ela estava sorrindo empolgada.

— É inteligente e excelente de papo.

— E o beijo?

— Não rolou — respondi dando de ombros.

— Mentirosa.

— É verdade. — Eu ri. — Não que eu não tenha me oferecido — falei brincando.

— Você é uma piriguete oferecida mesmo. — Ela riu. — Fala sério, até eu te beijaria se você se oferecesse para mim. Tem certeza que ele não é gay?

Sentei do lado da Cami na cama, molhei meus lábios e fiz biquinho indo para cima dela.

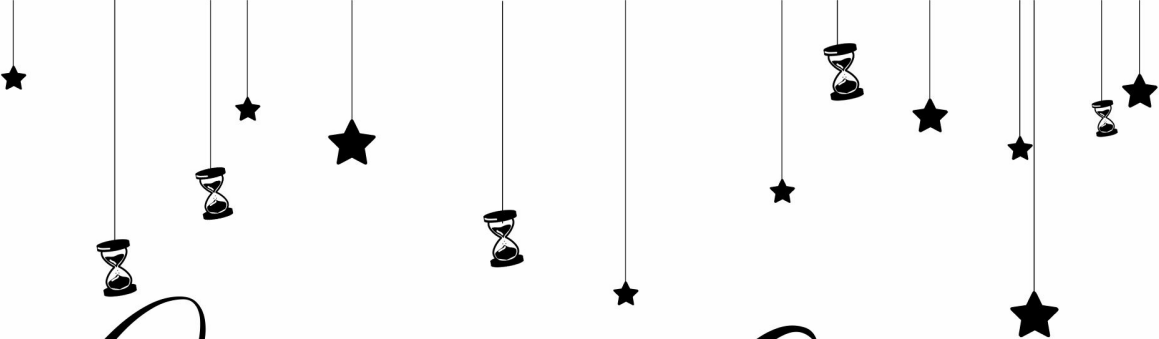
— Se foi desse jeito que se ofereceu, eu entendo o porquê do cara ter te rejeitado — disse gargalhando.

Dei um soco de leve no seu braço e ri junto com ela.

— Agora sai da minha cama que a piriguete oferecida aqui precisa dormir.

Assim que encostei a cabeça no travesseiro, tudo o que aconteceu no dia passou na minha mente em câmera lenta. Eu queria confiar plenamente em tudo que ele me falou, queria fingir que congelamos no tempo e nada entre nós mudou, mas no fundo eu sabia que tinha mais alguma coisa.

Era ele, sempre foi ele, mas eu fui machucada demais para saltar sem olhar se a pessoa realmente estará lá para me segurar.



Capítulo 17

Logan

ALGUNS MESES ANTES

Destranquei a porta do quarto de hotel, era um hotel fuleiro de beira de estrada, ficamos cansados demais para virar a noite viajando. Na porta estava escrito “noite estrelada”, cada quarto tinha um tema diferente. Eu estava louco para pegar o do Game of Thrones, mas a Sarah falou que não queria que nossa primeira noite juntos como um casal fosse em um quarto onde devia ter sangue e peitos para todo lado. Então, deixei que ela escolhesse.

— Ei, é tradição entrar com a noiva nos braços — falou.

Sarah passou seus braços pelo meu pescoço e eu a tirei do chão. Tive que usar um pouco de força para passar com ela pela porta com aquele imenso vestido branco, não sabia por que existiam tantas camadas, isso só serviria para me dar mais trabalho.

Coloquei-a no chão quando entramos e acendi o interruptor. Ela pisou no vestido e cambaleou para frente. Tentei segurá-la, mas não fui rápido o suficiente e ela caiu em cima da cama rindo.

— Isso não foi como eu esperava.

— Desculpa — respondi a levantando e dando um beijo de leve em sua boca.

Eu ainda não estava acreditando que agora era um homem casado. A única coisa que sabia era que pretendia fazê-la muito feliz.

O quarto era bem pequeno, as paredes eram de um azul marinho quase preto e repleto de desenhos de estrelas em diversos tamanhos. Bem malfeitas, mas resolvi não comentar e estragar mais ainda a situação.

Sentei-me na cama e ela veio para o meu colo.

— Adde, preciso muito de um banho antes de consumir nosso casamento.

Puxei seu rosto para o meu e a beijei. Ela correspondeu, me

empurrando para que eu deitasse na cama. Quando as coisas começaram a esquentar, ela voltou a falar:

— Realmente preciso de um banho.

Levantou-se com dificuldade de cima de mim. O vestido atrapalhava seus movimentos.

— Precisa mesmo, senti um cheiro estranho...

Ela me deu o dedo do meio e eu caí na gargalhada.

— Quer me acompanhar? — perguntou com um sorriso malicioso no rosto.

— Não.

Ela colocou as mãos na cintura e cerrou os olhos.

— Qual é, Sarah, não me obrigue a revelar a surpresa, vai tomar seu banho — falei me levantando. — Preciso só de alguns minutinhos e depois te acompanho.

— Você tem uma surpresa para mim?

Concordei com a cabeça e o sorriso rapidamente voltou.

— Só me ajude a me livrar desse troço então — falou apontando para os milhares de botões nas costas do vestido.

Depois do que pareceu uma vida inteira, finalmente eu alcancei o

ultimo botão. Beijeí sua nuca e acaricieí suas costas nuas.

— Estou te esperando lá dentro, não demore.

Ela deixou o vestido escorregar pelo seu corpo até cair no chão, me dando uma visão privilegiada de suas longas pernas e sua bunda. Ela usava uma lingerie branca com ligas, que provavelmente havia comprado para a ocasião, já que nunca a havia visto.

— Você é linda.

Sarah olhou para trás com um sorriso nos lábios.

— Eu sei.

Então, saiu de dentro do vestido e desfilou, rebolando para mim até o banheiro.

Peguei o vestido no chão e o estendi na poltrona ao lado da cama. Depois abri a mala com as surpresas. Troquei as roupas de cama, confesso que tinha certo problema em dormir com lençóis que eu não sabia a procedência das lavagens, então sempre levava um extra na mala quando viajava. Após ter certeza que estava tudo limpo, enchi o quarto com pétalas de rosas, que já não estavam tão boas pelas horas de viagem, e velas aromáticas. Quando achei que estava tudo o mais próximo da perfeição que eu conseguiria alcançar naquele lugar, guardei as coisas e tirei minhas roupas para acompanhar Sarah no banho.

Ainda estávamos um pouco molhados quando voltamos ao quarto e ela me empurrou para cama, fazendo as pétalas de rosas voarem em todas as direções. Então, subiu em cima de mim com um sorriso malicioso no rosto.

Olhei para o teto enfeitado com estrelas fluorescentes de plástico. Uma lembrança foi enchendo minha mente, do mesmo modo que acontecia todas as vezes depois daquele dia, quando eu menos esperava as memórias voltavam como se nunca tivessem saído de lá. Ao contrário das outras lembranças, que me deixavam com um leve comichão de saudade, essa fez meu corpo inteiro suar frio, porque junto com a familiaridade veio à mim a imagem dela, minha Mel, sob aquelas estrelas no meu quarto.

— Logan, você me fez ver estrelas. — Ela riu no meu peito, fazendo-o saltar de alegria. Eu mal podia me conter, queria gritar para todo mundo que estava apaixonado pela garota mais incrível e sentia muito por eles, pois ela me amava também.

Ela apontou para o teto do quarto e eu acompanhei seu dedo. As estrelas que minha mãe havia colado lá quando eu ainda era pequeno brilhavam no escuro.

— Droga, e eu achando que tinha arrasado.

Mel levantou o rosto. Aqueles olhos caramelos brilhavam mesmo no escuro, seu cabelo, sempre bem arrumado, estava uma zona, os cachos

pulavam rebeldes para todos os lados e um sorriso divertido brincava em seus lábios.

— Você está linda — sussurrei e ela deu um soco no meu peito.

— Você é um mentiroso. — Ela riu. — Meu cabelo deve estar uma bagunça.

Ela passou a mão por ele tentando ajeitar os fios, segurei seu braço para impedi-la de continuar.

— Eu adoro seu cabelo do jeito que está.

Revirando os olhos, ela puxou a mão para continuar arrumando os fios com os dedos.

— É sério, eu adoro saber que ele está assim porque você dormiu comigo. Por saber que você estava aproveitando tanto que nem se importou com o cabelo. — Sorri para ela antes de continuar. — Por mim você ficaria com o cabelo assim o dia inteiro.

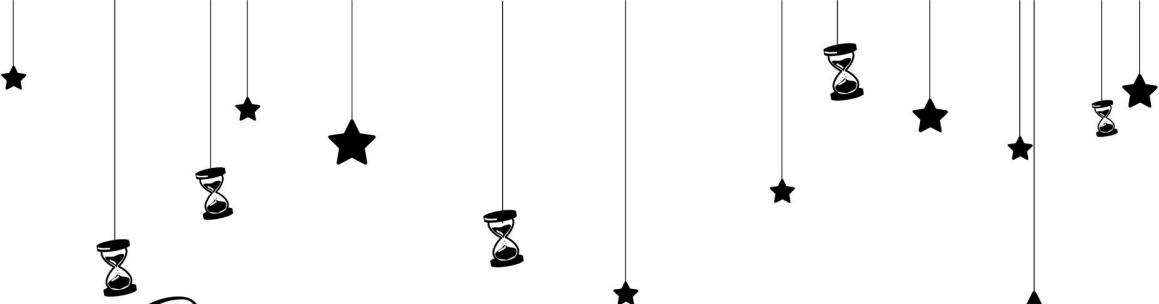
Ela riu alto.

— Seu pervertido.

— Adde — Sarah chamou me arrancando do transe.

Ela estava completamente nua, em cima de mim e eu estava pensando

em outra garota.



Capítulo 18

Giovana

— O que está rolando entre você e o Bruno? — perguntei quando eu e a Cami nos sentamos para almoçar no restaurante que ficava ao lado da faculdade. Era pequeno, mas a comida era deliciosa e por isso costumava ficar lotado todos os dias. Por sorte nós havíamos sido liberadas mais cedo da última aula e conseguimos um lugar.

Cami se mexeu sem jeito na cadeira. Era engraçado estar pela primeira vez na situação invertida, sempre era ela quem conseguia me deixar assim com suas infinitas perguntas sobre cada detalhe da minha vida amorosa e do desempenho dos meus parceiros.

— Não está rolando nada — respondeu sem me olhar nos olhos e colocou o canudo do suco que havia pedido na boca para que não precisasse falar mais.

— Claro, não era você seminua em cima dele ontem, né?

Ela engasgou com o suco e finalmente me olhou.

— Esquece isso, por favor — implorou choramingando e fazendo biquinho, mas isso não funcionaria comigo, aliás, não me afetava em nada esse olhar de cachorro sem dono.

— Eu adoraria esquecer essa cena, mas ver você pelada não é algo fácil de esquecer.

— Obrigada.

— Isso não foi um elogio, Cami — respondi rindo. — Eu estou traumatizada.

— Claro que foi um elogio. Você acabou de dizer que meu corpo é inesquecível.

— Meu Deus, esse mundo é pequeno demais para um ego desse tamanho.

Ela me mostrou a língua.

— Eu meio que sinto alguma coisa por ele.

— Você o quê? — quase gritei. — O coração gelado está derretendo?

Cami riu.

— Acho que sempre gostei dele, só não sabia disso, pelo menos não até ele me beijar. Foi diferente de tudo que eu já havia sentido. — Ela abriu um sorriso largo sonhador.

— Eu sei como é isso — respondi relembrando a primeira vez que me senti assim. — Só espero que você saiba onde está se metendo, não vou te passar um sermão, mas ele é casado e isso é errado, Cami.

— Não é assim, Gi. Eu não posso te contar, mas confia em mim.

— Eu confio, mas você o conhece há quanto tempo? Duas semanas? Não está indo tudo um pouco rápido demais?

— Eu o conheço há quatro anos, Gi. O conheci pouco depois de nos mudarmos.

— O quê?

— Só confia em mim, por favor, não posso responder suas perguntas.

— Tudo bem.

— Obrigada — ela falou e me puxou para um abraço.

— Mas vou ter que ter uma conversa com o Bruno, sabe como é, né? Tipo, se ele quebrar seu coração eu terei que quebrar a cara dele, coisas do

tipo.

— Se ele quebrar meu coração, eu mesma arrebento a cara dele, não se preocupe. Agora eu quero saber de você, Gi. Estou muito preocupada. As coisas que aconteceram com o Vitor e agora esse carinho novo que apareceu do nada. Preciso conhecer essa pessoa.

Queria contar tudo a ela, para que passasse a mão na minha cabeça e falasse que podia chorar até todo esse bolo que insiste em permanecer na minha garganta ir embora.

Foi tanta coisa que aconteceu nesses últimos dias que eu mal tive tempo de processar tudo. Não conseguia definir meus sentimentos, era conflitante. Estava tão feliz por descobrir que o Logan estava vivo, porém sempre que imaginava algo assim acontecer, não havia nada nos atrapalhando, correríamos para os braços um do outro e teríamos nosso final feliz. Por isso a raiva e a tristeza se enraizavam aos poucos nessa minha felicidade. Eu não conseguia me conformar com o distanciamento emocional que ele estava impondo entre nós. Isso estava acabando comigo.

Era revoltante estar com o Logan todo os dias e ter que fingir que ele não era nada além de um professor. Era como ter minha comida preferida no prato, sentir seu cheiro, mas não poder comê-la. Uma verdadeira tortura. E mesmo me sentindo assim, eu sabia que não podia dividir isso com mais

ninguém. Deixar outra pessoa saber, era coloca-la em risco.

Por tudo isso eu forcei um sorriso, respondi que estava bem e que na próxima apresentaria meu amigo a ela.

— Assim espero, não gosto de te ver cheia de segredinhos que não me incluem.

Minha amiga era bem ciumenta.

Depois disso, a conversa tomou rumos mais seguros.

Já era quase uma hora quando a Cami levantou da mesa em um salto percebendo que estava atrasada.

— Combinei de chegar mais cedo no estágio hoje, preciso ir andando. O Dr. Scott pediu para fazer umas coisas para ele fora do campus.

Levantei com ela e também tomei meu rumo para a sala do Alexandre.

Ele estava na porta lendo um papel que estava em suas mãos quando cheguei lá.

— Boa tarde, Alexandre.

Ele levantou os olhos do papel e sorriu para mim.

— Boa tarde, Giovana.

— Em que posso ser útil hoje?

— Eu queria que você fizesse um favor não muito educativo. Será que pode entregar esses convites para os professores? — falou apontando para onde os convites estavam. — Se não os encontrar em suas salas, pode colocar o envelope por baixo da porta. Isso já era para estar com eles desde o início da semana, mas só hoje chegou da gráfica.

Já estava saindo quando ele me chamou novamente.

— E Giovana, o seu convite está no meio desses.

— Meu convite?

— Sim, agora você é membro do corpo docente da faculdade.

— Então quer dizer que estou convidada para festa de abertura do período letivo?

— Claro que está.

Sorri e o agradei antes de sair da sala, isso seria ótimo.

Deixei o convite do Logan por último. Caminhei lentamente até a sala com a plaquinha “Dr. Scott”. Encarei aquilo por algum tempo antes de bater na porta.

Eu estava ansiosa para vê-lo novamente, ao mesmo tempo receosa de que talvez tudo não passasse de um fruto da minha imaginação. Depois de tudo que passei naquele lugar, era difícil não pensar que eu poderia estar sendo enganada novamente pela minha cabeça.

Ele abriu a porta e sorriu para mim.

— Logan — falei levando minha mão à boca logo em seguida.

Seus olhos se estreitaram.

— Você não pode me chamar assim aqui — falou me dando passagem para entrar na sala e observando se não havia ninguém nos corredores que pudesse ter escutado.

— Me desculpe, Dr. Scott. Só estou aqui para te entregar isso — falei estendendo o convite para ele.

Ele analisou por alguns segundos.

— Nós precisamos conversar — falou nervoso.

— Claro, é tudo que temos feito — respondi sentando na cadeira de frente para sua mesa enquanto ele deu a volta e se sentou na cadeira dele.

Ele pegou uma caneta e começou a revirar nos dedos.

— Primeiro quero que você saiba que pretendia te contar isso ontem, mas depois que me contou sobre as alucinações eu não soube como falar. Não queria te sobrecarregar.

Meu coração gelou, eu sabia que não era só aquilo. Sabia que tinha mais coisa.

— Fala logo...

— Então, hoje à noite terá a palestra de abertura do semestre. E todos os professores novos serão apresentados.

— É, eu sei como funciona, essa é a sétima abertura que assisto.

— Então você sabe que depois da palestra tem uma recepção para os professores e funcionários.

— Claro, por isso vim te entregar esse convite para a recepção.

— Você é uma funcionária agora e também recebeu um convite.

— Sim, eu sei — falei levantando meu convite. — Você está todo tenso assim por causa de uma recepção? Não precisa se preocupar. Se quiser nem olho em sua direção — falei chateada por ele achar que eu deixaria algo assim acontecer.

Peguei o convite dele em cima da mesa e reparei nos dois convitinhos presos em um clipe, um com nome dele e o outro escrito “Acompanhante”.

Ele passou a mão pelos cabelos antes de voltar a falar.

— Não é isso, é...

— Você tem uma acompanhante.

Ele concordou com a cabeça.

Eu não respondi, pois eu não tinha o que falar. Eu não poderia ficar com ciúmes, pois ele provavelmente nem sabia que me encontraria quando

convidou a outra pessoa. E até onde eu sabia, nós não éramos nada além de ex-namorados. Era uma droga pensar nessa palavra, porque eu nunca o imaginei como um ex qualquer coisa para mim, mas era a verdade.

Alexandre abriu a porta da sala sem bater e caminhou até o meu lado na mesa.

— Adrian, preciso daquela lista dos candidatos para a bolsa — pediu.

Logan abriu a gaveta, tirou uma pasta lá de dentro e a entregou ao Alexandre.

— A Sarah vai poder vir para a recepção hoje? — Alexandre perguntou reparando no convite em cima da mesa.

— Ela está ansiosa — respondeu parecendo pouco confortável com o assunto.

Por que o Alexandre conhecia a acompanhante do Logan? Será que ele a namorava? Ele descobriu que eu estava viva, falou toda aquela baboseira ontem sobre ter me esperado dez anos, mas continuou namorando alguém mesmo depois de se lembrar de mim?

— Giovana, você precisa conhece-la — Alexandre falou.

Ele colocou a mão no meu ombro e sorriu antes de prosseguir.

— A mulher dele é um encanto, além de ser muito inteligente e herdeira de um grande império. É uma ótima pessoa para ter em sua lista de

contatos.

Mulher? Ele era casado? Ele havia se casado com alguém?

Foi quando uma imensa ficha caiu na minha cabeça. Claro que ele tinha uma mulher. Toda a história do e-mail, a loira maravilhosa que havia entrado no escritório exigindo a chave... Como deixei isso passar? Estava tão aérea com sua volta que não consegui nem ligar os pontos que estavam bem na minha cara.

Trinquei meus dentes em um sorriso forçado para não deixar nenhuma palavra escapar da minha boca.

— Já entregou todos os convites, Giovana?

— Sim — respondi me levantando, pronta para sumir dali.

— Espera, Giovana. Preciso só ter uma conversa breve sobre a bolsa do trabalho que vai fazer comigo. Importa de me emprestá-la por mais alguns minutos, Alexandre?

— Sem pressa. Podem conversar à vontade.

— Obrigado.

Alexandre saiu da sala e nos deixou sozinhos novamente.

— Você se casou — falei assim que a porta se fechou.

Eu poderia aceitar uma ficante, um namoro, talvez até um noivado,

mas casamento?

Ele me superou a ponto de prometer passar a vida inteira ao lado de outra pessoa. Enquanto eu, mesmo sabendo que nunca teria uma segunda chance, pois ele estava morto, ainda não o tinha superado.

— Eu não me lembrava — falou cobrindo o rosto com as mãos.

Merda. Merda. Merda.

— Sete anos se passaram, Dr. Scott. Você não me deve explicações, você é meu professor. E a partir de agora essa é a única coisa que você vai ser — falei séria. — Espero que me escolha para o projeto porque sou boa nisso e não por eu ser quem sou, dou muito duro para ser uma boa aluna, não quero privilégios.

Doeu para caramba falar isso, mas eu não podia me fazer de amiga enquanto era para outra que ele se entregava por inteiro. Meus olhos começaram a lacrimejar e eu virei de costas para que ele não visse.

— Você é excelente — respondeu. — Nunca iria te privilegiar só por ser quem é.

— Obrigada.

— Mel...

— Não, meu nome é Giovana. Nunca mais me chame de Melissa, Mel ou qualquer outro apelido que já significou algo para mim. Para nós.

Eu sabia que sete anos era muito tempo para qualquer outra pessoa, mas sempre achei que nossa história estaria imune a qualquer coisa, achei que nem o tempo poderia mudar isso, mas o tempo me apagou do coração dele e eu espero que ele faça o mesmo comigo, porque agora estava doendo para cacete.

Saí da sala e corri para o banheiro, respirei fundo para me acalmar, demorou algum tempo, mas os tremores cederam. Eu não podia me dar o luxo de ter ataques nervosos.

Passei o resto do dia enfurnada na sala do Alexandre. Cada vez que alguém batia na porta, meu coração gelava de medo de que fosse ele.

Faltava meia hora para o fim do estágio quando o Alexandre me liberou falando que era para eu ter um tempinho extra para me arrumar, já que sabe como as mulheres são.

— Obrigada, Alexandre, mas não precisa. Acho que não vou.

Um dia atrás eu com certeza seria a primeira a confirmar a presença, mas saber que terei que ver o Logan a noite inteira com outra mulher, não com uma mulher qualquer, com a mulher que ele aceitou passar o resto da vida junto, fazia toda a minha vontade de participar, sumir. Eu não conseguiria ter uma conversa produtiva com ninguém e não queria ninguém me achando uma idiota.

— Você tem que ir, Giovana, é uma ótima oportunidade para aumentar seu network. — Ele abriu um sorriso amarelo. — Lembre-se: não deixe nada atrapalhar o seu caminho até o sucesso, você sabe aonde quer chegar, então não perca nenhuma oportunidade.

Alexandre e suas frases de efeito. Por mais que eu odiasse admitir, ele tinha razão. Já estava emocionalmente ferrada, não podia deixar que o cara que me fez ficar assim me deixasse também sem uma carreira. Nessa recepção, além dos professores e funcionários também iam vários figurões convidados. Era sempre bom conhecer pessoas influentes.

Meu coração ia ter que aprender a parar de acelerar quando o visse, pois eu estava decidida a esquecê-lo.

— O senhor tem razão.

— Te vejo lá então.

Ele saiu andando e eu peguei meu celular para ligar para Camila.

— Oi, Gi — ela atendeu.

— O que vai fazer hoje depois das palestras?

— Acho que vamos fazer o que você está prestes a falar.

— Vamos à recepção dos professores.

— Mas não é fechado só para os funcionários?

— Sei que passou o dia de hoje fora da faculdade, mas onde eu sei você é uma estagiária.

Ela soltou um gritinho do outro lado.

— Comida e bebida de graça.

Eu gargalhei.

— Claro, é por isso que vamos, sua morta de fome.

— E porque poderemos arrumar uma bocada que nos deixará ricas.

— Tá pensando em dar o golpe do baú em alguém?

— Quem sabe — respondeu brincalhona. — Preciso desligar. Até mais tarde.

— Tchau, Cami.

Estava saindo da sala do Alexandre quando dei de cara com o Logan.

— Você mora com a Camila? — perguntou de supetão.

— Moro.

— Caramba, ela podia ter me visto lá no outro dia.

— É, poderia ter chegado ao ouvido da sua mulher que você passou a noite com outra.

— Não distorça as coisas, não aconteceu nada entre nós. E não é nada...

— Eu estou indo embora.

— Mel, eu...

— Não, por favor, não quero ouvir nada de você.

Desviei dele e corri para o carro. Torcendo para que ele não ligasse aquele e-mail a ela, agora que já sabia quem era minha companheira de apartamento. Ainda estava inconformada comigo mesma por não ter ligado os fatos antes. Nem me lembrei daquele maldito e-mail. Fiquei tão iludida com a possibilidade de tê-lo de volta que nem estava raciocinando direito para juntar as peças e enxergar o óbvio.

Quase meia hora depois, cheguei em casa. Assim que tranquei a porta, parecia que todo o peso da notícia recaiu sobre meus ombros. Encostei na porta e deixei meu corpo cair. As lágrimas inundaram meus olhos no mesmo instante.

— Muito obrigada, vida! — gritei para as paredes.

Eu sabia que muitas pessoas passavam por coisas muito piores, e às vezes me sentia mal quando reclamava do supérfluo, quando tinha muita gente morrendo de fome e frio em algum lugar do mundo. Porém, depois de uma tentativa de estupro, o reencontro do amor da minha vida morto e a descoberta dele estar casado, eu podia cair um pouco no poço de autopiedade.

— Gi?

Levantei os olhos e vi o rosto borrado da Camila através das lágrimas.

— Você voltou cedo.

— O que aconteceu?

— Nada, Cami. Não aconteceu nada.

Ela abaixou, me abraçou e eu chorei mais ainda no seu ombro.

— Eu sinto muito, Gi — falou. — Pode chorar, libera tudo.

Ficamos ali por quase meia hora até os soluços pararem.

— É apavorante te ver assim, eu nunca tinha te visto chorar.

— Eu achei que tudo de ruim já tinha acontecido, que depois daquilo nada mais aconteceria.

— Depois de quê? Do que você está falando?

— Uma coisa horrível que aconteceu há alguns anos.

Ela uniu as sobrancelhas, eu nunca tinha mencionado o meu passado para ela. Certa vez até brigamos quando ela insistiu. Então, ela se manteve em silêncio. Esperando-me prosseguir.

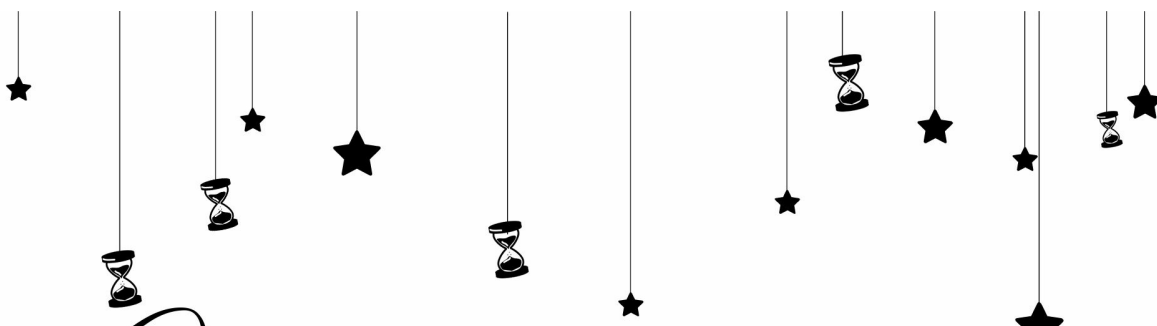
— Foi horrível, Cami. Eu não quero ficar sozinha novamente.

— Eu não vou te deixar sozinha — falou apertando a minha mão.

Eu sorri para ela.

— Obrigada por dizer isso, mas nem você pode garantir que estará aqui para sempre.

Eu a abracei mais uma vez e me levantei do chão indo em direção ao quarto para me arrumar.



Capítulo 19

Giovana

Fiquei encarando o guarda-roupa por cerca de meia hora. Tirei e experimentei quase todas as roupas que tinham lá dentro até decidir que nada ali estava bom o suficiente para a recepção. Eu já havia usado todas elas várias vezes e nada me parecia profissional e ao mesmo tempo despojado. Todas eram muito sérias ou muito largadas, não havia um meio termo.

Saí do meu quarto e fui em busca da minha única esperança: o guarda-roupa da Cami. Ela tinha uma boutique inteira que nunca foi usada dentro daquelas portas.

— Eu não tenho roupa — falei encostando no batente da porta do

quarto dela.

Ela parou de passar o blush na bochecha, me olhou de cima a baixo e um sorriso lentamente se abriu em seu rosto.

— Eu sei — falou voltando o olhar para o espelho.

— Sabe?

— Claro, conheço suas roupas de trás pra frente, já que é uma das poucas mulheres que é tão mão de vaca quando o assunto é roupa nova. Eu sabia que você perceberia tarde demais que não tinha o que vestir e queria que você arrasasse, então comprei um presentinho.

Não era como se eu odiasse fazer compras, mas não tinha dinheiro para esbanjar com esse tipo de coisas como a Cami. Então tinha que me ater a comprar somente o necessário e nada mais. Minha mãe tinha um seguro de vida num valor bem alto, mas não existia dinheiro que durasse para sempre.

Ela terminou de passar o Blush nas bochechas e sorriu para si mesma no espelho. Então se levantou e foi até a sala onde pegou uma sacola preta com um escrito dourado, daquele tipo que percebemos que veio de uma loja bem cara só de olhar.

— O que falamos sobre presentes, Cami?

— Deixa de ser chata — falou revirando os olhos. — Foi baratinho, vai lá experimentar.

— Eu vou te pagar por isso.

Peguei a sacola da mão dela.

— É um presente — respondeu sacudindo a cabeça. — Não quero que me pague nada.

— Você me mima demais.

— Não vejo qual o problema disso. O dinheiro é meu, eu gasto com o que eu quiser, e você vai aceitar tudo que eu quiser te dar — respondeu me empurrando para dentro do quarto com a sacola na mão. — Agora vai se vestir, quero ver como vai ficar.

Entrei para o quarto ansiosa para descobrir o que tinha dentro da sacola, se havia alguém na terra que sabia o que era ter bom gosto para roupas, esse alguém era sem dúvidas a Cami.

Era uma blusa peplum branca com manga três quartos e uma calça jeans skinny escura. Eu fiquei incrível naquela roupa. Aumentou o peito, que eu quase não tinha, e afinou minha cintura. Finalizei o look com meu brinco e colar de pérolas, as únicas coisas que eu ainda tinha da minha mãe, e um salto preto daqueles que eu me arrependerei de ter escolhido, mas que ficou maravilhoso com o look.

Olhei no espelho e sorri animada com o resultado.

A primeira coisa que pensei ao me ver pronta foi o que o Logan

acharia. Irritada com isso, obriguei-me a apagar esse pensamento no mesmo instante.

Mandei um beijo para o meu reflexo e segui para o quarto da Cami.

— Então?

Dei uma rodadinha para Cami poder ver o look completo.

— Você deveria me contratar como personal style — respondeu satisfeita com o resultado do seu presente.

— Você arrasa sempre, obrigada.

— Isso foi um elogio?

— Claro que não, nunca — Revirei os olhos. — Por que você esperou eu ficar uma hora escolhendo alguma coisa antes de me dar isso?

— Eu queria que você se atrasasse, assim a culpa não seria minha. — Deu de ombros. — Sabe, acho que não deveríamos ir às palestras.

— Eu adoraria não ir às palestras.

Ela me olhou por um instante antes de caminhar e colocar a mão na minha testa.

— Você está com febre? Passando mal?

Eu ri e tirei a mão dela de mim.

— Só não estou a fim de assistir aquela mesmice de sempre.

Claro que a verdade estava longe de ser essa, mas serviria para distrair a Cami. Queria evitar o Logan o máximo que eu conseguisse. Não estava nenhum pouco no clima de assisti-lo fazendo sua “aparição pública” com a mulher.

— Queira ir para a palestra do Dr. Scott, prometi que estaria lá. E seria uma desculpa para poder admirá-lo sem que parecesse estranho manter os olhos fixos nele.

— Ele nem é isso tudo.

— Com certeza, ele é muito mais que tudo isso. Tem uma menina do segundo período que aparece lá na sala dele cada dia com uma roupa mais curta e fica falando coisas com duplo sentido. Ele sempre finge não entender, faz de bobo, mas ela não desiste. — Cami bufou. — Você deve saber quem é. Ela andava muito com o Vitor antes de vocês começarem a namorar, acho que os dois tinham alguma coisa.

Fiz uma careta para a descrição da Cami. Sabia a quem ela estava se referindo.

— Beatriz? Eu não suporto essa menina. Juro que sempre tento manter minha sororidade, mas a Beatriz é uma pessoa horrível, não tem como defender. Você lembra que semestre passado ela espalhou que aquela menina, amiga dela, estava com sífilis só porque a menina ficou com o garoto

que ela tinha declarado que era dela?

— Nossa, tinha esquecido dessa. Realmente fica difícil ter empatia por alguém assim. Um dia desses ouvi no banheiro uma das amigas dela falando que ela decidiu que este ano ia colecionar professores, queria ficar com todos, mas que o grande desafio era a “carne nova”.

— Filha da puta, ela não vai ficar com o Lo... Dr. Scott.

Meu coração acelerou quando percebi a gafe. Estava com medo da Cami ter notado minha hesitação.

— Amiga, o Dr. Scott namora uma deusa. Ela não tem chance nenhuma.

Ele não namorava, era casado com ela, mas soaria estranho saber mais do que a Cami sobre a vida dele. Por isso, não a corriji.

Ela não havia reparado.

Queria falar que o comentário dela sobre a mulher do Logan não me incomodava, mas não era tão madura assim. Estava me mordendo de ciúmes, mais do que jamais senti em toda a minha vida. A cada vez que o imaginava tocando outra pessoa da maneira que ele me tocava, fazendo-a sentir as coisas que eu queria estar sentindo em seus braços, um pedaço do meu coração se quebrava. Era involuntário.

A vida seria tão mais fácil se fôssemos capazes de controlar nossos

sentimentos, um interruptor a ser desligado quando não fôssemos correspondidos.



O salão de festas da recepção estava maravilhoso, luzes coloridas iluminavam a fachada dando um ar moderno e chique. Estacionei o carro ao lado do salão e segui para a pequena fila na estrada com a Cami.

Havia vários recepcionistas conduzindo de um a um os convidados para suas respectivas mesas. Entregamos nossos convites quando chegou a nossa vez.

— Sejam bem-vindas — falou o recepcionista com um sorriso encantador. — Vou conduzi-las até a mesa de vocês, me acompanhem, por favor.

Seguimos pelo salão atrás dele. O local estava decorado com grandes arranjos com flores claras e lustres enormes, eu estava encantada.

— Não sabia que era tão chique assim — Cami sussurrou no meu ouvido.

Sentamos em uma mesa vazia de oito lugares. Em frente cada cadeira

tinha um prato com guardanapo de pano e um pequeno cardápio.

— Será que vamos sentar com o Dr. Scott?

— Espero que não — resmunguei baixo.

A última coisa que eu precisava hoje era ter que passar a noite inteira sentada ao lado dele e da mulher, que mesmo não tendo culpa de nada, eu odiava por tabela. Era o ciúme me consumindo. Não queria sentir isso, mas não era como se eu pudesse controlar. Passei anos amando a memória dele, não tinha como sumir com esse sentimento de uma hora para a outra, mesmo ele tendo sido um tremendo de um babaca.

— O que você disse?

— Ele vem com a mulher — respondi fingindo que era isso que eu havia falado antes. — Não vai dar pra ficar babando em cima dele a noite inteira.

— Ele é casado?

— Aparentemente sim.

— Ele não usa aliança, achei que a mulher que conheci fosse namorada. Eu nunca deixaria um marido como aquele desfilar sem aliança no meio de uma universidade como a nossa.

Assim que ela terminou de dizer, Logan e a mulher se aproximaram da mesa.

Revirei-me na cadeira, olhei para os lados em busca de ajuda, mas não havia nada que eu pudesse fazer para fugir daquela situação.

— Boa noite, Dr. Scott — Camila cumprimentou.

— Boa noite, Camila. Está aqui é...

— Sarah Scott, a mulher dele — completou ela, estendendo a mão para a Camila.

Logan sussurrou algo no ouvido dela e aquela intimidade me matou.

— Giovana — Sarah falou me lançando um sorriso. — É um prazer revê-la.

Estendeu a mão para mim e a apertou firme. Parecia que sua personalidade havia mudado da água para o vinho do dia que nos conhecemos para hoje.

Estava com um nó gigante na garganta. Não consegui fazer nada além de apertar sua mão e acenar com a cabeça.

— Desculpe por aquele dia, não estava no meu melhor momento e acabei descontando em quem não deveria, como sempre faço. Adde vive me chamando atenção sobre isso — falou sorrindo, sendo simpática.

Não consegui escutar mais nada depois de “Adde”. Ela tinha um apelido para ele, um apelido carinhoso.

Deveria ter ficado em casa. Estava odiando cada segundo daquilo.

Eu encarava a Sarah quando a Cami me deu um cutucão, me fazendo voltar a realidade e perceber que ela estava esperando eu aceitar seu pedido de desculpas.

— Sem problemas — gaguejei em resposta.

Novos convidados chegaram e a mesa logo estava com seus dez lugares ocupados. O que foi um alívio, pois assim eu podia divagar sem precisar dar atenção a ninguém.

— Qual o seu problema? — Cami sussurrou no meu ouvido.

Balancei a cabeça em negativa, querendo dizer que não era nada.

Logan não tirava os olhos de mim e aquilo estava me irritando. Ele estava com a mulher dele ao lado, não deveria ficar me olhando. Vivian, com certeza, estaria decepcionada com o filho se visse essa cena. Ela dizia que a melhor parte de criar um menino, era ensiná-lo desde pequeno como ele deveria tratar uma garota. O que ele estava fazendo agora era o oposto de tudo que ela falava.

Eu estava tão incomodada com aquilo que decidi que a melhor coisa seria sair daquela mesa. Então pedi licença e me retirei. A princípio pensei em me esconder por uns minutos no banheiro, mas acabei optando por tomar um ar na sacada do salão. Encostei na grade e respirei fundo, deixando a brisa

refrescar meus pensamentos.

— A festa está tão ruim assim?

Virei-me e encontrei o Alexandre me encarando da porta.

— Está muito quente lá dentro.

— Se você está com calor nessa roupa, imagina como eu estou me sentindo dentro desse terno.

— Alexandre, quanto tempo. — Uma mulher, que usava um vestido longo, muito chique para a ocasião, o envolveu em um abraço.

— É um prazer revê-la, Dominique — disse correspondendo ao abraço um pouco sem jeito.

A mulher o soltou e ele nos apresentou.

— É um prazer, querida. Lembro quando fiquei em primeiro lugar na minha época. Sorte que pude ver que essa loucura de dar aula não era para mim.

Ela riu.

— Dominique é fundadora da rede Mais saúde.

Quando ele mencionou, percebi a semelhança com a mulher mais jovem que havia no quadro no corredor das salas dos professores, onde ficavam penduradas as fotos dos alunos “brilhantes” da faculdade.

— O prazer é todo meu — respondi estendendo a mão para cumprimentá-la.

— Nós esperamos grandes coisas dessa aqui também — Alexandre falou se referindo a mim.

— Ela não chegou ao primeiro lugar por sorte, tenho certeza de que o futuro lhe reserva uma fortuna. — Ela sorriu. — A não ser que decida seguir a área acadêmica.

Alexandre riu e balançou a cabeça.

— Você não desiste, não é?

— Eu só não consigo entender quem recusa um salário de cinco dígitos para poder viver essa vida corrida de professor.

Salário de cinco dígitos? E eu vivendo com meus míseros três. Se eu conseguir a bolsa, talvez chegue aos quatro e já ficarei rindo à toa.

— Nenhum dinheiro me dá a satisfação de formar pessoas bem-sucedidas como você, Dominique.

— Mas pode comprar outras coisas bem legais — comentou brincando. — Eu nunca vou entender isso.

— Não posso negar, eu ficaria no mínimo tentada — falei.

— Eu não disse que não é uma proposta tentadora, ainda mais nos

dias que aparecem aqueles alunos que não querem saber de estudar e choram por qualquer meio ponto.

— Falando nisso, será que vai rolar pontinho por eu ter vindo aqui hoje? — perguntei brincalhona.

Ele me olhou de cara feia.

— É disso que eu estou falando, acham que têm que ser recompensados por fazer o que devem.

— Eu acho que ela merece um pontinho. Eu mesma só vim para ganhar meus pontinhos com os diretores — Dominique falou.

Ele riu.

— Você nunca precisou de pontinhos extras, e posso dizer o mesmo da Giovana.

— Não é questão de não precisar, é só pelo incentivo. Mesmo que seja uma coisa supérflua, nos deixa incentivados a um maior esforço quando podemos ganhar algo em troca. Todos aqui estudamos gestão de pessoas, sabemos que qualquer um trabalha melhor quando tem um estímulo.

Dominique me olhou, como se me analisasse por uns segundos.

— Talvez você possa ser de grande valia para mim também, Giovana.
— Ela tirou um cartão de dentro da minibolsa e o estendeu para mim. — Se perceber que a área acadêmica não lhe atrai, eu poderia fazer bom uso de

alguém como você.

Agradei pela oferta e peguei o cartão. Logo depois, ela pediu licença e foi conversar com um outro grupo de pessoas que estavam ali por perto.

Dominique formou nessa mesma faculdade e em menos de cinco anos ficou milionária com sua rede Mais saúde, empresa que vende produtos naturais, programas de alimentação para dietas e conta com uma cadeia de academias por todo país.

— Como eu disse, essa recepção é ótima para aumentar seu *network*
— Alexandre falou me tirando do meu devaneio.

Ele me apresentou a várias outras pessoas depois da Dominique, eu estava com seis cartões de diferentes empresas, todas interessadas em conversar comigo sobre um possível cargo. Talvez a área acadêmica não seja tão atrativa assim.

Estava o agradecendo pela milésima vez quando ele me cortou falando com alguém atrás de mim.

— Adrian, sua futura bolsista é um sucesso, se eu fosse você ficaria de olhos bem abertos para não perdê-la.

Ele se colocou ao meu lado, fazendo toda a leveza da última hora que passei com o Alexandre se dissipar. No mesmo instante, meu corpo voltou ao estado tenso que estava quando saí da mesa.

— Eu não esperaria menos dela. Só desejo não ter que entrar em uma briga com nenhum desses figurões. Porque com toda certeza eu brigaria por ela.

Essas palavras estavam recheadas de duplo sentido. O que me deixava cada vez mais confusa. Ele estava com outra, não entendia porque continuava jogando indiretas para mim. Se pensava que podia me tornar uma amiga, ele estava muito enganado.

Em relação a ele eu era 8 ou 80, era tudo ou nada. Se ele tinha outra pessoa, não havia nada que pudesse ter de mim então.

— Será que posso roubá-la por um segundo? — perguntou.

Eu tomei fôlego para responder, mas o Alexandre foi mais rápido.

— Claro. Eu tenho que ir me preparar para o meu discurso. Nos falamos mais tarde.

Ele deu um aceno com a cabeça antes de se afastar.

Logan colocou a mão em meu braço e eu me afastei.

— Eu não acho que seja uma boa ideia me tocar quando sua esposa está olhando diretamente para cá — comentei dando ênfase na palavra esposa.

— Ela sabe quem você é.

Arregalei os olhos.

— Por que você fez isso?

— Eu nunca escondi nada dela.

— Que sorte a dela — respondi ríspida, com um pouco de ciúmes.

Além de uma esposa, ele arranhou uma melhor amiga com quem dividia tudo. Será que não passou pela cabeça dele que isso a colocava em perigo também?

— Eu me casei com ela para ajudá-la, não vivemos uma vida de casal — tentou explicar.

— É mesmo? Não explica a maneira que ela está me olhando como se quisesse me matar.

Logan a olhou e fez um sinal para que se aproximasse. *O que ele estava fazendo?* A última coisa que queria era uma conversa com ela.

Sarah veio desfilando em nossa direção e a cada passo mais próximo meu coração batia mais forte no peito. Eu não queria ser taxada como a outra, a piranha que queria o professor e ia acabar com o casamento dele.

Sempre tive o casamento como um sacramento sagrado. O Logan sabia disso. Eu não acreditava em casamentos de fachada, se você prometeu alguma coisa, essa promessa devia ser cumprida.

Isso explicava porquê meu coração era tão teimoso, pois prometi que ele seria do Logan para sempre, mesmo que o dele não fosse mais meu. Promessa idiota. Não devíamos fazer promessas para a vida inteira, pois era certo que em algum ponto íamos quebrá-las e acabar magoados ou magoando alguém.

Sarah chegou e me lançou um sorriso tão forçado quanto o que estampava minha cara.

— Giovana, ou devo chamá-la de Melissa, Mel. — Ela riu fraco. — Já sei, Mundo!

Senti-me encolher com aquela brincadeira. Ele contou nosso apelido secreto para ela, só nós nos chamávamos assim. Eu o olhei com raiva, mas seus olhos estavam na mulher dele com uma surpresa estampada no rosto.

— Pelo amor de Deus, Sarah, alguém pode escutar.

— O Adrian casou comigo, prometeu me amar para o resto da vida, falou que nunca me abandonaria. Você sabia que ele nem sequer lembrava de você? — Ela revirou os olhos. — Ele te esqueceu por sete malditos anos.

Era como se cada palavra fosse uma faca entrando no meu peito e retorcendo. Na verdade, desejei que as palavras fossem facas, assim ao final do discurso eu estaria morta ao invés de humilhada dessa maneira.

— Por que você está falando isso, Sarah? — Logan perguntou.

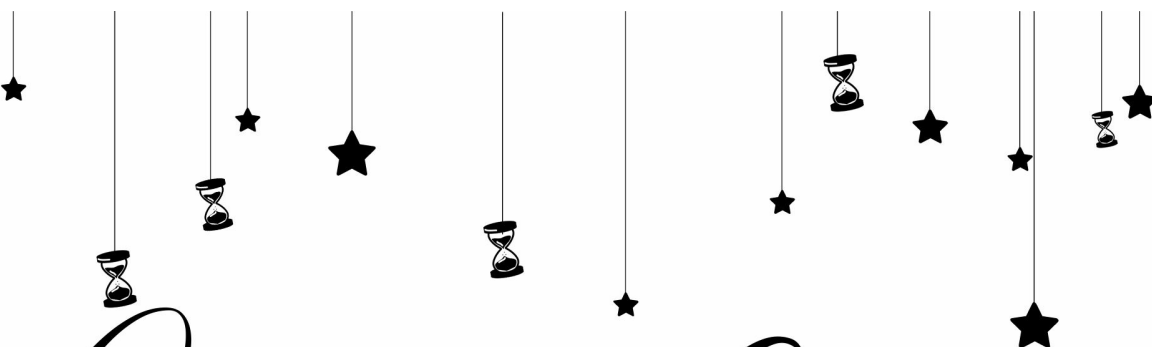
— Porque você me fez acreditar em uma mentira e depois quebrou meu coração em pedacinhos — ela falou com uma falsa calma.

Eu não podia mais escutar aquilo.

— Eu preciso... — comecei a falar, mas me virei antes de terminar a frase e corri em direção ao banheiro.

Era difícil sentir raiva de alguém quando a pessoa estava passando pela mesma situação que você. Sarah estava sofrendo, ela também teve o coração quebrado, Logan também a magoou. E a única pessoa responsável por tudo isso era ele.

Seria tão mais fácil minha vida se meu coração ouvisse um pouco mais a minha razão.



Capítulo 20

Logan

ALGUNS MESES ANTES

— Algum problema? — Sarah perguntou quando demorei para responder.

Ela me encarava com um olhar confuso. Sua mão desceu entre nós e logo percebeu que havia algo errado. Isso nunca tinha acontecido antes, nunca havia tido nenhum problema.

Eu tinha prometido que tentaria ser um bom marido. Falei que mesmo que o casamento fosse uma desculpa para ajudá-la, que faríamos dar certo.

Moramos juntos por um bom tempo, vivíamos bem um com o outro como colegas e não podia reclamar em relação ao sexo, sempre foi incrível. Eu gostava dela, talvez não tanto quanto ela gostava de mim, mas achava que era o suficiente para isso dar certo.

Como eu faria agora? Como eu conseguiria cumprir uma promessa que eu já havia feito a outra pessoa antes?

As palavras não vinham à minha cabeça, parecia que eu havia perdido a capacidade de raciocinar. *Put a que pariu! O que eu fiz?* Encarei o teto com medo dos olhos dela. Eu havia prometido, que belo filho da puta eu era.

Sarah saiu de cima de mim e se sentou ao meu lado.

— Não precisa ficar assim, Adde, isso acontece.

Olhei para ela e depois segui seu olhar até minha virilha.

Claro que ela não adivinharia o que estava passando pela minha cabeça. Tirou a única conclusão óbvia. Eu havia broxado e estava com vergonha. O que seria uma ótima desculpa, mas eu não tinha como sair dessa tão fácil, não poderia simplesmente falar que foi isso e continuar a vida como se eu não precisasse desesperadamente encontrar a Melissa.

— Caramba, dá para falar alguma coisa?

Eu respirei fundo.

— Me desculpa.

Ela se levantou e puxou o roupão de dentro da mala, enrolando-se nele sem me olhar. Depois, virou-se me jogando o meu roupão.

— Não precisa se desculpar, querido — Ela veio até mim, fez um carinho no meu rosto e me deu um selinho. — Temos a vida inteira para fazermos isso.

Eu estava me sentindo o lixo em pessoa. Sarah estava ali toda compreensiva e carinhosa enquanto eu tinha outra pessoa em minha mente.

— Nós precisamos conversar.

Ela arqueou a sobrancelha e riu, provavelmente achando engraçado meu tom sério depois do que acabara de acontecer.

— É sério — falei.

— Tudo bem — respondeu e sentou ao meu lado, olhando-me com atenção.

— Lembra quando te falei que minha memória era um borrão?

— Claro, você sempre fala sobre isso quando pergunto sobre seu passado. O acidente de carro e tudo mais.

Sempre tentei procurar algo mais próximo da verdade sem que precisasse contar a ela sobre o Robert. Ela não precisava ser mais um nome na lista dele. Então, um acidente de carro foi a forma de explicar sobre minha falta de memória.

— Pois é, acontece que acabei de lembrar de detalhes bem importantes.

— E o que você lembrou fez você... — Ela olhou para o meio das minhas pernas.

— Eu me lembrei de uma pessoa, Sarah, alguém que eu amava.

Ela acenou com a cabeça e olhou para a parede, por onde seu olhar vagou por alguns segundos.

— O que você está tentando dizer com isso? Você namorava essa pessoa? Era noivo? Sei que não era casado, pois se fosse não conseguiríamos nos casar. — Sua voz tinha se elevado um pouco, mas ela estava tentando se manter calma.

— Nós só namorávamos, éramos muito novos para qualquer outra coisa.

— Tudo bem. Todos nós temos passado, não me importo com o que você teve com alguém há não sei quantos anos. O que importa é que você está comigo hoje e vai continuar, não é mesmo?

— Sarah...

Ela me olhou. Eu sabia o que ela esperava escutar, assim como sabia que o que eu precisava dizer ia magoá-la mais que tudo, mas nossa relação sempre foi construída com a verdade e quanto mais longe eu deixasse isso ir,

pior ficaria.

— Eu não posso ficar com você.

— Você se casou comigo há menos de vinte e quatro horas, estava prestes a fazer sexo comigo agora mesmo, como uma lembrança de não sei quantos anos atrás pode mudar isso em um segundo? Você me prometeu!

— Eu sinto muito, Sarah. Juro que quando prometi tudo, eu pretendia cumprir cada promessa.

Ela riu e negou com a cabeça. Levantou-se da cama e cruzou os braços parada bem na minha frente.

— Então, há quantos anos você não tem notícia dessa mulher?

— Quase sete.

— Adrian, sem querer ser pessimista, mas ninguém fica sozinha por quase sete anos esperando o príncipe perdido. Sua memória voltou agora e tenho certeza de que você se sente como se ainda fosse apaixonado por ela, mas são sete anos. — Ela jogou os braços para o alto. — O que eu estou fazendo? Dando conselhos ao meu marido sobre outra mulher.

Ela chutou a cama e se jogou sobre ela.

— Vai se foder, Adrian!

Coloquei minha mão em suas costas para tentar acalmá-la, mas ela a

empurrou para longe.

— Some daqui! — gritou. — Eu sabia que isso daria errado, só não imaginei que daria errado logo no primeiro dia.

— Sarah, eu...

— Você pode me encher de desculpas mais tarde, agora, por favor, some daqui. Me deixe sozinha por alguns minutos, depois você pode voltar para inventar a desculpa que quiser, eu só preciso de alguns minutos.

— Ok.

Ela acenou com a cabeça, pude ver seus olhos lacrimejarem.

Eu me sentia um merda por deixá-la assim quando prometi que ficaria do lado dela em todos os momentos até o fim de nossas vidas há poucas horas, mas eu seria ainda mais babaca se fizesse tudo pelas costas dela.

Saí pela porta e andei até a piscina suja que tinha nos fundos dos quartos.

Sete anos. Afundei o rosto nas mãos.

Como me esqueci da melhor coisa que aconteceu na minha vida por tanto tempo? Onde será que ela estava? Será que a Sarah tinha razão? E se ela nem se lembrasse de mim? Eu precisava descobrir. Ficar parado lamentando não ia fazer o tempo voltar.

Fiquei mais um tempo vagando pelo motel com medo de voltar ao quarto e ter que vê-la magoada por minha culpa. Eu era um covarde por estar fugindo dela, só que nem eu sabia como conseguiria resolver isso.

Depois de quase uma hora, voltei para o quarto. Sarah já estava dormindo na cama. Peguei meu celular para ligar para o detetive responsável pela minha área de proteção à testemunha, mas o relógio já marcava quase três da manhã, era melhor eu esperar até o próximo dia.

Ao invés disso abri todas as redes sociais procurando por seu nome, mas nenhuma das Melissas Rabellos que encontrei era ela. Então desliguei o celular e me deitei ao lado da Sarah, esforçando-me para não a acordar e deixei o sono me levar.



Acordei com uma mão me tocando. Abri os olhos e me sentei rápido na cama. Era a Sarah, ela estava completamente nua ao meu lado. A hora que deitei não tinha me dado conta de que ela estava sem nada embaixo das cobertas.

Fiquei sem reação quando ela se sentou no meu colo. A coberta ainda

separava nossos corpos.

Ela me beijou e eu correspon­di, não tive forças para negar. Eu a machuquei e estava com medo de magoá-la mais ainda me afastando agora. Naquele beijo eu pude sentir o desespero em sua boca, ela sugava meus lábios com paixão, querendo tudo de mim, tudo que eu não podia dar.

Quando afastou a boca da minha eu encontrei minha voz.

— Nós não podemos fazer isso — falei.

Usei toda a força de vontade de fazer o que era certo para tirá-la de cima de mim o mais delicadamente possível. Virei-me como se fosse para cima dela, mas ao invés de fazer isso, soltei-a na cama e sentei novamente.

— Por favor, Sarah.

Sem que eu percebesse, ela colocou a mão por baixo da coberta que nos separava e foi de encontro a minha virilha. Gemi baixo com o toque e um riso baixo escapou de seus lábios.

— Oh, você também me quer.

Seria tão fácil deixar que ela prosseguisse, era óbvio que eu queria também, como Sarah comprovou, meu corpo dava sinais claros disso, mas eu seria mais babaca do que já estava sendo se permitisse que continuasse.

O problema era que saber disso não tornava nenhum pouco mais fácil a situação. Não havia uma maneira delicada de dizer o que precisava sem que

isso a magoasse.

— Coloca sua roupa, Sarah, por favor.

— Não — respondeu mordendo os lábios. — Você é meu marido agora.

O sorriso dela me desestabilizou. Meus olhos me traíram, viajando por todo o seu corpo, desejando que a situação fosse diferente.

Voltei meu olhar para o seu rosto, me obrigando a lutar contra meus desejos.

Sarah sustentava um sorriso malicioso.

Eu tinha sido pego no flagra, ela percebeu que eu estava olhando para o seu corpo.

Levantei da cama e joguei o cobertor em cima dela.

— Uau, Adde — falou encarando o volume em minha calça.

Respirei fundo e fechei os olhos, tentando imaginar qualquer outra coisa que não fosse a mulher na minha frente.

— Você me quer também, seu corpo não mente. Por que está tornando isso tão difícil?

Sentei novamente na cama, de costas para ela. Não conseguia mais dizer palavras que a magoaria olhando em seus olhos.

— Sarah, você é linda e gostosa para caralho. É óbvio que meu corpo responderia dessa maneira. É impossível não desejar estar com você.

— Por que não, então? — perguntou. — Você prometeu.

— Eu sei o que prometi e me sinto um merda por ter feito isso. — Respirei fundo e passei a mão pelo cabelo. — Eu não posso te dar o que você quer. Se acontecesse alguma coisa hoje, seria sexo, só isso.

— Mas é isso que eu estou pedindo — falou.

— Você e eu sabemos que isso é uma mentira. Eu sei que já estou sendo um babaca ao fazer isso, mas não posso dormir com você sabendo dos seus sentimentos por mim, enquanto minha cabeça está em outra pessoa. Não seria justo com nenhum de nós dois.

Olhei para trás a tempo de vê-la limpar uma lágrima que tinha escapado. Aquela cena me doeu tanto. Ela não merecia isso, não depois de tudo que passou. Eu estava em cacos, mas sabia que não havia outra opção.

— Eu não me importo.

Quase não escutei sua voz de tão baixa.

Minha vontade era abraça-la, mas sabia que não era a melhor opção dada as circunstâncias.

— Se importa sim e eu também — respondi no mesmo sussurro que ela havia dito. — Eu te amo, você foi minha melhor amiga durante anos. Por

tudo isso que significa para mim, não posso continuar com isso e deixar que a situação fique pior. Nunca menti pra você, não vou começar agora.

Quando a olhei novamente, ela havia coberto o corpo com o cobertor. Dei um beijo em sua testa e fui para o banheiro, deixando-a sozinha para absorver nossa conversa. Eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela precisava disso.



Desde a noite passada, nenhum de nós dois havia tocado novamente no assunto. Estávamos tentando manter conversas normais, mas nada fluía como de costume. A situação estava desconfortável, mas eu já havia forçado demais ontem, deixaria para conversar novamente quando ela estivesse pronta. O que foi mais ou menos três horas depois de termos saído do hotel.

— Sabe o que me deixou com mais raiva? Se você tivesse se lembrado desse passado algumas horas antes, nós nunca estaríamos nesta situação.

— Eu vou manter minha palavra, Sarah. Eu não vou te abandonar, vou fazer o papel de marido que você precisa. Você vai ser a diretora daquela

empresa, seus pais vão parar de te encher o saco e ninguém poderá mais roubar o que é seu por direito. — Balancei a cabeça. — Devia ser proibido ter esse tipo de cláusulas em testamentos, é tão antiquado.

— Você sabe que eu te amo, não é? — perguntou mudando de assunto.

Olhei-a de relance. Ela encarava o teto do carro como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

— Eu também te amo.

— Não desse jeito, Adde. Eu estou apaixonada por você. Foi por isso que aceitei sua proposta, pois achei que talvez o tempo fizesse com que você me amasse dessa maneira.

Eu fiquei em silêncio por um momento, pensando nas palavras que poderia usar para não a machucar. Não estava acostumado a medir palavras com ela, sempre conversamos abertamente sobre tudo. Era horrível essa mudança.

— Nunca foi minha intenção te magoar.

Pela primeira vez desde o início da conversa, ela olhou para mim.

— O pior de tudo é que eu sei disso. — Sarah colocou a mão em minha cabeça e passou os dedos pelos fios de cabelo. — Vamos achá-la.

— O quê? — perguntei, sem ter certeza se havia escutado certo.

— Vamos procurar por ela. Você precisa de uma conclusão. Talvez ela nem se lembre mais de quem você é e assim poderá seguir em frente comigo.

As lembranças inundaram minha cabeça. Eu não conseguia imaginar um mundo onde ela tenha me esquecido.

— Você tem certeza?

— Claro, se precisa ver para crer, é isso que nós faremos.

Eu concordei com a cabeça e a agradei.

Passamos a procurar pela Mel desde então, a polícia não nos forneceu nenhuma ajuda, então, fomos obrigados a encontrar um detetive particular. Muitos recusaram o caso com medo de se envolver, mas finalmente encontramos uma disposta a encontrá-la a qualquer custo.

Enquanto isso, eu fui o marido que Sarah precisava em público e o amigo em casa. Ela nunca mais tentou nada como naquele final de semana do casamento.



Quase um ano depois do início das buscas eu já estava começando a

ficar desanimado. Todas as pistas levavam ao mesmo beco sem saída, os federais eram os melhores para esconder os rastros de alguém.

Eu estava no meio de uma aula quando meu telefone começou a tocar. Pedi licença para os meus alunos e saí da sala antes de atender.

— Scott?

— Isso mesmo.

— Aqui é a Detetive Emma. Nós tivemos um avanço no caso.

— O que conseguiram?

— Não muita coisa. Não conseguimos sua nova identidade, mas sabemos a cidade em que a colocaram. Se quiser pode vir buscar o relatório completo hoje mesmo.

— Chego aí em meia hora.

— Tudo bem. Estou te esperando.

Desliguei o telefone e dispensei a turma antes de ligar para a Sarah.

— Oi, Adde — ela atendeu.

— Sarah, eles a encontraram.

— Ah, isso é maravilhoso. — Sua voz falhou ao dizer isso.

— Será que tem como me encontrar em meia hora no escritório da detetive?

— Claro, te vejo lá.

Meia hora depois estávamos com o relatório das buscas em mãos, tanto tempo para descobrir que ela ainda estava no Brasil.

Por sorte, a cidade em que ela estava tinha uma grande faculdade, na mesma hora enviei meu currículo com um pedido de emprego. O salário oferecido não era nada comparado com o que eu ganhava aqui nos Estados Unidos, mas eu não me importava com o dinheiro. Eu tinha uma boa reserva guardada e o salário daria para ter uma vida boa.

Demorei pouco mais de um mês para conseguir ajeitar tudo, consegui combinar com a faculdade para começar a trabalhar no início do próximo semestre.

Sarah ia comigo. Ela achou a mudança um exagero da minha parte, tivemos uma briga feia por conta disso. Falou que eu estava largando um bom emprego por uma pessoa que eu nem sabia se ainda me amava. Porém não era só isso. Além da possibilidade de encontrá-la eu queria também voltar para o meu país, sempre quis, isso só foi o empurrãozinho de que eu precisava.

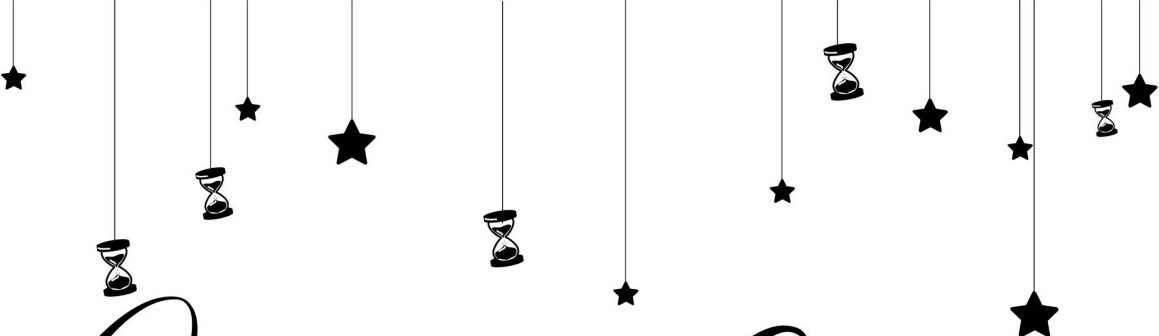
— Não acredito que estou levando meu marido para encontrar o amor da vida dele — brincou ela quando se acomodou no assento da primeira classe.

Sarah era muito rica, então quando eu apareci com as passagens da classe executiva, ela revirou os olhos e disse que não viajaria essa distância toda sem conforto algum, principalmente agora que ela finalmente estava ocupando seu posto na empresa da família e sua fortuna triplicou.

— Obrigado por isso — falei apertando a mão dela.

— Eu faria qualquer coisa por você. Se precisa ter uma conclusão, é isso que terá.

Ela continuava tratando isso como uma conclusão. Como um término. Eu esperava que ela estivesse errada.



Capítulo 21

Giovana

Tranquei-me dentro do banheiro e respirei fundo, tentando me recompor, eu não podia deixar isso me balançar toda vez que o encontrasse.
Se concentre coração!

Se uma semana atrás alguém me dissesse que o Logan estava vivo e que eu ia preferir não saber disso, era provável que eu risse na cara da pessoa. Hoje tudo que desejava era que a minha vida tivesse continuado sem ele, porque doía demais saber que a pessoa por quem eu tive alucinações por medo de viver sem me esqueceu por tanto tempo.

Eu sabia que a culpa não era dele, mas saber isso não fazia com que

doesse menos. Enquanto minha cabeça o tornou eterno, a dele me apagou por quase sete anos.

Alguém entrou no banheiro e eu prendi a respiração, torcendo para que não percebesse minha presença ali.

— Giovana — Era a Sarah. — Eu sei que você está aqui.

Um soluço alto escapou dos meus lábios no momento que a ouvi.

Por que ela não me deixava em paz por um tempo? Ela ainda não entendeu que ganhou o jogo? Eu não ia entrar em uma briga por ele, não o queria mais, mesmo que meu coração idiota insistisse em dizer o contrário.

Vi seus saltos pretos por baixo da porta quando se aproximou.

— Abre a porta.

Continuei imóvel no meu lugar. Ela bateu na porta e tentou puxá-la, mas a trava garantiu que ela continuasse fechada.

— Ele pode estar me odiando agora, mas fui eu quem estive ao lado dele nos últimos anos. Eu o conheço melhor do que ninguém e sei que vai me perdoar. Ele acabou de lembrar quem é você, só está vivendo uma ilusão de algo que existiu há muito tempo, mas sei que ainda vai se dar conta de que vocês não são mais as mesmas pessoas, todo mundo muda. Quando isso acontecer, eu ainda estarei aqui do lado dele.

— Me desculpe, Sarah — disse abrindo a porta.

Ela me olhou parecendo não entender o que estava acontecendo.

— O quê? — perguntou.

— Você não tem culpa de ter se apaixonado por ele, quem não se apaixonaria? — falei. — Eu sinto muito por tudo que ele te fez passar. Nós realmente mudamos, o garoto por quem eu me apaixonei não existe mais, ele nunca faria algo assim para magoar alguém dessa forma.

Sarah balançou a cabeça em negativa.

— Não. Ele não fez isso.

Foi a minha vez de ficar confusa. Então ela vacilou e virou as costas para mim.

— Eu achei que você já teria superado, que você estaria com outra pessoa, por isso o ajudei a te encontrar. Como eu poderia imaginar que você realmente o esperou por todo esse tempo?

— Eu não esperei ninguém, Sarah. Achei que ele estava morto.

— Como assim? — Ela virou , voltando a me olhar.

— Eu não sabia que ele tinha sobrevivido. Fizeram um enterro.

Meus olhos voltaram a lacrimejar com a lembrança e eu forcei as lágrimas a permanecerem lá.

— Por isso você nunca o procurou.

— Eu não sabia que existia alguém para procurar, para mim eu tinha perdido as pessoas que eu mais amava naquele dia e nada as traria de volta.

— Pessoas?

Concordei com a cabeça.

— O Lo... Adrian, a minha mãe e a mãe dele. Éramos praticamente uma família.

— Ele nunca me contou isso.

Continuei calada. Depois de um minuto de um silêncio constrangedor ela voltou a falar com um tom de voz manso. O olhar perdeu aquela coisa assustadora, ela me olhou com pena? Era só o que me faltava.

— Ele não me iluiu, Melissa. Bom, não de propósito. Eu precisava me casar, mas disse que não faria isso só para atender o capricho dos meus pais e uma cláusula contratual ridícula que dizia que uma mulher só poderia assumir a empresa se tivesse um homem do seu lado. Meus pais me ameaçaram dizendo que iriam me deixar sem nada se eu não me casasse e assumisse a empresa da família. A princípio achei que estavam blefando. Só percebi que não era blefe quando cortaram todos os meus cartões e disseram que isso seria só o começo. Realmente foi. Eles subornaram cada pessoa que me deu um emprego ou me ajudou de alguma forma. De modo que eu fosse demitida e não tivesse para onde correr. O único amigo que permaneceu ao

meu lado durante todo o tempo foi o Adrian, não cedeu a nenhuma das tentativas deles. Quando achei que eles haviam se cansado, resolveram atacar a carreira do Adde, foi nesse ponto que me rendi. Eu tinha me apaixonado por ele e não poderia deixá-lo perder tudo por mim. Porém, quando contei ao Adrian que faria o que meus pais queriam, ele me pediu em casamento para que eu não fosse obrigada a me casar com um completo estranho. Eu fiquei feliz por ele estar disposto a fazer isso por mim, sabia que no fundo não me amava do mesmo modo que eu o amava, mas ele prometeu que se esforçaria para ser um bom marido, com o tempo poderia crescer para algo mais e eu o amava suficientemente para concordar com isso.

Eu não sabia o que dizer ou pensar, como havia dito antes, não acreditava em casamento de fachada. Sarah o amava.

— Ele se lembrou de você logo depois do nosso casamento. Então deixou claro que cumpriria o combinado, mas que não conseguiria me amar do jeito que eu queria, pois ele já amava outra pessoa.

Meu coração disparou com aquilo, coração estúpido, coração bobo, coração dele.

— Como tinham se passado sete anos, eu esperava te encontrar com outra pessoa, esperava dar uma conclusão para ele poder seguir em frente, mas só de ver os poucos olhares que vocês trocaram hoje eu soube que isso

nunca aconteceria. Ele nunca vai me olhar dessa maneira.

— Por que você está me falando tudo isso?

— Porque você se sentiu culpada por eu estar sofrendo, mesmo sem ter culpa nenhuma. Da mesma maneira que ele fez. — Ela sorriu. — Eu fingi que estava bem com essa situação, disse que deveríamos te procurar, porque tinha certeza que tudo aconteceria como imaginei. Não posso ficar no meio disso. Eu o amo, Melissa, tanto que está me doendo te contar tudo isso para que você o perdoe, mas não posso ficar no meio de vocês. Não quero que ele me ame por obrigação, ou como segunda opção, quero ser amada por quem eu sou. Parece que só agora caiu a ficha de que ele nunca será essa pessoa pra mim.

Não conseguia imaginar o que seria estar na situação dela. Eu queria meu Logan de volta, mas não assim, não as custas da dor de outra pessoa.

Sarah não parecia mais aquela mulher fria e autoritária do dia que nos conhecemos, ali era só mais uma garota que teve seu coração partido tentando fazer a coisa certa.

Eu dei um passo para frente e a abracei. Ela ficou sem reação, não me abraçou de volta. Seu corpo estava totalmente tenso e desconfortável. Estava a soltando quando seus braços me envolveram e seus ombros tremeram.

— Eu sinto muito.

— Eu também — ela falou tentando parecer durona depois de limpar as lágrimas e se afastar. — É melhor eu ir.

Sarah se virou e saiu às pressas me deixando ali encarando a porta.

O que acabou de acontecer?

Saí do banheiro depois de conseguir retocar a maquiagem que estava toda borrada em meu rosto. Sorte que não tinha feito nada muito pesado, era só o rímel que havia escorrido.

Camila veio em minha direção logo que me viu.

— Isso aqui é demais — falou animada.

— Eu consegui alguns contatos — comentei sorrindo forçado. Ainda estava atordoada pelo o que tinha acontecido há menos de vinte minutos.

— Eu não estou falando de contatos, estou falando daquilo. — Ela apontou para o Logan sorrindo largamente para outro homem com o qual estava conversando, aquela cena fez meu estômago revirar. Eu teria que pedir desculpa para ele por julgá-lo antes de saber de tudo. De novo. Porém, será que ele poderia me culpar por presumir o pior?

Em menos de uma semana meu coração passou por mais provações do que nesses últimos anos inteiros. Não sabia como ainda estava batendo no meu peito.

Eu ainda estava chateada por ele ter me esquecido, mas

inconscientemente ele nunca o fez, nunca conseguiu amar outra pessoa e isso eu poderia perdoar.

— Ele é nosso professor, Cami — falei com a voz trêmula, recuperando-me do abalo que aquele sorriso causava em mim.

— A mulher dele foi embora. Será que ele toparia uma dança?

— Você não pode dançar com ele — falei um pouco mais ríspida do que deveria, mas eu não podia imaginar a cena dela dando em cima dele.

— E por que não?

— Por que não! Eu juro que paro de conversar com você se fizer isso.

— Você nunca pararia de falar comigo.

— Eu estou falando sério, Camila. Ele é fora dos limites.

Ela me olhou torto.

— Relaxa, até parece que ele me daria moral com uma mulher daquelas do lado.

— Você não vai dar em cima dele, me prometa isso — falei olhando diretamente nos olhos dela.

— Credo, Gi. Eu estava só brincando. Estou com o Bruno — ela disse na defensiva. — Não olha agora, ele está vindo em nossa direção. Olhar pode, né?

Eu virei para olhá-lo enquanto se aproximava, ignorando o aviso da Cami. Limpei minhas mãos suadas de nervoso na calça. Isso era ridículo, estava me sentindo novamente aquela menina apaixonada pelo melhor amigo com medo de não ser correspondida.

— Me desculpe interrompê-las, quero que conheçam uma pessoa.

— Sem problemas — Cami se apressou a dizer.

Ele nos levou até um homem perto do bar e nos apresentou. Era um colega que fez mestrado com ele, tinha pelo menos uns oito anos a mais que o Logan. Enquanto a Cami e o amigo dele estavam mergulhados numa conversa calorosa, a proximidade do Logan me impedia de interagir, pois sempre que conseguia ele encostava em mim, fazendo a parte que ele encostou queimar. Aquilo estava me torturando e o pior de tudo eu estava adorando a adrenalina. Até que ele pediu licença para atender uma ligação e se afastou.

Tinha que confessar que fiquei desapontada quando ele saiu.

Alguns minutos depois meu celular vibrou no bolso.

Adrian Scott:

Me encontre em 10 minutos no seu carro.

Eu o procurei pelo salão. Ele estava encostado na porta de saída me olhando com um sorriso no rosto.

Eu:

Está achando que recebo ordens?

Adrian Scott:

Pelo amor de Deus!

Se você não fizer isso, eu juro que não me responsabilizo pelos meus atos.

Eu:

Não quero correr esse risco.

Até daqui a dez minutos!

Adrian Scott:

Agora já são oito.

Quando voltei meu olhar, ele deu um meio sorriso antes de se virar

para sair do salão.

Os dez minutos, ou melhor, oito, demoraram pelo menos alguns meses para terminar. Cami e o amigo do Logan estavam tão entretidos na conversa que nem repararam quando saí de lá e me esgueirei pelo estacionamento. O Logan estava de braços cruzados encostado no meu carro, o estacionamento estava deserto. Ele me olhou e abriu um sorriso.

— Abra a porta — falou apontando para o carro.

Apertei o alarme, destravando as portas, e ele entrou no banco traseiro e fez sinal para que eu o seguisse.

— Por que no meu carro e não no seu? — perguntei assim que entramos.

Ele franziu o cenho.

— Sério que essa é a primeira pergunta que você vai fazer? Não tem mais nada que você queira saber?

Cruzei os braços e ele riu.

— Seu carro tem vidro fumê, o meu não. Assim ninguém vai nos ver.

— Ah sim.

— Mel, não faz isso, eu não quero te esconder de ninguém, mas você ainda é minha aluna e teríamos milhares de problemas se alguém descobrisse.

— Eu sei. Isso é uma droga.

Ele passou a língua pelos lábios, como sempre fazia quando estava nervoso, um tique que não perdeu com o tempo.

— A Sarah falou que conversou com você e contou tudo sobre nosso casamento — começou a dizer.

Concordei com a cabeça.

— Eu nunca teria me casado com ela se tivesse me lembrado. Eu não sei como minha cabeça idiota excluiu a melhor parte da minha vida por tanto tempo.

— Uma cabeça que cria o que não existe e a outra que apaga o que já existiu, formamos uma bela dupla.

Ele riu e jogou a cabeça para trás no banco enquanto escorregou a mão para entrelaçar nossos dedos. Nossas mãos se encaixavam perfeitamente.

— Eu sinto muito pelo que teve que enfrentar sozinha.

— Eu sei e sinto muito por não ter deixado você explicar.

— Você nunca deixou, eu sabia que não seria diferente agora. Por isso estava com tanto medo de contar. Descobrir pela boca do Alexandre deve ter sido uma merda.

Ele estava certo, mas eu não queria mais falar sobre isso.

— Então, nós estamos bem? — perguntou.

Concordei com a cabeça.

— O que nós vamos fazer agora?

Ele virou para mim antes de murmurar.

— Eu não tenho ideia. A única coisa que eu sei é que não quero nunca mais ficar longe de você.

Claro que meu coração revirou quando ouvi isso.

Levantei minha mão e toquei seu rosto.

— Eu ainda tenho medo disso não ser real.

— Eu sou real, Mel.

— Continue me lembrando — sussurrei.

Ele esticou os braços e me puxou para o seu colo. Seu olhar intenso me engolia, me provava, me deixando maluca de fome dele. Sua mão percorreu toda a lateral do meu corpo até ficar firme na minha nuca. Ele beijou logo atrás da minha orelha e sussurrou:

— Isto é real.

Então prosseguiu plantando beijos no meu pescoço, no meu rosto e ao final de cada um falava que era real. Até que ele parou e ficou com os lábios a poucos centímetros dos meus. Eu estava respirando ofegante, deliciada com

os beijos e apreensiva pelo melhor de todos.

— Eu preciso tanto do seu beijo que chega a doer — ele sussurrou fazendo cócegas nos meus lábios com o hálito quente.

— Faça parar de doer então.

Assim que eu disse, todo o controle de nossos corpos foi dissipado na pouca distância que estávamos. Os lábios dele eram exigentes, assim como os meus. Ele enlaçou minha cintura, colocando-me totalmente em cima dele. Eu apertei meu corpo contra o dele, querendo estar o mais próximo possível. Ele gemeu em minha boca e meu corpo vibrou de prazer.

Ele afastou devagar e eu resmunguei.

— Se você fizer isso toda vez que eu me afastar, nunca conseguirei parar de te beijar.

— Essa é a intenção.

Ele riu.

— Isso é jogo sujo.

Fiz um biquinho forçado e ele mordeu meu lábio inferior me fazendo rir.

— Mel, nós vamos ter que nos manter escondidos pelo menos enquanto eu for seu professor.

Concordei com a cabeça.

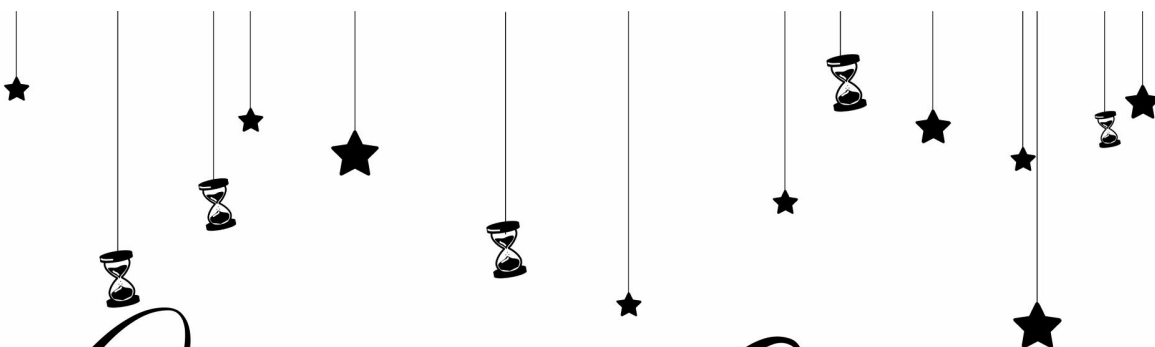
— O que são alguns meses para quem esperou sete anos? — falei com uma falsa animação.

— Para mim que esperei dez anos para você me ver como mais que amigo e depois mais sete sem memória, um segundo é muita coisa, mas não podemos ficar fazendo isso às escondidas e correr o risco de sermos pegos.

Eu concordei e selei nosso acordo com um último beijo.

— Até dezembro — sussurrei em seus lábios depois saí de cima dele, suas mãos relutaram por um segundo antes de finalmente me soltar.

Ele me abraçou uma última vez e saiu do carro, sumindo na escuridão do estacionamento. Enquanto eu tentava acalmar as borboletas no meu estômago.



Capítulo 22

Giovana

— Que saco! Larga esse celular para me dar atenção — Cami reclamou quando chegamos à faculdade segunda-feira. Eu havia passado o final de semana inteiro trocando mensagens com o Logan. Até mudei o nome dele no celular de “Dr. Scott” para “Logan” caso a Cami visse alguma coisa por cima do meu ombro.

Coloquei o celular no bolso e sorri para ela.

— Claro que te dou atenção, meu amor — respondi lançando um sorriso.

Ela fez uma careta.

— Não são nem sete horas da manhã, Gi. Cadê seu mau humor matinal?

Eu alarguei mais ainda o sorriso e passei meu braço por dentro do dela para caminharmos juntas.

— Cansei de ficar mal-humorada, a vida é tão linda — Forcei um suspirar profundo para irritá-la.

— Droga! Vou ter que arrumar outra pessoa para dividir apartamento, não darei conta desse sorriso todos os dias.

— Só estou melhorando a sua vida.

— Claro.

Entramos para a primeira aula, o Logan já estava na sala. Fui obrigada a trocar o horário das minhas aulas e encaixar a do Logan no meio por causa do projeto. Ele nos cumprimentou e voltou a mexer nos papéis em cima da mesa.

— Parece que ele fica mais bonito a cada dia — Cami comentou quando nos sentamos em nossas carteiras no fundo da sala.

Dei de ombros, preferindo ficar quieta, pois se comesse a falar sobre a beleza dele eu poderia ficar aqui alguns dias citando cada detalhe maravilhoso.

Durante a aula, sempre que nossos olhares se encontravam algo

dentro de mim revirava, ele sustentava os olhos em mim um pouco mais do que nos demais alunos, mas não o suficiente para alguém perceber, ou pelo menos era a sensação que eu tinha, podia ser apenas minha imaginação romântica.

Quando ele me olhava, eu quase ligava o foda-se e corria na direção dele para me deliciar em seus lábios. Isso se repetia na minha mente como a cena de um filme. Eu cronometrava cada segundo a menos para enfim estar com ele sem que ninguém pudesse falar nada.

Era uma verdadeira tortura agir assim. Fingir que não o conhecia e que ele não passava de um professor. Sem dúvidas no final tudo seria recompensado. Pelo menos assim eu esperava.

Senti seus olhos em mim novamente e o olhei de relance, aqueles olhos cinzentos me fitavam a distância. Ele estava sério naquele terno bem alinhado, o cabelo escuro, que antes era um pouco maior e rebelde, agora estava com um corte decente, mas os fios da frente continuam ligeiramente bagunçados, como se não pudessem ser obrigados a entrar na linha. A barba sempre bem feita. Queria que ele deixasse de fazê-la por alguns dias novamente.

— Em tudo na vida a persistência é a chave para o sucesso — ele falou. — Eu persisti para chegar onde estou. Como em todas as outras áreas

da minha vida.

— E posso dizer que se saiu muito bem no amor também. Que mulherão! — um aluno comentou no canto da sala e todos da turma gargalharam.

Senti uma fincada de ciúmes ao escutar o comentário.

O Logan sorriu para o menino que fez a brincadeira.

— Eu fui apaixonado pela mesma mulher desde que tinha oito anos, apesar de só ter descoberto que aquelas coisas que eu sentia era amor bem mais tarde, mas ela só correspondeu quando eu tinha dezenove anos. Então acho que posso dizer que fui mais persistente nessa área do que em qualquer outra.

Escondi meu rosto quando seu olhar cruzou com o meu e um sorriso bobo insistiu em brincar no meu rosto.

— Meu Deus, eu queria um homem que falasse assim de mim — Cami sussurrou no meu ouvido e eu ri baixo.

A sala mergulhou em burburinhos depois desse comentário, como sempre acontecia quando algum assunto que não tinha nada a ver com a matéria aparecia.

— Será que se eu for persistente com você consigo minha oportunidade também, professor? — uma voz feminina gritou.

Ele fingiu que não ouviu. Algumas pessoas riram da ousadia.

— Essa menina é muito sem noção. Já não aguento mais encontrar com ela na sala do Dr. Scott.

Dei uma olhada por cima das outras cabeças para confirmar que era a Beatriz lá na frente. Não havia notado sua presença na sala antes, nem reconhecido a voz.

— Ela não tem noção nenhuma de bom senso — falei.

— Parece que o bom humor matinal de alguém está falhando.

Revirei os olhos e ela começou a rir.

Logan bateu palmas para chamar a atenção da turma e logo todos voltaram a ficar em silêncio, na mesma hora que o Alexandre entrou pela sala pedindo licença. Todos pararam para prestar atenção nele. Era um dos poucos professores que todos respeitavam e se calavam sempre que ele abria a boca.

— Mês que vem nós teremos o maior congresso de Administração da América Latina. Serão três dias muito proveitosos para todos que forem — Alexandre falou.

Ele entregou alguns panfletos para os primeiros das filas passarem para trás, explicando tudo que precisávamos saber sobre a viagem.

— Nosso estimado Dr. Scott será um dos palestrantes principais e irá acompanhar a turma que for. A faculdade vai custear a viagem, vocês só

terão o gasto com o hotel, mas conseguimos um preço bem em conta. Preciso que todos que tenham interesse deixem o nome na coordenação. E se apressem, pois as vagas são limitadas.

Com certeza eu não perderia isso por nada.

— Nós vamos? — Cami perguntou cochichando no meu ouvido.

— Óbvio que sim — falei empolgada.

Nunca fui a nenhum desses congressos grandes. Deve ser incrível.

— Vai ser demais. Não vejo a hora de ver os executivos gatinhos em seus ternos.

— Nós vamos para aprender, Cami.

— É, isso também.

— Agora vamos que eu estou faminta.

Já estávamos quase na porta da sala quando o Logan chamou a Cami e pediu para falar com ela. Eu a soltei e fui para a porta esperá-la.

Confesso que bateu um pouco de ciúmes por ele ter chamado a ela e não a mim, mesmo sabendo que deveria ser algo referente a uma verdadeira relação aluna e professor.

Saí da sala para esperá-la do lado de fora. As pessoas passavam apressadas pelos corredores. O clima leve já começava a se dissipar, alguns já

corriam atrás de trabalhos e imploravam para alguém ajudá-los.

Estava prestando atenção em uma menina que tinha deixado os livros caírem quando encontrei os olhos dele. Eu não o tinha visto novamente desde aquele dia. Não esperava vê-lo nunca mais.

Ele estava vindo em minha direção.

Fuja! Era o que minha cabeça gritava, mas meu corpo não obedeceu.

Ele estava perto, muito perto.

— Gi — Vitor falou.

Ele não tinha a porra do direito de falar comigo, muito menos usar apelido.

— Me desculpa — continuou um pouco sem jeito.

Ele levantou as mãos para tocar os meus braços, mas eu não deixei, dando um passo para trás, encostando na parede.

— Eu só quero te devolver isso — falou estendendo uma bolsa para mim.

Minha bolsa.

A bolsa que eu deixei para trás naquele maldito hotel.

Eu a arranquei da mão dele, mas continuei calada no meu canto. Achei que ele ia embora, mas continuou lá.

— Gi, eu bebi demais aquela noite. Fiz muita coisa que não deveria.

— Ele coçou a cabeça e olhou para os lados. — Eu não queria te machucar, preciso que me desculpe por tudo que aconteceu.

— Vitor, eu estou pouco me fodendo para o que você queria ou o que precisa. Você tem sorte de não estar preso pelo que fez.

— Foi só um vacilo, Gi, não é pra tanto.

— Vacilo? Você chama aquilo de vacilo? — Minha vontade era de gritar e chorar ao mesmo tempo, mas mesmo agora o medo disso se tornar público fazia minha voz continuar num tom ameno.

Cami e o Logan estavam saindo da sala quando ela me viu parada em frente ao Vitor. Ela olhou para mim e para ele algumas vezes, parecendo não estar acreditando que aquilo estava mesmo acontecendo. Seus olhos se apertaram de raiva.

Ela deixou o Logan falando sozinho e veio marchando em nossa direção.

Vitor não a tinha visto.

Ela levantou as mãos no ar e deu um soco no meio do rosto dele, fazendo-o cambalear para trás.

— Seu filho da puta, nunca mais chegue perto dela — gritou e me puxou para trás dela. — Ela pode ter medo de você, mas não pense nem por

um segundo que ela não tem alguém para defendê-la. Se eu te vir novamente por perto, posso não ser tão boazinha — continuou.

— Que merda, Camila! — rosnou, levando a mão até onde havia sido atingido. — Isso aqui não tem nada a ver com você.

— O caralho que não tem. — Ela levantou o dedo apontando no meio da cara dele. — Se você tentar se aproximar dela novamente, eu acabo com a sua vida.

Vitor estava com as mãos em punhos e o maxilar trincado, por um segundo temi que fosse avançar em cima da minha melhor amiga e meu corpo começou a tremer com as lembranças de sua força, mas ele nem sequer respondeu à ameaça, apenas virou e foi embora.

Vários alunos que estavam passando pelo corredor haviam parado para assistir ao show.

Logan olhou de mim para a Cami várias vezes, confuso com o que acabara de presenciar. Meu coração disparou. Ele não podia saber o que aconteceu entre mim e o Vitor.

Cami me abraçou até os tremores do meu corpo passar. Eu e o Logan nos encaramos por cima do ombro dela.

— O que foi isso? — ele perguntou se aproximando de nós duas.

— É só um babaca — respondi me soltando do abraço da Cami,

mesmo que ainda não estivesse totalmente recuperada.

Ele queria me questionar, mas sabia que seria impossível fazer isso ali na frente de todas aquelas pessoas sem levantar nenhuma suspeita.



— O que aconteceu lá? — Logan me perguntou assim que ficamos finalmente sozinhos na sala dele.

Eu fui uma das escolhidas para o projeto de marketing. Por conta disso, eu passaria uma hora por dia com ele antes do meu estágio com o Alexandre.

— Nós estávamos namorando, ele me sacaneou e a Cami ficou mais brava do que eu, ela sempre toma minhas dores.

Ele cruzou os braços, encostou na mesa e me olhou.

— Quando eu estava te procurando, meu maior medo era você estar sozinha, sem ninguém para te defender. Fico grato por você ter encontrado alguém como a Camila. Mas você tem certeza de que esse é o motivo?

Logan me conhecia bem o suficiente para saber o quando eu estava mentindo.

— O que mais seria? — perguntei.

— Eu não sei. Só acho que tem mais nessa história. Me preocupo com você.

— Não precisa, eu sei me cuidar.

— Eu sei que sabe, só estou falando que não precisa fazer isso sozinha. Não mais.

Ele se desencostou da mesa e andou em minha direção. Meu coração bateu forte com a vontade de senti-lo mais perto novamente.

Três passos, dois, um. Perto. Muito perto. Perto para caramba.

Ele passou o braço ao meu redor e deu um beijo na minha testa.

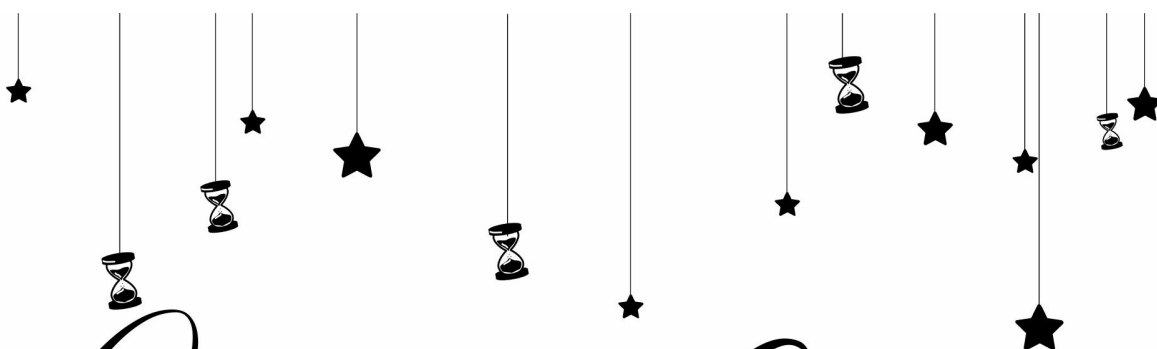
Não era esse beijo que eu queria, mas era melhor do que nada.

O beijo não demorou nem meio segundo, mas eu pude senti-lo em cada terminação nervosa do meu corpo.

Eu quero mais daqueles lábios na minha pele. Talvez nos meus lábios, se não fosse pedir muito.

Seus braços em volta de mim. Eu me encaixava tão bem no seu abraço que poderia jurar que foram feitos sob medida para mim.

— Estou aqui agora, você não precisa fazer mais nada sozinha — disse me soltando cedo demais.



Capítulo 23

Logan

Mel tinha acabado de sair da sala, deixando-me sozinho com a Camila. Logo voltaria com o livro que pedi que buscasse na biblioteca, se eu quisesse sondar minha estagiária, tinha que ser agora.

Eu havia feito algumas perguntas sobre o aluno, que ela bateu, há alguns dos professores. Descobri sobre a traição que a Melissa me contou. Porém não acreditava que esse fosse o motivo do soco que ele levou.

— Eu preciso fazer uma pergunta, Camila.

Ela tirou os olhos do computador e se voltou para mim.

— Pode falar.

— O que aconteceu com a Giovana para você reagir daquela maneira com o Vitor? Eu estou preocupado. Não relatei a coordenação, mas preciso saber com o que estamos lidando. — Tentei soar o mais profissional possível.

Toda a cor que estava em seu rosto sumiu e o sorriso vacilou.

— Eu posso perder meu estágio por ter batido nele? — perguntou.

— Poderia, mas como disse, não relatei a coordenação e nem pretendo. Se ele não tivesse feito algo para merecer aquilo, com certeza teria reagido.

— E fez.

— O que ele fez?

— Ele... Eu...

— Pode me falar a verdade, Camila, essa conversa não sai daqui.

Ela ponderou por alguns momentos antes de falar:

— Ele traiu a Giovana.

Eu sabia que tinha mais do que isso, mas ela não ia me contar. Então a deixei ir para fazer as coisas que eu tinha pedido.

Peguei o telefone e disquei para a detetive. Ela não era daqui, mas tinha certeza de que poderia descobrir alguma coisa para mim. Demorou

alguns minutos até completar a chamada internacional.

— Detetive Emma.

— Boa tarde, Emma. Aqui é o Adrian Scott.

— Boa tarde, em que posso ajudá-lo?

— Eu preciso saber tudo que conseguir sobre uma pessoa.

— Me mande um e-mail com todas as informações que tem dessa pessoa e retorno assim que tiver alguma coisa.

— Obrigado, Emma.

— Eu que agradeço pela confiança.

Desliguei o telefone e fui buscar suas informações na coordenação. Passei todos os dados que possuía para ela.



Mel entrou pela porta com uma pilha de livros em seus braços. Largou todos em cima da mesa e se jogou na cadeira de frente para a minha.

— Você sabia que existem vinte edições diferentes desse livro que me pediu para o projeto? — perguntou tirando o cabelo do rosto, encarando-me

com aqueles olhos caramelos e retorcendo os deliciosos lábios em um meio sorriso.

Tinha que me concentrar tanto para fazer outra coisa que não fosse olhá-la quando ela estava por perto.

— Sabia, por isso pedi que pegasse esse.

Ela mordeu os lábios por um segundo e eu desviei meus olhos. Seriam longos meses até dezembro.

— Você queria ficar sozinho com a Camila? — perguntou.

Confirmei com a cabeça e ela torceu o nariz.

Fiquei em silêncio por um segundo para torturá-la um pouco, eu adorava vê-la com ciúmes, mesmo sabendo que ela nunca admitiria que era isso que estava sentindo.

— Eu queria saber o que você não me conta, mas sua amiga é mais leal do que eu gostaria.

— O que eu não te conto?

— O que o Vitor fez com você.

— Eu já te contei isso — falou e se levantou da cadeira, indo em direção à porta.

— Não contou.

— Por favor, Vida, não quero falar sobre isso.

Senti um frio na barriga ao ouvi-la me chamando assim, foi um golpe baixo e foi proposital. Ela não tinha me chamado pelo nosso apelido nem uma única vez desde que nos reencontramos.

Eu sorri e me levantei da cadeira. Cheguei perto dela o suficiente para sentir sua respiração irregular. Coloquei a boca perto do seu ouvido, deixando minha barba roçar de leve em seu pescoço e sussurrei em seu ouvido:

— Vida? Você sabe que isso é golpe baixo, mas vou deixar passar dessa vez, meu Mundo.

Ela suspirou e eu lutei bravamente contra minha vontade de fazer mais alguma coisa, apenas respirei fundo retomando o controle do meu próprio corpo e saí da sala.

Por uma incrível coincidência acabei encontrando com o Vitor no corredor, saindo da sala de outro professor.

— Vitor? — chamei.

— Oi — respondeu com o cenho franzido, provavelmente não havia me reconhecido.

— Será que pode me acompanhar até na coordenação, gostaria de trocar uma palavrinha com você.

— Pode falar — respondeu andado ao meu lado.

— Estou preocupado com o incidente de hoje de manhã. Será que pode me explicar o que aconteceu?

Ele cruzou os braços e fungou.

— Incidente?

— Sim, com a Camila.

— Eu não fiz nada, aquela louca que veio para cima de mim. Qualquer um que estava no corredor pode te falar isso.

— Por que você não fez uma queixa dela na coordenação?

Ele riu.

— E admitir que apanhei de uma mulher? Tenho meu orgulho.

— Você não se lembra de nada que possa ter feito para ela reagir daquela forma?

— Vou precisar chamar meu advogado? — perguntou ainda rindo.

— Só estou tentando entender.

— Eu não fiz nada com ela, aquela menina é louca. Fim de conversa.

Ele começou a acelerar o passo, me deixando para trás.

— E com a amiga dela? — perguntei. — A Giovana parecia muito assustada com você por perto.

Vitor parou de andar e se virou para me olhar.

— Qual o seu nome, cara?

— Dr. Scott.

— Ah, você não é aluno, é um professor. Deve ser bem inteligente para já ser doutor tão novo, então vou ser bem direto. Esquece essa história, não tem nada a ver com você ou com a faculdade.

Ele virou as costas e se afastou.

Se procurar babaca no dicionário com certeza encontraria uma foto desse cara. Ele era o estereótipo do playboy que achava que estava acima de qualquer um. Como ela namorou alguém assim?



Capítulo 24

Giovana

Estava andando com a Cami para a sala do Logan.

Eu, o Lucas e mais oito pessoas tínhamos conseguido a bolsa. Cada um agora passava algumas horas do dia tratando sobre o projeto com o Logan e eu estava adorando essa breve companhia todos os dias.

— Quem é Logan? — perguntou ela de supetão.

Eu tinha quase certeza de que tive uma miniparada cardíaca.

— Que merda, Cami. Você andou fuçando no meu celular?

— Claro que não — falou soando chateada, mas logo completou

sorrindo. — Então, existe um Logan?

— De onde você tirou esse nome então?

Se não foi do meu celular, onde mais ela poderia ter tirado isso?

— Para de responder pergunta com outra pergunta.

— De onde você tirou esse nome? — insisti.

— Você meio que estava gemendo o nome dele ontem à noite. — Ela riu e eu senti meu rosto queimar de vergonha na mesma hora. — Oh, Logan! — imitou.

— Eu o quê? — perguntei completamente chocada querendo cavar um buraco no chão para poder esconder minha cara.

O pior de tudo: Eu tive um sonho quente com ele e nem me lembrava? *Maldição!* Só porque estamos mantendo as coisas no platonismo enquanto ele ainda for meu professor, não quer dizer que não faria bom proveito de um sonho desses.

Eu mal reconhecia a garota com esses pensamentos. Algumas semanas atrás o simples fato de pensar em me envolver com alguém já me deixava com ligeiros ataques de pânico e agora eu sonho acordada com a hora em que ele vai fazer comigo tudo isso que eu estava com medo de fazer com outras pessoas.

— Boa tarde, Dr. Scott — falamos uníssonas ao entrarmos na sala

dele.

Tentei tirar da cabeça a informação que ela havia me dado há alguns segundos para que eu pudesse olhá-lo sem ficar vermelha. Ele, como sempre, estava lindo em seu terno bem alinhado, barba feita e o cabelo milimetricamente penteado.

Logan tirou os olhos do computador e nos cumprimentou com um aceno de cabeça.

— O pessoal vai ao Jazz hoje, você podia chamar esse Logan para turma conhecer. O que acha? — falou enquanto tirava as coisas da bolsa.

Meus olhos voaram na direção dele que me encarava com a testa franzida. Não tinha como explicar agora, apenas neguei com a cabeça para que ele não perguntasse nada e acabasse piorando mais ainda a situação. Agora precisava pensar em uma maneira de explicar a ele como ela sabia sobre seu nome sem me envergonhar no processo.

— Não acho que ele vai querer, ele não é muito de balada — respondi.

Meu celular vibrou no meu bolso e eu nem precisei olhar para saber que ele estava com o celular na mão me metralhando de perguntas por mensagem. Virei para confirmar o que já sabia e ele apontou para o celular sinalizando que havia me mandado mensagens, como se eu já não tivesse

percebido.

Logan:

Do que ela está falando?

Eu:

Eu meio que falei seu nome enquanto dormia.

Ela não tem ideia de nada.

Não se preocupe.

Logan:

Sonhou comigo, hm.

Eu:

Eu não lembro do sonho, então não foi grande coisa.

Ele sorriu quando leu a resposta.

— Como ele é? — Camila perguntou. — É o tal do L que te deixou

aquela carta? É o cara que você tem se encontrado e trocado essas mensagens incansáveis. Aquele que você ainda não apresentou para sua melhor amiga, que é a pessoa mais importante da sua vida — completou dramaticamente.

Eu a olhei, querendo matá-la neste momento. Eu não ia falar sobre ele na frente dele.

— Aqui não é lugar para falar sobre isso — respondi. — Estamos em horário de trabalho.

— Ah, qual é? O Dr. Scott escuta nossas conversas todo dia.

No momento que ela falou isso, ele levantou a cabeça e nos encarou.

— Vocês falaram comigo? — perguntou fingindo estar confuso. — Estou distraído lendo um artigo aqui.

— Não é nada, Professor — Cami respondeu. Depois olhou para mim antes de continuar. — Viu? Ele nem está ouvindo nada.

Eu sabia que ele estava ouvindo, pois eu vi a sombra do sorriso em seu rosto. Ele estava amando todo esse jogo, pois bem, dois poderiam jogar.

— Ele é legal — falei dando de ombros.

— Só se fala que o cara é legal quando ele é feio.

— Um pouco, mas muito gente boa.

— Eu não acredito em você. Ninguém gemeria o nome de alguém que

é só gente boa e você já me confessou que ele é o cara mais gato do mundo — falou negando com a cabeça. — Apesar de não conseguir imaginar você com o Ian, eu sou muito mais o tipo dele. Ou melhor, o tipo que eu imagino para ele.

— Camila! — repreendi com um gemido de frustração, mas já era tarde.

Na mesma hora em que ela virou as costas para ajeitar o notebook na mesa, o celular vibrou na minha mão novamente.

Logan:

Mel, ela quis dizer o que eu estou pensando?

Eu:

Eu não sei o que você está pensando.

Preciso me concentrar no meu projeto agora.

Logan:

Como espera que EU consiga me concentrar agora?

Eu:

Aí já não é problema meu.

Fui obrigada a me segurar para esconder da Camila a risada e o sorriso bobo estampado em minha cara, mas valeu totalmente a pena pelo olhar de tortura que ele me lançou.

Eu estava me sentindo uma criança começando o primeiro namoro escondido dos pais, sorrindo para a tela do celular feito uma idiota. Sonhando acordada todas as horas do dia. Às vezes, a sensação era tão boa que me beliscava para ter certeza de que não estava dormindo ou alucinando, ainda tinha muito medo que tudo isso não passasse de uma invenção da minha cabeça.

Eu tinha meu Logan de volta e achava que estava me apaixonando novamente por ele.

Quem eu estava querendo enganar? Eu nunca deixei de estar apaixonada por ele.

— Depois de tanto tempo criando aranhas acho que alguém está pronta para arrancar as teias e desmatar a floresta. — Cami riu.

Ela realmente sabia os melhores horários para fazer os piores comentários.

Fechei as duas mãos e as bati uma na lateral da outra duas vezes. Ela assistiu episódios suficientes de Friends para entender o que eu estava fazendo, usando a tática do Ross para dar o dedo do meio sem seus pais saberem.

Ela fez uma careta e eu sorri.

Pela primeira vez em muito tempo, eu só queria sorrir. Era como se eu finalmente pudesse ver um futuro e quisesse viver. O passado ainda estava lá, aquele dia ainda trazia uma dor descomunal, mas ele não me impedia mais de enxergar as coisas boas.



Estava jantando quando o celular apitou com uma nova mensagem, mais do que depressa corri até ele e desbloqueei. Mal tinha trocado mensagens com o Logan hoje, já estava com saudades. Porém, não era o número dele na tela, era um número desconhecido. Abri a mensagem um pouco desconfiada.

Desconhecido:

Oi, é a Sarah.

Roubei seu número do celular do Adde.

Me perdoe por isso, mas ele se recusou a me passar e eu precisava enviar essa mensagem para você.

Escrevi há alguns dias, mas estava com medo.

Provavelmente eu sou a última pessoa com quem você quer conversar, porém me senti na obrigação de vir me desculpar por toda cena que fiz. Fiquei bem mal por tudo aquilo. Juro que não costumo ser esse tipo de pessoa, mas eu estava magoada e acabei fazendo e dizendo coisas que não deveria.

O Adde foi a pessoa que estive comigo até no fundo do poço, mesmo quando meu próprio sangue e meus amigos de infância viraram a cara pra mim. Ele se tornou meu melhor e único amigo. Ele foi minha luz no fim do túnel.

Quando todas as lembranças voltaram e ele me contou, eu vi o túnel desabar sobre mim antes mesmo de eu ter a chance de alcançar aquela luz. Senti como se todo o universo estivesse conspirando contra mim.

Hoje, depois de conhecer a história de vocês, me sinto uma garota birrenta por ter pensado assim. Por maiores que sejam meus problemas, são coisas que tenho como resolver com um pouco de esforço, não é nada impossível.

Porém, todo esse “desabafo” não é apenas para que você entenda o porquê das minhas atitudes, mas também para te fazer um pedido.

Não resta nenhuma dúvida na minha cabeça que você dois devem ficar juntos, contudo, eu odiaria que tudo isso me fizesse perder o único amigo que tive nos últimos anos. Então, queria pedir (ou implorar de joelhos, abrindo mão de todo meu orgulho) para que não o obrigue a se afastar de mim.

Sei que estou pedindo demais, acho que eu mesma recusaria se estivesse em seu lugar, mas espero que você seja alguém melhor do que eu sou.

Leve o tempo que precisar para responder. Pense com carinho e, mais uma vez, sinto muito por tudo.

Terminei de ler a mensagem e fiquei encarando sem saber o que fazer com ela. Era como se tivesse levado um tapa no meio da cara. Depois de tudo que se passou, nem pensei em como ela estaria se sentido, nem sequer perguntei para o Logan como estavam as coisas em relação a isso. Agi como se ela nunca tivesse existido, como se eu tivesse sido a única a me machucar em toda essa história e liguei o foda-se para o resto.

Digitei a resposta algumas vezes antes de enviar.

Eu:

Oi, Sarah!

Acho que a única pessoa que deve um pedido de desculpas aqui, sou eu.

Fui uma idiota por nem ter pensado em como você estaria com toda essa história.

Quanto ao seu pedido, eu não mando nas amizades do Logan e nunca exigiria isso.

Até porque sei que ele nunca aceitadia que eu impusesse condições desse tipo. Da mesma forma que ele nunca interferiria nas minhas amizades.

Assim como eu tenho minha história com ele, você tem a sua. Nada do que eu fizer pode apagar isso.

Não vou mentir e dizer que não sinto ciúmes, nem que não te xinguei de alguns nomes bem feios (sinto muito por isso, foi mais forte do que eu), mas agora que sei tudo o que aconteceu, não consigo te odiar.

Sarah:

Essa foi rápida. Já estava pronta para receber o não. Muito obrigada por isso!

Você não precisa se desculpar por nada. Depois da maneira que te tratei, não esperaria outra coisa. E não posso dizer, assim como você, que não te xinguei de nomes bem feios (também sinto muito por isso).

Eu:

No seu lugar eu também me xingaria.

Acho que estamos quites.

Sarah:

Quites não. Você ainda me deve um marido novo!

Eu soltei uma gargalhada alta ao ler isso.

Sarah:

Foi uma brincadeira. Caso não tenha entendido.

Sou a rainha de falar (ou digitar) besteiras quando estou nervosa.

Acho que quero que você goste de mim.

Eu:

Meu Deus, que carência!

Acho que precisarei mesmo arrumar um marido novo pra você, já que o atual
não comparece há um bom tempo, pelo que fiquei sabendo.

E, apesar de eu já estar gostando um pouco de você, infelizmente acho que

não faço seu tipo.

Sarah:

Mesmo se fizesse meu tipo, agora você é namorada do meu melhor amigo.

Não posso te pegar. Droga!

ps: Estou assistindo a um filme do Nicholas Sparks e rindo por conta dessas mensagens. Isso é inédito!

Eu:

Ao seu dispor, sempre que precisar rir, estou aqui!

Aliás, por que está assistindo Nicholas Sparks?

De sofrência já basta a vida.

Sarah:

Preciso ficar com o rosto inchado para deixar o Adde com pena. Só assim para ele não me xingar muito quando eu der a notícia do que estou pretendendo fazer.

Preciso voltar pra casa e resolver as coisas que deixei pendentes.

Eu:

Preciso me preocupar?

Sara:

Não sei ainda.

Ele acabou de chegar em casa.

Se encontrarem meu corpo jogado em algum lugar, já sabe quem é o principal suspeito.

Eu:

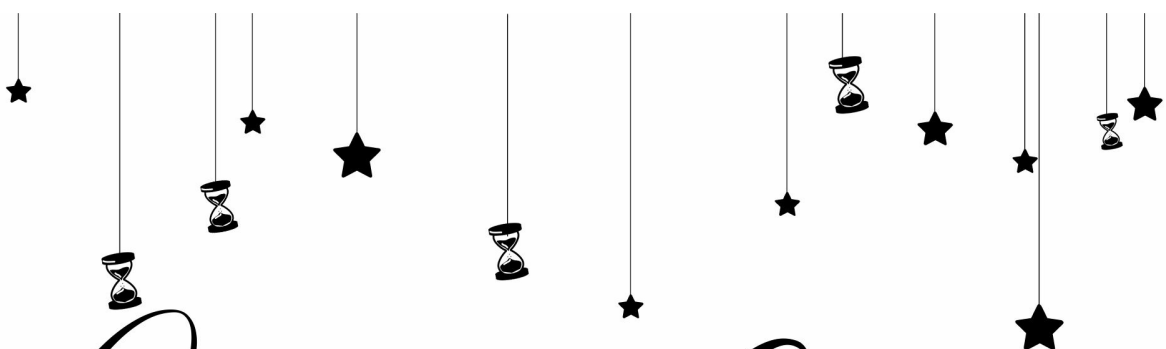
Boa sorte!

Coloquei o celular na mesinha de centro e sorri para ele. Sentia-me mil quilos mais leve depois dessas mensagens. Era como se tivesse me aliviado de uma culpa tremenda. Eu sabia que não era realmente culpada por nada que aconteceu entre eles. Porém, inconscientemente, ainda estava me sentindo estranha com toda essa história.

Terminei de comer e enviei uma mensagem para o Logan falando que

se precisasse conversar comigo sobre a Sarah, eu estaria ali para ouvir, que não precisava manter a história dele com ela separada de mim. Nossa idade dizia que já éramos adultos, então estava na hora de parar de tapar o sol com a peneira e colocar todas as cartas na mesa.

Se quiséssemos realmente voltar um dia a ser como éramos, precisávamos recuperar todo o tempo perdido.



Capítulo 25

Logan

Cheguei em casa quase dez horas da noite, acabei perdendo o horário lendo sobre o andamento dos projetos. Como hoje não tive que dar nenhuma aula no turno da noite, aproveitei para adiantar o que estava atrasado. A cada dia tinha mais certeza de que escolhi o melhor time.

Parei o carro em frente ao grande portão de metal e apertei o controle fazendo-o deslizar para o lado.

Quando resolvi me mudar para o Brasil, não pretendia comprar nada muito caro, até pensei em apenas alugar uma casa simples ou um apartamento de no máximo dois quartos por algum tempo, só que mais uma vez a Sarah

veio intervir. Claro que ela não aceitaria viver em nenhum lugar menor do que um pequeno palácio. A única época em que ela foi obrigada a viver em uma casa simples foi quando morou comigo, antes de nos casarmos e ela conseguir colocar as mãos em seu dinheiro novamente.

Talvez por ter nascido em berço de ouro ela nunca teve muito problema em gastar dinheiro. Enquanto eu dizia que poderíamos arrumar algo mais barato, ela dizia que o dinheiro foi feito para ser gasto, que não adiantaria nada passar a vida morrendo de tanto trabalhar e não poder aproveitar os benefícios daquele trabalho duro. E, desde que ela assumiu a frente da empresa, era tudo que ela tinha feito. Ela passava o dia inteiro em videoconferências com pessoas do mundo inteiro. Em menos de um ano que ela assumiu a diretoria, a empresa teve um crescimento de duzentos por cento. Abriu filiais em outros dois países e, pela primeira vez em toda sua existência, era gerenciada por uma mulher que todos acharam que seria incapaz. Ela nasceu para comandar e percebeu isso depois que assumiu seu posto.

Coloquei meu dedo no leitor de digital e a enorme porta de madeira destravou. Deixei minha pasta em cima da mesa do hall de entrada e segui em direção à sala. Sarah estava deitada no sofá de veludo preto assistindo a algum filme triste que a estava fazendo soluçar de tanto chorar. Seu cabelo loiro estava preso num rabo de cavalo e suas bochechas, geralmente muito

brancas, estavam coradas de rosa pelo choro.

— Quem morreu? — perguntei chegando mais perto do imenso sofá em frente à televisão quase tão grande quanto.

— Ninguém, ainda, mas estou chorando de antecipação — respondeu limpando os olhos e apontando para tela pausada em uma das cenas preferidas dela.

Não sabia dizer quantas vezes fui forçado a assistir esse filme para deixá-la "feliz".

— Um amor para recordar, de novo?

— Esse filme nunca é demais — respondeu fungando. — Só não consigo acreditar que Nicholas Sparks teve sangue frio o suficiente para escrever essa história baseada na vida da irmã dele antes dela morrer.

— Foi a maneira que ele encontrou de deixá-la marcada na vida das pessoas para sempre. Mesmo depois que ele morrer, a história continuará viva. Ele a eternizou com as palavras.

Ela sorriu para mim e seus olhos brilharam. Então eu me virei e fui para cozinha, pois sabia como ela odiava que a vissem chorando. Sempre que assistíamos a esse filme juntos, ela fingia que não chorava e eu fingia que não a via limpando os olhos.

Abri a geladeira e fiquei a encarando para decidir o que comer. Peguei

o queijo, presunto e o suco de uva.

— Quer um misto e suco? — gritei para a Sarah.

— Quero.

Preparei nosso lanche, sentei ao lado dela colocando a bandeja com tudo em cima na mesinha de centro e ela se sentou cruzando as pernas em cima do sofá.

Depois daquele "jantar", nós tivemos uma longa conversa. Eu me senti muito mal por ter quebrado a minha promessa e por tê-la feito acreditar que poderia acontecer algo real entre nós, mas acabaria nos tornando dois infelizes se insistíssemos naquilo. Depois que me lembrei da Mel, eu sabia que não poderia amar mais nenhuma outra mulher daquela maneira.

— Eu tenho que ir embora no máximo até sexta-feira — falou. — Não posso ficar mais longe da empresa, precisam de mim lá.

— E você realmente quer o divórcio? Eu não ligo de emprestar meu nome por mais um tempo até você e os advogados arrumarem uma brecha no testamento.

— Eu preciso fazer isso, Adde. Você sabe que não me casei por causa da herança, eu esperava que com o tempo você correspondesse. Só uni o útil ao agradável.

— Eu queria muito ter sido esse cara que você precisava.

— Eu sei, mas não quero mais que alguém tente me amar, quero alguém que me olhe da maneira que você olha para a Melissa. Quero sentir o que vocês sentem e por isso eu não posso ficar aqui esperando que um dia talvez acabe e você me note. Até porque eu não quero mais que isso aconteça, enquanto vocês estiverem juntos eu posso ter esperança de conseguir um amor desses.

Ela sorriu e olhou para tela da televisão congelada na cena do filme em que a Jamie estava prestes a começar a cantar.

— Eu quero alguém que seja minha única esperança — falou e cantarolou o pedacinho da música que a Mandy Moore canta no filme.

— Eu espero de todo o meu coração que você tenha isso.

Sarah concordou e sorriu.

— Vou voltar para lá e pegar o que é meu. Já consultei os advogados e eles me disseram que é praticamente impossível alguém conseguir me tirar da diretoria agora.

— E seus pais? O que fará com eles?

— Adde, eu não preciso mais dos meus pais agora. Nesse último ano eu consegui fazer minha própria fortuna. Não preciso mais fazer nada por eles.

— Você sabe que todos vão virar as costas para você como da outra

vez e que seus pais farão chantagem por você excluí-los de sua vida, não é?

Ela deu de ombros e segurou minha mão.

— Até meu melhor amigo?

Sorri e neguei com a cabeça a puxando para os meus braços.

— Você sempre poderá contar comigo. Se precisar de qualquer coisa, é só avisar. Eu nunca te deixaria sozinha.

— É tudo que eu preciso, Adde. Não me importo com o que as pessoas que já viraram as costas para mim uma vez vão fazer agora. — Ela respirou fundo. — Já perdi a fé na minha família há muito tempo.

Ela me deu um beijo na bochecha e sorriu.

— Foi ótimo ser sua mulher de mentirinha — falou.

— Foi incrível ter você como mulher de mentirinha. Sabia que meus alunos me disseram que eu tinha muita sorte por ter um mulherão desses?

Ela riu sem graça.

— Esses meninos de hoje em dia não podem ver um rabo de saia que já acham que é a mulher mais bonita do mundo.

Eu ri e neguei com a cabeça.

— Não comece a ser modesta agora, Sarah, isso não combina com você.

— É. Você tem razão, sou linda mesmo.

Gargalhamos juntos.

— Você é.

— Só não o suficiente.

— Sarah, você sabe que não escolhi a Mel por beleza.

Mel era a mulher mais bonita que já coloquei os olhos, quando a reencontrei percebi que minha memória não havia feito jus a toda sua beleza, mas independente da aparência, eu sempre a escolheria.

— Eu sei, me desculpe por isso.

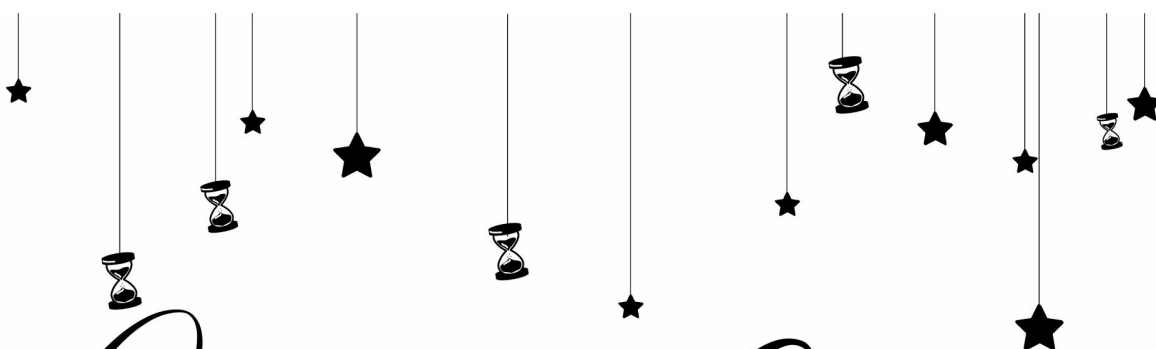
— Quando você encontrar alguém assim, vai entender sobre o que eu estou falando.

Dei outro beijo em sua testa e desejei boa noite antes de ir para o meu quarto e me jogar na cama.

Dois dias depois ela voltou para os Estados Unidos e eu fiquei no Brasil torcendo para que tudo desse certo nessa batalha que ela enfrentaria sozinha. Não que eu estivesse com medo dela não conseguir, mas quem via a casca durona dela não sabia que por dentro ela era mais mole do que a maioria das pessoas e se machucava muito fácil.

Ela era incrível, merecia ter o mundo nas mãos e realizar todos os

seus sonhos. E quando ela alcançar, eu serei o primeiro a gritar que sempre soube que ela conseguiria.



Capítulo 26

Giovana

A viagem de ônibus duraria quase um dia inteiro. Acomodei-me no meu assento ao lado da Camila e o deitei um pouco, não o suficiente para ficar realmente confortável, para não atrapalhar quem quer que fosse se sentar atrás de nós duas. Ela se ajeitou ao meu lado e estendeu um dos fones de ouvido para mim, recusei negando com a cabeça. Quatro horas da manhã era cedo demais para estourar o ouvido com o som alto do rock pesado que ela gostava.

Abracei meu travesseiro e virei para o lado olhando meu reflexo na janela. Duas bolas escuras contornavam meus olhos, e o cabelo preso de

qualquer jeito parecia um ninho de passarinho, eu estava um caos. Fechei meus olhos, adaptando-me a falação em volta. Nenhum barulho atrapalhava meu sono, dormia muito fácil mesmo com muita gente falando alto em volta.

Já estava cochilando quando a Camila me sacudiu.

Abri os olhos e me sentei ereta no banco, assustada.

Ela tinha me acordado para prestar atenção no Logan dando algumas ordens na entrada do ônibus. Deitei-me em cima dela para conseguir vê-lo no início do corredor.

— Nós chegaremos lá por volta das dez horas da noite, eu aconselho todos a terem uma boa noite de sono. Na quarta-feira cedo começam as palestras que irão até sábado de manhã, mas como acabará só por volta de uma hora da tarde ficará ruim para voltarmos no mesmo dia, então nossa volta fica marcada para domingo de madrugada.

— Podemos ir? — perguntou ele.

Foi respondido com um grito geral, e o ônibus ganhou vida. Ele se dirigiu para as últimas poltronas, logo atrás da nossa. Eram as únicas vazias.

Tão perto e tão longe.

Acomodei-me novamente e o olhei por cima da poltrona uma última vez antes de fechar os olhos, nossos olhos se encontraram por um milésimo de segundo e vi seu sorriso começar a surgir no canto da boca antes de

minhas pálpebras cerrarem por completo.

Meu celular vibrou no bolso trazendo o sorriso que eu havia evitado ao meu rosto, eu sabia que era ele. Quem mais me mandaria mensagem às quatro horas da manhã? A operadora não seria tão ousada, já que era a única outra que me mandava mensagens.

Quando olhei as palavras ali, minhas mãos tremeram com a familiaridade. Eu não estava esperando esta mensagem que eu recebia quase todos os dias durante aquelas breves semanas em que namoramos sete anos atrás. As letras brilhavam na tela.

Logan:

Você. Está. Linda.

Ele sempre enviava as palavras separadas por pontos nessa frase. Um dia resolvi questioná-lo do por que fazer isso. Ele sorriu para mim e falou: “Porque olhar para você me tirou o ar, preciso respirar no intervalo de cada palavra para recuperá-lo”. Eu ri e o chamei de pedreiro. Ele tinha um livro inteiro de cantadas na ponta da língua e eu amava cada uma delas.

— Está enviando fotos para o Logan? — Cami me perguntou olhando por cima do meu ombro.

— Ei, vai cuidar das suas próprias mensagens.

— Ninguém quer conversar comigo, são quatro horas da manhã. —
Ela fez bico.

— Eu sou uma dessas pessoas que não quer conversar com você —
falei. — Boa noite.

Fechei os olhos e a escutei falar algo como “E depois eu que sou a vaca!” pouco antes de pegar no sono.

Acordei com um burburinho no meu ouvido e o sol na minha cara. Abri os olhos devagar e puxei a beirada da cortina que estava deixando entrar aquela luminosidade toda. Sem querer acabei escutando uma conversa no banco de trás.

— Fiquei sabendo que sua mulher teve que voltar para os Estados Unidos — Mesmo sem olhar, eu sabia que aquela voz era da Beatriz.

— Infelizmente — Logan respondeu.

Senti uma pontada de ciúmes ao ouvir isso, mesmo sabendo que ele devia estar falando pelo simples fato de ser a resposta que todos esperariam ouvir.

— Se precisar de companhia, posso te ajudar.

O quê? Quase pulei do banco para arrancá-la de lá à força, mas decidi ficar quieta para ver sua resposta.

Cami havia me contado que a Beatriz estava de rolo com o Vitor novamente. Por que ela continuava insistindo nisso de pegar o Logan?

— Beatriz, eu acho melhor você voltar para o seu lugar.

Sorri orgulhosa com a resposta dele.

— Ninguém nem vai ficar sabendo, *teacher* — sussurrou.

Calma! Ele consegue resolver isso sozinho! Falei para mim mesma tentando me controlar para não fazer uma cena em frente a todos os alunos presentes no ônibus.

— Eu Nunca dei esse tipo de liberdade para nenhum dos meus alunos e espero que me respeite como seu professor. Então, por favor, volte para o seu assento e vamos esquecer que isso aconteceu.

Houve um momento de silêncio e então senti um empurrão no banco que eu estava sentada quando o Logan levantou em um salto.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou em um sussurro um pouco mais alto do que o que estava falando até então.

Nossos olhares se cruzaram e ele pareceu ficar mais aborrecido ainda quando viu que eu havia presenciado tudo.

— Por favor, Beatriz, não quero ser obrigado a levar seu caso para a direção, volte para seu lugar — falou ríspido de uma maneira que eu nunca o havia visto falar antes.

Ela resmungou alguma coisa que não entendi e saiu de lá.

Ele voltou a se sentar. Coloquei minha mão direita no vão entre a poltrona e a estendi para ele. Poucos segundos depois senti sua mão quente cobrindo a minha e assim eu fui carregada novamente para os meus sonhos.



Depois das longas dezoito horas dentro daquele ônibus, eu estava finalmente me jogando na cama macia do hotel, por mais que eu dormisse sem problemas em um ônibus, o corpo parecia não conseguir descansar direito quando éramos acordados a cada minuto.

Tinha acabado de fechar meus olhos quando a Camila entrou como um furacão no quarto puxando meus braços para me levantar.

A cama dela, ao lado da minha, já estava repleta de roupas jogadas, mesmo tendo menos de vinte minutos que havíamos chegado. Ela mal dormiu durante a viagem, não sabia como conseguia estar tão animada enquanto eu estava me sentindo um lixo.

Levantei-me, totalmente mal-humorada pela privação de sono que tive durante todo o dia, e cruzei meus braços.

— Levantei, caramba! — gritei irritada.

— Vamos jantar, temos que nos arrumar para a festa — Camila falou empolgada.

— Eu não comprei o pacote de shows, Cami. Não vim para isso — falei emburrada.

O intuito de todo o congresso era o conhecimento, mas oitenta por cento das pessoas que vinham nem comprava o pacote das palestras, vinham apenas para farrear. Todos os congressos grandes tinham alguma festa junto para atrair participantes. As cidades ficavam lotadas de bêbados com abadás.

— Eu comprei — falou e mostrou dois ingressos.

— Você vai vender isso, eu não vou. — Balancei a cabeça me negando a acreditar que ela havia comprado ingressos mesmo quando eu já havia deixado bem claro que não ia.

— Vai sim — falou me puxando para o corredor e me levando em direção ao elevador.

Fui porque estava com muita fome, mais do que estava com sono. E se tinha algo que me deixava mais mal-humorada do que o sono, com certeza, era a fome.

Entramos no elevador.

— Estou falando sério, Cami. Pode devolver ou vender. Eu não vou.

Claro que ela não se daria por vencida tão fácil. Passou o jantar inteiro em um monólogo sobre como seria ótimo, como teria milhões de gatinhos.

— Caramba, eu não vou nessa merda — falei mal-humorada. — Eu te avisei que não ia.

— Você fica um saco quando está cansada — resmungou.

— Eu só quero dormir, Cami — respondi quase em um grito para ser ouvida por cima do falatório que havia se instaurado no restaurante do hotel.

As pessoas conversavam alto, o barulho no restaurante estava insuportável, principalmente para alguém que já não estava com o humor muito bom como eu. Instintivamente procurei pelo Logan e uma careta contorceu meu rosto quando vi a Beatriz mais uma vez pendurada em seu encalço. *Essa menina não desistia?*

Essa cena somada ao meu ânimo me fez engolir a comida em poucos minutos para sumir dali e poder, finalmente, me deliciar de uma boa noite de sono.

Pedi desculpas novamente para a Cami por não ter paciência nem vontade de ir para qualquer outro lugar que não fosse aquela cama fofinha que estava me esperando no sexto andar. Despedi-me das outras pessoas que estavam na mesa com a gente e saí do restaurante correndo, pois estava

atrasada para meu encontro marcado com meu travesseiro.

O hotel estava abarrotado de hóspedes. No saguão principal, havia uma fila gigantesca de pessoas esperando para fazer o check in, porém por alguma sorte do destino, o elevador estava parado e vazio, só me esperando para me levar ao paraíso.

Entrei nele, apertei o número seis no painel e me ajeitei no canto esquerdo esperando as portas se fecharem. Quando elas começaram a se unir e ninguém mais apareceu, eu já estava comemorando silenciosamente, mas claro que minha sorte não seria tanta.

Uma mão travou o fechamento no último segundo e a puxou aberta novamente.

Logan entrou e meu coração pulou no peito.

— Oi — falou.

— Oi.

Ele encostou-se no canto oposto.

Seus olhos me fitaram a distância, ou ao máximo de distância que nos era permitido dentro de um elevador.

Controle-se Giovana! Não pule em cima dele! Ele é seu professor! Só mais oito meses!

— Empolgada para amanhã? — perguntou tentando puxar papo. Parecia tão desconfortável com o silêncio quanto eu.

— Uhum — respondi sem muito controle da minha voz.

Mordi meus lábios e desviei meu olhar dos seus olhos que ainda estavam em mim. Não conseguia ficar olhando-o sem poder fazer nada.

Escutei quando algumas palavras que não entendi escaparam de sua boca e antes que eu pudesse me dar conta ele estava em cima de mim.

Ele me prensou e cobriu meus lábios com os seus, eu suspirei em sua boca, estava ansiando por esse beijo. Minha boca parecia ser um botão para ligar todo o meu corpo, podia sentir cada terminação nervosa vibrando com o desejo de tê-lo. Seus braços contornaram a minha cintura, puxando-me para mais perto, tirando meus pés do chão. Eu cruzei minhas pernas em volta do seu corpo.

O elevador parou e ele me soltou tão depressa quanto começou. Eu tive que me segurar para não cair no chão.

Ambos estávamos respirando ofegantes.

Meus lábios formigavam de desejo. Eu o queria! Eu queria mais, muito mais!

A porta abriu, mas não havia ninguém do lado de fora, apesar de não ser nenhum dos andares que nós havíamos apertado.

Eu o olhei, esperando-o agir novamente.

A porta se fechou, mas ele não repetiu a dose. O que me deixou bastante desapontada. Eu queria tomar a iniciativa, porém não queria ser a pessoa que não cumpriria a palavra, deixaria isso para ele.

Não me lembrava dele ser tão complicado assim alguns anos atrás, mas isso pode ser devido a ele não ser meu professor naquela época.

Ele encostou-se no espelho e fechou os olhos.

— Você não deveria parecer tão linda assim depois de uma viagem de ônibus de dezoito horas — falou tentando soar irritado, mas falhando miseravelmente quando um sorriso ganhou a batalha contra a sua carranca.

— Olheiras e ninho de pássaros são a mais nova moda em Paris — comentei rindo.

— As olheiras dão até certo charme — provocou.

— Você é um mentiroso.

— Talvez míope de amor, mas mentiroso não.

Eu gargalhei.

— Achei que depois de sete anos suas cantadas estariam melhores.

— De que adianta melhorar minhas cantadas se as que te fazem rir são as piores?

— É, acho que tem razão.

As portas do elevador se abriram novamente, agora parando no andar dele.

Ele me olhou por um momento antes de sair.

— Até amanhã, meu mundo — sussurrou.

— Até amanhã, vida.

Ele sorriu e se virou caminhando até seu quarto, enquanto a porta se fechava.

Durante os próximos dias, nós mal nos cumprimentamos. As palestras foram incríveis e eu estava maravilhada com tudo aquilo. Na sexta, quando fui para cama, senti-me pesarosa por já estar acabando.

— Só mais um dia — sussurrei para as paredes.



No último dia, acordei em um pulo com algo batendo na minha cabeça, meu coração palpitando em meu peito de modo que parecia ser capaz de rasgar pele a fora. No desespero achei que tinha alguém me sufocando,

porém era só minha amiga sem noção jogando o travesseiro em mim.

— Vai abrir essa maldita porta — Cami gritou.

Ela chegou há menos de uma hora e terá que se levantar em meia hora para irmos para a primeira palestra.

Levantei esfregando as pálpebras pesadas para tentar expulsar o sono de meus olhos e cruzei os braços em frente ao peito, tentando esconder a falta de sutiã para quem quer que fosse que estivesse batendo à porta a essa hora da manhã.

Abri a porta e um garçom estava com um carrinho e duas bandejas tampadas por aquela tampa redonda que eu não tinha ideia do nome, mas que achava super chique.

— Bom dia, Senhorita. Pediram para entregar esse café aqui.

Olhei do carrinho para a cama perto da porta onde a Cami estava.

Não acreditava que a preguiça dela era tanta que preferiu pagar mais caro para ter café na cama a descer para tomar café de graça fornecido pelo hotel como as outras pessoas normais.

— Cami, você pediu café da manhã no quarto? Sabe que isso custa um absurdo! — gritei.

— Eu não pedi nada, mas deixa entrar — respondeu.

— E quem vai pagar por isso? — rebati. — Meu dinheiro já foi todo embora...

— Já está tudo pago — falou o garçom me cortando.

— Tem certeza? — perguntei franzindo o cenho. — Isso não é para outro quarto?

— Certeza. Pedido para o quarto 605, Giovana.

— Essa sou eu, mas não pedi isso.

— Eu só entrego. Vai me deixar entrar ou não?

Estranhei aquilo, mas eu não recusaria uma comida melhor de graça, então abri a porta e deixei que ele entrasse.

— Você tem certeza de que isso veio da cozinha do hotel, né? — perguntei antes dele sair.

— De onde mais viria? — ele rebateu e pediu licença para se retirar.

— Obrigada — agradei rapidamente antes da porta se fechar.

— Seja quem for eu o agradeço — Cami falou se sentando na cama e levantando as tampas das duas bandejas.

Havia um cartão em frente a um bolo. Camila o pegou e leu em voz alta.

— Feliz aniversário, meu mundo! Não posso te abraçar, mas posso te

dar sua comida preferida de café da manhã. Espero que isso seja o suficiente por enquanto.

Ela sorriu e passou o cartão para mim.

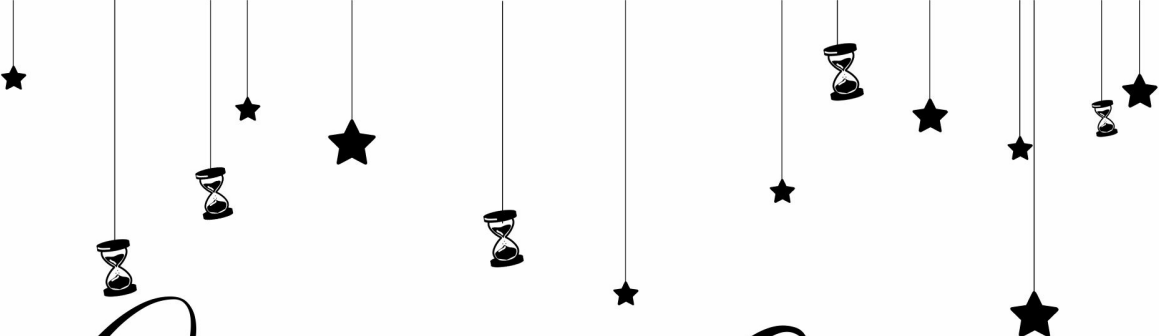
— Estou com pena da pessoa que não vai comer esse café da manhã, tenho que admitir que ela tem bom gosto... — continuou falando, mas eu não estava mais ouvindo.

Peguei meu celular para ver a data. Já havia tantos anos que meu aniversário era “comemorado” em outra data que nem tinha notado que já estava chegando. Lá estava, 16 de abril.

— Olha, ainda tem dois ingressos para o parque aquático daqui — falou animada. — Dizem que é o melhor parque aquático do Brasil.

Ele lembrou.

Esforcei-me para parecer indiferente com tudo aquilo na frente da Cami, mas nada era suficiente para abalar o sorriso em meu rosto.



Capítulo 27

Giovana

Cheguei ao quarto depois de ficar no parque aquático até o horário de fechar. Apesar de ter só a Cami lá comigo, senti como um daqueles aniversários de antes das coisas começarem a ruir, quando meus pais ainda estavam juntos e vivos. Eu precisava agradecer ao Logan pelo presente, só faltou ele lá, era uma merda encontrá-lo e não poder pular em seus braços e agradecer pelo melhor aniversário em anos.

Só mais alguns meses e esse inferno terá acabado.

As palestras da manhã foram incríveis, não sabia por que nunca tinha vindo em um evento desses antes.

Cami já estava se arrumando para a última rodada de shows e eu, novamente, declinei o convite. Ela parecia um zumbi hoje de manhã, mas conseguiu assistir a todas as palestras sem pregar os olhos. Pelo menos força de vontade ela tinha. No parque aquático ela deitou em uma espreguiçadeira e dormiu até a hora que eu a sacudi para vir embora. Foi basicamente um ingresso desperdiçado, mas eu estava feliz mesmo assim.

— Eu sempre tenho juízo, amor — sussurrou no telefone para o Bruno, ou pelo menos achava que era ele. — Tudo bem, até mais tarde. Ok. Tchau.

— Cami, ele é casado, cuidado para não se machucar — alertei.

— De novo isso? Ele também me ama, Gi. Um dia você vai entender isso.

Ela sorriu constrangida e voltou para o banheiro para terminar a maquiagem. Era muito engraçado vê-la embarçada dessa forma. Achava que nunca tinha visto a Cami gostar de ninguém dessa maneira.

Deitei na cama e a esperei ir embora antes de correr para o meu celular. Apesar do café da manhã, Logan não falou comigo o dia inteiro. Esbarramo-nos por aí, mas mal nos demos bom dia, já que estávamos cercados de pessoas. Disquei o número e o esperei atender.

— Parabéns para você... — ele cantarolou desafinado. Pelo menos em

alguma coisa ele tinha que ser ruim, não é mesmo? Por mais lindo que eu achasse ele cantando, era obrigada a admitir que era só o amor que me fazia achar lindo, qualquer outra pessoa sairia correndo se escutasse uma nota.

— Obrigada, Vida. Eu não tinha um aniversário tão bom já fazia tempo.

— Você acha que acabou?

— Bom, vai acabar daqui a duas horas.

— Seu jantar deve estar chegando a qualquer momento.

Assim que ele terminou de falar alguém bateu na porta.

— Acho que acabou de chegar.

Abri a porta e deixei o homem com um belíssimo uniforme entrar empurrando o carrinho. O garçom saiu e eu tirei as tampas. Havia dois pratos, uma garrafa de champanhe e duas taças.

— Você vem comer comigo? — perguntei animada.

— Pensei em ir, a não ser que você esteja com uma fome de leão e queira comer tudo sozinha — respondeu com uma leve risada.

— Não tomei Biotônico Fontoura hoje, acho que vou precisar de ajuda.

— A Camila não está por aí?

— Não.

— Então abre a porta — pediu.

Fui até a porta e a abri, mas não tinha ninguém por lá.

— Você não está na porta.

— A outra porta — ele falou e deu umas leves batidas na porta do quarto compartilhado.

— Você mudou de quarto?

— O chuveiro do outro queimou, e o hotel me realocou. — Ele riu. — Claro que a escolha do outro quarto foi totalmente aleatória.

A faculdade havia conseguido esses quartos mais em conta para nós, porém eu e a Cami demos a sorte de ficarmos sem vizinhos no quarto ao lado. Agora entendi que não foi nenhuma sorte ou coincidência do destino aquele quarto vago.

— Claro — concordei rindo. — Você queimou um chuveiro de propósito?

Ele gargalhou do outro lado da linha.

— Claro que não, Mel. Eu já havia reservado esse quarto além do meu. O chuveiro queimar só me ajudou a dar uma desculpa para me mudar de quarto.

Abri a porta compartilhada e pulei em seus braços. Ali não tinha ninguém para nos julgar. Ele cambaleou para trás com o impacto e riu.

— Também senti sua falta — falou nos meus cabelos me prendendo em um abraço de urso.

Ele me soltou, entrou no meu quarto, puxou o carrinho para o quarto dele e eu o segui. O quarto estava iluminado apenas com luz de velas, uma mesa no centro estava coberta por uma toalha preta e um arranjo com flores. Será que ele esqueceu minha alergia?

Ele tirou os pratos do carrinho e colocou na mesa um ao lado do outro. Depois serviu o champanhe e puxou a cadeira para eu me sentar, mas continuei encarando o arranjo com medo do meu nariz começar a coçar.

— São de plástico — ele disse.

— O quê?

— As flores, não vão te dar alergia.

Cheguei mais perto e passei meus dedos pelas pétalas das flores.

— Você achou que eu esqueci que tem alergia? — perguntou coçando a cabeça com um sorriso debochado no rosto.

— Foram sete anos — respondi dando de ombros.

— Acho que você se esqueceu de que para mim é como se não tivesse

passado nenhum dia. Eu ainda me lembro de tudo como se tivesse acontecido há apenas alguns meses.

Ele ainda estava segurando a cadeira, então resolvi me sentar.

— Acho que você vai ter que reacender as minhas memórias, sete anos é muito tempo — falei tentando soar sexy.

Ele se sentou ao meu lado e passou com os dedos pela minha coxa nua, deixando todos os pelos da minha perna arrepiados. O vestido tinha subido um pouco quando me sentei e ele se aproveitou disso.

Percebendo minha reação, ele sorriu largo. Mesmo nas breves semanas que namoramos, ele adorava me torturar, ele sabia exatamente como fazer meu corpo responder da maneira que ele queria.

Segurei sua mão e a coloquei em cima da mesa.

— Vamos comer? — perguntei.

Se ele pretendia que ficássemos só no “profissional” durante os próximos meses, não podia continuar me torturando dessa maneira sempre que ficássemos sozinhos.

Nós comemos e eu contei para ele sobre o dia incrível no parque aquático.

— Só faltou você lá.

Ele colocou a mão em cima da minha.

— Mais alguns meses.

— Sete meses, quinze dias, vinte e duas horas e quarenta e três minutos. Mas quem está contando, não é?

Ele riu.

— Você esqueceu os... — Ele parou e olhou no relógio. — Trinta e dois, um, vinte e nove, vinte oito segundos.

Ele olhou nos meus olhos e eu só consegui pensar em como não queria que isso acabasse. Não tinha nada melhor do que ter sua companhia. Não precisava de beijos, claro que não reclamaria se tivesse, mas só de tê-lo perto já tornava tudo melhor. Eu só queria prolongar isso.

— Me deixa ficar aqui com você hoje — pedi quase implorando.

Ele passou a mão no meu rosto.

— Como posso recusar um pedido desses?

Levantei-me da mesa e segurei sua mão, puxando-o para fazer o mesmo. Deitei na cama e ele se deitou ao meu lado de frente para mim.

— É quase um déjà-vu.

— Como naquela noite, eu estou louco para te beijar — falou fazendo aquela corrente elétrica cruzar todo o meu corpo.

Eu sorri.

— Eu só fiquei louca para te beijar depois que você ficou só de cueca. Alguma chance disso se repetir? — falei brincalhona, tentando quebrar a tensão que aquelas palavras proporcionaram.

— Você é uma pervertida, só quer me usar. — Ele riu. — Sorte a sua que eu adoro ser usado por você.

— Eu senti sua falta — sussurrei.

Ele me puxou para seus braços e beijou minha cabeça.

— Eu ainda sinto sua falta, tenho medo de perder você novamente. Fiquei desesperado por pensar que você estava sozinha por aí.

— Obrigada por não desistir.

— Obrigado por me esperar.

Aninhei-me em seus braços firmes, seguros, onde nenhum mal poderia me alcançar e dormi.



Acordei sozinha na cama, sentindo falta do calor que estava me

envolvendo até pouco tempo. Abri os olhos devagar para procurá-lo. Não tínhamos mais muito tempo e eu não queria perder o resto que poderíamos aproveitar desta noite.

O Logan estava sentado em uma das cadeiras da mesa, que ainda estava com a louça em cima. Ele encarava o teto e respirava profundamente.

— O que aconteceu? — perguntei.

Ele se assustou ao me ouvir e me olhou por uns segundos antes de falar:

— Você sabia que fala durante o sono?

— Eu te acordei?

— Acordou meu corpo inteiro.

Como assim o corpo inteiro? Oh, meu Deus! Será que tive outro sonho no estilo do que a Camila tinha descrito para mim?

Coloquei a mão na boca.

— Me desculpe.

Ele sorriu largo, parecendo se divertir com a minha reação.

— Não tem problema, Mel. Só não é muito fácil dormir enquanto a garota ao meu lado diz meu nome da maneira que você fez.

Ele se levantou da cadeira e foi até a janela, puxando um pouco para o

lado a cortina, deixando a luz do luar inundar o quarto. Logo em seguida se sentou ao meu lado na cama e traçou os dedos pela minha face, desenhando meus contornos.

Meus olhos se fecharam involuntariamente, deixando que meu corpo intensificasse a sensação dos seus dedos em minha pele.

— Você é linda — sussurrou.

O sorriso se abriu em meus lábios sem mesmo que eu percebesse.

Coloquei minha mão em cima da dele em meu rosto e me sentei na cama. Ficamos ali nos encarando, tentando negar o desejo, negar a necessidade que tínhamos do calor um do outro.

Queria dizer que era forte o suficiente para isso, mas seria mentira, nunca fui forte quando se trata dele. Eu não queria ser forte, só queria ele. Então, desisti de tentar.

Levantei sobre meus joelhos e cruzei uma das pernas por cima do colo dele, sentei-me ali. Seus olhos acompanhavam cada movimento meu sem dizer uma palavra. Ele parecia estar tão cansado quanto eu de negar aos nossos corpos seus desejos, mas a hesitação ainda estava presente em seu olhar.

— O que você está fazendo? — Fechou os olhos e tomou um longo fôlego. — Nós não podemos — disse, mas não fez nenhum movimento para

me tirar dali.

Eu não o respondi, meu corpo não queria discutir agora sobre o quanto isso era errado, principalmente quando tudo parecia tão certo.

Encostei a minha testa na dele. Mesmo sem fazer nada, nossas respirações estavam ofegantes, respostas da antecipação do que queríamos, mas tentávamos evitar.

Aninhei meu rosto na curva do seu pescoço. Podia sentir seu coração acelerado junto ao meu. Beije-o ali e uma onda de tremor cruzou por todo seu corpo. Continuei com os beijos lentos traçando um caminho até sua orelha.

Suas mãos estavam firmes no colchão, apertando forte o lençol, lutando contra a vontade de me tocar, que eu sabia que estava assolando sua mente, assim como fazia a minha própria. Tomei aquilo como um desafio. Eu precisava saber se ainda tinha poder sobre ele, assim como ele tinha sobre mim. Eu precisava tanto do toque dele quanto precisava tocá-lo.

Afundi minhas mãos em seu cabelo e passei meus lábios de leve pelo caminho da sua orelha até a sua boca. Nossas respirações ofegantes se encontraram no meio do caminho. Coloquei minha testa novamente na dele e descí uma das mãos até o meio de nós, colocando-a em seu peito, bem onde seu coração batia descompassado. Eu precisava sentir a vida ali, sentir aquele

ritmar que eu achei por muito tempo que não existia mais.

Encostei minha boca na dele, mas não o beijei, só a deixei ali à espera do próximo passo, à espera de ver seu desejo romper a razão. Afastei meus lábios lentamente e passei minha língua por seu lábio inferior, torturando a ele e a mim mesma. Afastei-me um pouco para conseguir ver a reação em suas feições e ele suspirou frustrado.

— Não para — implorou com aquela voz rouca fazendo meu corpo vibrar de desejo.

Cobri seus lábios com os meus, dessa vez o beijando com toda a vontade e paixão que me consumia, e seu controle se perdeu. Voltamos sete anos no tempo, quando estávamos nos descobrindo pela primeira vez, implorando por mais. Era como se o mundo fosse acabar caso não estivéssemos perto o suficiente.

Naquela hora eu pude sentir tudo novamente. Sua boca desesperada querendo tudo que lhe foi negado por tanto tempo, seu toque arrebatador parecia decorar cada curva do meu corpo e sua respiração ofegante que acompanhava a minha, tornando tudo real, vivo.

Alguém que se contentasse com “só” depois disso só poderia ser louco.



Eu mal consegui dormir o restante da noite, certa de que já estava mergulhada em um sonho. Acordei com um beijo na testa e o sorriso involuntário abriu antes dos meus olhos.

— Bom dia, meu mundo.

Abri meus olhos e o encontrei parado na minha frente.

— Eu poderia me acostumar a acordar com essa visão todos os dias — falei admirando o corpo dele com apenas uma toalha enrolada na cintura.

— Eu também — respondeu e eu percebi que o lençol que estava sobre mim cobria apenas minha barriga e parte da perna.

Puxei o lençol para o resto do corpo e Logan riu divertido. Ele abaixou e encostou os lábios nos meus por um breve segundo.

— Tenho que aproveitar, não sei qual será a próxima vez que poderei fazer isso.

Eu ajoelhei na cama e envolvi meus braços em seu pescoço.

— Então aproveita direito.

Ele sorriu largamente. O meu sorriso preferido.

— O ônibus vai sair em uma hora e meia — falou calmo. — Se você não me soltar agora, não sei se conseguiremos voltar hoje e talvez eu não chegue a tempo para a palestra que eu tenho que dar na faculdade semana que vem.

— Então eu vou te soltar, porque estou louca para assistir à palestra desse professor fodão. Sabia que ele formou em Harvard?

— Ele deve ser incrível mesmo.

— Oh! Você não imagina o quanto — respondi mordendo meus lábios.

Ele jogou a cabeça para o lado e riu.

— Ainda estamos falando sobre minha capacidade intelectual?

Balancei minha cabeça em negativa e ele suspirou, tirando meus braços de seu pescoço.

— Volte para o seu quarto. Preciso me arrumar e com você por perto é impossível.

— Sim, Senhor — respondi rindo.

Peguei minhas roupas e as vesti. Estava prestes a abrir a porta quando ele me puxou para mais um beijo.

— Agora você pode ir.

Concordei com a cabeça e atravessei a porta para o meu quarto. Bem devagar com medo da Cami escutar, mas ela estava mergulhada em um sono profundo.

Eu a sacudi.

— Cami, está na hora de levantar.

Ela resmungou alguma coisa que não entendi, mas se levantou mesmo assim.

— Onde você dormiu? — perguntou.

Droga! Achei que ela estaria tão tonta que não teria percebido. Então, resolvi fingir que não tinha escutado.

— Precisa de algum remédio para ressaca? — perguntei.

— Só se tiver algum remédio para ressaca de sono, você sabe que não bebo quando vou viajar no dia seguinte. Por que está mudando de assunto? Onde você dormiu? E por que está com esse sorriso idiota no rosto? Já te falei que não suporto esse seu novo estado de bom humor matinal.

— Eu fui até o restaurante comer um lanche quando perdi o sono na madrugada.

— Certo, você ficou de meia noite até agora comendo um lanche?

— Você voltou meia noite?

— Onze horas na verdade, só fui lá vender meu ingresso, mas fiquei no hall do hotel conversando com o Bruno no telefone até meia noite para não atrapalhar seu sono. Da para me falar a verdade, então?

— Eu estava com alguém e isso é tudo que vou dizer por agora.

— Eu sabia que esse sorriso não era por nada — comentou. — Mas nenhum detalhezinho?

— Nenhum detalhezinho.

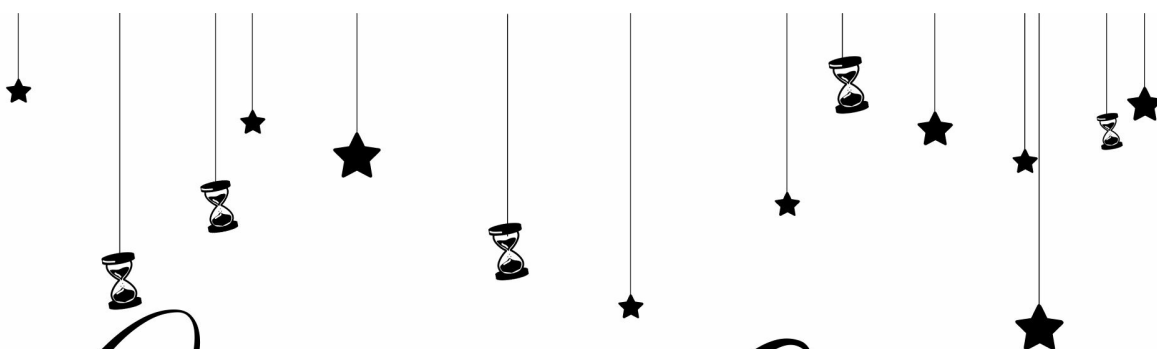
— O tal do Logan está aqui? — perguntou.

Afirmar com a cabeça e ela bateu palminhas de alegria.

— Então, é alguém da faculdade — ela afirmou.

— Não!

Eu sabia que na cabeça dela ela já estava montando toda a cena como em um filme de comédia romântica. Para ela, todo mundo, pelo menos uma vez na vida, vive um grande amor e dessa vez eu realmente estava vivendo o meu.



Capítulo 28

Giovana

Exatamente às quatro e quinze da madrugada o ônibus acelerou para fazer nosso caminho de volta.

Depois dos três dias de palestras, nós estávamos finalmente voltando para casa. Apesar do quarto de hotel ser maravilhoso, não existe nada como minha própria cama. Eu estava com saudades.

Sentamos no mesmo lugar que havíamos vindo, mas outras pessoas ocuparam o assento atrás do nosso, então o Logan acabou se sentando mais na frente. Não me importei com isso. Nossa noite juntos me deu forças para aguentar os próximos meses separados.



— Você vem? — Cami perguntou me sacudindo para que eu acordasse.

Ela estava em pé no corredor me olhando quando reparei que o ônibus tinha feito uma parada. Levantei e a segui esfregando meus olhos para espantar o sono.

— Eu vou ao banheiro — falei.

Ela concordou com a cabeça e disse que ia comprar alguma coisa para comer.

Entrei no banheiro e me apoiei na pia. Joguei água no rosto para espantar o sono dos olhos.

Duas outras garotas estavam cochichando no banheiro, eu não estava prestando muita atenção, até que o nome dele surgiu.

— Não acredito que era o professor Scott esse tempo todo — falou uma delas.

— Fala baixo — disse a outra num sussurro, mas eu ainda era capaz de ouvir. Era a Beatriz, novamente.

— Eu achei que o cara misterioso era o Vitor, nunca pensei que o Dr. Scott com todo aquele jeito sério estaria tendo caso com uma aluna.

Meu coração disparou no peito. Como descobriram sobre nós dois?

— Eu e o Vitor decidimos que somos melhores como amigos — Beatriz respondeu.

Claro que isso era o código para “ele não quis ficar comigo”, o que era uma sorte para ela. Por mais que nosso santo não batesse, eu não desejava que ninguém passasse pelo que passei. Sentia-me mal por deixar isso por baixo dos panos sabendo que ele poderia fazer a mesma coisa com outras garotas não avisadas, mas meu medo conseguia calar todo meu senso de justiça.

— Entendi. Então, voltando ao assunto, quero detalhes do babado com o professor.

Entrei para um dos banheiros e tranquei a porta, não queria realmente usá-lo, só me sentei no vaso e fiquei em silêncio, eu queria saber o que elas sabiam para ver o que eu poderia fazer com essa informação.

— Você tem que me prometer não contar para ninguém

— Morre aqui tudo que me contar.

— Não é segredo para ninguém que eu estava investindo nele desde o início do período. O segredo é que no meio disso acabamos nos tornando

amigos e nos encontramos fora da faculdade várias vezes. E diferente do que eu imaginei que seria no início, acabamos nos apaixonando, mas tentamos manter a distância, afinal ele é meu professor. Porém na sexta quando voltei da festa e o encontrei no bar, os dois já um pouco alterados, foi difícil negar ao desejo e acabou rolando.

Meu cérebro ficou em tela branca com alguns minutos.

Do que ela estava falando? Eu o escutei a rejeitando uma vez, ele nunca faria isso comigo, mas os ciúmes era uma sementinha que acabava com toda a parte racional dos nossos pensamentos, mesmo que o que ela estivesse falando não fizesse sentido nenhum. Saí do banheiro batendo as portas e as duas me olharam assustadas.

A porta do banheiro masculino se abriu no mesmo instante. Logan saiu de lá, infeliz acaso. Eu não fui capaz de me controlar. Antes que eu pudesse dar ordens ao meu corpo, eu já havia o empurrado contra a porta.

— O que está acontecendo? — Ele me olhou assustado.

— Você é um idiota, isso que está acontecendo. — Minha vontade era de gritar, mas um sussurro alto foi o que saiu.

— Do que você está falando, Mel?

— Você dormiu com uma menina na sexta.

Ele franziu a testa.

— Eu acho que foi sábado, ou já era domingo? — questionou parecendo divertido com o que eu estava falando. — Está com ciúmes de você mesma?

— Não! Não estou falando de mim!

Ele olhou em volta para ver se não vinha ninguém e colocou as mãos no meu rosto.

— Olha para mim, Melissa. — Eu olhei. — Por que eu ficaria com qualquer outra pessoa depois de tudo que passei para te encontrar?

Eu sabia que ele estava falando a verdade, sabia o quando a Beatriz não era uma fonte confiável. Minha raiva por ela borbulhou mais ainda ao ouvir difamá-lo, ainda mais por não poder defendê-lo.

Escutamos a porta do banheiro mexer e ele se afastou de mim.

As duas meninas que estavam lá dentro finalmente saíram.

— Oh, Oi, Adrian — Beatriz falou.

Ele franziu o cenho, provavelmente estranhando ser chamado pelo nome ao invés do sobrenome, mas queria se livrar delas tanto quanto eu. Então apenas as cumprimentou, mesmo que isso fosse estranho, uma vez que estávamos todos viajando no mesmo ônibus.

Ele esperou que elas se afastassem e olhou em volta novamente para verificar se estávamos sozinhos.

— Tem mais alguém no banheiro feminino? — perguntou.

— Acho que não.

Ele se aproximou e me deu um beijo na testa.

— Você sabe que para mim nunca existiu outra pessoa.

Eu fechei meus olhos e concordei, deixando-me relaxar naquele simples gesto.

Quando eu os abri, dois olhos perplexos nos encaravam. *Merda!*

— Cami — gaguejei me afastando do Logan no mesmo segundo.

Ela virou as costas e saiu andando.

Logan passou a mão pelo rosto em frustração. Antes de ir atrás dela, eu o segurei, impedindo-o de dar mais um passo.

— Eu resolvo isso — falei para ele e saí correndo atrás dela.

— Cami — gritei.

Ela se virou.

— O que diabos você está fazendo, Giovana? — perguntou. — Eu achei que você estava namorando esse tal de Logan e agora vejo o professor fazendo juras de amor para você.

— Me deixa explicar, Cami — pedi.

— Acho que o que eu vi foi bem autoexplicativo.

— Não é o que você está pensando. Dá para parar e me ouvir! — gritei.

— O ônibus está saindo, precisamos ir.

— Cami!

— Agora eu entendi porque ficou tão brava quando brinquei sobre dar em cima dele, você já estava de olho grande. — Ela riu forçado. — O Cara é casado, Giovana. Como você se atreveu a dar palpite no meu relacionamento quando estava fazendo a mesma coisa? A hipocrisia mandou lembranças.

Ela entrou no ônibus e eu não pude falar mais nada, já que havia muitas testemunhas por ali. O Logan entrou pouco depois de nós e me lançou um olhar preocupado. Eu não tinha como falar nada para acalmá-lo.

Fizemos todo o trajeto de volta para casa em extremo silêncio. Enquanto isso, eu tentei bolar milhões de ideias mirabolantes para enrolar a Cami, mas em todas elas eu achava um furo. Ela nunca acreditaria que eu dei em cima de um professor, por mais bonito que ele fosse. Ela já sabia que ele não havia dado moral para nenhuma das outras garotas.

Nada coerente parecia vir à minha mente.

Algumas horas depois finalmente estávamos rompendo nosso apartamento porta adentro. Ela me seguiu até o meu quarto e se sentou na minha cama.

— Estou ouvindo — falou encostando-se na parede.

— Não foi nada disso que pareceu — falei gaguejando. — Nós só temos um carinho muito grande pelo outro.

— Pode parar por aí — ela me cortou. — Se for para falar mentiras, me deixe com as minhas próprias conclusões.

— Eu não posso te contar a verdade, Cami — falei me sentando ao lado dela. Eu estava lutando contra as lágrimas que insistiam em surgir, eu não podia perder a Cami.

— O caralho que não pode. Eu vou matar esse filho da puta por se aproveitar de você quando ainda estava abalada com toda aquela história do Vitor — ela bufou. — Você dormiu com ele ontem?

— Não é nada disso — falei.

Ela não podia ficar com raiva dele por uma coisa que não era verdade.

— Responde a droga da minha pergunta. Vocês dormiram juntos ontem?

— Ele é o Logan, Cami.

Ela ficou calada me olhando por alguns segundos, tentando juntar as peças do quebra cabeça.

— Você o chama de Logan? — perguntou confusa.

Eu neguei com a cabeça.

— Não, ele é o meu Logan.

Levantei da cama e fui até minha cômoda. Abri a gaveta e removi o fundo falso. Tirei de lá a única foto que eu tinha, eu não a pegava fazia meses. Nós dois deitados na grama. Eu estava escondendo meu rosto em seu peito. Ele sorria radiante para a câmera. Atrás estava escrito:

Como não sorrir quando estou segurando todo o meu mundo nos braços?

Por mais dias assim. Eu te amo, Mel, meu Mundo!

Seu L.

Eu entreguei a foto para ela. Sua mão cobriu a boca quando reconheceu as duas pessoas ali. Ela virou e leu o que estava escrito atrás.

— Vocês já se conheciam — constatou perplexa. — Só que ainda não entendi, ele te chamou de Mel aqui.

Então, eu contei tudo. Desde o início. Nossa amizade. Nosso namoro. As mortes e as loucuras. Depois que comecei não conseguia mais parar, tudo saía como uma chuva torrencial. Era como se o peso no meu peito estivesse

aliviando por finalmente ter alguém para contar toda a verdade. A cada palavra eu me sentia mais leve.

— Puta que pariu. Você pensava que ele estava morto todo esse tempo?

Continuei contando tudo até a cena que ela havia presenciado.

— Caramba. Por que nunca me contou nada disso, Gi?

— Eu não podia — respondi. — Acabei de te colocar em perigo te contando isso.

— Gi, ninguém deveria ter que esconder um segredo desses sozinha.

Ela me abraçou.

— Puta que pariu! — gritou enquanto me soltava.

— O que foi?

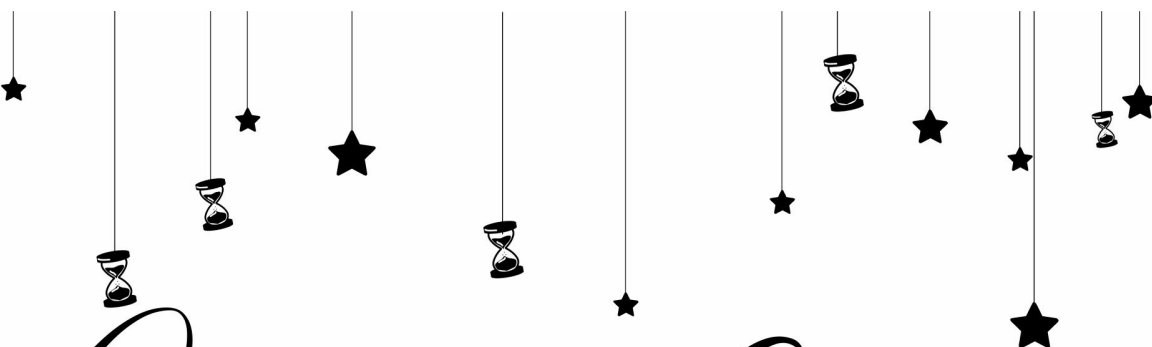
— Me lembro de ter falado coisas sobre suas teias de aranha perto dele.

Eu gargalhei, meio rindo e meio chorando.

— Agora que já sei de tudo. Me fala, sobre o beijo, corpo, tudo.

Claro que ela estava tentando amenizar a tensão que havia se instaurado no quarto desde que comecei a falar. Como sempre, ela sabia do que eu precisava antes mesmo de mim.

— Não vou te contar — respondi ainda rindo.



Capítulo 29

Logan

Eu:

Conversou com ela?

Eu estava inquieto em casa imaginando o que poderia estar acontecendo. Pelo menos não foi outra pessoa. Como eu fui descuidado dessa maneira? Poderia ter arruinado a carreira de nós dois caso qualquer outra pessoa nos visse juntos. Eu precisava me controlar e mantê-la afastada, não podia ser quem ia arruinar qualquer coisa na vida dela. Ela já sofreu demais

por minha causa.

O celular vibrou na minha mão e respirei aliviado com a resposta.

Mel:

Já resolvi tudo.

Não se preocupe.

Joguei-me no sofá e agradei por ter sido a Camila.

Passei a noite em claro virando de um lado para o outro na cama. Não consegui pregar os olhos.

Não podia deixar que isso se repetisse, tinha que manter minha palavra e ficar longe dela por mais um tempo. Não podia vê-la perder tudo que conquistou por minha culpa.

Passei as semanas seguintes me concentrado em tratá-la apenas como uma aluna. Podia ver que ela estava se ressentindo um pouco pelo regresso que tivemos, mas não podíamos correr o risco novamente.

Três meses depois da viagem e eu ainda não havia dormido direito nenhum dia. A cama parecia vazia demais ou muito fria. Eu sempre dormi sozinho, mas aquela única noite com ela atrapalhou toda a minha rotina.

Viciei ao primeiro gole e queria mais, muito mais.

Assim que o sol apareceu, levantei da cama e corri pelo bairro da minha casa para sentir um pouco do ar fresco antes de me arrumar para a aula.

Fui para a faculdade e entrei na minha sala para separar as pautas das aulas do dia. O sinal tocou para os alunos irem para as salas. Acomodei-me na minha cadeira folheando a pauta da primeira aula esperando o sinal dos professores.

A porta da sala se abriu com um barulho forte, assustando-me no processo. Ninguém entrava aqui sem bater primeiro, mas relaxei quando vi quem era.

— Bom dia, Alexandre.

— Não tão bom, Adrian — respondeu.

Parei o que estava fazendo para observá-lo.

— O que aconteceu?

— Eu recebi uma notícia hoje de que não gostei nenhum pouco. — Ele se sentou na cadeira de frente para mim e ajustou os óculos no rosto. — Me informaram que você está envolvido com uma de nossas estudantes.

Meu corpo gelou com aquelas palavras, tentei me manter no controle, não poderia deixar uma sombra de dúvida passar pelas minhas feições.

— Isso não é verdade.

— Eu espero realmente que não seja, mas preciso que me acompanhe até a coordenação. A aluna também estará lá para que possamos esclarecer tudo.

Eu concordei e o acompanhei até a coordenação. Melissa negaria tudo, assim como eu. Seria a nossa palavra contra a de quem quer que nos tenha entregado. Se tivessem provas, eu assumiria toda a culpa, não deixaria mais nenhuma das minhas merdas caírem em cima dela.

Entramos na sala da coordenação, mas não era a Melissa que estava lá. Era a Beatriz. Foi quando as peças se encaixaram na minha cabeça. A fofoca que a Mel escutou no banheiro, eu nunca a confrontei por aquilo e a mentira deve ter se espalhado.

Ela se encolheu na cadeira quando me viu entrar.

Alexandre sentou na cadeira dele, eu permaneci em pé. Apenas cruzei meus braços.

— Eu achei que não precisaríamos chegar a esse ponto, Beatriz — falei.

— Me desculpe, Adrian. Eu não sei quem contou sobre nós para eles.

— Do que você está falando? Nunca existiu nenhum nós.

Os olhos dela encheram de água. O que ela está fazendo?

— Você falou que me amava.

— Tudo bem, vamos nos sentar para resolver tudo isso — Alexandre falou apontando para a cadeira vaga, para que eu me sentasse. Eu me sentei e o encarei.

— Beatriz, diga como tudo aconteceu.

— Eu e o Adrian sempre trocamos alguns olhares diferentes, eu o via me olhando e me sentia privilegiada de no meio de tantas meninas eu ser a única que ele notou.

— Isso é um absurdo, eu nunca olhei para você de forma que não fosse profissional.

— Adrian, por favor, vai chegar a sua vez.

— Nós começamos a nos encontrar. Era só para conversar, nada de mais. Eu acabei me apaixonando. — Ela sorriu de leve.

Essa garota era uma dissimulada. Qual o prazer em acabar com a carreira de alguém por nada? Ninguém nunca acreditaria em mim.

— Mas nada aconteceu até na viagem. Eu estava voltando do show quando o vi no bar do hotel. Acabamos bebendo um pouco demais, ele me ajudou a ir até o meu quarto e quando chegamos lá acabou acontecendo. Eu sei que ele é meu professor e foi errado, mas eu não me arrependo, pois foi maravilhoso. Nós estamos apaixonados, não pode culpá-lo por uma coisa que

ele não tem controle.

Alexandre cruzou os braços no peito e fechou a cara. Eu sabia que ele havia acreditado antes mesmo dele me olhar.

— O que tem para dizer, Adrian?

— Ela está mentindo, mas sei que não acredita. Então vou apenas juntar as minhas coisas e deixar vocês cuidarem da divulgação dessa falcatura.

— É mais grave que isso Adrian. Você pode perder o direito de dar aulas. Eu terei que enviá-lo para o conselho disciplinar.

— Faça o que precisa fazer e me informe sobre onde precisarei estar — respondi me levantando.

— Não vai nem tentar se defender? — perguntou ele.

— Eu estava em meu quarto, sem ninguém por perto e nada que possa provar que eu não fiz isso. Então não, não vou ficar gastando saliva. Quando eu tiver alguma coisa concreta, tentarei me defender, por enquanto é só a minha palavra contra a dela.

A expressão do Alexandre suavizou quando respondi e ela se derramou em lágrimas.

— Por que você está me tratando assim? — perguntou. — Diga a verdade, por favor.

Eu não a respondi, apenas saí pela porta como se ninguém tivesse falado comigo.

Até eu quase acreditei nela, mesmo tendo certeza de que não havia feito aquilo. Era só o que faltava. Como se eu já não tivesse problemas suficientes para lidar, agora ainda terei que resolver isso.

Retornei à minha sala, gritei com as paredes e chutei o cesto de lixo esparramando papel por toda parte.

Por que essas merdas tinham que acontecer logo quando tudo estava começando a se ajeitar?

Juntei minhas coisas com força, jogando-as na caixa, queria estar fora dali o mais rápido possível. Ainda não estava acreditando que aquilo estava acontecendo, estudei e me dediquei a vida inteira por isso e as pessoas nem sequer questionam quando levantam um falso testemunho contra mim. Minha palavra deveria valer mais.

Já estava me retirando quando meu celular começou a tocar em meu bolso. Era uma ligação internacional de um número desconhecido. Atendi e a Detetive Emma se identificou do outro lado.

— Me dê alguma notícia boa, porque achar alguma coisa sobre esse cara está sendo mais difícil do que imaginei — falei. — Estou em um dia péssimo, preciso de algo para me animar.

— Foi bem difícil encontrar alguma coisa, ele tem muitos documentos confidenciais. Ele é filho de um ator muito conhecido no Brasil. O papai tem outras atividades além da televisão, que geram uma quantia absurda de dinheiro. Contudo, vamos ao que interessa. Consegui acessar uma ordem de restrição que ele tem. Uma menina alegou que ele a estuprou. Nunca foi provado nada. As acusações foram retiradas alguns meses depois. Consegui os dados da menina. Vou te encaminhar todos os detalhes por e-mail.

Meu sangue, que já estava fervendo, começou a borbulhar de raiva. Se ele encostou um dedo nela, tentando forçá-la a alguma coisa, eu juro que podia matá-lo.

— Obrigado, Emma.

Desliguei o telefone e o olhei por um momento, respirando fundo, tentando controlar meus nervos. Precisava ir direto para casa, sem nenhuma pausa, sem nada que me fizesse tomar uma atitude que pudesse me arrepender. Precisava me acalmar antes de fazer qualquer coisa.

Saí da minha sala e me arrastei pelo corredor em direção ao refeitório que ficava próximo ao estacionamento dos professores onde meu carro estava parado.

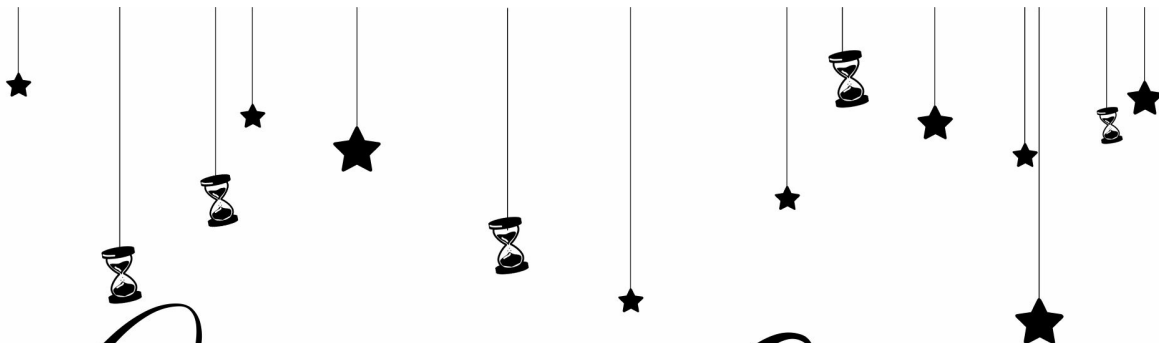
Estava há poucos metros da porta que dava para fora quando me chamaram do refeitório.

— Não é que você é persistente mesmo professor? — um aluno que estava cercado por vários outros comentou rindo. — Quantas alunas você comeu na surdina antes de te dedurarem?

— Aposto que aquelas suas alunas do projeto tiveram que rebolar para conseguir aquelas vagas — completou o Vitor, que estava ao lado dele, com um sorriso convencido no rosto. — E você falando que eu quem tinha motivos para ir para a coordenação, professor — pronunciou de maneira cínica.

Ele devia achar que era o centro do mundo. Uma pena que não estava ciente de que eu não estava no meu melhor momento para ser provocado, principalmente por ele. Eu sabia que precisava sair dali, mas cenas do Vitor a segurando, a machucando, pipocaram na minha cabeça, fazendo a raiva que eu já estava sentindo arder em cada terminação nervosa do meu corpo.

Eu queria dizer que era uma pessoa controlada e virei as costas para ele e todos que estavam ali esperando minha reação, mas não tinha sangue frio o suficiente para quando imagens dele machucando a pessoa mais importante da minha vida nublaram meus sentidos e meu controle ruiu.



Capítulo 30

Giovana

Olhei para o relógio mais uma vez. Logan estava atrasado há quase meia hora para a aula, ele nunca se atrasava. A única coisa que estava me distraindo era o sorriso da Cami ao contar sobre o pedido de namoro do Bruno. Ele fez uma noite super-romântica ontem para fazer o pedido e ela acordou tão feliz que fui obrigada a perguntar sobre o ódio dela por sorrisos matinais. Ela deu de ombros e falou que estava começando a me entender. Prefери não tocar no assunto dele ser casado, achava que não seria um bom momento.

— Bom dia, turma — Alexandre falou entrando na sala.

Ele se posicionou na frente e chamou atenção para que todos ficassem em silêncio.

— Infelizmente o Dr. Scott foi afastado por alguns dias, então durante esta semana as aulas dele estão suspensas. Creio que até segunda que vem já teremos um substituto.

— O que aconteceu com ele? — uma menina na primeira fileira perguntou.

— Por enquanto só estamos confirmando algumas suspeitas, nada que vocês devam saber ainda.

— Tenho certeza de que é sobre aquela gostozinha que ele pegou — outro lá atrás gritou. — Deve ser por isso que ela também não está por aqui hoje.

— Não vamos espalhar fofocas sem fundamento — Alexandre falou.

Camila me olhou com os olhos arregalados ao mesmo tempo em que eu a olhei.

— Beatriz? — perguntou.

— Só pode ser.

Eu corri até o Alexandre e o alcancei antes dele sair da sala.

— Alexandre, por acaso essa menina é a Beatriz?

— Eu nem confirmei que é sobre esse boato — respondeu.

— Tudo bem, mas se for eu gostaria de informar que estava sentada na poltrona da frente do Dr. Scott na viagem e escutei-a dando em cima dele e ele pediu para ela se afastar e ameaçou levar o caso à direção — falei. — Só não acho certo ele ser punido por uma coisa que não aconteceu.

Ele passou a mão na barba e ajustou os óculos, pensando por um tempo.

— Eu não posso fazer nada com essa informação agora, mas você pode defendê-lo para a banca do conselho disciplinar.

— Eu adoraria. Ele é realmente um ótimo profissional e odiaria...

Minha frase ficou perdida no tempo quando vários alunos vieram correndo em nossa direção contando sobre a briga no refeitório do professor Scott.

Toda a turma correu para lá querendo saber o que estava acontecendo. Eu senti meu coração na boca com o medo do que poderia estar acontecendo.

Quando chegamos lá, os dois estavam separados, sendo segurados por outras pessoas.

— Você vai pagar por isso seu professorzinho de merda! — Vitor gritou. — Você acabou de colocar o ponto final da sua carreira.

Pelo fogo dentro dos olhos do Logan, eu sabia o porquê da briga.

Ele descobriu. Ele sabia o que acontecera entre mim e o Vitor. Como ele descobriu?

Havia um corte em seus lábios, mas ele definitivamente tinha saído ganhando, pois o rosto do Vitor estava completamente machucado.

Eu queria tirá-lo dali, levá-lo para longe daqueles olhos recriminadores das pessoas que não sabiam merda nenhuma sobre o que tínhamos passado e o porquê dele avançar para cima daquele filho da puta.

Ele conseguiu se livrar das pessoas que o seguravam e saiu do refeitório em direção ao estacionamento, ignorando os gritos do Alexandre para que ele parasse.

Eu queria segui-lo, mas não poderia fazer isso sem levantar bandeira para nós dois. Ainda mais depois dele bater no meu ex-namorado.



Ele não me atendia, não respondia minhas mensagens, não havia sinal dele em lugar algum. O desespero começou a me corroer. O medo de perdê-lo novamente era gigante.

E se ele tivesse ido embora e me deixado sozinha?

Não o achei na casa dele, nem na minha. Eu não tinha ideia de para onde ele poderia ter ido. Nenhuma pista.

— Calma, Gi. Nós vamos encontrá-lo — Cami falou segurando minha mão, enquanto eu olhava pelas janelas do carro à procura dele em cada esquina que passávamos.

Eu já estava em pânico quando o celular começou a tocar no final da tarde. O sol começava a se esconder por trás do horizonte.

— Logan? Onde você está? — perguntei afobada.

— Por que você não me contou a verdade?

— Porque eu não queria que isso acontecesse.

— Ele... droga... ele te forçou a alguma coisa? — perguntou com dificuldade.

Senti meus olhos começarem a lacrimejar, mas não consegui dizer as palavras em voz alta.

— Não faça nada estúpido, vem para minha casa para podermos conversar, não vou falar nada por telefone. Preciso te ver.

— Me responde! — implorou do outro lado.

— Encontre comigo e eu te conto o que você quiser.

— Estou indo para sua casa agora.

— Ele descobriu tudo — sussurrei para a Cami.



Meu coração estava quase pulando para fora da boca quando o porteiro informou que ele estava subindo. Fiquei esperando-o em frente ao elevador. As portas mal se abriram e ele já estava correndo em minha direção. Agarrou-me com força e enterrou o rosto nos meus cabelos. Quando finalmente me olhou, pude perceber seus olhos vermelhos. Isso me trouxe à memória a primeira vez que nos vimos, aquele pequeno garoto que conheci anos atrás. O garotinho triste que havia perdido seu melhor amigo. Agora seu coração estava despedaçado novamente, por mim.

— Vamos entrar — falei.

Ele concordou com a cabeça, segurou minha mão e me puxou para dentro do apartamento. Cami havia saído para nos dar privacidade para conversarmos. Então o levei para a sala e o puxei para o sofá. Sentamo-nos e ele me puxou para os seus braços novamente. Ele não ficava nenhum segundo sequer sem me encostar.

— O que o Vitor fez com você, Mel? — perguntou num sussurro sem

muita vontade, como se temesse minha resposta.

Eu me afastei um pouco para olhá-lo nos olhos e tomei uma grande lufada de ar para responder.

— Ele não me estuprou — falei pausadamente me adaptando a palavra que desde o dia em que aconteceu eu ainda não havia ousado pronunciar.

Ele suspirou aliviado e jogou a cabeça para trás no sofá. Queria deixá-lo assim, queria não precisar ter que contar tudo, mas eu não podia mais esconder isso, principalmente depois de tudo o que aconteceu. Não deveria ter escondido isso dele em momento nenhum.

— Mas ele tentou — continuei em um sussurro, querendo que ele não ouvisse. Só que pela expressão em seu rosto, eu sabia que tinha escutado.

Ele sentou ereto novamente e seus olhos faiscaram de uma maneira que eu nunca havia visto. Ele fez uma tentativa de se levantar, mas eu o puxei de volta para o sofá e me sentei em seu colo, de frente para ele, para impedi-lo de sair dali. Eu não o deixaria fugir de mim novamente.

— Eu vou matá-lo, Melissa — falou de olhos fechados dando um soco forte no sofá. — Juro para você que vou matá-lo.

Eu segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Olha para mim — pedi.

Ele abriu os olhos e encarou o meu. Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Eu preciso de você, Logan. Se você fizer qualquer coisa a ele, você não poderá estar aqui para mim. Você pode perder sua carreira, pode ser preso. Eu não posso suportar ser o motivo de nenhuma dessas coisas. — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e seu olhar suavizou. — Eu preciso de você aqui comigo! Você tem noção do problema que vai ter por arrumar briga com ele dentro da faculdade?

Ele encostou a testa na minha e me abraçou forte.

— Foda-se a minha carreira. Ele tem que pagar pelo que fez, Mel. Você não pode deixá-lo se livrar assim — respondeu em meio às lágrimas que acompanharam as minhas. — Eu não consigo suportar saber que alguém fez isso a você. Uma pessoa que não faria mal nem a uma mosca. Isso não pode ficar assim. Ele precisa ser preso por isso.

— Ele tem dinheiro, Logan, mesmo que eu entre com um processo, pode nunca dar em nada.

— Eu não tenho tanto dinheiro, mas posso conseguir. Nós vamos à polícia agora. Não me importo que eu tenha que vender minha alma por isso, precisamos fazer alguma coisa.

— Ele é filho de famoso, vida, você melhor do que ninguém sabe o

porquê não podemos fazer isso.

Logan jogou a cabeça para trás frustrado com a situação. O silêncio tomou o cômodo por quase dez minutos. Ficamos ali apenas confortando um ao outro.

— Eu o odeio, Mel. Eu odeio pelo que ele nos fez passar e por não poder fazer nada por causa dele. — Eu sabia que ele já não estava mais falando sobre o Vitor e sim sobre o pai.

— Só por causa daquele filho da puta eu vou ser obrigado a deixar um cara que tentou te... — Ele pausou a fala abruptamente e respirou fundo. — Eu não consigo nem falar sobre isso, se você não tivesse me obrigado a vir para cá, eu não sei o que seria capaz de fazer.

— Eu não quero que você faça nada, foi por isso que não queria que você soubesse. Você já vai ter que enfrentar o conselho disciplinar, não acumule mais coisas.

— Eu não me importo de ser expulso.

— Eu me importo e vou resolver isso.

Ele me abraçou forte e eu me deixei ser engolida por aqueles braços.

— Não se meta nisso, Melissa, eu não posso permitir que você se envolva. Eu não quero, por favor — falou no meu ouvido.

— Você sabe que eu não posso deixar isso passar batido.

— E eu não posso deixar você agir como alguém apaixonada, eles descobririam.

— Ninguém vai descobrir nada.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntou me soltando. — Como?

— Muita coisa ruim já aconteceu conosco — respondi baixo.

— Isso não significa que nada mais vai acontecer. A uma altura dessas, você já deveria saber disso.

Ele segurou meu rosto. Obrigando-me a olhá-lo.

— Nós precisamos parar de nos ver por enquanto — falou tentando parecer firme, mas a tristeza em seus olhos entregava que ele não queria aquilo.

— Você ficou louco? Nós já mal nos falamos nos últimos meses. Não quero que passe por tudo isso sozinho.

— Eu não posso correr o risco de te perder por não esperar mais um pouco, Mel.

— Você não vai me perder se descobrirem sobre nós — retruquei para que ele percebesse o quanto estava sendo idiota. — Eu te esperei mesmo quando não deveria, vamos enfrentar juntos tudo o que vier.

— Não de imediato, mas quando descobrirem, você vai aguentar os olhares no corredor? Os cochichos por trás das suas costas? A gozação? Em alguns meses você se formará com todos falando que só conseguiu, pois dormiu com todos os professores? Em alguns anos vai culpar a escolha que tomou aqui, neste dia, por não ter conseguido um bom emprego, já que ninguém te recomendou, além do seu namorado. E verá tudo que planejou jogado pelo ralo apenas porque não quis esperar alguns meses a mais. É apenas por alguns meses, Mel. Eu mais do que ninguém sei como é difícil ficar longe de você, mas temos muito a perder e isso não é um adeus, só um até logo.

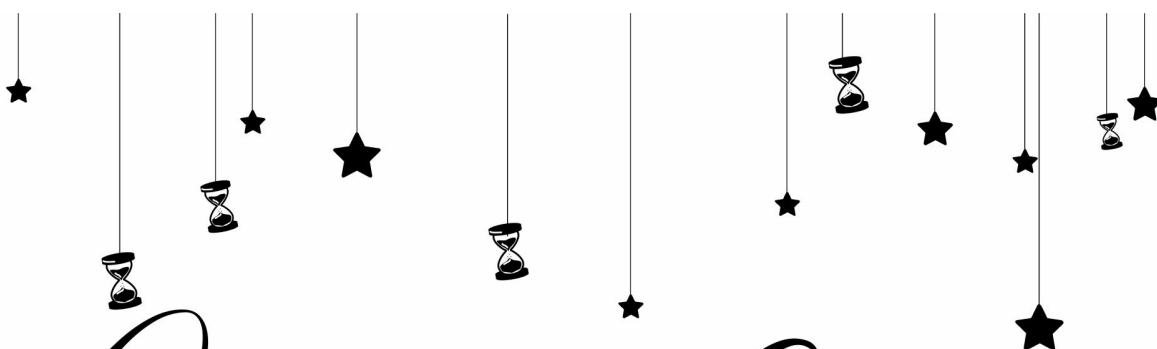
Eu soluzei, mas forcei as lágrimas a não caírem.

— Alguns meses — concordei.

— Eu te amo mais do que você pode imaginar, Mel — sussurrou antes de me soltar e me tirar de cima dele.

— Eu também, vida.

Ele me lançou um sorriso triste e saiu pela porta.



Capítulo 31

Giovana

Havia passado algumas semanas desde que estive com o Logan. Ele estava seguindo a risca o que falou. Todas as vezes que eu tentava conversar com ele sobre alguma solução, ele implorava para que eu não me envolvesse. Ele estava fazendo isso para evitar que algo recaísse sobre mim caso não achássemos uma solução, eu faria o mesmo se a situação fosse inversa, só que sabia muito bem que ele não aceitaria ficar só olhando, e eu também não.

Estava há semanas procurando uma solução para o nosso problema, mas todas as vezes tinha telefonemas sendo desligados na minha cara. Ninguém estava disposto ou interessado a ajudar, ainda mais quando não

tinha nada a oferecer em troca. Se eu tivesse ao menos algum dinheiro talvez fosse mais fácil, porém nem isso eu tinha, só podia contar com a boa vontade dos outros de ajudar ao próximo, que normalmente era nula.

Queria ter conseguido pensar em uma maneira de resolver isso sem precisar envolver outras pessoas no meio dessa bagunça, mas estávamos chegando ao dia em que a carreira do Logan ia entrar em jogo e eu ainda não havia conseguido nada para ajudá-lo. Então, a Cami era minha última esperança de conseguir algo.

— Cami, eu preciso da sua ajuda — falei assim que ela cruzou a porta do nosso apartamento, assustando-a no processo, já que a sala estava num breu completo e eu parecia um fantasma sentado no sofá.

Eu estava um pouco nervosa com o pedido, não sabia como ela reagiria e terei que entender se ela decidir não me ajudar.

— Ao seu dispor — respondeu se juntando a mim.

— Me desculpe por pedir isso, sei que você não fala com seu pai há um tempão, mas eu não pediria se tivesse alternativa.

Ela franziu o cenho.

— Ok, me fale logo o que é, estou começando a ficar preocupada.

— Sabe o hotel em que ficamos hospedadas na viagem?

Ela concordou com a cabeça.

— Já estou há dias tentando conseguir as gravações para ajudar o Logan, mas sempre recebo a mesma resposta. Não, não e não. Que é privacidade dos hóspedes e toda essa merda. Eu já estou desesperada, a audiência do Logan com o comitê disciplinar é amanhã, e sem isso será apenas a palavra dele contra a daquela desgraçada.

— E o que meu pai tem a ver com tudo isso? — perguntou.

— Durante uma das pesquisas, descobri que seu pai é um dos acionistas dessa rede de hotel.

— Esse deve ser algum investimento novo. Quando nós ainda conversávamos, ele não tinha investimentos na hotelaria...

— Foco, Cami!

— Claro, desculpa. Você quer que eu fale com ele e peça as filmagens?

— Sim, mas se você achar que é demais, eu entendo.

Ela sorriu para mim.

— Gi, eu faria qualquer coisa para te ajudar. Você merece seu pedacinho de felicidade depois de tudo que passou.

— Obrigada. Obrigada. Obrigada — disse pulando no pescoço dela.

— Não posso garantir nada, mas vou tentar. Deve ter pelo menos dois

anos que não falo com meu pai.

— Eu juro que vou te recompensar por isso.

— É só não se esquecer de mim quando estiver vivendo o seu felizes para sempre com o Dr. Scott.

— Nunca esqueceria.

A família da Cami era uma das mais ricas do Brasil. Não duvidava que mais da metade dos negócios do país tivessem um dedo deles. Eles eram daquele tipo de pessoa que acham um absurdo diferentes classes sociais se misturarem, nasceram ricos e agem como se o mundo lhes devesse um favor. Eu realmente não sabia como minha amiga conseguiu se tornar alguém tão diferente deles.

Os pais da Cami sonhavam que ela tivesse uma “profissão de verdade”, vulgo fosse médica. Criaram-na desde que nasceu para isso, assim como o irmão dela foi criado para assumir os negócios do pai. No entanto, só de olhar para sangue ela quase desmaia, dizia que morreria antes de conseguir terminar uma aula de anatomia com todos aqueles cadáveres, e o fato dela não querer fazer o que eles planejaram para ela desde criança os deixou enfurecidos.

Esse sonho de ser uma cantora e ter uma banda irritou o pai dela, que tentou de todas as formas esmagá-lo, mas a Cami nunca desistiu. Ela tentou

seguir a carreira musical por alguns anos. Quando viu que não seria tão fácil, cedeu um pouco, porém a relação com o pai nunca voltou a ser a mesma. Principalmente depois que ele jogou na cara dela que era perda de tempo toda essa dedicação e que ela nunca seria conhecida por “essa música horrorosa que faz”.

De tanto ouvir palavras negativas vindas dos pais, ela acabou desistindo dos sonhos. Largou a ideia de ir para um conservatório musical e foi fazer faculdade, porém se negou a fazer medicina, optou pela mesma profissão do irmão, o que o deixou cheio de ódio, pois falou que a irmã queria roubar o lugar dele na empresa do pai. O que ela nunca negou, só para irritá-lo, apesar de não ter a menor vontade de trabalhar lá.

Desde então, ela seguia as ordens do pai. Era a primeira da faculdade e não duvidou nada que será excelente se realmente for exercer a profissão. O único ato de rebeldia dela era ainda ter a banda, mas é claro que o pai não tinha ideia disso, ele achava que tudo acabou no dia em que ela entrou para a faculdade.

As conversas dos dois eram remediadas pela mãe da Cami, ela mesma não falava com ele há anos. Por isso, sabia o quanto significava nossa amizade quando ela aceitou fazer isso por mim.



Eu estava encarando o celular, sem acreditar na notícia que havia acabado de receber. A conversa que acabara de ter ficava repassando em minha cabeça, “ele foi preso, vocês estão a salvo”. Eu não precisava mais me esconder, não precisava ter medo dele me encontrar, ele não poderia mais me encontrar. O filho da puta que tirou todos que eu amava finalmente ia pagar pelo mal que fez. Esperava que apodrecesse pelo resto da vida naquela maldita prisão.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto, toda a dor e medo que guardei por tanto tempo estavam enfim sendo libertados.

Os problemas que eu e o Logan estamos enfrentando hoje ficaram até mais leves. Se o Robert foi à justiça, sendo um traficante poderoso, uma aluna idiota querendo destruir a vida dos outros com mentiras não ia se safar. Hoje era um dos melhores dias da minha vida e não ia deixar que ela estragasse isso, eu ia esfaляlá-la em frente ao conselho. Nada ia me segurar.

Eu ainda precisava fazer uma coisa antes de ir para a reunião do conselho disciplinar. Adiei o máximo que consegui, mas se eu quisesse mesmo ajudar o Logan precisava fazer isso.

Cami ainda não tinha conseguido nada com os pais, e eu precisava livrá-lo de alguma coisa pelo menos, custe o que custar.

Não acredito que estava fazendo isso. Logan e a Cami me matariam se desconfiassem. Fiquei encarando o celular por quase meia hora antes de apertar para discar.

— Giovana?

— Oi, Vitor — respondi seca.

— Como você está?

— Não te liguei para jogar papo fora, Vitor. Quero que você faça uma coisa.

— O quê?

Respirei fundo e respondi:

— Quero que você retire todas as acusações contra o Dr. Scott.

Ele gargalhou alto do outro lado.

— Isso não vai rolar.

— Se isso não rolar, irá rolar outro processo sobre uma tentativa de estupro.

— É minha palavra contra a sua.

— Claro, mas tem também os vídeos de segurança do hotel, e a

Camila que me buscou e viu meu estado. Pode não ser muita coisa, mas é um processo no qual tenho certeza de que seu paizinho não vai querer ver seu nome.

— Você está exagerando, Gi, foi só uma coisa estúpida de um garoto bêbado. Eu nunca quis te machucar. Você sabe disso. Acha mesmo que mereço um processo pelo que aconteceu naquela noite?

— Acho — respondi. — Você tem duas horas para retirar todas as acusações e ir até a faculdade e assumir toda culpa pelo que aconteceu. Se acha que estou blefando por não ter feito nada até hoje, me teste e verá o que vai acontecer.

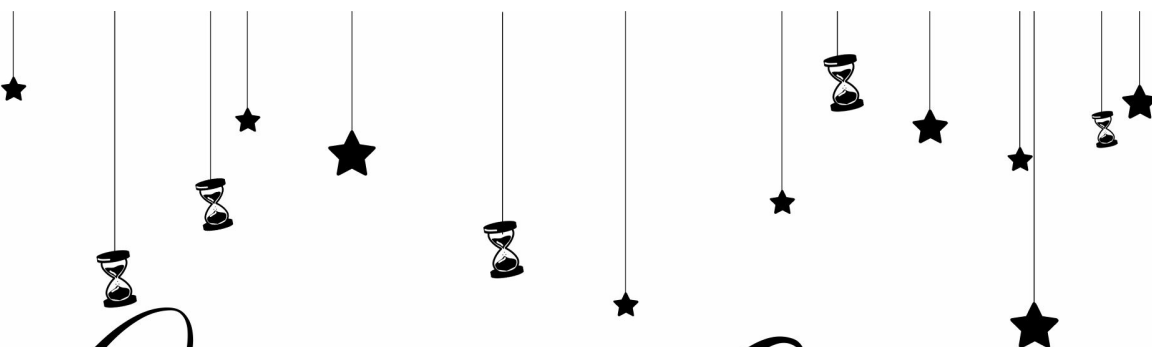
— Giovana, as coisas não são tão simples assim, as pessoas viram que ele me atacou.

— Tenho certeza que consegue inventar uma história boa para explicar isso. Duas horas!

— E como vou saber que se fizer isso você não entrará com um processo contra mim?

— Acho que terá que acreditar na minha palavra.

Desliguei o telefone na cara dele com o coração martelando no meu peito, estava me sentindo uma mafiosa depois dessa conversa.



Capítulo 32

Logan

Eu cheguei quinze minutos adiantado. O conselho já estava quase completo dentro da sala conversando.

Falei para a Melissa que não me importava com tudo isso, pois sabia que seria quase impossível conseguir sair ileso dessa, principalmente depois de me envolver em uma briga da qual não teria como explicar. Era uma merda saber que uma vida inteira de esforço podia ser destruída tão fácil com uma mentira. Entendia pessoas que queriam atenção e faziam de tudo por seus cinco minutinhos de fama, mas destruir a carreira de alguém para isso era muito baixo.

A faculdade conseguiu manter o meu confronto no refeitório por baixo dos panos, mas eu tinha certeza de que o assunto surgiria hoje. Até porque tinha uma ação judicial correndo contra mim por conta disso. Por enquanto, eu só torcia para a mídia ficar longe. Como pude ser tão imprudente?

— Adrian — Alexandre chamou. Demorei alguns segundos para me lembrar de que esse era meu nome e atender ao chamado. Levantei meu olhar e ele me deu um leve aceno de cabeça.

Logo atrás dele vinha a Mel. *O que ela estava fazendo aqui?* Meu peito se apertou ao vê-la, ainda mais quando um sorriso brilhou em seu rosto assim que nossos olhos se encontraram.

— Bom dia, Alexandre — cumprimentei tentando soar totalmente tranquilo.

Ele passou por mim e entrou na sala onde o conselho estava reunido.

Esforcei-me para voltar minha atenção para o chão depois que ele se foi.

Então, meus pensamentos inundam minha cabeça, com medo do por que dela estar aqui. Nós não nos encontramos depois daquele dia que fui ao seu apartamento. Fiquei com medo de levá-la para o buraco junto comigo. Ela encheu minha caixa de e-mails e mensagens, mas eu não a respondi, por

mais que estivesse doendo. Eu estava com medo de fazê-la perder tudo novamente, não poderia ser o culpado por isso duas vezes.

Em nenhuma das mensagens ou e-mails, ela mencionou que estaria presente hoje. Talvez, se eu tivesse respondido, ela teria me contado. Agora meu estômago dói com a possibilidade dela se entregar só para poder ver a Beatriz quebrar a cara. Tinha certeza de que ela não se importaria de sujar o próprio nome para isso. Só que eu não podia suportar o que pensariam dela, pessoas achando que ela deu em cima de um professor casado, que ela destruiu uma coisa que nunca existiu.

Meu celular tocou no meu bolso me assustando. Era um número composto por vários zeros. Estranhei, mas decidi atender.

— Adrian Scott? — O homem do outro lado da linha perguntou depois que atendi.

— Sim, com quem eu falo?

— Aqui é o agente Robson — Respondeu a voz em inglês. — Estou encarregado do caso Harpia há pouco mais de cinco meses.

Aquelas palavras prenderam minha atenção. Esse era o caso daquele filho da puta que tirou tudo de mim. Será que teria que fugir novamente? Trocar de identidade outra vez? Eu não aguentava mais ter que fugir da minha vida por causa desse infeliz.

— Certo — pronunciei cauteloso, agora falando no mesmo idioma dele.

Olhei de relance para a Melissa, ela me observava atenta. Eu não podia deixar nenhuma emoção transparecer caso as notícias não fossem boas. Ela perceberia.

— Estávamos tentando entrar em contato com você tem algumas horas, estou ligando para informar que conseguimos prendê-lo.

Eu não sabia se havia escutado certo. O mundo parecia ter parado de girar.

— Vocês o prenderam? Tem certeza disso? — perguntei me levantando da cadeira em que estava sentado.

— Estamos o interrogando nesse exato momento, ele confessou todos os crimes. E uma testemunha o reconheceu.

— Obrigado, eu não sei nem como começar a agradecer.

Eu queria gritar. Queria pegar a Mel em meus braços e esmagá-la, beijá-la e comemorar a melhor notícia que eu poderia ter recebido. Era indescritível o alívio que estava sentindo.

— Não se preocupe com agradecimentos, ele pagará pelo que fez com você.

Ele me passou algumas informações sobre como lidaríamos com as

coisas a seguir. Sobre como poderíamos ter nossas identidades de volta e viver as nossas vidas sem nos preocuparmos que alguém aparecerá do nada para arrancá-la de nós.

Durante os dez minutos seguintes, depois de desligar o celular, eu me esforcei mais ainda para não olhar para a Melissa. Queria correr ao seu encontro, dizer que estava tudo bem agora, que não havia mais ninguém para nos machucar. E principalmente, que poderíamos viver aquela vida que sempre desejamos. Aquela vida que discutíamos nos braços um do outro, as viagens, os sonhos, poderíamos viver tudo que quiséssemos.

— Beatriz — Uma mulher chamou na porta me arrancando dos meus devaneios e me trazendo para a realidade que nos encontrávamos agora. — Pode entrar.

Eu sentia os olhos da Mel em mim a todo o momento, estudando-me. Era quase uma tortura não olhar de volta, mas havia muitas pessoas ali, não queria que ninguém percebesse nada. Será que ela já sabia?

Depois do que pareceu um século, Beatriz saiu de dentro da sala aos prantos. Abalada, se apoiando na amiga que a esperava logo na porta e me olhava com ódio nos olhos.

O que eu fiz para merecer isso?

Logo depois pediram que eu entrasse.

O ar leve da boa notícia que eu havia acabado de receber se dissipou totalmente quando cruzei a porta da sala e todos me analisaram enquanto eu me dirigia para a cadeira vaga de frente para aquela mesa enorme ocupada por sete pessoas.

— Bom dia, Dr. Scott. Eu sou a Dra. Barcellos, nós iremos lhe fazer algumas perguntas.

Acenei com a cabeça em concordância e ela prosseguiu.

— Conte-nos sobre todas as vezes que você esteve com a aluna Beatriz Valares.

Então eu contei sobre todas as vezes que ela apareceu na minha sala ou me cercou depois das aulas, também falei sobre a única vez em que ela foi mais agressiva e se jogou em cima de mim, no ônibus.

— E o que o senhor estava fazendo na noite de sexta para sábado durante a viagem que fez com os alunos?

— Estava no meu quarto me preparando para a palestra que daria na manhã seguinte.

— Teve contato com qualquer pessoa que possa confirmar isso?

— Não.

— Nem sequer um funcionário do hotel?

— Não, eu já havia jantado por volta das oito da noite e não demorei muito para dormir depois de ajeitar tudo que precisava.

— Então o Senhor está afirmando que nunca teve qualquer tipo de relacionamento, além do profissional, com a aluna Beatriz Valares?

— Sim, nunca tive qualquer envolvimento com a aluna.

— Por que não delatou a aluna após o ocorrido no ônibus?

— Eu acredito que todos merecem uma chance, não ia destruir seu nome perante a faculdade por um ato estúpido, que estava parecendo mais como um desafio de alguma brincadeira feita por alguma colega. Nunca esperaria que isso tomasse proporções tão grandes.

— Então, o senhor preferiu ignorar a norma da instituição para “dar uma segunda chance” à aluna? — fez umas aspas exagerada ao perguntar.

— Eu só acho que qualquer pessoa que tenha cometido pela primeira vez um deslize merece uma segunda chance, mas nesse caso tenho que concordar que foi estupidez da minha parte. Infelizmente, acredito no melhor das pessoas.

— Claro, o bom samaritano — outra mulher que estava na bancada comentou baixo com o colega ao lado, não baixo o suficiente para que eu não escutasse. E tinha certeza de que era essa sua intenção.

— E o que o levou a bater em um de nossos alunos? Você sabe quem

é o pai desse aluno? — perguntou ríspida. — Foi um sacrifício conseguir que não divulgassem tudo isso. Espero que tenha uma excelente explicação.

— Eu não darei uma explicação. E sim, sei quem é o pai dele. — respondi. Se alguém fosse contar a verdade sobre isso, teria que ser ela, o segredo não era meu para contá-lo.

— Como assim não dará uma explicação? Você simplesmente bateu nele sem motivo?

— Não, eu não disse que não tinha motivo, eu disse que não falarei qual foi.

— Você está ciente do que está em jogo aqui, Dr. Scott? Você pode perder sua carreira, todo o seu trabalho.

— Eu estou ciente.

— Obrigada, Dr. Scott. Agora nós iremos convidar algumas testemunhas que presenciaram alguns acontecimentos. Contudo, só por sua falta de interesse em se defender, já podemos presumir que tem muita coisa errada aí, não é mesmo? — falou irritada.

Ela se levantou e chamou as outras pessoas da porta. Entraram outras duas alunas além da Melissa, Camila e Beatriz. Sendo que as duas desconhecidas eram testemunhas da Beatriz.

A primeira se chamava Amanda e falou sobre como a Beatriz desde

alguns meses atrás andava sonhadora e apaixonada, mas sempre cheia de mistérios, que nunca havia contado a ninguém sobre quem era e que quando tudo vazou foi um choque para todas elas, já que todas sabiam que eu era casado.

Olhei para a Melissa de relance e reparei no rosto vermelho de raiva, ela precisava aprender a esconder melhor as emoções. Depois ainda queria discutir comigo sobre como ela não deixaria ninguém perceber.

A segunda afirmou ter me visto no bar antes de sair para os shows, o que era mentira. Não frequentei o bar do hotel em nenhum dos dias, exatamente para não servir de mau exemplo aos alunos. E finalizou dizendo que logo antes de voltar do show havia recebido uma mensagem da amiga implorando para que ela não voltasse para o quarto, pois estava acompanhada, por mim, como ela descobriu mais tarde.

E uma terceira que chegou atrasada falou sobre como me procurou naquela noite, pois havia perdido suas credenciais e queria saber como faria na manhã seguinte; disse que ligou incansavelmente para o meu quarto, depois bateu em minha porta e eu não atendi, logo era bem provável que eu não estivesse lá.

O pior de tudo era que o relato dessa terceira menina poderia ter sido até verdadeiro, meu sono era muito pesado e não acordava fácil.

Após elas terminarem foi a vez da Camila se sentar na cadeira.

— Bom dia, Camila.

— Bom dia.

— Você é a estagiária do Dr. Scott, certo?

— Isso mesmo.

Ela anotou algo no papel e voltou a atenção para a Camila.

— Conte-nos o que sabe sobre a relação do Dr. Scott e a aluna Beatriz Valares.

— Sempre que ela aparecia na sala do Dr. Scott, ele fazia questão de que eu estivesse presente. Vi inúmeras vezes as tentativas dela de dar em cima dele e como ele foi profissional em cada uma delas.

— Você pode afirmar que esteve presente em todos os encontros dos dois?

— Não.

— Não acha que ele pode ter cedido a uma dessas investidas enquanto você não estava presente?

— Não.

— Por que está tão certa disso?

— Porque mesmo no pouco tempo em que trabalhamos juntos vi o

quanto ele é profissional.

— E seu contato com ele é estritamente profissional?

— Sim.

— Então você não o conhece fora do escritório?

— Não — respondeu um pouco desanimada, percebendo a estratégia da Dra. Barcellos.

— Sabe algo sobre os relacionamentos íntimos dele?

Dessa vez ela pensou por um breve segundo, mas como eu, sabia que não tinha o direito de contar sobre mim e a Mel.

— Não.

— Logo, isso pode ter acontecido em outros horários fora do turno de trabalho dele, como relatado pela aluna Beatriz.

Camila se levantou num salto e bateu a mão na mesa, assustando a quase todos.

— Você só pode estar de brincadeira comigo se está mesmo dando corda para o que essa dissimulada está dizendo — falou quase gritando.

— Senhorita Camila, peço que se retire agora, já terminamos aqui.

Ela riu, sem muita vontade.

— Tudo bem, estou saindo agora. Só quero que saiba que vai destruir

tudo que o Dr. Scott construiu por um depoimento sem fundamento de uma aluna mentirosa e falsa.

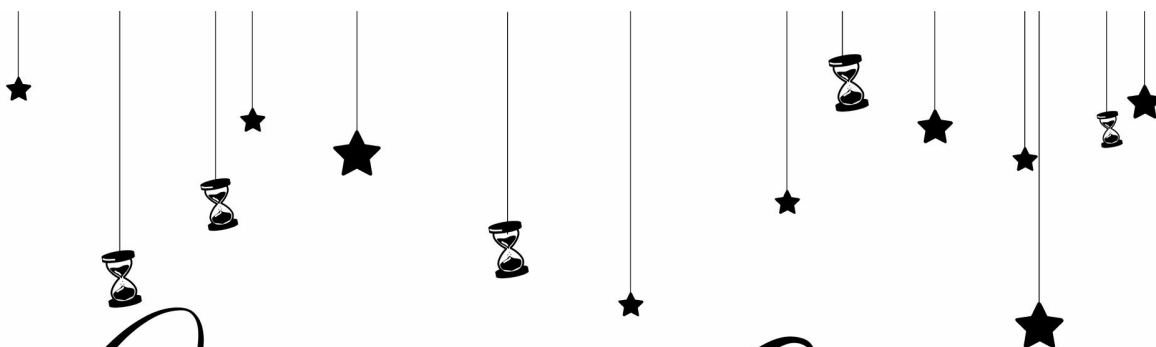
— Saia dessa sala agora — Dra. Barcellos falou firme.

— Com muito prazer.

Ela olhou nos olhos da Melissa e as duas tiveram aquela conversa silenciosa. Tinha alguma coisa acontecendo. Ela se virou para a Beatriz, que sustentava um pequeno sorriso no rosto. Quase imperceptível.

— Conhece aquele famoso ditado: Quem ri por último ri melhor? Então, minha risada vai derrubar esse prédio quando você cair.

Logo depois, recolheu a bolsa e caminhou até a saída, batendo a porta enquanto passava.



Capítulo 33

Giovana

O falatório foi geral quando a Cami fez sua cena, claro que ela não sairia de uma maneira calma e tranquila, não seria a Cami. Assim que ela saiu o celular vibrou na minha mão.

Cami:

Eu vou acabar com essa menina.

Eu:

Vamos! Só preciso do vídeo.

Cami:

Estou tentando.

Eu:

Eu sei.

Desculpa por pedir isso, mas tente agilizar.

As coisas vão ficar feias por aqui se não conseguirmos provar isso.

Cami:

Eu vou conseguir. Nem que tenha que pegar um avião e invadir aquele hotel eu mesma.

Eu:

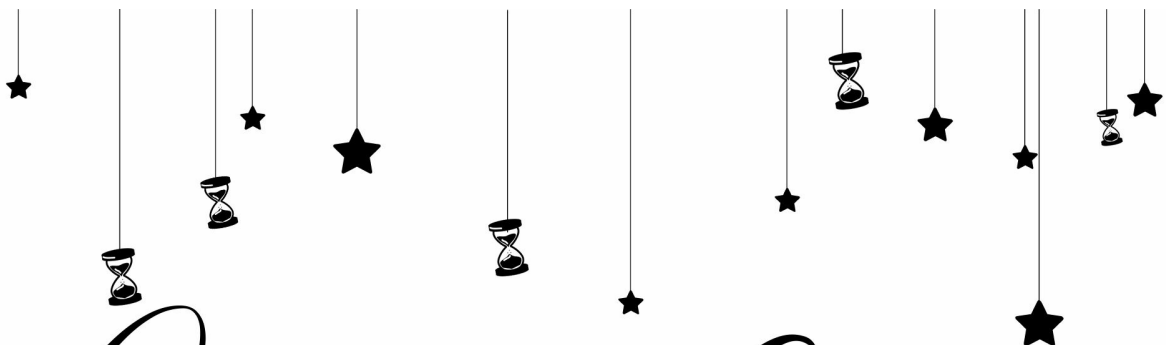
Obrigada por isso.

Você é a melhor!

— Giovana.

Olhei para a Dra. Barcellos e ela pediu que me aproximasse e sentasse na cadeira no meio da sala.

Enfiei meu celular no bolso novamente e lancei um olhar rápido na direção do Logan. Ele me deu um sorriso tentando parecer tranquilo, mas eu o conhecia melhor do que aquilo.



Capítulo 34

Logan

Dra. Barcellos atacava a Mel com as mesmas perguntas que ela havia feito às outras meninas.

— Presenciei uma conversa no ônibus. Dr. Scott estava sentado atrás de mim e da aluna Camila Giardini durante a ida da viagem. Eu acordei com a conversa deles no banco de trás, peguei só um trecho, mas acho que foi o mais importante. Ela se jogando em cima dele e ele a mandando voltar para o lugar dela, caso contrário teria que relatar à direção. Não ouve nada de íntimo.

— Você e o Dr. Scott tiveram algum encontro após o afastamento dele?

Fiquei com medo dela vacilar com a pergunta, mas sua resposta foi um sonoro “não”.

— É engraçado como a história dos dois parece um tanto quanto combinada, pois ambos disseram basicamente a mesma coisa.

— Deve ser porque é a verdade — Mel respondeu.

— Ou porque foi combinado.

— Dra. Barcellos — Alexandre interrompeu. — Ela havia me contado a mesma história logo após eu falar sobre o afastamento do Dr. Scott em sala de aula, então, não acho que tenham combinado.

— Muito bem. Vamos prosseguir então. — Ela olhou para o papel. — Você viu o Dr. Scott na noite de sexta para sábado?

Ela segurou firme a mesa em sua frente.

— Não.

— Você então acredita pelo único fragmento de conversa que presenciou que o Dr. Scott é inocente?

— Não, eu acredito que ele é inocente porque todo o comportamento que ele teve desde que o conheci foi de um homem completamente íntegro.

Ele é um profissional exemplar. Acha mesmo que ele jogaria todos os seus anos de estudos fora por um caso com uma aluna? Então, isso combinado com o fragmento de conversa, eu não só acredito como tenho certeza de que ele é inocente.

Eu queria me levantar da cadeira e beijá-la bem ali, sem me importar que estivessem olhando, ou se eu perderia meu emprego. Cada palavra que ela disse veio recheada de amor e eu a agradeceria para sempre por confiar tanto assim em mim, mesmo sem realmente ter certeza sobre eu estar falando a verdade ou mentira. Ela não estava lá na noite de sexta-feira, eu poderia muito bem estar mentindo.

— Muito bem, acho que é o bastante, não estamos aqui para julgar opiniões e sim fatos — Dra. Barcellos falou. — Vamos conversar um pouco e nos encontramos novamente à tarde.

Melissa foi a primeira a sair da sala.

Mande algumas mensagens para ela, mas não obtive resposta em nenhuma. Talvez agora era eu quem estava recebendo o gelo. Mereci isso.

O tempo passou arrastado até dar a hora de voltar para saber o que aconteceria com a minha carreira.

Só uma das meninas que haviam testemunhado a favor da Beatriz voltou para saber o resultado.

Mel se sentou do outro lado da sala de frente para mim. Ela não parava de olhar para o celular, como se ele fosse a coisa mais preciosa em sua vida.

— Boa tarde — Dra. Barcellos falou ao se sentar em sua cadeira. — Conversamos bastante e chegamos a uma conclusão. Os fatos são inegáveis, Dr. Scott teve um caso com a aluna Beatriz Valares. Nós iremos afastá-lo imediatamente de seu cargo e encaminharemos o caso para o conselho estudantil federal, que resolverá o que será feito de sua carreira.

— Isso é ridículo — Melissa gritou do outro lado.

Eu a olhei implorando para que ela ficasse quieta.

— Como é? — Dra. Barcellos perguntou elevando o tom da voz.

— Olha a cara dessa menina — ela disse apontando para a Beatriz que sustentava um sorriso no rosto. — Como alguém que se diz apaixonada estaria com um sorriso no rosto ao ver sua suposta paixão perdendo toda uma vida de trabalho?

— Ele que me rejeitou — Beatriz gritou com os olhos se enchendo de lágrimas.

— Srta. Loredó, eu gostaria de pedir que se retirasse, a decisão já foi tomada — Dra. Barcellos falou com um ar de superioridade. E eu gostaria de quebrar a cara dela por falar assim com a Mel.

Eu estava prestes a entrar na briga quando a porta foi escancarada pela Cami.

— Cheguei atrasada? Desculpa! — falou com a respiração entrecortada, certamente foi correndo até lá.

Dra. Barcellos se levantou e cruzou os braços teatralmente.

— Eu pensei que havia mandado você para casa Srta. Giardini.

— Oh, achei que só havia me mandado sair àquela hora, prometo que ficarei quietinha — respondeu se aproximando da Mel e cochichou algo no ouvido dela.

— Tudo bem, vamos terminar logo com isso, todos já estão exaustos. Como eu ia dizendo...

O celular da Mel tocou alto em sua mão, interrompendo o discurso final, e ela abriu um sorriso. Então se aproximou da mesa da Dra. Barcellos e jogou o aparelho em cima.

— Aí está o vídeo do bar e do corredor do quarto da Beatriz no hotel das oito da noite até às seis da manhã. Ou se preferir ver a versão curta ao lado tem outro vídeo onde ela leva um cara do bar, que não é o Dr. Scott para o quarto. — Ela sorriu. — Se quiser confirmar se é verdadeiro, aqui está o telefone do hotel, pode perguntá-los — falou e colocou um panfleto dos que havíamos distribuídos em sala de aula, ao lado do celular.

Dra. Barcellos pegou o celular na mão e assistiu ao vídeo juntamente com as duas pessoas que estavam na mesa ao seu lado.

— O que isso significa, Beatriz? — perguntou a Dra. Barcellos.

— Isso é mentira, deve ser montagem! — gritou ainda tentando insistir na farsa. — Eu estava com o Dr. Scott.

— Você é uma falsa, manipuladora e não merece um pinga de compaixão — Mel falou, virando-se para ela.

Eu ainda não conseguia acreditar que ela tentava manter a farsa mesmo depois disso.

— Beatriz, você tem noção da gravidade dessas acusações que fez? — Dra. Barcellos perguntou.

Beatriz olhou para mim com todo ódio transbordando.

— Tudo bem, me pegaram — admitiu nervosa —, mas podem ter certeza de que o Dr. Scott não está aqui por engano, ele está se envolvendo com uma aluna, só não sou eu. Fiz tudo isso como vingança pelo que ela aprontou com o Vitor e ele sabe que vocês dois estão juntos — acusou apontando para mim e para a Mel.

Então saiu correndo da sala sem maiores explicações. Achava que tinha ficado bem claro para todo mundo que realmente era uma mentira, pois todos olhavam atônitos para a porta aberta pela qual ela acabara de sair

correndo. Porém, a revelação dela me travou no lugar, o que ela havia acabado de fazer? Como eles descobriram isso?

Mel estava de pé, olhando para a porta. Sua cor havia sumido do seu corpo. Ela me olhou e eu tentei sorrir para mostrar que ficaria tudo bem, mas não tinha certeza disso, meu sorriso não saiu.

Dra. Barcellos revezou seu olhar entre mim e a Mel, provavelmente percebendo a verdade. Entregamo-nos com nossos olhares, já que nós dois estávamos em choque. E eu vi tudo que ela construiu nesse tempo todo que eu estava longe escorrendo por seus dedos. Tudo por minha culpa.

— Alguém pode me explicar isso? Ou vão ficar olhando um para a cara do outro? — ela perguntou. — Depois dessa descoberta acho que faz até sentido o motivo da briguinha por ciúmes. Vitor está processando a faculdade por esse seu ato ridículo.

— Eu posso explicar isso também — Mel falou olhando para o chão.

— Mel — chamei antes de me dar conta de que usei o nome errado. Todos me olharam como se eu fosse louco, mas não me importei. Ela me olhou com os olhos serenos e sussurrou que dava conta, que não era para eu interferir.

Então, apenas concordei e fiquei quieto, confiava nela com a minha vida. Sabia que o que ela decidisse fazer, deveria ter pensado muito nisso.

— Estou curiosa agora — Dra. Barcelos comentou.

— No entanto, quero falar só com vocês, não quero mais ninguém na sala.

Dra. Barcellos ordenou a saída de todos, eu não me movi, não ia sair dali. Cami deu um beijo na bochecha dela e saiu juntamente com os demais.

— Eu não vou sair — falei quando recebi um olhar matador da Dra. Barcellos.

Ela ia me repreender, mas a Mel interveio.

— Tudo bem, ele pode ficar, eu o quero aqui, já que não é um segredo só meu para ser contado.

Assim que a última pessoa deixou a sala, ela tirou uma folha de dentro de uma pasta que estava segurando durante todo o dia e a entregou para a Dra. Barcellos que leu aquilo com cuidado.

— Ele tirou as acusações? — perguntou.

— Sim, não tem mais nada comprometendo o Lo... Dr. Scott e nem a faculdade.

— Giovana, claro que isso será levado em consideração, mas não podemos desfazer o processo. Ele bateu em um aluno no meio do refeitório. Muitas pessoas assistiram àquilo. O Dr. Scott não deu ao menos uma explicação e agora que sabemos que vocês dois estão envolvidos, a situação

não fica menos complicada.

— Ele não deu porque a explicação não era dele, e sim minha — respondeu. — Nós estamos sim envolvidos, mas não da maneira que a Beatriz insinuou.

— Como não? Conte-me a verdade, vocês se envolveram e o Dr. Scott ficou com ciúmes do seu ex?

Parecia que eu nunca seria bom aos olhos da Dra. Barcellos. A cada nova prova a favor, ela construía um caso contra.

— Eu posso te contar uma história?

— Se isso for nos levar a algum lugar.

Mel tirou outro papel de dentro da pasta, dessa vez parecia ser um jornal. A Dra. Barcellos leu a notícia e franziu o cenho.

— O que isso tem a ver com o caso, Giovana? — ela perguntou.

— Meu nome não é Giovana, eu sou a menina dessa reportagem, eu sou a Melissa Rabello — falou.

Eu encontrei seu olhar e me levantei no mesmo instante caminhando até o seu lado.

— O que você está fazendo? — perguntei e todos da banca me encararam. — Você não precisa fazer isso por mim.

— Eu quero — ela prosseguiu. — E o menino morto, Logan Mitchell, na verdade não estava morto.

— Eu fui mandado para uma unidade de proteção à testemunha — completei.

— Você é esse menino? — Dra. Barcellos perguntou descrente.

Passamos quase meia hora explicando e tirando cada dúvida sobre como nos reencontramos, mas em momento algum falamos sobre nosso envolvimento. Falamos que éramos família um para o outro.

— Contudo, ainda não entendi a conexão ao caso do aluno Vitor.

— Ele tentou me estuprar — Mel falou baixo, como se estivesse envergonhada de dizer aquilo.

Eu estava me odiando mais ainda nesse exato momento por ela ter que fazer isso devido a um problema que eu criei.

Sem conseguir vê-la enfrentando tudo ali sozinha, eu passei meus braços por seu ombro, puxando-a para mim.

— Quando descobri e o encontrei, eu perdi o controle. Ela não merecia passar por isso depois de tudo. Eu sei que não deveria ter feito, mas não tive sangue frio o suficiente para não fazer nada, principalmente sabendo que nunca poderíamos processá-lo — completei em minha defesa.

— Por que não procurou ajuda antes? Por que não poderiam processá-

lo? — Dra. Barcellos perguntou.

— Porque até hoje cedo meu maior medo era encontrar o homem que fez isso — ela falou apontando para a reportagem. — No entanto, hoje de manhã, quando recebi a notícia da prisão dele, eu sabia exatamente como ajudaria o Logan, o Dr. Scott.

Todos ficaram em silêncio por quase um minuto.

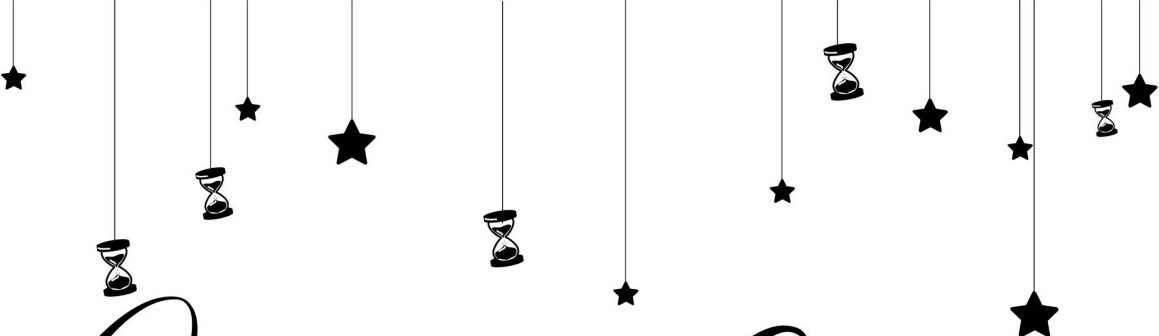
— Acho que não precisamos mais disso, peço desculpas em nome da comissão por ter te julgado errado, Dr. Scott. Você será restituído imediatamente à instituição. E Giovana, se estiver de acordo, gostaria que testemunhasse contra o Vitor no tribunal. Como agora estão livres, como você falou, creio que queira vê-lo pagar por isso — falou. — E outra coisa, vocês têm algum tipo de envolvimento romântico?

— Não — neguei antes da Mel ter a oportunidade.

Ela negou com a cabeça também.

— Tudo bem, então. Vocês estão liberados, entro em contato com você para conversarmos sobre o processo, Giovana.

Eu sorri com aquilo. Ele pagaria, ele tentou machucar meu mundo, ninguém podia sair ileso disso.



Capítulo 35

Giovana

Eu havia chegado em casa há menos de vinte minutos e já estava de pijama, só queria relaxar um pouco. Estava aproveitando a felicidade de todas as coisas terem se resolvido, tudo voltando a se encaixar.

A faculdade não expulsou a Beatriz, mas ela não aguentou a pressão dos alunos e professores em cima dela e acabou “pedindo para sair”. Dizem as más línguas que ela se mudou até para outra cidade. Estava tão feliz por tudo ter acabado que nem queria saber sobre ela, esperava que um dia a vida lhe desse uma grande lição para aprender a agir como uma pessoa decente. De hoje em diante só queria esquecer que ela já existiu.

Vitor tinha sido chamado para depor e um inquérito foi aberto. Decidi não cumprir com a minha parte do acordo e fiz um boletim de ocorrência contra ele, julguem-me. O julgamento estava marcado para daqui a dois meses. Logan continuava distante, mas depois que descobriu que fiz a denúncia contra o Vitor, insistiu em pagar o advogado para mim, disse que poderia pelo menos me ajudar com isso, já que sabia que um salário de estagiária não dava para muita coisa. Ele vinha coletando várias provas que serão quase impossíveis de serem contestadas.

Parecia que essa não era a primeira vez que Vitor foi envolvido em um caso desses. Da outra vez a menina não conseguiu provar nada, foi apenas a palavra dela contra a dele e seus mil advogados, deixando-a passar por mentirosa. Contudo, como essa era a segunda vez, eu tenho as chances a meu favor.

Eu e o Logan decidimos continuar usando nossos nomes falsos até que eu termine a faculdade, seria muito confuso explicar para todos que nos conhecíamos desde o início, e poderiam questionar o nosso trabalho juntos, que não foi nada além de profissional. Era horrível tê-lo tão perto e ser obrigada a agir como aluna e professor, mas isso não iria durar para sempre. Mais alguns meses e poderíamos viver o nosso “felizes para sempre”.

O interfone tocou, não me movi da cama. A Camila resmungou alguma coisa como “eu tenho que fazer tudo nessa casa?” e passou para a

cozinha para atender.

Eu encarei o teto estrelado, deixando as boas lembranças inundarem minha cabeça, levando tudo de ruim que aconteceu nos últimos anos.

— Você pode me chamar de Tele — Logan falou um tempo depois de eu dizer que ele me fez ver estrelas.

— Por que eu te chamaria de Tele? — perguntei rindo, pois já sabia que as próximas palavras não iam prestar.

— Apelido de telescópio.

— Ainda não estou acompanhando seu raciocínio.

— Sabe como é: Me chama de telescópio e eu te faço ver estrelas sempre que quiser.

Nós rimos alto e ele acariciou meus cabelos, que estavam jogados por cima do seu peito.

— Eu estou apaixonada por você, Logan Mitchell. Você é minha vida!

— Eu não estou apaixonado por você, Melissa Rabello — respondeu e eu senti uma pontada de dor no meu peito com essa resposta, mas ele logo completou: — Eu sou apaixonado por você. Não é um ato de estar, é um ato

de ser. Sempre fui e sempre serei.

— Gi — Cami entrou no quarto e pulou na cama ao meu lado, arrancando-me das minhas lembranças. — Olha isso — ela disse apontando para o jornal em sua mão.

Havia uma foto do Vitor estampada na primeira página, com a legenda: “Filho de Roberto Sartori é acusado de estupro.” A reportagem descrevia muito mal o ocorrido, alguns fatos que não eram verdadeiros, mas o que prendeu minha atenção foi a foto que ocupava um quarto da página, minha foto, uma foto tirada na faculdade.

Eu sabia que não conseguiria manter isso fora da mídia, mas não esperava ver meu rosto em lugar nenhum tão cedo.



Conforme eu andava pelo corredor da faculdade, podia ver as pessoas apontando e cochichando. Uma menina chegou até a me confrontar, perguntou se eu não tinha nada melhor para fazer do que inventar mentiras sobre os outros.

Essa era a pior parte. Eu sabia que ia ouvir muito coisas como: “eles estavam namorando, claro que ela está exagerando”, “Ela inventou isso por seus cinco minutinhos de fama”. Quase todos na faculdade estavam certos de que eu estava mentindo, pois ele era o garoto legal e popular que nunca machucaria nem uma formiga, e eu era só a garota que estava fazendo isso por “vingancinha”. Foi difícil, mas me mantive firme, ele merecia isso e eu não ia recuar por conta de um bando de pessoas que não tinha a mínima ideia do que eu passei com ele.

Era triste que as pessoas acreditassem que ele tinha algum tipo de direito sobre o meu corpo só porque estávamos namorando. E mais triste ainda ouvir discursos de pessoas dizendo que “não acreditavam no estupro a não ser que tivesse uma arma na cabeça”, que “procurei por isso”, como se nossos atos dessem direito à outra pessoa fazer o que bem entendesse com nosso corpo. Meu corpo era só meu. E não, era não! Podia ser meu namorado, marido ou o carinha que eu acabei de conhecer no bar. Se ele fizesse qualquer coisa com meu corpo que eu não houvesse dado permissão, era errado!

Havia chegado em casa antes da Camila e preparei o jantar para manter minha cabeça ocupada. Ela chegou quando eu estava colocando os pratos na mesa, passou por mim como um foguete e bateu a porta do quarto. Fiquei sem entender o que estava acontecendo.

Andei até a porta e bati de leve.

— Cami, aconteceu alguma coisa?

Ela não respondeu, mas eu podia ouvir os soluços altos do outro lado da porta.

Forcei a maçaneta e vi que não estava trancada, então entrei. Ela estava encolhida como uma bola na cama e chorava igual a uma criancinha.

— O que aconteceu, Cami?

Sentei-me ao seu lado na cama e acariciei seus cabelos.

Ela tentou controlar um pouco as lágrimas para me responder.

— O Bruno terminou comigo.

— Eu vou matar aquele filho da puta.

— Não, Gi — ela falou segurando a minha mão. — Eu sabia que isso ia acontecer desde o início.

Ela limpou os olhos com a manga da blusa e se sentou ao meu lado.

— Ele é policial, ele trabalha infiltrado.

Assenti, deixando-a me contar o que quisesse, já que resolveu manter tudo em segredo antes. Caramba, policial? Por essa eu não esperava.

— Ele estava trabalhando em um caso aqui, junto com a suposta esposa dele, que também é policial. — Ela fungou. — Eles não são casados

de verdade.

— Cami, você podia ter me contado isso, eu não teria contado para ninguém.

Ela deu de ombros.

— Ele pediu para não contar, mas agora que acabou seu trabalho aqui, acho que não tem mais problema. — Ela riu fraco. — E se tiver, problema dele! Eu preciso desabafar com a minha melhor amiga.

Eu sorri e a abracei.

— Mas por que vocês precisam terminar?

— Ele vai se infiltrar em outro caso e não pode correr o risco de ser pego em contato com nenhuma outra pessoa.

— O cara é guitarrista da sua banda — falei ainda sem entender. Como de guitarrista ele passou para policial?

— Ele falou que esse foi o melhor disfarce que já teve. — Ela enxugou as lágrimas. — Eu odeio essa Harpia por ter acabado.

— Você disse Harpia?

Ela afirmou.

— Ele estava aqui esse tempo todo por causa de mim — falei colocando a mão na boca.

— Como assim, Gi?

Expliquei para ela que esse era o nome da operação para pegar o pai do Logan.

— Agora eu não sei se te odeio ou te amo. É culpa sua eu estar sofrendo agora — ela disse sem saber se ria ou se chorava. — Por isso que ele nunca quis que eu os apresentasse, pelo menos não até o início deste ano.

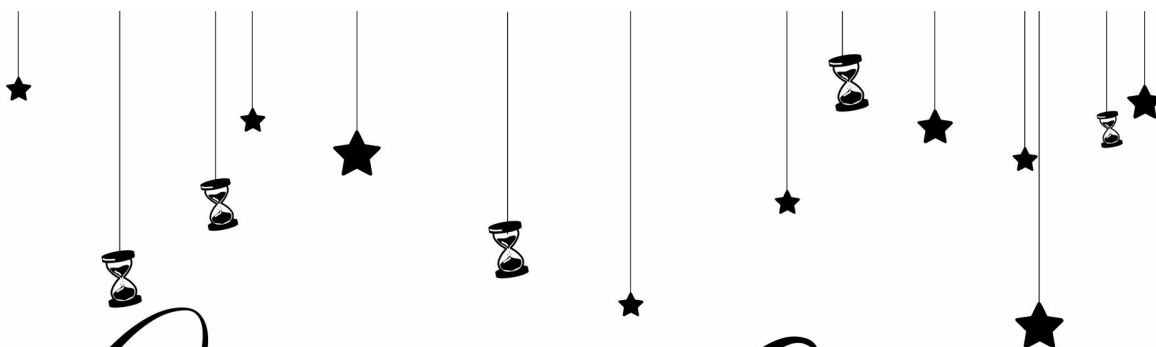
— Que foi quando o Logan veio para cá.

— Ele sabia desde o início sobre vocês?

— Provavelmente — falei dando de ombros.

— Agora eu quero matá-lo mais ainda. Desabafei tantas vezes com ele sobre como você estava estranha e ele nunca me disse um “A”.

Balancei a cabeça rindo e a puxei para a mesa de jantar com pratos recheados de comida, nós duas precisávamos distrair um pouco a cabeça e nada melhor do que uma boa refeição para isso.



Capítulo 36

Giovana

Os dias até o julgamento passaram arrastados. Eu só queria que tudo isso acabasse logo, não aguentava mais ser o alvo de tanta atenção e ódio.

— É amanhã e depois tudo isso acaba — Cami comentou ao meu lado no sofá. — Você tem certeza de que não tem problema ficar sozinha esta noite?

Neguei com a cabeça.

— Vá aproveitar sua última noite com o Bruno, nos vemos amanhã no tribunal.

Ela me deu um beijo na bochecha e foi embora, deixando-me sozinha

ali apenas com meus pensamentos.

Fui para a cama tentar dormir cedo, mas não conseguia pregar os olhos. A ansiedade de não saber o que poderia acontecer na manhã seguinte não deixava minha mente livre para descansar um pouco.

Quando enfim consegui encostar os olhos, o barulho do despertador me acordou.

Não enrolei muito na cama, já que só conseguiria dormir mesmo depois que tudo estivesse finalmente terminado. Arrumei-me rápido e fui preparar um café para controlar um pouco meu nervosismo. O relógio já marcava oito e meia, eu precisava estar no tribunal em meia hora, mas era menos de dez minutos de caminhada daqui até lá, então ainda estava no horário.

O interfone tocou.

— Oi?

— Srta. Giovana, seu pai está aqui e está pedindo para subir.

— Meu pai? — gaguejei.

Meu pai estava vivo?

— Sr. Ricardo Rabello.

— Você tem certeza? Ele te mostrou alguma identificação? —

perguntei ainda desconfiada, mas torcendo para ser verdade.

Ele ficou mudo por um tempo e falou alguma coisa com a pessoa que estava lá, mas não consegui entender.

— Estou com a identidade dele na minha mão Srta. Giovana.

Meu pai está vivo!

— Mande-o subir.

Abri a porta do apartamento e fui esperar o elevador. Meu pai vivo! Ele estava vivo! Talvez ele também estava escondido e agora que o Robert não era mais um perigo para nós, resolveu me procurar.

O elevador pareceu demorar dias para chegar até o meu andar. A porta começou a abrir e eu mal podia me conter de tanta alegria. Ele estava no canto do elevador, mas quando nossos olhos se encontraram eu tive certeza de duas coisas:

Meu pai estava morto. E eu também.

Ele me olhou e sorriu largo. Eu vi naquele sorriso o mesmo sorriso que derretia meu coração.

— Não fomos apresentados ainda, meu nome é Robert Clarke.

Era assustador encontrar tantas semelhanças nesse homem terrível. Era inegável o parentesco dos dois.

Antes mesmo dele terminar de falar eu corri para o meu apartamento e bati a porta, mas não fui rápida o bastante para trancá-la. Tentei fazer força contra para ele não conseguir abri-la, só que eu não era forte o suficiente, o homem era enorme, era óbvio que mesmo que eu usasse toda a minha força, não seria pária para a dele.

Ele deu um empurrão forte e caiu para trás.

— Minha querida, Melissa, não se preocupe, garanto que serei bem lento, me deu um trabalhão encontrá-la. — Ele riu sem humor. — Por conta disso não poderei ser rápido, como fui com seu pai no assalto e com sua mãe com a faca direto na garganta — falou rindo e andando calmamente atrás de mim enquanto eu procurava um meio de fugir dele.

Meu pai! Ele matou meu pai, minha mãe e estava prestes a me fazer encontrá-los.

— Como você fugiu da prisão?

— Sinto muito o mal-entendido, na verdade eu nunca fui preso. Como é fácil enganar essa polícia de hoje em dia. Você acredita que prenderam o homem errado? A incompetência desses homens é terrível. Tive que mudar de estratégia, já que percebi que seria impossível te achar caso eu não mudasse um pouco as regras do jogo.

— Você não precisa fazer isso!

Ele caminhava lentamente atrás de mim. Eu corri para a cozinha, tentando alcançar o faqueiro. Fechei minhas mãos em torno da maior faca e me virei para encará-lo, encurralada no canto da parede.

— Não chegue mais perto! — gritei. — Eu juro que não tenho medo de te machucar.

Ele riu.

— Me machucar, querida? Cuidado para não cortar a própria mão, tive muito trabalho para te achar para no final você se matar sozinha.

— Por que é tão importante para você fazer isso? Eu não era nem nascida quando minha mãe fez o que fez com você.

Ele encostou na bancada me analisando a uma distância segura da faca em minha mão.

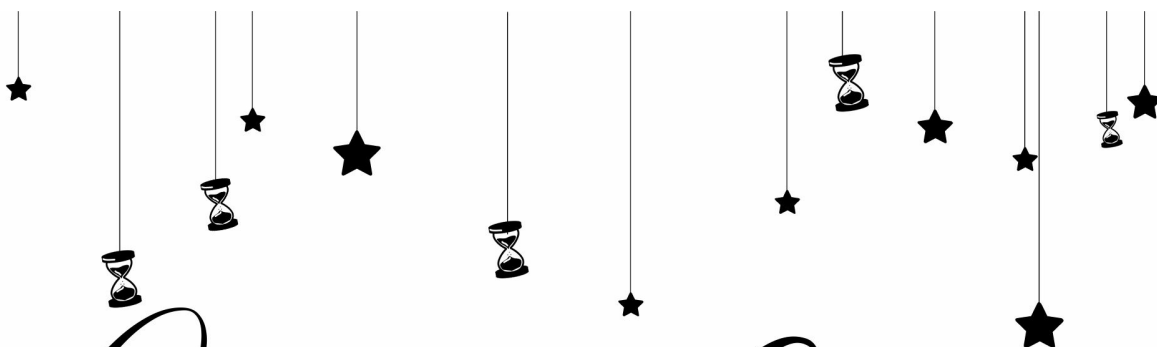
— Elas sabiam o preço a pagar quando se mexia comigo, não importa que você não era nascida, ninguém que tenha o sangue daquelas vagabundas traiçoeiras vai viver nesta terra para contar a história. Você só teve o azar de ter nascido dela, foi seu único erro.

Ele deu mais um passo e eu ameacei cortá-lo novamente.

— Não seja ridícula menina, você só vai se machucar mais se continuar com essa brincadeira.

Aproveitei a distração dele quando meu celular, que estava na sala,

tocou e avancei para cima do desgraçado com tudo, mas não foi o suficiente. Ele segurou meu pulso e torceu minha mão até eu não suportar mais segurar a faca e ela cair com um barulho alto no chão. Naquele momento eu soube que estava prestes a ter o destino que desejei por tanto tempo, logo quando eu não o queria mais.



Capítulo 37

Logan

Olhei o relógio pela milésima vez no último minuto, o ponteiro ainda não mudou de lugar, já era nove e vinte e só faltava a Melissa no tribunal. O julgamento estava marcado para daqui a dez minutos. Havia câmeras para todos os lados, a imprensa estava louca com esse julgamento.

— Onde está a Giovana? — perguntou o advogado.

— Ela já deve estar chegando — respondi.

Afastei-me um pouco para ligar para seu celular novamente. E como

nas outras tentativas, caiu na caixa postal. Eu tentava me convencer de que estava tudo bem, de que ela só estava atrasada, mas a sensação de que tinha alguma coisa errada não saía da minha cabeça.

Camila entrou pelo salão e eu me segurei para não correr em sua direção.

— Onde ela está? — perguntei ignorando os cumprimentos.

— Ela não chegou até agora? — o homem de mãos dadas com ela perguntou franzindo o cenho.

— Ela já saiu de casa?

— Eu não sei — Camila falou. — Eu não dormi em casa hoje.

— Ela está sozinha em casa? Alguma coisa aconteceu.

Eu não esperei para ouvir o que a Camila ou seu namorado tinham para falar. Cruzei o tribunal correndo e continuei assim até entrar em seu prédio, que não ficava muito longe dali. Eu sabia que esperar buscar meu carro no estacionamento e depois procurar uma vaga para parar por aqui ia demorar muito mais.

O saguão do prédio dela estava vazio, o porteiro lia tranquilamente uma revista. Eu nem dei o trabalho de me identificar. Corri diretamente para o elevador e apertei o botão para chamá-lo. Os números sinalizando onde o elevador estava começaram a descer irritantemente lentos.

— Onde o Senhor pensa que vai?

O porteiro veio em minha direção para impedir que eu continuasse.

Olhei novamente para os números piscando em cima do elevador. Eu não tinha tempo para isso, ele demoraria vidas para chegar até aqui. Então, sem responder o porteiro, corri para a porta que levava às escadas e comecei a subi-las o mais rápido que conseguia. Sabendo que o porteiro não me alcançaria.

— O Senhor não pode entrar aqui — ele gritou resfolegando atrás de mim. — Vou ser obrigado a chamar a segurança!

Não o respondi, mas eu estava contando com isso.

Cheguei à porta do apartamento dela e bati desesperado.

— Melissa, abre essa porta — gritei. — Sou eu, o Logan.

O silêncio do outro lado era torturante. Resolvi testar a maçaneta e a porta abriu.

Seu nome morreu em minha boca quando eu vi sangue no chão da sala. Minha cabeça girou e eu só consegui implorar para qualquer um que estivesse disposto a me ouvir para que ela estivesse bem.

Entrei no apartamento tentando não fazer barulho. A cada cômodo em que eu não a encontrava tentava me convencer de que ela havia ido para o tribunal e havíamos nos desencontrado, mas o sangue e a porta aberta não

batiam nessa teoria.

Ela não estava na sala, na cozinha e nem no banheiro do corredor.

Continuei caminhando pelo corredor e olhei o quarto da Camila, que também estava vazio. A porta do quarto dela estava encostada. Empurrei-a e quando fiz isso me senti o garoto perdido de anos atrás.

A cama dela estava vermelha e ela arregalou seus olhos que estavam fechados, sua respiração era fraca e eu podia ver o como estava sendo difícil continuar respirando.

Corri em sua direção e a segurei em meus braços tirando o celular do bolso para chamar o socorro.

— Vai embora — ela sussurrou fraco com uma lágrima escorrendo pelos seus olhos.

— Você deve ter ficado louca se acha que eu vou sair daqui.

— Ele... — ela falava com dificuldade.

Coloquei o dedo em sua boca para fazê-la ficar quieta. Ela não podia se esforçar muito.

O celular começou a chamar, mas antes de alguém atender ele foi arrancado da minha mão. Eu olhei para trás e o vi rindo para mim. O mesmo sorriso que lançou para minha mãe quando ela pediu que me deixasse em paz.

— Vejam só se não é o meu querido filho. Não vai dar nem um abraço no papai? — perguntou sarcástico.

— Deixa ele em paz! — Melissa sussurrou em meus braços com toda força que conseguiu.

Ele gargalhou alto.

— Déjà-vu. As mulheres estão sempre te defendendo, não é?

Ele veio em minha direção apontando a faca para mim. Eu precisava levá-lo para longe dela. Então, fui contra todos os meus instintos e a soltei. Ela choramingou de dor pelo movimento do corpo, fazendo eu quase desistir de deixá-la ali sozinha, mas eu sabia que, se não fizesse isso, nenhum de nós dois teria a chance.

Levantei da cama e segurei sua mão que estava com a faca apontada para mim e a torci em meus braços. O peguei desprevenido, ele não esperava por uma defensiva e consegui tirar a faca de sua mão. Ela caiu no chão e eu a chutei para baixo do armário, onde ele não conseguiria pegá-la de volta.

— Agora está parecendo ser meu filho — ele falou divertido. — Talvez a puta da sua mãe não estivesse mentindo quando disse que você era meu.

Saber que eu tinha qualquer ligação com aquele homem fazia meu sangue ferver, torci mais forte o braço dele para mantê-lo em uma posição em

que eu estivesse no controle. Contudo, ele jogou o corpo para cima de mim a fim de se livrar do meu aperto. Cai em cima da penteadeira, quebrando o espelho e espalhando pelo chão tudo que tinha ali.

Ele fechou a mão em punho e veio em direção ao meu rosto. Virei, desviando de suas mãos e o acertei com um soco no seu estômago o mais forte que consegui. Ele cambaleou para trás, mas ainda sustentava um sorriso sarcástico no rosto, como se estivesse aproveitando tudo aquilo, como se estivesse se divertindo com minhas tentativas de machucá-lo.

Eu precisava acabar rápido com aquilo para buscar ajuda para a Melissa. Vasculhei o quarto à procura de alguma coisa que pudesse me ajudar e peguei a primeira coisa que vi: um pedaço grande do espelho que havia quebrado e caído no chão. Segurei firme sem me importar que aquilo também me machucaria.

Ele estava prestes a avançar para cima de mim de novo quando a Melissa gemeu novamente na cama, tirando sua atenção de mim por um breve segundo, mas era tudo o que eu precisava. Avancei para cima dele e enfiei o espelho onde eu sabia que seria o único local que o faria parar.

O sangue jorrou instantaneamente pelo furo no seu pescoço. Ele levou as mãos ao local e seus joelhos cederam no chão em um baque.

Eu corri para a cama e enlacei a Melissa em meus braços. Seu corpo

tremia e estava muito gelado. Eu precisava buscar ajuda.

— Fica comigo — sussurrei em seu ouvido. Isso não podia estar acontecendo de novo, não podia perdê-la. — Por favor, Mel, não me deixa!

Escutei passos dentro do apartamento enquanto eu me dirigia para a cozinha com ela nos braços. Dois policiais me encararam com as armas apontadas em minha direção.

— Ela precisa de ajuda — gritei desesperado para eles.

— Fique onde está! — um deles gritou.

— Vocês podem fazer o que quiserem comigo, mas a socorram primeiro — o desespero em minha voz era palpável. — Por favor, não a deixem morrer, eu não posso perdê-la!

Um deles comunicou algo pelo rádio, não consegui entender, tudo estava parecendo errado e fora do lugar.

A Camila e o cara que estava com ela mais cedo também entraram naquele momento e seus olhos se encheram de lágrimas no mesmo instante em que viu a amiga em meus braços.

— Gi, o que aconteceu? — ela gritou vindo ao nosso encontro.

— Robert — falei fraco.

O namorado dela na mesma hora me olhou.

— Ele está preso — afirmou.

Eu neguei com a cabeça e fiz sinal para os quartos.

Ele seguiu até lá e logo depois pediu ajuda aos policiais, que o seguiram.

A ambulância chegou um pouco depois.



Ela teve duas paradas cardíacas durante o transporte e perdeu muito sangue. Agora, estava em cirurgia há cinco horas e ainda não tinha vindo ninguém informar sobre o estado dela.

Minha mão estava enrolada em um pedaço de pano que a Camila me deu enquanto esperávamos socorro. Eles quiseram me levar para dar alguns pontos, mas eu não queria sair dali. Eu não podia correr o risco de não estar presente quando o médico finalmente aparecesse. Ela não tinha família, precisava que eu estivesse aqui.

— Ela vai ficar bem — Camila falou, surgindo na minha frente.

— Você não pode ter certeza disso, Camila — respondi, sabendo que as coisas para nós dois nunca davam certo. Parecia que fomos destinados a

sofrer pela perda um do outro.

Eu não chorei, eu não podia me dar o luxo de chorar, pois se eu chorasse, iria quebrar e a Mel precisava que eu estivesse aqui agora, inteiro.

Um médico apareceu e chamou pelos parentes dela. Corri até ele. Assim como todos que estavam ali.

— O que o senhor é dela? — perguntou.

— Marido — menti, sabendo que não dariam informações se não tivesse nenhum familiar ali. — Como ela está?

— A situação dela é muito complicada, houve perfuração em diversos órgãos. Tentamos fazer um controle de danos, mas o corpo dela não aguenta ficar mais tempo em cirurgia. Então optamos por esperar, ver se ela consegue aguentar mais um dia e se aguentar nós continuaremos do ponto que paramos.

Ele dizia cada palavra como um pedido de desculpas, como se estivesse nos preparando para a verdade.

— Vocês não podem desistir dela — falei furioso. — Continuem tentando.

Ele me olhou com compaixão, eu não precisava de compaixão, precisava que a consertasse!

— Infelizmente, por enquanto, não há mais nada que possamos fazer — ele falou e colocou a mão no meu ombro.

Afastei-me de sua mão, não precisava desse tipo de conforto. Ela não estava morta. Ela ainda estava aqui e não iria deixar a esperança até o último segundo. Ela aguentaria.

— Eu posso pagar, me dê o preço e eu pago.

— Não é questão de dinheiro. Se continuarmos a operação, ela pode morrer na mesa cirúrgica. O corpo dela está fraco, ela não aguenta mais nenhum minuto lá dentro.

Respirei fundo, mais uma vez me impedindo de deixar aquilo me abalar.

— Eu posso vê-la?

— Ela está no CTI, só poderá receber visitas durante o horário. As recepcionistas podem te informar melhor sobre isso. Se não me engano, é todos os dias de duas às três da tarde.

— Você está me dizendo que só poderei vê-la amanhã e por uma hora?

Ele concordou com a cabeça.

— Eu preciso vê-la agora — insisti. — Não há nenhuma maneira para conseguir isso?

Ele pensou por um segundo.

— Você pode tentar conseguir um quarto particular no CTI, nisso seu dinheiro pode ajudar.

— Então se conseguirmos esse quarto, poderemos vê-la hoje? — Camila perguntou, entrando na conversa pela primeira vez.

— Apenas um de vocês. Apesar de ser quarto particular, só é permitido um acompanhante.

Eu a olhei e seus olhos se encheram de lágrimas, então desviei meu olhar para não me deixar levar.

— Tudo bem — ela falou, sabendo que eu não abriria mão para deixá-la entrar.

— Eu te envio notícias, Camila. Vá para casa descansar um pouco — falei.

— Ele tem razão amor, vamos. — Bruno, que descobri ser seu namorado e policial infiltrado do caso harpia, envolveu seus braços em volta dela e a puxou.



Consegui o quarto, mas só me deixaram entrar depois que fiz o

curativo na mão, pois daquele jeito eu estava muito suscetível a bactérias e isso poderia ser passado para a Melissa. Então concordei, não podia correr o risco de piorar ainda mais o quadro dela.

Uma enfermeira me guiou até o quarto no quinto andar do hospital. A cada passo meu coração acelerava mais com medo do que eu encontraria. Ela abriu a porta do quarto e entrou comigo atrás.

O rosto da Mel estava quase todo coberto por tubos, mal dava para ver. Ela estava envolvida em uma manta azul, mas o cômodo estava frio demais para aquilo aguentar.

— Ela não vai sentir frio só com isso? — perguntei a enfermeira.

— Não se preocupe, ela não está sentindo frio — respondeu, olhando-me como se eu fosse um tremendo ignorante. E nesse momento era exatamente assim que eu estava me sentindo.

Ela saiu do quarto depois de dar alguns avisos sobre as precauções que eu deveria tomar.

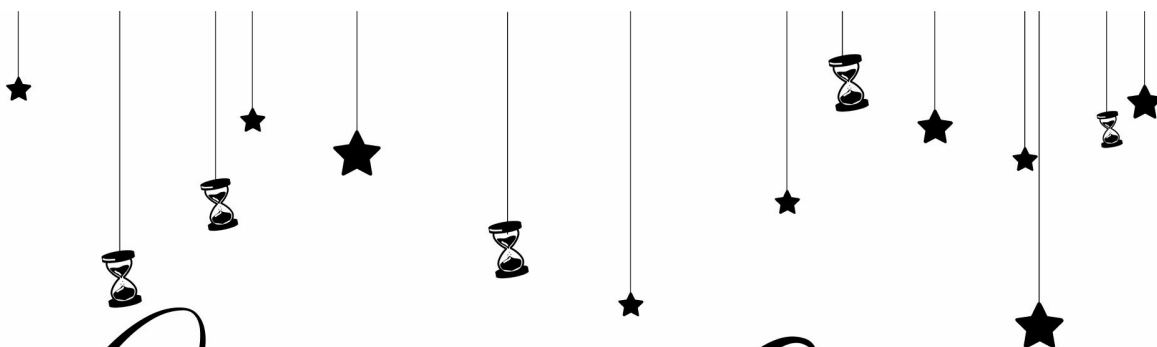
A princípio fiquei só observando a respiração forçada pelo aparelho, fazendo seu peito inflar ritmado. Estava com medo de tocá-la, não queria machucá-la mais do que já estava.

Vê-la daquele jeito, e saber que eu era o culpado de tudo aquilo, fazia meu coração apertar no meu peito. Ele foi atrás dela porque achou que eu

estava morto. Ele a machucou para descontar uma coisa da qual ela não tinha responsabilidade nenhuma. E a possibilidade dela não conseguir aguentar acabava comigo.

Depois de uma grande luta interna, aproximei-me da cama e puxei a poltrona que tinha ao lado até ficar a poucos centímetros de distância. Coloquei minha mão em cima da dela e a apertei.

Não consegui pregar os olhos durante o restante do dia e toda a noite. Eu tinha medo de dormir e perder sua última respiração, a última batida do seu coração, ou talvez, por um milagre, poderia perder o momento em que seus olhos abrissem e ela sorrisse daquele jeito que faz seus olhos acompanharem seus lábios, mas isso não aconteceu.



Capítulo 38

Logan

Hoje fazia exatos três meses que aquele desgraçado tirou meu mundo de mim. Três meses que me sentia um impotente por não ter chegado antes. Eu estava sentindo a falta dela. E eu odiava o Robert com todas as minhas forças. O golpe que dei em seu pescoço não foi suficiente para matá-lo, o que me deixava com mais raiva ainda. Eu queria que ele estivesse morto. Não era justo ele ter sobrevivido depois de tudo que fez.

Quando ela foi levada novamente para a cirurgia, eu tive que depor aos policiais, eu estava com ainda mais raiva deles. Eles haviam me falado que ele estava preso e eu descobri da pior maneira possível que isso era uma

mentira, parecia que o Robert era melhor do que todos imaginavam. Ele ameaçou um homem com características semelhantes às dele a se entregar à polícia e confessar todos os seus crimes. Quando contaram aos companheiros de cela o que ele havia feito, o homem foi espancado na prisão, por pouco conseguiu escapar de tudo com vida.

— Logan — Camila chamou, tirando-me do meu devaneio.

Eu desisti do nome falso depois de tudo. Não queria fingir ser outra pessoa, ter que explicar quando perguntassem o porquê parecia abatido ou nervoso.

Nossa história virou notícia por todo o país. Então, quando ficavam sabendo quem eu era, apenas se afastavam, pois nenhuma palavra poderia reconfortar todas as perdas.

— Você pode entrar para se despedir — falou tomando cuidado com as palavras que usava. Todos conversavam comigo como se estivessem pisando em ovos.

Eu adiei o máximo que consegui, mas os médicos continuavam insistindo que eu deveria deixá-la ir, que ela estava ali ainda apenas sustentada por aparelhos, e hoje era o meu prazo final.

Entrei naquele quarto, que havia se tornado minha casa nos últimos meses, e segui até o seu lado. Segurei sua mão entre as minhas e beijei com

força, desejando que aquilo fosse um conto de fadas em que a princesa se levantaria milagrosamente depois do beijo de amor verdadeiro, mas nada aconteceu, assim como nas milhares de vezes antes dessa.

Sentei na poltrona que a essa altura já tinha o formato do meu corpo.

— Mel — falei com a voz fraca. — Eu não sei bem o que dizer, nem sei se você está ouvindo, mas os médicos disseram que seria bom eu me despedir. Acredita nisso? Eu acabei de te encontrar e agora preciso me despedir. — Ri sem vontade. — Me disseram que sabem como é difícil, que eu vou superar, que o tempo vai curar as feridas. Eles não entendem, ninguém entende. Você não é só o amor da minha vida, você é minha família, você é meu mundo, Mel. E se meu mundo não existir, eu não tenho onde viver.

Fiquei um tempo em silêncio, obrigando-me a continuar inteiro. Eles ainda não desligaram os aparelhos e eu prometi ser forte até o último segundo. Se ela não acordar, se o coração parar de bater e ela parar de respirar, poderei me deixar sentir, nenhum segundo antes disso.

Depois que os médicos falaram que a cirurgia foi um sucesso o aperto do meu coração recebeu um alívio, porém, não durou muito tempo, pois ela nunca acordou. Eles disseram que só dependia dela, mas depois do primeiro mês começaram a me questionar sobre a retirada dos aparelhos, que eu

neguei fervorosamente, assim como no seguinte. Foi quando me disseram que ela poderia estar sofrendo, que eu não consegui ser egoísta o suficiente. Eu precisava deixá-la ir, se era isso que ela necessitava.

— Eu preciso de você viva, fica comigo, Mel. Se você está me ouvindo, lute por nós.

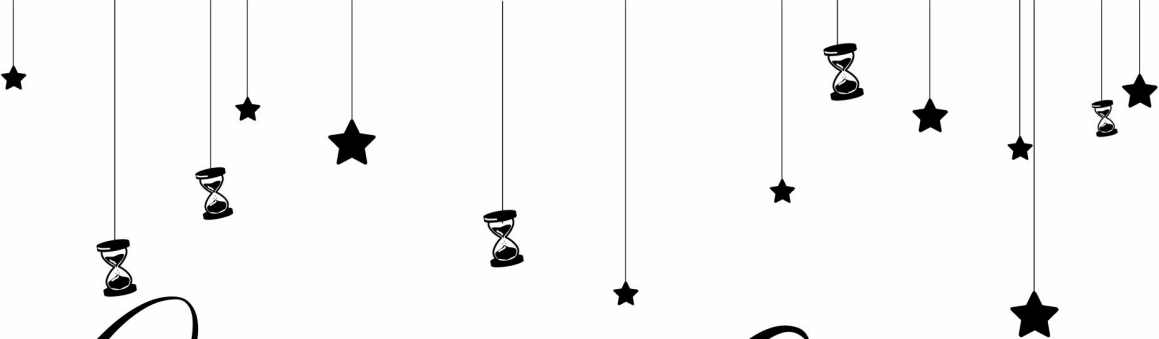
Eu mal terminei a frase quando a enfermeira abriu a porta de leve.

— O senhor está pronto? — perguntou.

Não, nunca estarei pronto para isso. Foi o que minha mente gritou, mas meu corpo apenas acenou com a cabeça, no automático, sabendo que eu não tinha mais uma escolha.

Cinco minutos depois estávamos eu, a Camila e o Bruno no quarto observando o médico desligar os aparelhos. A Camila se apoiava no Bruno e eu me esforçava para continuar respirando, como se aquilo exigisse muito de mim.

— Leva alguns minutos até tudo acabar. Vou deixá-los a sós — falou o médico e se retirou da sala, onde ficamos apenas com o bip das batidas fracas do coração dela, esperando a última.



Capítulo 39

Melissa

- LEMBRANÇAS -

Antes, eu achava que a melhor sensação do mundo seria voar, mas hoje, se alguém me dissesse isso, eu sentiria pena da pessoa, pois estaria óbvio que ela nunca experimentou um beijo desses.

Ele afastou a boca da minha e, como sempre, eu resmunguei.

— Algum dia isso passa? — perguntei.

— O quê?

— A vontade de manter minha boca colada na sua para o resto da

vida.

Ele sorriu. Meu sorriso preferido.

— Espero que não — falou voltando a aproximar a boca da minha. — Você sabia que sua boca está toda inchada e vermelhinha de tanto que fizemos isso?

Cobri meu rosto com as mãos, envergonhada.

— Não faz isso, deixe-me ver, é minha boca preferida do mundo inteiro, junto com meu nariz preferido do mundo inteiro e os olhos, as bochechas — falou puxando minhas mãos e eu cedi, com um sorriso bobo no rosto. — Isso. Esse sorriso é meu mundo inteiro, você é meu mundo, Mel.

— E você é minha vida, Logan. Eu te amo tanto que parece que meu coração vai explodir, pois ele é muito pequeno para sustentar o tanto que te amo.

Ele me abraçou forte e tomou meus lábios nos seus novamente.

— Estamos nos tornando aqueles casais que sempre zoávamos, que ficam se declarando um para o outro a cada segundo. Daqui a pouco estaremos fazendo vizinhas — falei, rindo de nós dois.

— Onwt, bebezinha não fica axim, agenti podi fazê issu também — falou com a voz fina, apertando minha bochecha.

Eu revirei os olhos e sorri.

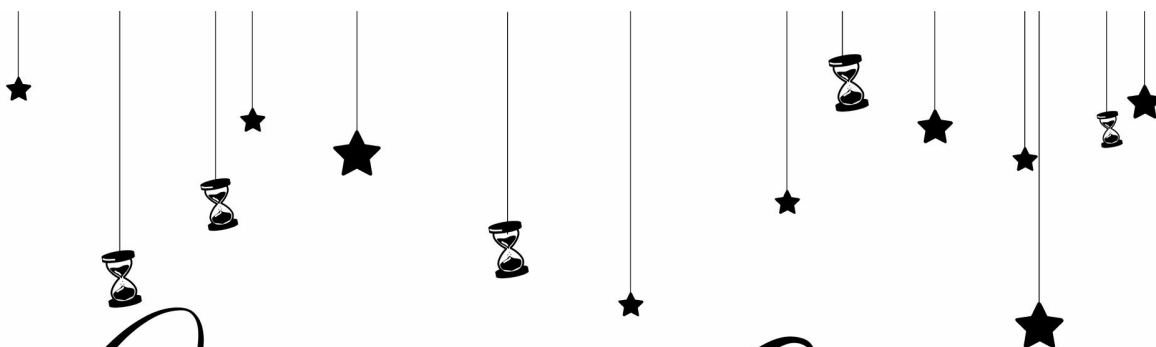
— Eu te amo tanto que aturaria até você falando comigo desse jeito o resto da vida.

— Qui lindinha, mi dá um bexinhu agora que to ficando calentinho — continuou.

Eu dei um soco de leve no ombro dele e ele puxou a máquina fotográfica que estava ao seu lado.

— Agora eu quero uma foto dessa boquinha vermelhinha — falou já levantando para nos fotografar, mas eu escondi meu rosto em seu peito, enquanto ele sorria largamente.

Ele deixou a câmera de lado novamente e voltou a me beijar.



Capítulo 40

Logan

Bip. Ainda estava batendo.

Dez minutos. Bip.

Vinte minutos, uma hora, duas. Bip. Bip. Bip.

Um dia depois, vários médicos vieram examiná-la, enquanto os Bips continuavam ainda mais fortes e ritmados do que no início.

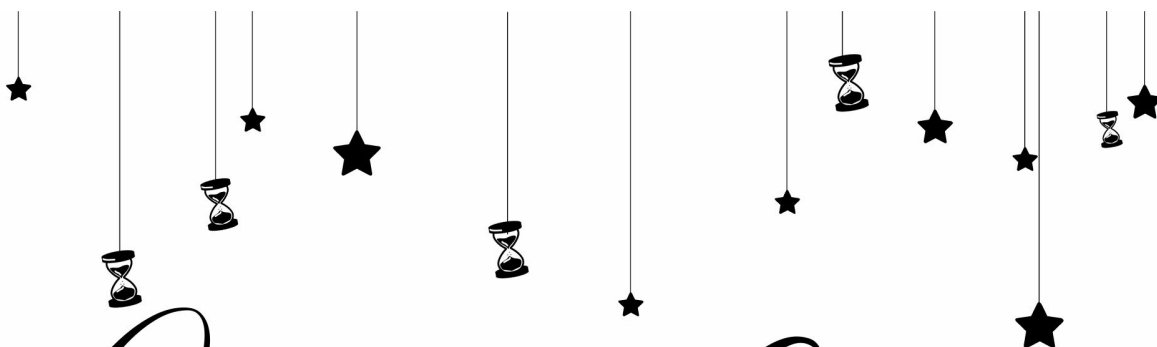
— Eu não entendo — falou um deles confuso. Ninguém sabia explicar o motivo dela continuar em coma, pois aparentemente o corpo estava em ótimo estado, mas como ela não acordou, eles acharam que não teria mais

o que fazer. Só que seu coração não queria desistir.

Segurei firme a mão dela e pedi novamente:

— Lute por nós, Mel. Eu te amo.

Já estava caindo a noite quando os Bips começaram a acelerar. Abri meus olhos preocupado e o que encontrei fez as lágrimas que estavam presas durante esses três meses saltarem. Não foi bonito de se ver, mas eu não estava nem ligando se alguém me visse assim.



Capítulo 41

Melissa

Lute por nós. Lute por nós. Lute por nós.

Eu queria lutar, essas palavras estavam em cada canto do meu cérebro, eu não conseguia pensar mais em nada. Eu podia ver seu rosto ao dizer isso. Os olhos cinzentos, a boca em uma linha fina, sua mão passando pelos cabelos, como ele sempre fazia quando ficava nervoso.

E com essa imagem eu lutei. Conseguia sentir algo querendo me levar para longe daquela voz, mas ela suplicou para que eu lutasse, e eu queria lutar. Eu precisava lutar.

Meus olhos se abriram enquanto eu continuava forçando meu corpo a

lutar. E lá estava o dono da voz, sentado em uma poltrona ao meu lado, envolvendo minha mão com a dele. Seus olhos estavam fechados, mas sabia que não estava dormindo, porque seu rosto não estava relaxado. Era uma visão tão boa que permaneci em silêncio querendo admirá-lo mais.

Ele abriu os olhos assustado e quando seu olhar encontrou o meu, lágrimas escorreram pelo seu rosto, ele começou a soluçar alto e abraçou minha cintura por cima do lençol que me envolvia.

Eu queria acariciá-lo, acalmá-lo, mas não consegui levantar meus braços, então falei tentando tirá-lo daquele estado.

— Eu estou com fome — sussurrei.

Ele riu.

— Quando você não está com fome?

Logan me soltou limpando o rosto, fazendo eu me arrepender de ter falado alguma coisa e foi até o corredor chamar alguém, depois voltou a segurar minha mão. Ele se recusou a sair de perto de mim. Seus olhos não deixavam os meus mais do que o necessário. E o sorriso em seu rosto parecia de uma criança que acabara de descobrir algo incrível.

Depois do que pareceu um ano inteiro, eles finalmente trouxeram uma bandeja com algo para eu comer. Foi apenas uma sopa, quase sem sal, mas meu estômago agradeceu por colocar alguma coisa dentro dele.

Logan me olhava como se eu fosse a única pessoa no mundo e isso causava aquela sensação familiar no meu estômago.

— Nunca mais faça isso comigo — ele falou, dando-me um beijo na testa.

— Prometo nunca mais abrir a porta para estranhos que se pareçam com você.

Seu rosto se retorceu em uma careta.

— Cedo demais para piada?

Ele concordou e eu dei de ombros.

Cami veio mais tarde me visitar e enxotou o Logan do quarto, mesmo eu resmungando e pedindo para que ele ficasse.

— Com todo respeito, Logan, você precisa de um banho.

Eu ri fraco, pois rir fazia meu estômago doer. E não deixei de notar o fato dela chamá-lo de Logan, não Adrian ou Dr. Scott.

— Quanto tempo ele esteve aqui? — perguntei assim que ela conseguiu colocá-lo para fora do quarto.

— Ele morou aqui por três meses, Gi.

— É muito egoísmo da minha parte ficar feliz com isso?

Ela riu e negou com a cabeça.

— Ele te contou que voltou a usar o nome verdadeiro?

— Não, mas percebi.

— A história de vocês foi publicada em milhões de jornais no dia seguinte que você foi internada. Ninguém sabe como descobriram tudo, mas o Bruno desconfia de que foi o próprio Logan que deu o furo para imprensa.

— Por que ele faria isso?

— Porque ele queria dar força ao seu processo contra o Vitor. E nada melhor do que a história de vocês para imprensa mudar de lado. A defesa do Vitor ruiu com a mídia contra ele. Acabaram descobrindo outras coisas para adicionar ao caso.

— Ele foi preso?

— Infelizmente o dinheiro conseguiu mantê-lo em prisão domiciliar, mas digamos que ele teve uma lição nos dias que passou preso.

— O Bruno já foi embora?

Dessa vez ela abriu um sorriso antes de continuar.

— Depois do que aconteceu com você, o Bruno adiou por um tempo a partida. Nessa semana recebi uma ligação de uma gravadora querendo fechar um contrato com a banda.

— Cami, isso é incrível.

— Calma que ainda não cheguei a melhor parte. Com a proposta, o Bruno não precisaria mais daquele emprego perigoso. Ele pediu demissão para ser meu guitarrista. Ele não vai mais embora.

— Parabéns, Cami! Você merece!

— Obrigada Gi, ou melhor, Melissa.

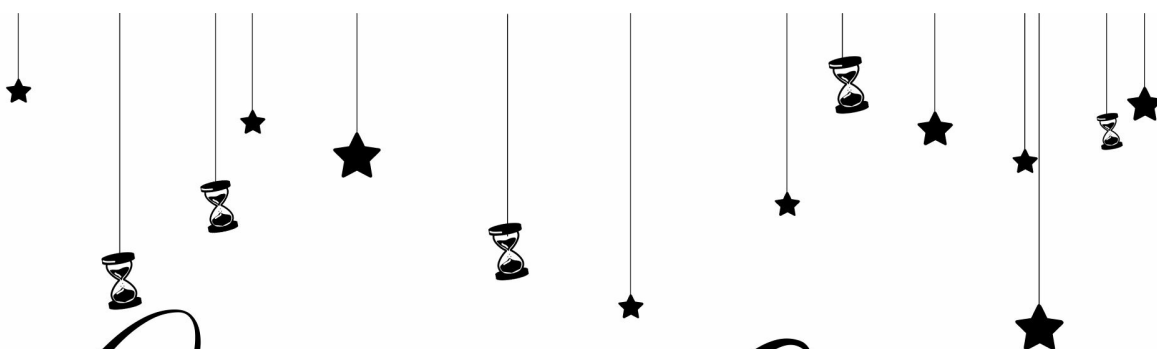
— Pode me chamar de Mel.

— Como já dizia Simone e Simaria, quando o Mel é bom, a abelha sempre volta.

— Minha abelha voltou.

— Sua abelha é viciada.

Eu ri, a barriga doeu pelo esforço, mas era uma felicidade tão pura transbordando por meu corpo, que não me importei.



Capítulo 42

Melissa

Quando finalmente tive alta, Logan não me deixou voltar para o apartamento com a Cami. Não havia falado nada com ele, mas eu não queria voltar naquele apartamento nunca mais. Só de pensar em ir lá o ar já começava a me faltar e eu sabia que era o princípio de uma crise de pânico, tive muitas delas anos atrás, sabia identificar. Então, assim que recebi alta, fui levada para a mansão que o Logan chamava de casa.

Sentia-me uma princesa em um castelo. Há cômodos da casa que eu não ia há mais de uma semana. Não precisávamos de tudo isso, mas a Sarah insistiu que ficássemos com a casa, disse que seria nosso presente de

casamento adiantado. Tentei recusar dizendo que nem havíamos conversado sobre isso ainda, porém ela foi irredutível, falou que isso ia acontecer uma hora ou outra e nos obrigou a aceitar. Ainda não sabia como agradecer-lá por tudo que ela fez por nós e principalmente pelo Logan enquanto eu estava em coma. Ela foi literalmente um anjo em nossas vidas. Culpava-me às vezes por tê-la odiado tanto quando nos conhecemos.

Comecei meu mestrado há algumas semanas, voltar à faculdade foi difícil, não havia mais aqueles olhares recriminadores de antes, porém pessoas que sempre me cumprimentavam e trocavam algumas palavras comigo, agora pareciam distantes, com medo de se aproximar. Odiava que pensassem que tivessem que pisar em ovos quando eu estava por perto, mas já superei muitas coisas e essa vai ser só mais uma na longa lista.

— Está pronta, Mel? — Logan perguntou aparecendo na porta do banheiro.

Ele estava parecendo o garoto por quem eu havia me apaixonado tantos anos antes. Seu cabelo negro estava bagunçado, por culpa da nossa pegação de alguns minutos atrás, não resisti quando o vi vestido assim, julguem-me. Ele estava com uma roupa simples, calça jeans, blusa branca e uma jaqueta jogada por cima, tão rebelde, tão diferente do Logan mais velho e polido. Não que eu não goste da versão 2.0, ele conseguiu ficar ainda mais lindo, mas quem não gosta de um "badboy", nem que seja só no estilo?

Seus olhos cinzentos me fitaram da cabeça aos pés e um sorriso safado brincou nos lábios dele.

— Estou pronta para sairmos, não para o que esse sorriso está me convidando. Tire-o do rosto agora! — reclamei e voltei a me olhar no espelho para terminar de passar o batom.

Eu estava me sentindo a rock star toda trabalhada no "rock glam", na definição da Cami. Claro que foi ela quem escolheu a roupa que eu usaria esta noite. Meus cachos estavam soltos e domados. Diferente das minhas mãos que voaram até o cabelo do Logan quando nos agarramos há poucos minutos, eu não deixei que ele encostasse um dedo sequer no meu cabelo. O batom vermelho contrastava com a minha pele. Nunca fui de usar batom, mas quando uso gosto de cores vibrantes.

Logan abraçou minha cintura e afundou o rosto no meu pescoço depois de tirar o cabelo do caminho. Plantou um beijo ali que fez todo meu corpo se arrepiar e eu repensei sobre termos realmente algum compromisso agora.

Respirei fundo colocando meus pensamentos em ordem.

— Me solte e se afaste agora se deseja continuar vivo — falei.

— Não consigo me afastar — respondeu com a boca ainda plantada em mim. Seu hálito fez cócegas.

Revirei meus olhos para ele pelo espelho e ele riu, soltando-me para que eu pudesse dar os últimos retoques.

— Te espero no carro — falou me deixando sozinha no banheiro.

Chegamos ao clube antes do combinado. Estava lotado, mal havia espaço para circular entre a multidão. Por sorte, nós éramos Vips com direito a visitar o camarim.

Entramos no camarim e meus olhos foram direto para a enorme mesa de buffet, acordei do coma mais faminta do que já era.

Cami correu para me abraçar. Ela estava maravilhosa. Não que ela fosse feia nos dias normais, mas hoje ela tinha um brilho diferente.

— Eles estão histéricos lá fora, Cami — comentei.

Dentro do camarim ainda era possível ouvir as pessoas gritarem o nome dela.

— Claro que estão. — Bruno apareceu do lado dela passando o braço pela sua cintura. — Você já viu essa mulher cantar? — ele perguntou sorrindo. — É como o canto de uma sereia.

Eu sorri e arqueei uma das sobrancelhas.

— Depois você ainda diz que meu homem é um pedreiro — falei.

Ela riu e revirou os olhos.

— Ele não está me cantando, está só dizendo a verdade. Você já me ouviu cantando, sabe disso.

— Bruno, precisamos ter uma conversa séria sobre elogios. Você não deve fazer isso nunca! Você já assistiu Gremlins? A Cami é um, mas no caso dela você não deve nunca elogiar se não quiser conhecer o monstro.

Cami fez uma careta e o Bruno riu.

— Anotado.

— Cami, preciso terminar a maquiagem — chamou a maquiadora.

Ela nos pediu licença para voltar ao seu momento "diva" e sentou-se novamente na cadeira que estava quando cheguei. Ela emanava alegria.

Ontem ela deu o braço a torcer e ligou para o pai, ele chorou com ela ao telefone e pediu desculpas por não ter acreditado no sonho dela, disse que não queria que a filha vivesse à espera de algo impossível. E apesar dela ser cabeça dura, sabia que se sentia mal por toda a distância que manteve da família. Hoje todos estavam aqui para a gravação do seu primeiro DVD.

Eu e o Logan nos despedimos deles e fomos para o camarote esperar pelo show. Poucos minutos depois a Cami subiu ao palco com um vestido branco esvoaçante, o cabelo vermelho amarrado em um rabo de cavalo maravilhoso e o público se levantou em um grito ensurdecedor.

O camarote ficava no segundo andar do clube, eu estava na grade e o

Logan logo atrás de mim, com as mãos na minha cintura, quando o Bruno entoou os primeiros acordes da música. Logo depois a voz grave da Cami preencheu todo o espaço e todos cantaram juntos com ela cada verso.

O show foi incrível, chorei junto com a Cami quando ela se emocionou ao agradecer todos por estarem ali naquela noite. Eu sabia o que ela passou e o quanto merecia tudo isso. Não existia pessoa mais orgulhosa das conquistas dela do que eu.

Eu ainda estava em êxtase quando chegamos em casa, era irreal pensar que há um ano tudo estava tão diferente, eu nunca poderia sequer imaginar que algo assim pudesse acontecer.

Assim que consegui me livrar de toda maquiagem, joguei-me na cama. Logan entrou no quarto ainda com sua roupa de badboy e sentou ao meu lado. Ele me puxou para o seu colo e abraçou minha cintura. Suas mãos acariciaram minhas costas enquanto sua boca trocou carícias com a minha. Podia sentir um leve tremor em suas mãos e uma fome diferente em seus lábios. Ele estava mais intenso do que o normal.

Ele se afastou um pouco para me olhar e eu resmunguei. Ele sorriu.

— Eu amo seus resmungos. Eu amo você — falou levantando meus cabelos e plantando beijos leves até chegar à beirada do meu ouvido.

— Eu te amo, Melissa Mitchell.

Eu estava tão distraída com sua boca que demorei alguns segundos para perceber o que ele havia dito e juntar um mais um.

— Meu sobre... — Comecei a falar antes da ficha cair. — Ei, você por acaso está me pedindo em casamento? — perguntei sorrindo por ele ter usado seu sobrenome com o meu nome.

— Não, só testando como seu nome fica com o meu sobrenome — respondeu ainda sem me olhar.

— Hum — falei um pouco desapontada. Não que eu estivesse esperando ou sonhasse com isso, já estávamos vivendo juntos desde que saí do hospital e eu não precisava de um papel para provar que nos amávamos. Eu sabia disso e ele também. Porém isso não queria dizer que eu não gostaria se acontecesse.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos trêmulas e olhou diretamente em meus olhos.

— Agora, eu vou te pedir em casamento — falou pegando minha mão e colocando-a no peito dele, onde eu podia sentir seu coração bater forte, quase tão forte quanto o meu estava batendo. — Você sente isso? Sente minhas mãos tremendo?

Concordei com a cabeça, não ousava falar qualquer coisa que pudesse estragar o momento. Eu me sentia como se estivesse flutuando em uma

nuvem.

— Eu já apresentei palestras no mundo inteiro, já tive plateias com mais de cinco mil pessoas, mas em nenhuma das vezes eu me senti assim. Você é minha única plateia hoje e nunca me senti tão nervoso.

Ele me deu um beijo de leve atrás do meu ouvido, naquele ponto exato que faz todo meu corpo arrepiar. Para falar a verdade, não existe um ponto exato, qualquer lugar que ele beije me proporciona a mesma sensação deliciosa.

— Mel, você quer passar o resto da vida ao meu lado? — perguntou ao pé do ouvido, mas se afastou para olhar meu rosto e esperar a resposta.

SIM! SIM! SIM! Isso era o que meu corpo inteiro gritava, mas eu não poderia perder a chance de torturá-lo mais um pouquinho. Meu coração estava saltando de alegria, eu estava nervosa com toda intensidade que exalava dele. Então, claro que falei a coisa errada.

— Sério? Nenhum diamante? — perguntei fazendo bico.

Ele gargalhou e tirou uma caixinha de dentro do bolso da jaqueta. Uma caixinha de veludo preta. Meu coração contorceu no peito, eu havia cansado de falar para ele que não queria anel de brilhantes, ele devia saber que eu estava brincando, mas quando abriu a caixinha eu não consegui reclamar, pois era o anel mais lindo e perfeito que eu já tinha visto na vida.

Dois símbolos do infinito se enlaçavam formando o anel e uma linda estrela brilhante dava o toque final. Era uma imitação de nossas estrelas, das nossas lutas e do nosso amor que resistiu a tudo isso.

— Me deixa tentar te levar às estrelas por todos os dias da minha vida? — perguntou com aquele sorriso que eu tanto amo no rosto.

Eu sorri e peguei o anel para colocar no meu dedo quando vi os dizeres escritos dentro.

Que a vida nos dê todo amor do mundo.

As lágrimas rolaram no meu rosto, eu nunca poderia chegar perto de descrever o quanto o amo.

— É uma proposta tentadora, Logan Rabello — falei enrolando meus braços em seu pescoço.

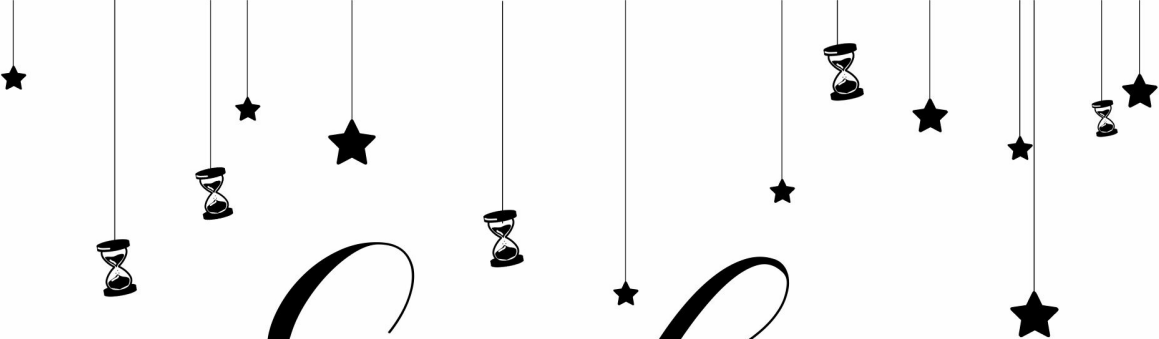
— Não, eu não vou usar seu nome — ele rebateu rindo.

Eu revirei meus olhos.

— Isso é o que nós vamos ver.

Ele pegou minha mão e deslizou o anel pelo meu dedo.

Podia não saber o que o futuro nos guardava, podíamos ainda ter muitas coisas para viver, mas eu tinha certeza de uma coisa, se nem o tempo foi capaz de nos destruir, nada mais seria.



Epílogo

ALGUNS ANOS DEPOIS...

— Dominique, não se preocupe o evento será um sucesso — insisti ao telefone com ela. Desde que resolveu expandir suas filiais da sua marca “Mais saúde” para o exterior, ela andava uma pilha de nervos. Hoje era o tão esperado lançamento e eu tinha certeza de que tudo correria como o planejado. Ela nunca cogitaria abrir uma firma fora do país se o estudo de mercado não apontasse que teríamos retorno com isso.

Depois de insistir na área acadêmica por algum tempo, vi que aquilo não era para mim, deixei que o Logan seguisse com isso sozinho e procurei a

Dominique para saber se a proposta que ela havia feito naquela recepção da faculdade alguns anos antes ainda estava de pé. Ela me ofereceu uma vaga bem baixa, mas com perspectivas altas de crescimento. Hoje eu era seu braço direito dentro da empresa, assim como prometido, ela recompensou cada esforço.

Desde que ela foi para fora do país resolver os assuntos das novas filiais, estava gerenciando tudo que cabia a ela aqui no Brasil. Ela já levantou algumas vezes a hipótese de me vender parte das ações da empresa para me tornar sócia e eu estava bem certa de que não demoraria a aceitar.

— E a aceitação do novo produto aí no Brasil, como anda? — perguntou mudando de assunto.

— Os dois primeiros meses foram um pouco difíceis, mas a última publicidade gerou um resultado positivo bem... — parei de falar no meio da frase quando uma criança verde cruzou a porta do meu escritório. — Dominique, posso te ligar mais tarde?

— Olha, eu sou um E.T. — gritou a pequena se olhando no espelho que ocupava boa parte da parede esquerda do escritório.

— Claro. Aconteceu alguma coisa? — Dominique perguntou.

— Nada importante, só preciso resolver uma coisa.

Desliguei o telefone e uma gargalhada estourou na minha garganta.

Eu passaria o resto da tarde no banheiro para conseguir tirar toda aquela tinta do cabelo tão cacheado quanto o meu. Ela me olhou com os olhos cinzentos, tão iguais aos do pai.

— Olha mamãe, eu sou um E.T. — falou vindo em minha direção. — Eu vou comer seu cérebro.

Eu sorri para ela.

— Zumbis que comem cérebros, Ana — respondi sem me importar em corrigi-la.

— Eu sou um E.T. zumbi — respondeu batendo o pé.

Levantei-me da cadeira e me ajoelhei na frente dela.

— E pode me dizer onde o papai do E.T. zumbi está?

Estendi minha mão para ela e segui o rastro de tinta que Ana havia deixado pelo corredor.

— Eu já comi o cérebro dele e do Miguel — respondeu me acompanhando até o quarto dos dois.

A cena que encontrei derreteu meu coração, o Logan estava sentado na poltrona ao lado da cama com o Miguel embalado em seus braços. Os dois estavam com os cabelos sujos de tinta verde, provavelmente aconteceu quando a Ana “comeu” o cérebro deles. Uma pequena lágrima de felicidade escorreu pelo meu rosto. Eu a limpei depressa, mas não passou despercebido

pela Ana.

— Mamãe, eu não comi o cérebro deles de verdade, foi de mentirinha — falou com os olhinhos se enchendo de água.

Eu sorri.

— Eu sei, meu amor — respondi dando colo a ela para que eu pudesse plantar um beijo em sua bochecha verde.

O Miguel estava doente e ficou a noite inteira acordado resmungando. Como eu tinha uma reunião importante hoje cedo, Logan me mandou dormir com a Ana na nossa cama para não correr o risco dela também ficar gripada e ele passou a noite aqui com o Miguel. Como sabia que ambos não tinham dormido a noite, resolvi não os acordar. Saí do quarto e levei a Ana comigo.

Estávamos maratonando Masha e o Urso quando o Logan cruzou a porta do quarto com cara de sono.

— Alguém pode me dizer por que estou com o cabelo verde? — ele perguntou soando divertido.

Ana na mesma hora me olhou com os olhos arregalados e se escondeu embaixo das cobertas.

— Tinha um E.T. zumbi andando pela casa, ele comeu seu cérebro — respondi.

Ele sorriu para mim e se sentou na beirada da cama ao lado da Ana

escondida.

— O que vou fazer agora sem cérebro? — perguntou entrando na brincadeira.

— Você tem que pegar de volta na barriga do E.T. zumbi — Ana gritou já rindo.

Ele puxou a coberta de uma vez e ela soltou um grito ensurdecedor e saiu correndo pelo quarto. Ele me olhou com um sorriso divertido nos lábios. Subiu na cama até estar em cima de mim.

— Me desculpa, acabei pegando no sono, ela fez muita bagunça? — perguntou plantando alguns beijos no meu rosto.

— Além de se pintar inteira com aquela tinta que você deu para eles e sujar todo o quarto e o corredor, não.

Ele riu.

— Ela me lembra tanto você — falou enfim descendo sua boca sobre a minha. Eu enlacei meus braços em seu pescoço, mas nosso momento foi interrompido pelo grito da Ana pedindo que o pai a achasse.

— Vou lá antes que ela acorde o Miguel.

Miguel era quase um ano mais velho que a irmã, completaria cinco anos daqui há alguns dias, porém ela se aproveitava tanto da ingenuidade do irmão, que ninguém diria que ela era mais nova. Às vezes tinha dó de como

ela aprontava com ele.

Quando o assunto filhos veio à tona, alguns meses depois de recebermos a notícia de que o Robert havia morrido na prisão, concordamos que teríamos mais de um para que, mesmo se algo acontecesse a nós dois, um sempre tivesse o outro. Não queria que meus filhos sequer soubessem o que era se sentir sozinho. Se pudesse os defenderia de qualquer tristeza do mundo, mas sabia que uma hora teria que deixar que enfrentem as próprias batalhas, só esperava que essa hora demorasse muito para chegar.

Meu celular vibrou no criado mudo. Peguei para conferir se era algo importante, a Dominique estava me mandando mensagens atualizando o que estava acontecendo lá de dez em dez minutos, mas desta vez era a Sarah e a Cami me ligando em uma chamada compartilhada pelo Whastapp.

— Oi — atendi e elas me cumprimentaram rapidamente.

— Que horas vamos pegá-los amanhã? — perguntou a Cami.

— Pode ser oito e meia, Melissa? — Sarah emendou logo em seguida.

— Estou tão empolgada para passar a semana com meus pestinhas — Cami falou sem me dar tempo de responder nada.

— Não chame meus filhos de pestinhas — respondi. — E sim, Sarah, oito e meia está ótimo!

— Mel, os seus podem não ser, mas a minha Letícia é capaz de

transformar qualquer anjo em peste.

Eu ri com a resposta. A filha da Cami era a descrição exata dela, ela era teimosa e arteira; era dois anos mais velha que o Miguel, então virou a líder do bando.

— Não sei se o Miguel vai poder ir com vocês, ele continua com febre.

— Eu sei cuidar de criança doente, não se preocupe — Sarah rebateu.

— Mas e se ele pedir pela mãe? — perguntei.

— Até parece que ele vai sentir falta da mãe quando me tiver por perto. Você sabe que eu sou o amor da vida dele.

Cami era a madrinha do Miguel e quando ela estava por perto ele parecia esquecer que todo o resto existia. Não passava um dia sem que ele me perguntasse onde a “madrinha” dele estava. Ele achava um máximo o fato dela aparecer na televisão e adorava contar para todo mundo que ela era madrinha dele.

— Pare de se preocupar, Mel, você e o Logan merecem uma semana de folga — Cami falou. — Aproveite para tirar o atraso com o seu marido, porque você anda tão estressada ultimamente e está precisando de um alívio.

— Eu não queria ser tão direta, mas a Cami tem razão — Sarah concordou.

— O Logan deve estar sofrendo uma crise de abstinência — Cami continuou.

— Por favor, vamos mudar de assunto, minha vida sexual com meu marido não está aberta a debate.

— Nunca esteve, né? Você é uma chata, nunca me deu os detalhes sórdidos — Cami resmungou.

— Eu, particularmente, não quero saber mesmo! — Sarah falou.

Gargalhei ao telefone com as duas.

— Do que você está rindo? — Logan perguntou me assustando, não havia percebido que ele tinha entrado no quarto.

Fiquei vermelha só de imaginar ele percebendo sobre o que estávamos falando. Despedi-me rapidamente das meninas e desliguei a chamada, mas as mensagens da Cami sobre o assunto não paravam de piscar na tela, decidi ignorar.

— Seu cabelo ainda está verde — comentei.

— Tentando mudar de assunto?

Eu dei de ombros.

— Cadê a Ana? — perguntei, tentando me esquivar novamente.

— Dormindo. Comer cérebros cansou nossa pequena. — Ele sorriu.

— Me dê seu celular.

— Não — respondi colocando-o embaixo do travesseiro que eu estava encostada.

— Tem certeza disso? — perguntou já preparando as mãos.

— Vida, somos velhos demais para brincar de cócegas!

As palavras não foram capazes de detê-lo. Alguns segundos depois eu estava me contorcendo em suas mãos e implorando para que ele parasse. Quando finalmente o fez, ele repousou sua testa sobre a minha. Nossa respiração estava ofegante pela brincadeira.

— Não somos velhos para nada, meu mundo.

Suas mãos percorreram a lateral do meu corpo até enlaçarem minha cintura e grudá-la nele. Ele abaixou os lábios e tomou os meus com fome. Meu corpo na mesma hora reagiu positivamente, como sempre. Em poucos minutos estávamos perdidos um no outro, implorando por mais, numa dança lenta, calma e apaixonante.

Estávamos embolados, nossos corações perdidos um na batida do outro. O sono me levou facilmente.

— *Quando eu era criança, conheci uma menina que era mais moleque do que eu. — Seus olhos cinza estavam fixos nos meus, um sorriso*

estampava seu rosto desde que comecei a caminhar em sua direção até aquele altar improvisado no jardim, o mesmo sorriso que se recusava a deixar meus lábios. — Na época eu não sabia o que era isso que eu sentia toda vez que estava com ela, só sabia que eu queria passar cada segundo dos meus dias ao lado dela e que quando conseguia fazê-la sorrir, meu coração batia mais forte e eu sentia uma coisa estranha no meu estômago.

— Era fome — sussurrei para ele. Claro que eu tinha que estragar aquele momento perfeito.

Ele riu.

— Não, não era fome, isso era o que acontecia com você. Posso continuar?

Dessa vez os poucos convidados que ali estavam riram.

— Pode — respondi piscando para ele.

— Quando finalmente entendi o que era tudo aquilo, eu entrei em desespero, pois era óbvio para mim que a menina mais linda e inteligente da terra nunca ia me ver como mais que um amigo, mas não consegui evitar. A cada olhar, cada sorriso, cada conversa eu me apaixonava um pouquinho mais.

— Eu te amo — falei sem som, para que só ele visse, enquanto limpava a lágrima que havia escapulado dos meus olhos.

— E isso não se desgastou ou passou, agora mesmo estou me apaixonando um pouco mais enquanto olho para esse sorriso. Você é o amor da minha vida e nem o tempo vai mudar isso.

Eu pulei em cima dele e coleí nossos lábios. Eu não tinha preparado nada e agora estava me sentindo uma pessoa horrível. A única maneira que conhecia de demonstrar tudo que sentia era com ações, ele precisava sentir meu coração quase explodindo no peito. Só nos afastamos quando o padre pigarreou, eu havia esquecido que tínhamos uma plateia.

— Me desculpe, padre.

Ele riu e respondeu que já mandaria o noivo beijar a noiva.

Foi um casamento simples, com poucos convidados. Fizemos no jardim da mansão, que agora eu chamo de casa. Tivemos apenas cinquenta convidados. O casamento foi no final da tarde e fizemos um jantar logo depois. Só tivemos dois casais de padrinhos, a Cami e o Bruno, e a Sarah com um amigo antigo do Logan, eles não eram um casal de verdade, só fizeram par para o casamento. Sarah só encontrou sua “alma gêmea” algum tempo depois.

Camila já estava casada com o Bruno há alguns meses quando eu e o Logan finalmente decidimos dar esse passo. Casaram-se durante uma turnê em Las Vegas, bem a cara dela mesmo.

— Mãaaaaaaae! — Levantei da cama em um pulo com o grito. O Miguel invadiu nosso quarto eufórico. — A madinha chegou!

Eu olhei para o relógio na cabeceira da cama, já eram oito e trinta e cinco. Perdi a hora. Olhei para a cama e o Logan já não estava mais lá, assim como a tinta verde no cabelo do Miguel.

— Seu pai te deu banho? — perguntei.

Ele afirmou com a cabeça.

— Rápido mamãe, a madinha quer falar com você antes de ir embora e a gente quer ir embora — ele insistiu.

— E a febre? — perguntei indo para o Closet trocar de roupa.

— O papai disse que não estou mais dodói, que sou um menino muito forte e posso ir para o parque com a madinha e a tia Sarah. A Lele disse que esse parque é do tamanho do mundo, mamãe.

Eu sorri com a empolgação dele e o peguei no colo para enchê-lo de beijos.

— Do tamanho do mundo? Eu quero ir também, você me leva? — pedi.

— Não cabe no carro, mamãe.

— Você vai me deixar aqui sozinha?

— Não, o papai vai cuidar de você.

Chegamos à sala, a Cami estava com a Letícia e a Ana em seu colo. As duas pareciam hipnotizadas com o que ela falava. Eu nunca imaginaria que ela seria tão boa com crianças.

Ela sorriu quando me viu e colocou as duas no chão.

Deu-me um abraço forte e sussurrou no meu ouvido para que apenas eu pudesse ouvir:

— Espero que libere toda essa tensão acumulada hoje. Deixei meu homem sozinho para que você pudesse fazer isso.

Eu gargalhei no mesmo momento em que a Sarah e o Logan entraram na sala. A Sarah havia se mudado para o Brasil pouco depois do meu casamento com o Logan, abriu uma filial da empresa por aqui e acabou se apaixonando por um brasileiro. Morava agora há algumas casas da nossa. Ela não quis ter filhos, apesar de amar os nossos, dizia que não serviria para ser mãe e não tinha sonho nenhum em relação a isso.

— Vamos então? — Sarah falou depois de vir me dar um abraço.

Ana e o Miguel correram e me encheram de beijos, depois fizeram isso com o pai. Antes de sair o Miguel acrescentou falando para o pai cuidar direitinho de mim e não me deixar ficar triste. Eu queria agarrá-lo e morder

aquelas bochechas, mas apenas sorri e o deixei ir.

Fui até o portão ver o carro da Cami se afastar. Logan envolveu minha cintura por trás e colou seu corpo no meu. Beijou de leve atrás da minha orelha e sussurrou:

— O que você quer para ficar feliz? Tenho ordens a cumprir.

Virei para olhar nos seus olhos.

— Só de estar aqui você já me faz a mulher mais feliz de todo mundo.

Ele sorriu e beijou minha testa antes de falar:

— Depois eu que sou o pedreiro.

Agradecimentos

Agora, senta que lá vem outra história...

Comecei a escrever esse livro depois que meu namorado, Michell Loogan (qualquer semelhança com Logan Mitchell é pura coincidência), falou: “Por que você não escreve um livro sobre nós?”. No final, a história contada não foi a nossa (aliás, passou longe), mas se não fosse isso, eu nunca teria começado esse livro. Então, preciso agradecer não só por esse empurrão inicial, mas também todo apoio que me deu nesses quase dez anos de muito amor.

Depois do livro pronto, eu o guardei na gaveta e ficou lá por alguns anos até uma amiga, Ellen Fidelis, me incentivar a postar no wattpad e mostrar a história pro mundo. Obrigada por isso, se não fosse esse “segundo empurrão” talvez esse livro ainda estivesse na gaveta.

Quando eu estava publicando no wattpad, várias amigas me ajudaram a lapidar a história. Então, preciso deixar minha gratidão a Priscila Faria e a

Fabiana Lagassa, que foram minhas primeiras leitoras betas. E claro, minha amiga e revisora, Virginia Graciela, eu não teria conseguido esse texto final sem essa ajuda.

Também não posso deixar de agradecer a minha família, que foi o alicerce para a realização desse sonho. Eu nunca conseguiria sem eles ao meu lado. Meu pai, Paulo, que mesmo não estando mais aqui, sempre foi o meu maior incentivador na leitura. Minha mãe, Grace, que me deu todas as oportunidades que precisei para realizar esse sonho, mesmo quando precisou ser mãe e pai. Minha tia-avó, Irini Durão, que sempre me apoiou e adora contar para os outros que sua sobrinha é escritora. Meus irmãos: Stella, Paulo Dehon, Leandra e Sofia, que são as pessoas mais irritantes de toda a terra, mas também as primeiras a me apoiarem. Minha cunhada, Júlia Lima, que foi a primeira leitora desse livro e sempre me salva no desespero. Meus avós, Jaime e Terezinha, e minha Tia Dada, que não estão mais aqui, mas sei que, seja onde estiverem, estão torcendo por mim. E também aos meus avós paternos, Daniel e Marlene, todos os primos e tios que torceram e acreditaram em mim. Muito obrigada!

Agradeço também a cada um que tirou um tempinho do seu dia para fazer uma resenha ou chegar para mim e falar que amou a história. Obrigada por sonharem comigo. Não chegaria aqui sem essa força extra que me deram e ainda dão.

E por fim, preciso agradecer a você que leu o livro. Obrigada por ter me dado uma chance, por ter acreditado na minha história. Eu não seria nada sem você!

O que você achou do livro?

Vem me contar. Vou adorar saber sua opinião.

CONTATOS

Instagram: @stefaniacedro_

Facebook: <https://www.facebook.com/stefaniacedro2/>

Wattpad: @StefaniaCedro